UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MICAEL LAZARO ZARAMELLA GUIMARÃES

**O PALESTRA ITALIA EM DISPUTA:
FASCISMO, ANTIFASCISMO E FUTEBOL EM SÃO PAULO
(1923-1945)**

SÃO PAULO

2021

MICAEL LAZARO ZARAMELLA GUIMARÃES

**O Palestra Italia em disputa:
fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G963p Guimarães, Micael Lazaro Zaramella
 O Palestra Itália em disputa: fascismo,
 antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945) /
 Micael Lazaro Zaramella Guimarães; orientador Flavio
 de Campos - São Paulo, 2021.
 199 f.

 Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
 Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
 Paulo. Departamento de História. Área de
 concentração: História Social.

 1. Futebol. 2. imigração italiana. 3. fascismo. I.
 Campos, Flavio de, orient. II. Título.

GUIMARÃES, Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Italia em disputa:** fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945).

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Flávio de Campos (presidente)

Instituição: FFLCH-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Alfredo Oscar Salun

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a. Dr.^a. Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Flávio de Campos pela orientação ao longo desta pesquisa, enriquecendo-a com suas sugestões e aportes teóricos e metodológicos, oferecidos ao longo de nossos encontros e reuniões. Também agradeço aos professores doutores Alfredo Oscar Salun e José Paulo Florenzano pelos generosos comentários apresentados na banca de qualificação, sugerindo caminhos teóricos e indicações bibliográficas e documentais absolutamente preciosas.

À minha mãe Jacira e minha irmã Lara agradeço por todo o carinho, apoio e interlocução criativa, nos mais diversos momentos. Também agradeço ao meu falecido pai Ivan, o carioca que por completo acaso me levou ao Palmeiras e me ensinou a beleza de um futebol vivenciado desde as arquibancadas.

Aos companheiros(as) do Grupo de Estudos Palestrinos, vinculado ao coletivo Ocupa Palestra, agradeço o empenho contínuo na construção de um espaço de leitura, interlocução e produção crítica sobre a história de nosso clube alviverde. Também agradeço aos colegas pesquisadores Fernando Lourenço, Dora Scobar e Gabriel Paes (Coletivo O Contra Ataque), Vitor Gomes, Roney Cytrynowicz e Fernando Galuppo pelas conversas, trocas e indicações bibliográficas compartilhadas sobre futebol, imigração, lutas sociais e demais temas abordados nesta pesquisa.

Agradeço aos amigos Daniel Souza, Tiago Fuoco, Isabela Zangrossi, Álvaro Vieira, Nadira Yanez, Beatriz Kalichman e Joniel Veras por suas contribuições leitoras, oferecendo revisões parciais ou integrais (porém sempre atentas) deste trabalho, e enriquecendo-o com apontamentos, inquietações e estímulos. Também agradeço aos queridos Artur Mattar, Anaís Escalona e Pedro Paes pelos valiosos e duradouros vínculos de amizade, atravessados por conversas, cafés e momentos de descontração que acompanharam todo o percurso de desenvolvimento da pesquisa, bem como a interlocução sobre os temas estudados.

A todos os arquivos onde realizei pesquisa e seus funcionários(as), agradeço a atenção e acolhimento, com especial menção à Renata Aparecida Cotrim, do Centro de Documentação e Memória da Unesp, por seu dedicado apoio durante a minha pesquisa neste acervo.

A todos os professores(as) que tive na vida, minha profunda gratidão por suas contribuições em minha trajetória acadêmica. Também agradeço a todos os meus alunos e alunas, com quem diariamente aprendo na rica interlocução da sala de aula, e a todos os colegas de docência no Colégio São Domingos, espaço de contínua formação onde enriquecemos

nossos repertórios e compartilhamos inquietações entre a formalidade de reuniões, cursos e encontros, e a informalidade de cada café compartilhado na sala dos professores.

Agradeço às amigadas que construí nas arquibancadas do nosso Palestra e entre as ruas Caraíbas e Turiassú, com especial menção aos queridos Marcos Gama, Anna Olímpia, Lucas Daiki, Vladimir Galli, Lucas Pereira, Luiz Moncau, Felipe Giocondo, Wanderlei Laurino, Roberta Bruzadin, Cristian “Crispim”, Maurício Melo, Franco Sciarra, Lara Alcadipani e Edson Torrisi, a quem devo importantes contribuições derivadas de nossas conversas sobre a história política do clube. A todos os demais amigos e amigas alviverdes, cuja menção nominal tornaria esta sessão excessivamente extensa, meu afetuoso abraço.

Dirijo, por fim, um agradecimento especial aos coletivos Ocupa Palestra, Palmeiras Antifascista (P16), Porcomunas, Palmeiras Livre e Movimento Palestra Sinistro, vozes dissonantes e propositivas que protagonizam ativamente, hoje, a disputa do nosso clube.

RESUMO

GUIMARÃES, M. L. Z. **O Palestra Italia em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**. 2021. 198 f. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Esta pesquisa se debruça sobre a presença e atuação de fascistas e antifascistas na Società Sportiva Palestra Italia (atual Sociedade Esportiva Palmeiras), agremiação fundada em 1914 com o objetivo de representar a coletividade italiana no ambiente futebolístico paulista. Estabelecendo comparações e relações entre aspectos da vida social, política e cultural de São Paulo durante a Primeira República, são apresentados os grupos e agentes políticos que protagonizaram as lutas sociais na cidade, bem como seus enredamentos com a existência de uma numerosa coletividade italiana emigrada, e a incidência do fascismo e do antifascismo nestes grupos sociais. A seguir, é traçado um panorama da prática futebolística durante o mesmo período, identificando tensões e negociações entre a esfera do chamado *futebol oficial* e outros futebóis, e comentando particularmente a trajetória do Palestra Italia ao longo de suas primeiras décadas. Com base nesta contextualização, são apresentados os resultados da pesquisa documental realizada, identificando a presença de fascistas e antifascistas organizados dentro do clube, suas atividades, e os processos de disputa, negociação e reelaboração das identidades palestrinas ao longo de todo o período desta atuação política, demarcado entre 1923, data de fundação do Fascio di San Paolo, e 1945, data do fim da Segunda Guerra Mundial.

Palavras chave: Palestra Italia; futebol; italianos; fascismo; antifascismo; imigração.

ABSTRACT

GUIMARÃES, M. L. Z. **Palestra Italia in dispute**: fascism, anti fascism and football in São Paulo (1923-1945). 2021. 198 f. Master's dissertation, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This dissertation investigates the presence and acts of fascists and anti fascists in the Società Sportiva Palestra Italia (currently Sociedade Esportiva Palmeiras), association founded in 1914 to represent the italian community in São Paulo's football landscape. Establishing comparisons and relations among aspects of social, cultural and political life in São Paulo during the First Republic, we present the political groups and agents that played a relevant role in the political struggles in the city, as well as their involvement with a collectivity of italian immigrants and the fascist and anti facist tendencies in all these different groups. We then offer an overview of football during that same period, identifying tensions and negotiations among the spheres of the so called *official football* and other footballs, while commenting specifically on Palestra Itália's trajectory during its first decades. Based on this contextualization we then present the results of our documentary research, that identifies the presence of fascists and anti fascists organized within the club. We describe their activities, disputes, negotiations and the re-elaboration of the team's different identities over the period of its political activities, between the foundation of the Fascio di San Paolo in 1923, and the end of World War II in 1945.

Keywords: Palestra Italia; football; Italians; fascism; anti fascism; immigration.

LISTA DE IMAGENS

Capítulo 1

- Imagem 1: Cortejo fúnebre de José Martinez, em fotografia reproduzida no jornal *A Plebe* (“O proletariado em revolta afirma o seu direito á vida”. *A Plebe*, n. 6, 21 jul. 1917, p. 1).
- Imagem 2: “Empastelamento” do jornal *Il Piccolo* noticiado pelo periódico *O Combate* (“O empastellamento de ‘Il Piccolo’”. *O Combate*, n. 4831, 5 out. 1928, p. 1).
- Imagem 3: Cabeçalho do jornal antifascista *La Difesa – Organo settimanale degli uomini liberi* (*La Difesa*, n. 46, 15 nov. 1925, p. 1).
- Imagem 4: Manifesto antifascista dirigido aos trabalhadores italianos no Brasil, publicado no jornal *La Difesa* (“Manifesto ai lavoratori italiani nel Brasile”. *La Difesa*, n. 96, 2 set. 1926).
- Imagem 5: Palavras de ordem publicadas no *La Difesa* junto ao artigo “Il fascismo è l’anti-Italia”, de Francesco Frola (“Il fascismo è l’anti-Italia”. *La Difesa*, n. 119, 28 nov. 1926).
- Imagem 6: Capa da edição de 10 de outubro de 1933 do *Jornal do Povo* (RJ), noticiando a dissolução do comício integralista da Praça da Sé pelos militantes da Frente Única Antifascista (“Um integralista não corre: vôa...”. *Jornal do Povo*, n. 3, 10 out. 1934, p. 1).

Capítulo 2

- Imagem 7: Velódromo Paulista sendo utilizado para a prática de futebol (Centro de Referência do Futebol Brasileiro - Museu do Futebol. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/662365/> - acesso em 18 de fevereiro de 2021 às 10:15).
- Imagem 8: Convocatória publicada no jornal *La Difesa* para festival beneficente no Parque Antarctica (*La Difesa*, n. 53, 3 jan. 1926).
- Imagem 9: Convocatória no jornal *La Difesa* para conferência do antifascista Francesco Frola na sede do União Lapa Futebol Clube (“Lega Antifascista”. *La Difesa*, n. 222, 17 jun. 1928).

- Imagem 10: Convocatória publicada no jornal *Fanfulla*, redigida por Vincenzo Ragnonetti, pela fundação de uma equipe italiana de futebol em São Paulo (“Per la formazione di una squadra italiana di foot-ball in San Paolo”. *Fanfulla*, 14 ago. 1914).
- Imagem 11: Fotografia da “Vovó do Pito” reproduzida no *Diário do Aba’xo Piques* (“Vovó do Pito deixô o Palestra!”. *Diário do Abax’o Piques*, n. 13, 27 jul. 1933, p. 6).
- Imagem 12: Equipe de atletismo do Palestra Italia em 1924, em fotografia reproduzida no jornal *O Malho* (“Pelas associações”. *O Malho*, n. 1151, 4 out. 1924, p. 38).

Capítulo 3

- Imagem 13: Ficha de Raphael Perrone, fundador do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista” (“Rafael Perrone”. Ficha Deops n. SPR000304, 6 set. 1945).
- Imagem 14: Ficha de Giuseppe Tipaldi, presidente honorário do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista” (“Giuseppe Tipaldi”. Ficha Deops n. PJ022877, 25 out. 1945).
- Imagem 15: Ficha de Ernesto Cassano, ex presidente do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista” (“Ernesto Cassano”. Ficha Deops n. C003956, 27 abr. 1945).
- Imagem 16: Capa do semanário *Il Moscone* homenageando Duilio Frugoli e identificando-o como adepto do fascismo (“A Duillio Frugoli”. *Il Moscone*, n. 82, 1926, p. 1).
- Imagem 17: Trecho de carta anônima publicada no *Moscone* em 1926, exigindo que se pendurasse um retrato de Mussolini na sede do Palestra Italia (“Palestrino”. *Il Moscone*, n. 78, 1926, p. 14).
- Imagem 18: Nota publicada no *La Difesa* relatando o confronto entre fascistas e antifascistas no Palestra Italia e a renúncia da diretoria, ocorrida no dia seguinte (“Stelloncini settimanali”. *La Difesa*, n. 47, 22 nov. 1925, p. 3).
- Imagem 19: Matéria de capa no *Diário Nacional* (30 set. 1928) noticiando as posições de Egídio Pinotti Gamba contra as ações fascistas em solo brasileiro (“O sr. Pinotti Gamba reafirma as suas declarações”. *Diário Nacional*, n. 381, 30 set. 1928, p. 1).
- Imagem 20: Carta de Dante Isoldi, publicada no *Moscone* em 1936, criticando a equação “antifascista-antiitaliano” (“Lettere esprime”. *Il Moscone*, n. 420, 1936, p. 15).

- Imagem 21: Carta de Angelo Cristóforo, publicada no *Moscone* em 1935, criticando e ironizando uma possível fusão do Palestra Italia com o Dopolavoro (“Lettere esprime”. *Il Moscone*, n. 413, 1935, p. 16).
- Imagem 22: Manchete publicada no jornal *O Combate* relatando a saudação fascista realizada por Paschoal Cozzi a Serafino Mazzolini, por ocasião de sua presença em uma partida do Palestra Italia (“Eia! Eia! Alalá”. *O Combate*, n. 4821, 24 set. 1928, p. 1).
- Imagem 23: Comentário empolgado do *Moscone* relatando a possibilidade de Mazzolini auxiliar na organização da turnê palestrina pela Europa (“Um Viaggio in Europa”. *Il Moscone*, n. 164, 1928, p. 19).
- Imagem 24: Projeto apresentado por Ettore Battisti para o estádio do Palestra Italia (Reproduzido a partir de ATIQUÉ, Fernando; GESSI, Hernan; SOUSA, Diógenes. Uma relação concreta: a prática do futebol em São Paulo e os estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. In: *Anais do Museu Paulista*, v.23, n.1, jan.-jun. 2015, p. 98).
- Imagem 25: Capa da edição de 19 de abril de 1931 do jornal antifascista *Lo Spaghetto*, em que se criticava o processo de construção do estádio e a atuação de Luigi Eduardo Matarazzo na presidência do Palestra Italia (“500 contos per uno Stadio non construtto”. *Lo Spaghetto*, n. 2, 19 abr. 1931, p. 1).
- Imagem 26: Editorial publicado em 9 de novembro de 1927 no *Diário Nacional* criticando a atuação fascista no Brasil e defendendo Francesco Frola (“Fascistas e anti-fascistas”. *Diário Nacional*, n. 102, 9 nov. 1927, p. 1).
- Imagem 27: Artigo de Dante Delmanto exaltando a “brasilidade” (“Brasilidade”. *Diário Nacional*, n. 370, 18 set. 1928, p. 5).
- Imagem 28: Nota de repúdio aos ataques do *Pasquino Coloniale* contra a diretoria do Palestra Italia, assinada por Dante Delmanto e Francesco Pettinati (“Un tentativo di ricatto contro la Palestra Italia”. *Fanfulla*, 5 dez. 1933).
- Imagem 29: Nota publicada por Gaetano Cristaldi acusando Dante Delmanto e Francesco Pettinati de antifascistas (“Dell’antifascismo”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1235, 9 dez. 1933, p. 4).
- Imagem 30: Ficha de Raphaele Parisi, identificado pelo Deops/SP como “fascista” (“Raffaele Parisi”. Ficha Deops n. SPR000414, 7 ago. 1944).

- Imagem 31: Cobertura do *Fanfulla* sobre o evento de comemoração do 15º aniversário da Marcha Sobre Roma, realizado no Stadium Palestra Italia em 1936 (“La vibrante adunata di domenica allo Stadio Palestra Italia”. *Fanfulla*, 3 nov. 1936, p. 4).
- Imagem 32: Nota do *Moscone* sobre o adiamento da partida entre Palestra e Corinthians por conta do empréstimo do estádio para o comício de Luigi Federzoni (“Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 467, 1937, p. 6).
- Imagem 33: Prontuário de Alberto Bonfiglioli, identificado pelo Deops/SP como “fascista” e dirigente do Dopolavoro (“Alberto Bonfiglioli”. Prontuário Deops n. 10.053, mai. 1944).
- Imagem 34: Prontuário de Italo Adami, identificado pelo Deops/SP como “fascista” (“Italo Adami”. Prontuário Deops n. 51.768, 6 out. 1947).
- Imagem 35: Coluna publicada no *Moscone* buscando desvincular o Palestra Italia dos corpos diplomáticos italianos (“O conto da embaixada e o Palestra”. *Il Moscone*, n. 573, 1939, p. 13).

SUMÁRIO

Introdução	13
1. Lutas sociais, fascismo e antifascismo na cidade de São Paulo (1890-1945)	25
1.1 Mobilizações operárias e utopias disciplinares durante a Primeira República	26
1.2 A coletividade italiana	41
1.3 Fascismo, antifascismo e a disputa da <i>italianidade</i>	54
2. O futebol em São Paulo (1894-1933)	72
2.1 Futebol <i>oficial</i> e outros futebolis: ligas, praças desportivas e disputas pelo futebol em São Paulo	74
2.2 A Società Sportiva Palestra Italia entre a etnicidade e a classe	99
3. Fascismo, antifascismo e o clube Palestra Italia (1923-1945)	123
3.1 O clube em disputa (1923-1931)	125
3.2 O afastamento antifascista (1931-1937)	151
3.3 A Segunda Guerra Mundial e os novos significados do antifascismo (1938-1945)	169
Considerações finais	177
Fontes documentais	184
Bibliografia consultada	187

INTRODUÇÃO

O Palmeiras tem um passado fascista? Agremiação esportiva fundada em 1914, à época sob a alcunha de Società Sportiva Palestra Italia, a atual Sociedade Esportiva Palmeiras tornou-se, com relativa frequência, objeto de acaloradas discussões entre torcedores¹ a respeito de sua formação vinculada à coletividade ítalo-paulistana, e da possível presença de fascistas organizados entre suas fileiras de torcedores, associados e simpatizantes. Tais discussões, situadas no presente, se veem atravessadas por posicionamentos que enredam preferências clubísticas a aspectos contemporâneos do cenário político nacional: aqueceram-se particularmente a partir do ano de 2018, quando a eleição de Jair Bolsonaro para o cargo de presidente da República foi atravessada por um notável reavivamento do uso do termo *fascismo* para referenciá-lo, por diversos setores da esquerda brasileira. Embora Bolsonaro já fosse chamado de fascista anteriormente², a discussão foi intensificada no período de campanha que antecedeu a eleição, durante o qual se verificou, por exemplo, a proliferação de “torcidas antifascistas” a nível nacional³, atuantes em redes sociais e presentes em manifestações contrárias à candidatura de Bolsonaro que se realizaram nas semanas que antecederam a eleição⁴.

No âmbito específico da torcida palmeirense, entretanto, o surgimento de um coletivo nomeado Palmeiras Antifascista remete a 2014. Caracterizado desde então por uma militância que se declara “contra todas as formas de opressão dentro e fora dos estádios”⁵, praticada em

¹ Ver, por exemplo, o texto do torcedor palmeirense Ivan Rodrigues intitulado “O Palmeiras não foi criado pelo racismo”, que busca responder a publicações de grupos torcedores rivais em redes sociais, amparando-se em certa bibliografia sobre a história do clube. Publicado em 2019, o texto circulou amplamente entre grupos de palmeirenses como fonte de argumentos para refutar as acusações de que o clube tivesse sua história atravessada pelo racismo e/ou simpatia pelo fascismo. Ver: RODRIGUES, Ivan. O Palmeiras não foi criado pelo racismo! *Medium*, 09 abr. 2019. Disponível em: <https://ivanrodrigues.medium.com/o-palmeiras-n%C3%A3o-foi-criado-pelo-racismo-c3ece203a1c5> (acesso em 28 abr. 2021 às 17:00).

² Em 2017, por exemplo, o jornalista britânico Glenn Greenwald protagonizou uma troca de postagens pela rede social *Twitter* com o então deputado federal Jair Bolsonaro, referindo-se ao mesmo como “fascista”. Ver: “Chamado de ‘fascista’, Bolsonaro ataca orientação sexual de jornalista”. *O Globo*, 4 set. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/chamado-de-fascista-bolsonaro-ataca-orientacao-sexual-de-jornalista-21783351> (acesso em 26 mar. 2021 às 11:30).

³ Ver os dados sobre o surgimento de torcidas “antifascistas” nas regiões norte, nordeste, centro oeste e sul do país em 2018, coletados por GOMES, Vitor. *A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020, p. 92-98.

⁴ BORBA, Felipe; BORGES, Nathalia. As torcidas antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições de 2018. *Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS*. São Paulo, 01-11 dez. 2020, p. 4.

⁵ Coletivo Palmeiras Antifascista entrevistado por GOMES, *op. cit.*, p. 105.

diversos ambientes⁶, o coletivo vincula-se à subcultura *antifa*, difundida entre punks, skinheads e outros grupos urbanos (em diversos países) enquanto “uma espécie de ideologia, uma tendência, ambiente, ou uma atividade de autodefesa”⁷ que se opõe tanto a práticas e movimentos explicitamente neofascistas quanto a outras manifestações de discriminação étnico racial, de gênero e/ou classe. A expressão desta forma de militância nas práticas da Palmeiras Antifascista se apresenta, por exemplo, no relato de fundação do coletivo: de acordo com entrevistas concedidas anonimamente por seus integrantes ao sociólogo Vitor Gomes, o surgimento do grupo se deu com o objetivo de confrontar diretamente a possível presença de neonazistas e grupos de extrema direita nas arquibancadas do clube⁸, além de apresentar declarada inspiração em torcidas antifascistas existentes em outras partes do mundo⁹.

Em setembro de 2018, a Palmeiras Antifascista instaurou um debate em suas redes sociais a respeito de uma comemoração do atleta Felipe Melo, que dedicara seu gol a Bolsonaro em partida contra o Bahia realizada no dia 16 de setembro. O coletivo exigia a saída de Melo do clube, considerando sua atitude como uma tentativa de usar “o Palmeiras como plataforma para disseminar o fascismo” e “promover seus ideais de intolerância”¹⁰. No mesmo mês, participaram da formulação de um manifesto intitulado “Palmeirenses contra o fascismo”, organizado junto a outros coletivos de torcedores situados no campo da esquerda, como Palmeiras Livre, Porcomunas e Porcominas. A carta contou com assinaturas de personalidades públicas, como o economista e ex-presidente do clube Luiz Gonzaga Belluzzo, o neurocientista Miguel Nicolelis, o ator Marco Ricca e os músicos Wilson Simoninha, João Gordo e Maria Gadú. Apresentando-se como resposta a “acontecimentos recentes envolvendo a imagem pública da Sociedade Esportiva Palmeiras”, reivindicava motivações históricas – referenciando a participação de trabalhadores na fundação do clube e a diversidade étnica e social da composição de sua torcida já em suas primeiras décadas – para expressar seu “posicionamento público contra a onda fascista que se ergue e sua nefasta representação eleitoral”¹¹, identificada no então candidato Jair Bolsonaro.

⁶ A respeito de ações realizadas pelo coletivo, ver GOMES, *op. cit.*, p. 102-126.

⁷ BRAY, Mark. *Antifa: o manual antifascista*. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2019, p. 33.

⁸ GOMES, *op. cit.*, p. 104.

⁹ Coletivo Palmeiras Antifascista entrevistado por GOMES, *op. cit.*, p. 105.

¹⁰ Citado por “Grupo de torcedores repudia homenagem de Felipe Melo a Bolsonaro e cobra atitude do Palmeiras”. *Torcedores*, 16 set. 2018. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2018/09/torcedores-repudia-homenagem-felipe-melo-bolsonaro-palmeiras> (acesso em 26 mar. 2021 às 11:50).

¹¹ Ver “Palmeirenses assinam manifesto contra o fascismo”. *Rede Brasil Atual*, 21 set. 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/esportes/2018/09/palmeirenses-assinam-manifesto-contra-o-fascismo/> (acesso em 26 mar. 2020 às 12:00).

Cerca de duas semanas depois, uma matéria publicada no jornal argentino *Clarín* intitulada “La disputa política llega al fútbol: la hinchada del ‘Palmeiras’ se declara bolsonarista”¹² indicava relações genéricas entre a presença de bolsonaristas no Palmeiras, como o atleta Felipe Melo, e um suposto passado fascista da agremiação. Poucos dias depois o próprio clube obteve direito de resposta no jornal, publicando uma carta em que se rechaçava o vínculo com qualquer ideologia política ou partidária: destacava a diversidade de orientações políticas entre seus torcedores (mencionando a própria existência do coletivo denominado Palmeiras Antifascista), e ressaltava, historicamente, a presença de operários na fundação do Palestra Italia, bem como o protagonismo da agremiação na popularização do futebol em São Paulo e sua abertura a associados e simpatizantes sem “restrição de etnia, de gênero ou de classe social”¹³.

Em dezembro do mesmo ano, por sua vez, o já eleito (embora ainda não empossado) Jair Bolsonaro compareceu e participou diretamente da entrega da taça de campeão brasileiro ao Palmeiras, evento que deflagrou a publicação de uma nova carta pública, organizada por torcedores e coletivos políticos, contestando o envolvimento institucional da agremiação com a figura do presidente. Além dos grupos e nomes que já constavam inscritos no manifesto “Palmeirenses contra o fascismo”, verificava-se no documento a adesão de novos coletivos políticos, intelectuais, artistas e figuras públicas, além de diversos conselheiros da Sociedade Esportiva Palmeiras¹⁴.

Desde então, outros eventos acarretaram mobilizações de palmeirenses contra o mandato e a figura de Bolsonaro, buscando confrontar a associação do clube com o “fascismo” também em uma perspectiva histórica. Em junho de 2020, por exemplo, torcedores palmeirenses participaram de manifestações convocadas pelo Coletivo Somos Democracia junto a grupos vinculados a outros clubes rivais (como o Corinthians)¹⁵, contribuindo com

¹² “A disputa política chega ao futebol: a torcida do Palmeiras se declara bolsonarista” (tradução nossa). Ver “La disputa política llega al fútbol: la hinchada del ‘Palmeiras’ se declara bolsonarista”. *Clarín*, 5 out. 2018. Disponível em:

https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html (acesso em 4 mar. 2021 às 11:30).

¹³ Ver “Palmeiras tem direito de resposta no Clarín após texto que relacionava o clube com o fascismo na 2ª Guerra”. *Lance!*, 9 out. 2018. Disponível em:

<https://www.lance.com.br/palmeiras/tem-direito-resposta-clarin-apos-texto-que-relacionava-clube-com-fascismo-guerra.html> (acesso em 4 mar. 2021 às 11:40).

¹⁴ Ver “Palmeirenses ilustres enviam carta de repúdio por presença de Bolsonaro”. *UOL Esporte*, 05 dez. 2018. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2018/12/05/palmeirenses-ilustres-enviam-carta-de-repudio-por-presenca-de-bolsonaro.htm> (acesso em 27 mar. 2021 às 10:40).

¹⁵ Ver “Torcedores do Corinthians aplaudem palmeirenses em manifestação pela democracia e contra Bolsonaro”. *Portal Torcedores* 14 jun. 2020. Disponível em:

vocalidades, gestualidades e estéticas próprias das arquibancadas (cantos, bandeiras, corporeidades) à mobilização política, assim como já ocorrido anteriormente em manifestações de rua no Brasil¹⁶. Na composição do bloco palmeirense, além da adesão individual de torcedores e membros de organizadas, destacou-se a presença de diversos coletivos, como Porcomunas, Palmeiras Antifascista e o Movimento Palestra Sinistro (fundado especificamente no contexto de tais manifestações), mobilizados em oposição às políticas do governo Bolsonaro, mas também em torno de pautas simbólicas próprias, como a demarcação de uma perspectiva antifascista presente entre os torcedores do clube e o objetivo de evidenciá-la. Em entrevista concedida à antropóloga Mariana Mandelli, um integrante do Movimento Palestra Sinistro (identificado pelo codinome “Victor”) apresentava em linhas gerais seus objetivos e atividades, indicando uma preocupação com a disputa de imaginários sobre o clube e sua corrente vinculação ao fascismo e a orientações políticas à direita. De acordo com o militante,

[...] sempre houve uma perseguição por parte da mídia burguesa e de alguns rivais que, já na época do Palestra Itália, perseguiam o clube e os torcedores com mentiras e agressões aos “italianinhos”. Tentaram tomar o nosso estádio na Segunda Guerra Mundial, fizeram o clube mudar de nome e hoje tentam manchar nossa história e da nossa torcida que também tem histórico de lutas na esquerda, desde a Greve Geral de 1917¹⁷.

Na mesma entrevista, o militante também afirmava que “querer ligar a extrema direita à nossa torcida e história é, no mínimo, muita desonestidade intelectual”¹⁸, reafirmando uma disputa de imaginários sobre a identidade do clube atrelada ao manuseio de seu passado histórico.

Tal disputa discursiva, operada pelos coletivos torcedores mencionados e já indicada no teor das cartas e manifestos publicados anteriormente, notadamente se debruça sobre a *memória* do clube, buscando incorporar uma narrativa do passado que assegure “a coesão e a

<https://www.torcedores.com/noticias/2020/06/torcedores-se-unem-protesto-contrabolsonaro> (acesso em 08 abr. 2021 às 15:30).

¹⁶ CAMPOS, Flávio de. O lulismo em campo: aspectos da relação entre esportes e política no Brasil. In: MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano (Orgs.). *Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Boitempo Editorial; Fundação Lauro Campos, 2017, p. 246.

¹⁷ MANDELLI, Mariana. Palestra Sinistro: palmeirenses progressistas contra a despolitização. *Ludopédio*, São Paulo, v. 138, n. 18, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/archibancada/palestra-sinistro-palmeirenses-progressistas-contradespolitizacao/> (acesso em 27 mar. 2021 às 11:35).

¹⁸ *Idem*.

solidariedade do grupo”¹⁹, conforme assinalado por Ulpiano Bezerra de Menezes acerca da gestão de memórias coletivas. Na construção de tais narrativas de memória, estes grupos (assim como outros e o próprio clube na gestão de sua memória oficial) *inventam uma tradição*²⁰, de acordo com os termos propostos por Eric Hobsbawm, na medida em que visam “estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado”²¹ para suas lutas no presente. O sentido de *invenção*, aqui, não corresponde a uma ocultação ou distorção de fatos historicamente sustentáveis, mas a um manuseio dos elementos do passado que busca ativá-los perante um debate estabelecido no presente: um exercício de criação discursiva situado em uma disputa política, relacionada, no caso, ao possível vínculo entre o Palestra Italia/Palmeiras e o fascismo.

Neste sentido, tais coletivos torcedores reavivam a evocação, por exemplo, da “origem operária”, da “perseguição xenofóbica” contra os palestrinos, entre outros elementos identificados na discursividade dos manifestos e declarações apresentadas acima. Estes são empunhados como determinantes na “constituição e reforço da identidade”²² palmeirense que tais grupos defendem: nos termos do Movimento Palestra Sinistro, um Palmeiras “de todos e todas”²³, máxima também defendida por outros coletivos (como o Ocupa Palestra²⁴) que procura atrelar o acolhimento à diversidade enquanto traço constitutivo de uma *comunidade imaginada*²⁵ palmeirense. Há de se pontuar que a frase “Palmeiras de todos”, além de evocada por tais coletivos em seus textos, ações e publicações em redes sociais, também vem sendo utilizada desde 2020 pela própria comunicação da Sociedade Esportiva Palmeiras para expressar posições institucionais a favor da diversidade e contra as diversas formas de discriminação²⁶.

No âmbito da presente pesquisa, a observação atenta ao manuseio e disputa discursiva praticada por grupos de torcedores coincide com nossa participação direta nas atividades de

¹⁹ MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 34, 1992, p. 15.

²⁰ HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

²¹ *Idem*, p. 9.

²² MENEZES, *op. cit.*, p. 22.

²³ MANDELLI, *op. cit.*

²⁴ Ver a descrição de apresentação do coletivo em sua página na rede social Facebook, na qual o Ocupa Palestra se apresenta como um grupo a favor de “um Palmeiras de todos”. OCUPA PALESTRA. Ocupa Palestra. Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/ocupapalestra/about/?ref=page_internal (acesso em 03 mai. 2021 às 10:30).

²⁵ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

²⁶ Ver “‘Palmeiras de todos’: clube abre 2020 com discurso a favor da diversidade. *Lance!*, 01 jan. 2020. Disponível em: <https://www.lance.com.br/palmeiras/todos-clube-abre-2020-com-discurso-favor-diversidade.html> (acesso em 03 mai. 2021 às 10:40).

alguns dos coletivos mencionados, como Ocupa Palestra, Porcomunas e Palmeiras Antifascista, entre o ano de 2017 e o presente momento. A partir de tal envolvimento político se produziram as inquietações originárias deste trabalho: desde a implicação de uma perspectiva palmeirense identificada com o antifascismo, nos propusemos uma investigação sobre aspectos da história política do clube, procurando mapear eventos e agentes que, nas primeiras décadas do Palestra Italia, também estabelecessem disputas sobre os significados políticos da atuação clubística.

Mobilizando nossa investigação a partir da problemática do fascismo, estabelecemos um recorte temporal debruçado especialmente sobre o intervalo entre as décadas de 20 e 40, período de formação e disseminação da doutrina fascista, bem como de sua resposta antifascista e dos espraamentos da disputa entre ambas no ambiente da coletividade italiana emigrada. Simultaneamente, o mesmo período também contempla o processo de formação do clube Palestra Italia até sua mudança de nome para Sociedade Esportiva Palmeiras (em 1942), entrecruzando sua ascensão esportiva e atuação social às lutas políticas deflagradas em um contexto compartilhado.

A orientação de tal recorte temporal pela temática específica do fascismo, por sua vez, evidencia o atravessamento da pesquisa por inquietações situadas na atualidade das discussões sobre o clube, a partir das quais desenvolvemos a presente investigação com particular interesse pelas relações possíveis entre eventos situados no passado histórico e sua conjuração em outros contextos de disputa. Pensando a História como “laboratório em atividade do nosso presente”²⁷, conforme proposto por Pierre Rosanvallon, partimos “de uma questão contemporânea para reconstruir sua genealogia, [...] uma história que atualiza as ressonâncias entre nossa experiência do político e a dos homens e mulheres que nos precederam”²⁸. Enquanto “genealogia” das interações entre o clube e ditas orientações políticas, seus militantes e entidades, convém ressaltar a preocupação deste exercício historiográfico em afastar-se daquilo que Michel Foucault denominou como “pesquisa da ‘origem’”²⁹: a despeito dos eventuais usos políticos que os resultados deste trabalho possam promover entre coletivos e grupos de torcedores palmeirenses, não nos interessa corroborar a defesa de qualquer “genética” ou identidade essencial que aproxime a agremiação do fascismo ou do antifascismo, mas de

²⁷ ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Trad. Christian Edward Cyrill Lynch. São Paulo: Alameda, 2010, p. 77.

²⁸ *Idem*.

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 2 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, p. 56.

investigar a *emergência*, a “entrada em cena das forças”³⁰ de determinados imaginários de identidade do clube nos interstícios da disputa estabelecida entre estas orientações políticas.

Na mesma linha de suspeita sobre discursos oficiais de identidade palestrina já traçada nos trabalhos de pesquisadores como Alfredo Oscar Salun³¹ e João Paulo Streapco³², a investigação dos eventos e processos históricos ambientados no contexto de nossa pesquisa também se interessa, particularmente, pelas irregularidades, ou aquilo que Michel Foucault chamou de “agitações febris”³³. Ao invés de uma narrativa histórica de continuidade inabalável e harmônica, inevitavelmente teleológica e comprometida com a defesa de uma identidade³⁴, nos interessamos pelas dispersões e contradições que atravessam a história palestrina, percebendo-as como possibilidades de herança enquanto linhas de fuga diante de narrativas instituídas: não uma herança que se estabeleça enquanto fio de continuidade histórica³⁵ – e que nos torne “herdeiros progressistas de uma grande tradição”³⁶ –, mas como espaço para a elaboração inventiva de novos devires palmeirenses³⁷.

Para o desenvolvimento de tal investigação, nos amparamos fundamentalmente na interlocução estabelecida entre fontes secundárias – bibliografia especializada sobre imigração, lutas sociais durante a Primeira República, fascismo, antifascismo e futebol – e o exame analítico de fontes primárias. O *corpus* documental manuseado ao longo da pesquisa foi composto majoritariamente por exemplares da imprensa da época, contemplando periódicos de pequena e grande circulação, vinculados ou não à coletividade italiana instalada em São Paulo, e atrelados a distintas orientações políticas. Complementamos o uso destas fontes com a análise de fichas e prontuários do Departamento de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo (Deops/SP), nas quais encontramos indicações sobre as atividades políticas de muitas das figuras que protagonizavam a vida clubística do Palestra Italia, bem como o ambiente cultural

³⁰ *Idem*, p. 67-68.

³¹ SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?* Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

³² STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

³³ FOUCAULT, *op. cit.*, p. 61

³⁴ *Idem*, p. 83.

³⁵ RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 257.

³⁶ *Idem*, p. 256.

³⁷ Devemos ao Prof. Dr. José Paulo Florenzano a contribuição teórica, durante o exame de qualificação desta pesquisa, para pensar a disputa estabelecida no clube entre fascistas e antifascistas enquanto ambiente de formulação de um *dever* da identidade palmeirense.

da coletividade italiana e os conflitos estabelecidos a partir da década de 20 em torno da adesão ao fascismo³⁸.

Em relação ao uso desta ampla documentação, convém destacar que nossa análise dos periódicos antifascistas publicados em São Paulo entre as décadas de 20 e 30, particularmente, deparou-se com as claras limitações que os mesmos enfrentavam no contexto de sua publicação – assim como boa parte dos órgãos da imprensa política e militante³⁹ –, frequentemente apresentando uma vida curta, ou recorrentes suspensões na regularidade de sua publicação. Ademais, a base documental disponível atualmente para consulta – concentrada majoritariamente no Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas (AEL-Unicamp) – encontra-se fragmentada, uma vez que diversas edições dos jornais jamais foram recuperadas. Há casos de jornais dos quais se tem a notícia da publicação referenciada em outras fontes, mas nenhum exemplar disponível. Trata-se, portanto, de uma documentação irregular que exploramos dentro de suas possibilidades, realizando o seu levantamento e análise, e apresentando os resultados das referências que encontramos ao *Palestra Italia*, numa espécie de “bricolagem”⁴⁰ de retalhos, rastros e vestígios.

Particularmente durante o exame das fontes de imprensa, percebemos as intrínsecas relações entre os agentes politicamente articulados nos embates entre fascismo e antifascismo e a produção, recepção e circulação dos jornais, que se apresentavam, em si, enquanto ação política. Maria Luiza Tucci Carneiro resgata esta dimensão na imprensa social, citando o historiador Roger Chartier ao identificar os jornais “investidos de significações plurais e móveis, que se constroem no encontro de uma proposição com uma recepção”⁴¹. De tal modo, percebemos que o uso dos veículos de imprensa da época enquanto fontes não poderia se reduzir a um mero uso “comprobatório” centrado na leitura dos acontecimentos noticiados, mas necessariamente demandava atenção à produção viva de discursos políticos e a mutável interação e negociação de sua expressão em interlocução com os grupos e ideias que circulavam no contexto. Assim, procuramos atentar àquilo que Natalie Zemon Davis chama de aspectos

³⁸ A referência completa e detalhada do *corpus* documental manuseado nesta pesquisa se encontra ao final da dissertação (p. 183), indicando nominalmente a documentação do Deops/SP, os periódicos analisados, seu ano de publicação, e os acervos e arquivos visitados.

³⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imprensa irreverente, tipos subversivos. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado, 2003, p. 20.

⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019, p. 35.

⁴¹ CHARTIER apud CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Imprensa irreverente, tipos subversivos. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado, 2003, p. 19.

“ficcionalis” da documentação, termo utilizado no sentido de sua raiz *fingere* , isto é, observando os elementos formadores, moldadores na composição de uma narrativa⁴²: especialmente no caso de jornais dirigidos e diretamente redigidos por militantes (tanto fascistas como antifascistas), verificamos que o uso da linguagem escrita na construção de uma retórica de identidade política manuseava de formas muito variadas os eventos relatados, ressignificando termos e utilizando recursos como o humor ou a sátira. Desta forma, embora também possam ser utilizados como vestígios que noticiam a ocorrência de determinados acontecimentos, tais fontes nos interessaram profundamente enquanto produtoras de discurso.

Nas páginas subsequentes, apresentamos os resultados desta investigação em três capítulos organizados de forma temática, traçando simultaneidades, conexões e rupturas sem recorrer centralmente à linearidade cronológica (ainda que ela nos seja útil na estrutura de alguns subcapítulos). Primeiramente (capítulo 1), procuramos delinear o contexto de lutas sociais estabelecido na cidade de São Paulo durante as primeiras décadas do século XX, observando a atuação política de socialistas, anarquistas, sindicalistas e operários, e seus enredamentos com a ampla coletividade italiana emigrada e instalada na cidade. Acompanhamos, por um lado, a formação de um movimento operário dinâmico, que buscava construir uma cultura própria e autônoma através da realização de festivais e bailes, da organização de peças de teatro e outros eventos voltados ao tempo livre dos trabalhadores(as), mas também implementava práticas de enfrentamento de classe, como greves, paralisações fabris e manifestações de rua, atingindo seu ápice na realização da Greve Geral de 1917. Por outro lado, verificamos a reorganização dos ímpetos e “utopias disciplinares”⁴³ das elites paulistas diante dos movimentos grevistas, buscando responder à organização operária com o uso combinado de estratégias de repressão e assimilação⁴⁴, conforme destacado por Boris Fausto e outros autores. Expandindo instrumentos e formas de controle sobre o tempo livre operário, estas práticas implementadas pelos grupos dirigentes buscavam discipliná-lo – elemento que se manifestava também no circuito futebolístico da cidade, conforme virá a ser discutido no capítulo posterior.

Neste mesmo contexto histórico, também acompanhamos o processo de formação de associações e entidades italianas na cidade de São Paulo, observando seu papel central na construção de imaginários de *italianidade* entre a coletividade emigrada. Conforme destacado

⁴² DAVIS, Natalie Zemon. *Fiction in the archives: pardon tales and their tellers in sixteenth-century France*. Stanford University Press: Stanford, 1987, p. 3.

⁴³ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista* (Brasil, 1890-1930). 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

⁴⁴ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 217.

por Michael Hall, estas sociedades surgiam como referenciais de uma identidade nacional em construção na própria diáspora, até então pouco relevante para uma numerosa parcela da coletividade, cuja identificação frequentemente voltava-se a suas regiões de origem, e não à ideia de Itália como pátria⁴⁵. Simultaneamente, os esforços de unificação organizados em torno da construção da *italianidade* também se viam confrontados por dissensos, como as crescentes tensões de classe entre os imigrantes instalados na cidade, e a partir da década de 20, os conflitos entre fascistas e antifascistas organizados. Incorporando referências à documentação primária (sobretudo jornais antifascistas do período), interpretamos as tensões entre estas duas facções políticas enquanto uma disputa em torno da própria noção de *italianidade*, insistentemente apropriada pelo discurso oficial fascista do governo de Mussolini (e da estrutura consular e militância fascista ítalo-paulistana), e contestada pela discursividade antifascista, que buscava, através de jornais, textos e conferências, defender uma *italianidade* antifascista, ou, ao menos, uma desvinculação entre os imaginários de identidade nacional e a filiação político-ideológica ao fascismo.

Situadas as condições das disputas políticas que atravessavam a cidade de São Paulo no período – e mais especificamente a coletividade italiana emigrada –, passamos (capítulo 2) a uma ambientação do contexto futebolístico no mesmo período, para identificar, a seguir, os entrecruzamentos entre os aspectos de ambas esferas na disputa do Palestra Italia por grupos fascistas e antifascistas. No segundo capítulo, discutimos o surgimento e crescimento da prática futebolística em São Paulo, assinalando a emergência de circuitos distintos que ora se situavam claramente separados, ora se enredavam em diálogos, intercâmbios e negociações: por um lado, observamos a consolidação do chamado *futebol oficial*, praticado originalmente por agremiações de elite em campeonatos organizados por entidades representativas, como a Liga Paulista de Football (LPF) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA)⁴⁶; por outro, identificamos a proliferação de outros futebolis praticados nas várzeas, fábricas e territórios habitados por grupos sociais originalmente excluídos do circuito oficial. Os cruzamentos entre estas esferas distintas, atravessados por tensões e, sobretudo, negociações, é esmiuçado em torno de novas práticas e processos que se estabeleceram no ambiente futebolístico da cidade, especialmente a partir da década de 1910: a introdução de clubes de conotação “popular” no circuito oficial, a ascensão das torcidas enquanto atores componentes do rito futebolístico, a

⁴⁵ HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 52.

⁴⁶ STREAPCO, *op. cit.*, p. 60.

construção de novos estádios, o embate entre amadorismo e profissionalismo, e o manuseio da prática esportiva pelas estratégias e práticas disciplinares das elites industriais e dirigentes paulistanas, conformando uma disputa política que também inseriu o futebol em debates da esquerda do período.

Na segunda parte do capítulo, investigamos a incidência de tais disputas pelo futebol – bem como seu atravessamento por fatores étnicos e classistas –, na formação da Società Sportiva Palestra Italia e sua torcida, acompanhando a trajetória da agremiação durante suas primeiras décadas de existência. Para além de elencar os importantes marcos esportivos deste período inicial, já amplamente discutidos na bibliografia especializada sobre o clube e nos próprios veículos oficiais de memória esportiva palmeirense, procuramos enfatizar a perspectiva de uma história social do clube, referenciando eventos e processos vinculados ao processo de elaboração das identidades palestrinas em relação aos contextos em que se inseria (a coletividade italiana, a cidade de São Paulo e o campo futebolístico), e que enredavam-se na existência do clube.

Com o amparo destes aspectos, nos dedicamos finalmente (capítulo 3) a identificar e caracterizar a presença de fascistas e antifascistas italianos na vida clubística do Palestra Italia, observando a incidência de suas posições políticas em relação à agremiação e conformando-a enquanto potencial instrumento de uma *hegemonia* sob disputa. O conceito em questão, pensado por Antonio Gramsci enquanto um “compartilhamento de ideias e valores por vários grupos sociais” que sustente a formação de uma “vontade coletiva”⁴⁷ – de acordo com a leitura de Ana Rodrigues C. Alves – nos resulta útil à medida em que pensa sua construção a partir de um consentimento⁴⁸, e não em relação a um caráter meramente coercitivo, conforme anteriormente abordado na tradição marxista (na qual Gramsci se insere e com a qual dialoga)⁴⁹. Neste sentido, a conquista de uma hegemonia discursiva que vinculasse o Palestra Italia (enquanto instituição representativa do imaginário de *italianidade*) ao fascismo era objetivada pelo grupo organizado em torno desta orientação política, assim como percebia-se, no mesmo contexto, em relação a outras associações e entidades ítalo-paulistanas, assediadas pelos agentes do fascismo e, em muitos casos, efetivamente submetidas às orientações do Fascio.

⁴⁷ ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, São Paulo, 2010, p. 85.

⁴⁸ *Idem*, p. 73.

⁴⁹ *Idem*, p. 71.

Ao longo das três décadas contempladas em nosso recorte (de 20 a 40), a conformação desta disputa foi atravessada tanto por episódios de enfrentamento direto como pela presença e participação contínua de fascistas e antifascistas declarados na vida política palestrina (ocupando cargos no conselho e na direção durante diferentes gestões), além da articulação e realização de eventos nas dependências do clube e da atuação de órgãos de imprensa vinculados a ambas orientações políticas, que disputavam em suas páginas diferentes sentidos de *italianidade*. Embora se configurasse como um espaço de contínua disputa e tensão, o Palestra Italia também ambientava uma convivência (ainda que conturbada) entre vozes políticas antagônicas atuantes no seio da coletividade italiana, que alternavam a intensidade de seu assédio e presença de acordo com condições combinadas da vida coletiva italiana na cidade e da política interna palestrina. A manutenção de um *afascismo*⁵⁰ institucional por parte do clube, atravessado por eventuais flertes com órgãos e figuras representativas do regime italiano sem abrir mão de uma neutralidade oficial, nos parece resultante desta circulação (jamais equilibrada) de vozes políticas distintas.

Ao mesmo tempo, tal cenário também parece ter favorecido uma dinâmica abertura de possibilidades particularmente relativas ao Palestra Italia e os devires de sua identidade clubística. O ápice deste processo, episodicamente identificado em torno da alteração do nome da agremiação para Sociedade Esportiva Palmeiras (em 1942), se apresenta em nossa investigação como decorrência derivada de uma relação profunda entre a contínua disputa política, com suas diferentes gradações nas três décadas, e a reconfiguração de imaginários e discursos de identidade institucional e torcedora palestrina. Neste sentido, a emergência da Sociedade Esportiva Palmeiras não pode ser dissociada das relações de força e disputa estabelecidas entre fascistas e antifascistas no seio da coletividade italiana e do clube nas duas décadas anteriores: nem resposta episódica a condições imediatas (a mudança de nome se deu sob pressão governamental durante a Segunda Guerra Mundial), nem essência adormecida desde uma suposta origem. Ao disputar sentidos da identidade clubística, palestrinos simpáticos ao fascismo ou ao antifascismo inauguraram novas possibilidades de imaginação sobre o clube.

⁵⁰ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Trad. Maria Rosária Fabris e Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 334.

1. Lutas sociais, fascismo e antifascismo em São Paulo (1890-1945)

Durante as primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo foi palco de um extenso conjunto de interações e tensões sociais, que manifestando-se de forma enredada, mobilizavam diferentes grupos e setores da coletividade italiana instalada na cidade. Estas disputas e convivências, anteriores ao aparecimento do fascismo, constituíram um amplo repertório político e cultural que seria ressignificado nos embates especificamente protagonizados por fascistas e antifascistas, ocorridos entre as décadas de 20 e 40.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes italianos na cidade, a progressiva construção de uma cultura associativa no seio de sua coletividade foi atravessada por disputas sobre seus referenciais identitários, sobretudo a chamada *italianidade*, discurso constituído a partir da identificação expressada pelos italianos emigrados para com o país de origem⁵¹: se tratavam de disputas classistas, étnicas, ou mesmo entre diferentes doutrinas políticas, debruçadas principalmente sobre as diversas instituições representativas da coletividade. À medida em que tais entidades (entre as quais podemos citar o próprio clube Palestra Italia, objeto desta pesquisa) conformavam parte relevante do contínuo processo de elaboração da *italianidade*, as mesmas se tornavam objeto de disputa de diferentes grupos que vislumbravam sua conquista como forma de expandir o alcance de seu próprio discurso.

A partir da década de 20, um novo cenário se configurou com a emergência do fascismo italiano e a atuação de seus agentes entre a coletividade estabelecida em São Paulo, provocando tensões e deparando-se com resistências. As entidades representativas da *italianidade* logo se tornaram objeto de uma nova disputa, à medida que os fascistas objetivavam a consolidação de um discurso hegemônico sobre a identidade italiana que a tornasse diretamente correlata à fidelidade ao regime de Mussolini. Os antifascistas, por sua vez, organizavam sua resistência em torno dos mesmos objetos representativos, ora esboçando uma elaboração identitária italiana antifascista, ora esmerando-se simplesmente em conter a imposição hegemônica do imaginário fascista.

Neste primeiro capítulo, iremos contextualizar tal embate a partir de uma observação mais abrangente da cultura política e das disputas identitárias estabelecidas entre os italianos em São Paulo. Primeiramente, nos dedicaremos a uma retomada do ambiente de lutas sociais constituído na cidade durante as primeiras décadas do século XX, assinalando a emergência de

⁵¹ TEIXEIRA, Rosane Siqueira. *Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado: nacionalismo e italianidade sob a perspectiva da história local*. Tese de Doutorado, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2011, p. 36.

diversas formas de organização e associação das camadas populares no contexto, entre as quais o significativo movimento operário edificado sob a influência de variadas orientações políticas. Diante da consolidação das práticas associativas de iniciativa popular autônoma, cada vez mais politizadas, o ímpeto disciplinar das elites dirigentes sobre a classe trabalhadora – expressado em formas de controle no espaço privado das fábricas e no espaço público da cidade – concentrou esforços sobre seu tempo livre, lazer e formas de organização, especialmente após a grande mobilização demonstrada na greve geral de 1917. A posterior disputa de fascistas e antifascistas sobre as associações italianas, como veremos, viu-se atravessada pela influência destes ímpetos, especialmente à medida em que se enredava ao fator de classe.

No segundo subcapítulo, nossa atenção irá se debruçar enfaticamente sobre a coletividade italiana, retomando pontualmente os aspectos principais de sua instalação na cidade, a distribuição dos italianos entre as diversas classes sociais, bem como a atuação de entidades representativas no processo de contínua elaboração do sentimento de *italianidade*. Atentaremos particularmente às condições deste associativismo, desenvolvido desde fins do século XIX, bem como às distintas orientações políticas que transitavam pelas agremiações, frequentemente disputando seu significado.

Por fim, com base nesta contextualização, poderemos esmiuçar propriamente o embate entre fascistas e antifascistas estabelecido na década de 20, identificando cada um dos grupos, algumas de suas lideranças e principais atividades, e assinalando sua penetração nos diversos grupos sociais, bem como os vínculos que procuravam estabelecer com a política local e sua disputa em torno das entidades e instituições associadas à *italianidade*. Atentaremos à variação contextual destes aspectos ao longo das décadas de 20, 30 e 40, destacando as transformações ocorridas nas estratégias adotadas por fascistas e antifascistas em diferentes momentos, suas vitórias e derrotas, e os balanços que realizavam sobre as próprias atividades.

1.1 Mobilizações operárias e utopias disciplinares em São Paulo durante a Primeira República

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo foi palco de um acelerado processo de urbanização, atrelado a uma progressiva industrialização impulsionada pelo excedente capitalista das atividades cafeicultoras⁵². Rapidamente, a capital paulista deixava para trás os ares provincianos e feições coloniais que a caracterizavam até a última década do

⁵² CARONE, Edgar. *A evolução industrial de São Paulo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2001, p. 136.

século XIX⁵³ e consolidava-se enquanto “cidade do capital”⁵⁴, rearranjando e expandindo sua economia, sobretudo, em torno da crescente produção industrial e da especulação imobiliária.

Entre os anos de 1900 e 1920, o aumento populacional da cidade foi superior a 142%, enquanto outras capitais do país cresciam, em média, 61%, incluindo o Rio de Janeiro⁵⁵. Os dados sobre o crescimento industrial eram igualmente notáveis: em 1907 a produção fabril da capital correspondia a 16% de toda a produção nacional, abaixo apenas do Rio de Janeiro; em 1919, porém, passaria a representar 31,5% contra 20,8% da capital carioca⁵⁶, sinalizando a consolidação, ao longo da década, de São Paulo como polo industrial do país.

O crescimento populacional se dava, em parte, pela atração que este processo de industrialização exercia, destacando-se a farta presença de imigrantes – majoritariamente italianos – que, instalados na cidade, se convertiam na mão de obra empregada nas fábricas. De acordo com José de Souza Martins,

[...] quando se falava em operário, falava-se no italiano. Em 1900, no conjunto do estado de São Paulo, 81% dos trabalhadores industriais eram italianos. [...] Na pesquisa sobre composição da força de trabalho de 29 indústrias têxteis, realizada em 1911, [...] foram encontrados 10.204 operários. Desses, 59,2% eram italianos e apenas 18,1% eram brasileiros. Numa única fábrica em que as indagações foram aprofundadas, de 112 operários brasileiros, 106 eram filhos de italianos⁵⁷.

O massivo contingente italiano, no entanto, também convivia com imigrantes de outras nacionalidades – exclusivamente europeias, a princípio – intencionalmente atraídos através de densa propaganda promovida pelo governo brasileiro desde 1870. Entre uma significativa parcela das elites consolidara-se um “desejo de transformar o Brasil a partir da implantação de mão-de-obra estrangeira”⁵⁸, identificando as populações locais – especialmente aquela formada

⁵³ TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 3ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004, p. 20.

⁵⁴ PAULA, Amir El Hakim de. São Paulo 1917: os operários fizeram história... e também geografia! In: GODOY, Clayton Peron Franco de; MARCHEZIN, Lucas Tadeu; SILVA, Rodrigo Rosa da. *A Greve Geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017, p. 66.

⁵⁵ CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988, p. 27.

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010, p. 255.

⁵⁸ SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002, p. 83.

por ex escravizados – como “signo de atraso do país”⁵⁹ e incentivando a vinda de trabalhadores europeus como parte de uma sistemática política de branqueamento. Através de convênios e dispositivos legais que favoreciam a entrada de alemães, portugueses, espanhóis e italianos para ocupar os postos de trabalho, criou-se uma categoria de “desejáveis”⁶⁰, cuja introdução no país foi sistematicamente combinada à marginalização dos “chamados negros, índios, mestiços, pretos, pardos, caboclos, caipiras, mulatos, nativos, brasileiros, os da terra”⁶¹.

De tal modo, as políticas de incentivo à imigração – demonstrando-se bem integradas com os debates racialistas do contexto e suas hierarquizações – declaravam a abertura do país a todos que se apresentassem aptos para o trabalho e não apresentassem antecedentes criminais, “com exceção dos africanos e asiáticos”⁶², conforme determinado pelo Decreto 528 de 28 de junho de 1890. Posteriormente, novos acordos facilitariam a migração advinda de países orientais, embora suas populações continuassem a ser observadas com desconfiança pelo eugenismo brasileiro⁶³.

Além dos referidos grupos imigrantes, a capital paulistana também era habitada por ampla multidão de brasileiros de ascendência africana, portuguesa, indígena e mestiça⁶⁴. A interação entre estes distintos grupos populacionais, portadores e produtores de identidades múltiplas, era complexa, e conflitos étnicos, raciais e de classe ocorriam com alguma frequência. De acordo com Jeffrey Lesser, uma experiência vivenciada pelos imigrantes assentados em São Paulo, ainda que supostamente recebidos na cidade como “desejáveis”, era a

[...] discriminação social, cultural e racial, o que levou muitos a tentarem se apartar dos afro-brasileiros com quem compartilhavam ambientes de trabalho, moradia e convívio social. Os imigrantes europeus temiam ser colocados na categoria racial de não brancos e, com frequência, tratavam

⁵⁹ *Idem.*

⁶⁰ LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Trad. Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 24.

⁶¹ Termos empregados na documentação da época, analisada por SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017, p. 15.

⁶² Decretos do Governo Provisório, 6ª fase., Rio de Janeiro, 1890, apud SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 137.

⁶³ SCHWARCZ, op. cit., p. 170.

⁶⁴ SANTOS, Carlos José Ferreira, op. cit., p. 38-39.

com desrespeito os afro-brasileiros, atitude essa de que os negros se ressentiam⁶⁵.

Nicolau Sevcenko comenta estas tensões, manifestadas nas interações entre diferentes grupos, enquanto decorrentes de uma “disposição de estranhamento intrínseca ao processo de metropolização”⁶⁶, acentuada pelas novas dinâmicas do cotidiano paulistano e externalizada em novas atitudes e comportamentos, bem como no choque entre indivíduos, grupos e condições. O autor ressalta que

[...] de tal modo o estranhamento se impunha e era difuso, que envolvia a própria identidade da cidade. Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros [...]. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados⁶⁷.

A interpretação de Sevcenko, centrada no estranhamento deflagrado pela metropolização, se aproxima das reflexões que Georg Simmel teceu, em 1903, sobre as cidades “modernas”: Sevcenko sugere que as inúmeras novidades, fluxos, movimentos e ritmos que subitamente se instalavam no cotidiano paulistano – relatadas a partir da percepção aguçada de memorialistas, cronistas e observadores da época⁶⁸ – promoviam na subjetividade paulistana um “grave mal-estar, ademais de uma terrível instabilidade”⁶⁹, aproximando-se daquilo que Simmel denominou como *intensificação da vida nervosa*, uma alteração psicológica própria das grandes cidades que se notava em seus habitantes por conta da “mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores”⁷⁰. Para Simmel, a cidade moderna seria a paisagem que abrigava, ao mesmo tempo, uma proximidade física (a cidade como lugar das

⁶⁵ LESSER, *op. cit.*, p. 133-134.

⁶⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 30-31.

⁶⁷ *Idem*, p. 31.

⁶⁸ Entre outros, são dignos de nota os relatos de Jorge Americano, que destacam sua percepção da transformação da paisagem urbana, das relações sociais e do ritmo de vida da cidade. Ver AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo* (1895-1915). 2ª edição. São Paulo: Carrenho Editorial/Narrativa Um/Carbono 14, 2004.

⁶⁹ SEVCENKO, *op. cit.*

⁷⁰ SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903). *Maná*, Rio de Janeiro, n. 11, v. 2, 2005, p. 578.

massas) e uma distância espiritual (a condição do anonimato e a quebra de laços tradicionais causando certo isolamento), criando novos indivíduos que lutavam para se proteger do “desenraizamento”⁷¹.

Entre o estranhamento deflagrado pela metropolização e a luta contra o desenraizamento que atravessava as práticas daqueles que transitavam pela vida urbana paulistana, inseria-se ainda a discriminação exercida institucionalmente pelo Estado. Sevcenko comenta, por exemplo, as enchentes ocorridas na cidade em 1919 e o descaso das autoridades para com a sorte dos flagelados, em sua maioria habitantes dos bairros populares. A diversificada população destes bairros – composta por italianos, portugueses, espanhóis, alemães, eslavos, árabes, israelitas, afro-brasileiros e mestiços – era tratada com uma “atitude discriminatória, peremptória, brutal das autoridades, conferindo às relações hierárquicas um acento lancinante, quando não atroz”⁷².

Em resposta às necessidades advindas e escancaradas por este cenário de desigualdade, discriminação e tensões sociais, começaram a surgir inúmeras associações organizadas pelos próprios habitantes da cidade, especialmente aqueles pertencentes aos segmentos economicamente mais vulneráveis. Tais organizações, reunindo-se sobretudo a partir da etnicidade e/ou ofício, “primavam pela preocupação em oferecer socorro aos necessitados”⁷³, concentrando-se inicialmente nas práticas de ajuda mútua e progressivamente expandindo suas esferas de atuação, que passaram a incorporar preocupações com a recreação, o lazer e o tempo livre dos trabalhadores⁷⁴. A importância destas entidades no cotidiano das camadas pobres é ressaltada por Maria Auxiliadora Decca em sua investigação sobre o orçamento operário do contexto, indicando que uma pequena parcela do ordenado familiar frequentemente era dedicada às mensalidades das “associações beneficentes”⁷⁵, em sua maioria sociedades mutualistas presentes nos bairros populares paulistanos.

O árduo regime de trabalho imposto ao operariado – que chegava a alcançar 14 horas diárias em algumas fábricas⁷⁶ sob condições inseguras e de baixa remuneração – propiciou, por

⁷¹ *Idem.*

⁷² SEVCENKO, *op. cit.*

⁷³ VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*, v. 9, n. 16, jan-jun. 2008, p. 121.

⁷⁴ TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 242.

⁷⁵ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 37.

⁷⁶ VARGAS, Maria Thereza. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/IDART, 1978, p. 29.

sua vez, a produção de “uma variedade de percepções de mundo e da exploração”⁷⁷ pela heterogênea classe trabalhadora paulistana, progressivamente agenciadas na construção de formas de organização coletiva que colocavam em contato suas experiências comuns. Além de serem compreendidas enquanto respostas a necessidades materiais próprias do contexto, as iniciativas associativas também compunham em alguma medida aquilo que Margareth Rago chamou de “lutas miúdas”⁷⁸, resistências cotidianas constituídas pelas camadas populares em resposta às medidas disciplinares do poder institucional que identificavam suas práticas como “indícios de uma anormalidade social”⁷⁹. Tais medidas, de acordo com a tese da autora, se constituíam na imposição vertical de um circuito de práticas que visavam “formar o novo proletariado impondo-lhe uma identidade moralizada”⁸⁰ que correspondesse às utopias disciplinares almejadas pelas elites, às quais se contrapunham insistentemente as identidades afirmadas e constituídas pelas classes pobres “a partir dos sistemas de representações, dos valores e das crenças que lhe são próprios”⁸¹.

Neste sentido, o associativismo popular consistia em uma importante iniciativa de agrupamento comunitário, atuando tanto como espaço de afirmação de identidades confrontadas pelos imaginários e práticas do poder institucional das elites paulistanas, quanto como referência no cenário de “desenraizamento” propiciado pela metropolização da cidade e intensificado pela composição plural da população. Neste contexto, as primeiras organizações criadas por trabalhadores surgiram vinculadas aos diversos ofícios e categorias, simultâneas à já existente proliferação de associações mutualistas de caráter étnico na cidade (formadas especialmente por italianos, mas não somente). Francisco Foot Hardman ressalta que, à medida em que práticas de tipo assistencialista se concentravam cada vez mais nas mãos da burguesia, através do Estado ou de entidades religiosas⁸², o operariado se organizava em “ligas de resistência e sindicatos de ofícios vários”⁸³, formados sobretudo sob a influência do anarco-sindicalismo, e conforme assinalado por Luigi Biondi, também a partir da atuação de

⁷⁷ CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988, p. 37.

⁷⁸ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 44.

⁷⁹ *Idem*, p. 24.

⁸⁰ *Idem*, p. 33.

⁸¹ *Idem*, p. 32.

⁸² HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984, p. 33.

⁸³ *Idem*.

socialistas⁸⁴. Desta forma, suas práticas transcendiam a ajuda mútua, estabelecendo-as como órgãos de resistência perante as condições de exploração.

A formação de tais entidades integrou de maneira central a construção de um campo cultural significativamente autônomo do operariado paulistano, fortalecendo imaginários de identidade classista – isto é, da própria ideia de classe trabalhadora ou operariado enquanto aspecto unificador – mobilizados em práticas de luta por melhores condições de trabalho. Em seu léxico, estas lutas assumiam o repertório de diferentes correntes políticas, cuja difusão se intensificou com a presença de trabalhadores europeus familiarizados, sobretudo, como o anarquismo e o socialismo. Isto não significa, no entanto, que um movimento operário importado tenha se instalado em São Paulo, à medida que, conforme destacado por João Fábio Bertonha, “os imigrantes eram, em sua esmagadora maioria, camponeses sem experiência sindical anterior”⁸⁵.

A organização operária, cada vez mais mobilizada para impor suas reivindicações através de diversificadas formas de luta (manifestações, greves, ação direta), rapidamente também passou a se debruçar sobre a realização de eventos e atividades para o tempo livre: festas, bailes, piqueniques e outros eventos voltados ao lazer eram organizados pelos próprios trabalhadores através de suas entidades, consolidando um campo cultural próprio do proletariado em São Paulo que orquestrava-se sob uma concepção da cultura como “meio de emancipação”⁸⁶. A programação das festas proletárias incluía conferências militantes, declamações de poesia, exibições de canto, sorteios de rifa, bailes e encenações teatrais⁸⁷, com notável preferência às obras escritas por dramaturgos anarquistas sensíveis às questões sociais, na medida em que se compreendiam como uma das mais efetivas atividades para combinar os objetivos de lazer e instrução do proletariado⁸⁸.

Tais festas, conforme assinalado por Angelo Trento, não eram

[...] organizadas como meras ocasiões de diversão, mas sempre tinham função militante, até em termos concretos,

⁸⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 174.

⁸⁵ BERTONHA, João Fábio. Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 72.

⁸⁶ HARDMAN, *op.cit.*, p. 43.

⁸⁷ TRENTO, *op. cit.*, p. 247.

⁸⁸ VARGAS, *op. cit.*, p. 27.

sendo destinadas à coleta de fundos [...] para sustentar greves e processos, para criar caixa de resistência, para financiar jornais, escolas e campanhas de propaganda, para ajudar companheiros presos, viúvas e órfãos, para abrir bibliotecas e, mais em geral, para sustentar a causa no Brasil e em outros lugares⁸⁹.

Por outro lado, a progressiva realização de atividades em espaços abertos, impulsionada pela ascensão da mobilização operária que atraía públicos cada vez mais numerosos para os eventos (especialmente a partir da década de 1910), tinha como grandes atrativos o baile e o futebol, atividades que, a princípio, eram criticadas pelos anarquistas⁹⁰, mas que se caracterizavam como algumas das diversões mais populares⁹¹. Mais do que as festas de propaganda realizadas em ambientes fechados, estes festivais proletários revelavam com intensidade a “espontaneidade e diversidade”⁹² da classe operária, sem deixar de constituir uma identidade e “cultura de classe”⁹³ desenvolvidas de forma independente à atuação patronal, a qual também investia, de sua parte, em atividades para o tempo livre dos trabalhadores sob a forma de um “paternalismo” motivado por suas utopias disciplinares⁹⁴.

A preocupação dos militantes com a instrução proletária sob os termos de uma cultura classista independente e crítica ao segmento patronal também motivou, desde cedo, a criação de uma imprensa vinculada ao movimento operário. Embora o surgimento dos primeiros periódicos da chamada imprensa social em São Paulo remontasse ao final da década de 1860⁹⁵, mantendo uma atuação esparsa e descontínua, foi a partir da década de 1890 que uma quantidade relevante de jornais começou a ser publicada regularmente, apresentando orientações políticas mais definidas⁹⁶. Com a virada para o século XX as atividades desta imprensa se intensificaram, especialmente com a presença de importantes militantes à frente da edição dos jornais: podemos destacar os nomes de anarquistas como Neno Vasco e Edgard Leuenroth, além dos italianos Oreste Ristori, Alessandro Cerchiai e Ernestina Lésima⁹⁷, figuras importantes da militância organizada do contexto, cujas atividades combinavam variadas

⁸⁹ TRENTO, *op. cit.*, p. 247.

⁹⁰ HARDMAN, *op. cit.*, p. 42.

⁹¹ DECCA, *op. cit.*, p. 41.

⁹² HARDMAN, *op. cit.*, p. 43.

⁹³ DECCA, *op. cit.*, p. 121.

⁹⁴ RAGO, *op. cit.*, p. 53.

⁹⁵ RODRIGUES, Edgar. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007, p. 18.

⁹⁶ *Idem*, p. 20.

⁹⁷ *Idem*, p. 23.

estratégias de luta. Dentre os jornais de maior circulação e destaque, são imprescindíveis as menções ao socialista *Avanti!*, vinculado à entidade Lega Democratica Italiana (posteriormente rebatizada de Círculo Socialista) e publicado entre 1900 e 1909⁹⁸, ao anarquista *A Terra Livre*, editado pelo português Neno Vasco entre 1905 e 1910, e ao também anarquista *A Plebe*, publicado a partir de 1917 e dirigido por alguns dos mais importantes militantes do contexto – como Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho⁹⁹ –, o que levaria o periódico a desempenhar um papel relevante nas mobilizações da greve geral naquele mesmo ano¹⁰⁰.

À medida que o movimento operário ganhava corpo através de organizações e entidades próprias, junto à difusão e propaganda de seus ideais e doutrinas através das diversas iniciativas culturais mencionadas, suas práticas de enfrentamento direto com o segmento patronal e o poder estatal também foram se tornando mais frequentes: importantes greves com adesão ampla foram organizadas entre 1905 e 1908 por diferentes segmentos e categorias¹⁰¹, destacando-se a greve generalizada de maio de 1907, cuja principal reivindicação era a fixação da jornada de oito horas¹⁰². A maciça presença de imigrantes entre o operariado paulistano foi interpretada pelas elites da época como a causa originária destas crescentes mobilizações, levando à promulgação do Decreto Lei nº 1641, em 1907, que instituía a possibilidade de expulsão de estrangeiros considerados “indesejáveis” do país.

Tal dispositivo legal, conhecido como “Lei Adolpho Gordo” (nome do deputado federal paulista que apresentou o projeto de lei), estabelecia critérios para os processos de expulsão, além de configurar uma resposta direta às mobilizações operárias ocorridas no ano anterior¹⁰³. Christina Lopreato, destaca que a lei se revelava “ancorada na tese de que o anarquismo no Brasil foi obra de estrangeiros”¹⁰⁴, e apresentava-se como instrumento para combatê-lo de forma cirúrgica. Integrava medidas meramente repressivas com algumas de caráter preventivo, como a obrigatoriedade de que as diretorias sindicais fossem compostas apenas por brasileiros natos ou naturalizados com um mínimo de 5 anos de residência no país¹⁰⁵, e a partir de 1913, ano marcado por novas agitações grevistas, uma modificação da mesma lei visava facilitar e

⁹⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado, 2003, p. 37.

⁹⁹ RODRIGUES, *op. cit.*, p. 28.

¹⁰⁰ MACHADO, Liliane Maria Macedo; STRONGREN, Fernando Figueiredo. O agendamento da greve nas páginas de *A Plebe* (1917). *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v.11, n.1, jan-abr. 2016, p. 79.

¹⁰¹ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 133.

¹⁰² *Idem*, p. 146.

¹⁰³ BIONDI, *op. cit.*, p. 230.

¹⁰⁴ LOPREATO, Christina. O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil. *Verve*, n. 3, São Paulo, 2003, p. 81.

¹⁰⁵ BIONDI, *op. cit.*

agilizar os processos de expulsão, retirando dois artigos relevantes que versavam sobre tempo de residência como impeditivo para a abertura de processo de expulsão e sobre a possibilidade de recurso contra as decisões judiciais¹⁰⁶.

Ao longo da década de 1910, o agravamento das lutas de classe contrapôs aos mecanismos de repressão das elites uma intensificação das manifestações de rua e comícios operários, numa disputa direta pelo espaço público da cidade que, além das reivindicações por melhores condições de trabalho, trazia à pauta questões relativas ao custo de vida e acesso a moradia¹⁰⁷. A convergência desta diversificação de reivindicações com a ampliação de estratégias de resistência se fez evidente no ano de 1917, em uma greve geral que unificou a paralisação das atividades produtivas à ocupação e disputa pelo espaço público.

De acordo com Cristina H. Campos, a greve foi caracterizada pela atuação local de ligas anarquistas de bairro dedicadas a ações de propaganda e instrução¹⁰⁸, que conjuntamente se articulavam em um movimento que tomou a cidade como um todo. Ao longo do primeiro semestre, diversas manifestações e paralisações realizadas configuravam um cenário turbulento, que atingiu seu ápice no mês de julho, especialmente após a morte do jovem militante anarquista espanhol José Martinez pela polícia¹⁰⁹. O cortejo de enterro, no dia 11 de julho, foi acompanhado por cerca de 10.000 pessoas, atravessando a cidade desde o Brás até o cemitério do Araçá, e nos dias seguintes o movimento grevista se expandiu saltando entre 12 e 15 de julho de 25.000 para aproximadamente 45.000 adesões¹¹⁰.

¹⁰⁶ GODOY, Clayton Peron Franco. Policiamento, criminalização e repressão política na Greve Geral. In: GODOY, Clayton Peron Franco de; MARCHEZIN, Lucas T.; SILVA, Rodrigo Rosa da (Orgs.). *A greve geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017, p. 110.

¹⁰⁷ PAULA, *op. cit.*, p. 68.

¹⁰⁸ CAMPOS, *op. cit.*, p. 42.

¹⁰⁹ BIONDI, *op. cit.*, p. 342.

¹¹⁰ FAUSTO, *op. cit.*, p. 195.

Imagem 1 – Cortejo fúnebre de José Martinez,
em fotografia reproduzida no jornal *A Plebe*.

A articulação das diversas ligas operárias em um Comitê de Defesa Proletária (CDP) assinalou o tom unificado das manifestações e greves, conformando o fenômeno como uma greve geral. Após a recusa de uma primeira proposta do segmento patronal na cidade, que oferecia 20% de aumento aos trabalhadores¹¹¹, o CDP preparou um programa de reivindicações, ratificado pelos operários grevistas em assembleia, que expressava a diversidade das pautas urgentes que mobilizavam os trabalhadores de toda a cidade. Conforme destacado por Lucas Marchezin, na lista de reivindicações constavam itens relativos às condições de trabalho, ao cotidiano do operariado e ao direito de associação e organização política dos trabalhadores, mas também às condições de vida da população paulistana em geral¹¹²: demandas relativas à “carestia de vida [...], a adulteração de alimentos e o preço dos aluguéis”¹¹³ traziam estas pautas ao centro do debate grevista, estabelecendo uma diferenciação significativa em relação a movimentos anteriores não apenas por suas dimensões, mas pelo alcance de suas pautas, que transcendiam o ambiente das fábricas. Para Marchezin,

A greve não se restringe apenas a um embate entre patrões e empregados nas fábricas, entre grevistas e as forças policiais do Estado, mas abrange toda a população, todos os

¹¹¹ *Idem*, p. 197.

¹¹² MARCHEZIN, Lucas T. Cidade em alvoroço: São Paulo na época da greve de 1917. In: GODOY, Clayton Peron Franco de; MARCHEZIN, Lucas T.; SILVA, Rodrigo Rosa da (Orgs.). *A greve geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017, p. 38-39.

¹¹³ *Idem*, p. 40.

trabalhadores na luta pelo direito aos elementos básicos da vida, o direito de morar, de comer, e, em última instância, de ter acesso à cidade¹¹⁴.

Simultaneamente ao crescimento do movimento grevista, os principais empresários da cidade reuniram-se com o secretário de justiça Eloy Chaves, constituindo um bloco que entrou em negociações com o CDP sob a mediação de uma comissão formada pelos diretores dos principais jornais da capital¹¹⁵. De acordo com Boris Fausto, a atuação dos representantes da grande imprensa foi crucial para estabelecer a comunicação entre os dois segmentos, na medida em que o CDP se recusava a negociar diretamente com os industriais ou o governo¹¹⁶. Em 15 de julho, finalmente foi assinado um acordo entre os patrões e grevistas, prevendo aspectos como “o direito à reunião, o aumento de 20%, a libertação dos presos e a proibição de demissão dos operários grevistas”¹¹⁷. No dia seguinte foram organizados três comícios comunicando aos trabalhadores o resultado das negociações, aprovando-se o fim da greve, mas sob prontidão de retomá-la caso os acordos não fossem cumpridos pelos patrões e pelo governo¹¹⁸.

Com o desfecho da greve, as forças policiais rapidamente colocaram em prática uma série de medidas que intensificaram a repressão política¹¹⁹. Christina Lopreato destaca a infiltração como método utilizado para identificar as lideranças operárias¹²⁰, valendo-se dos chamados “secretas”, agentes que se passavam por operários para se misturar aos integrantes do movimento e coletar informações. A partir do mês de setembro, as forças policiais iniciaram uma ação ampla e coordenada de violação de domicílios e detenção de lideranças operárias, bem como o fechamento de órgãos de imprensa e associações. Na data marcante de 13 de setembro, cinco importantes militantes tiveram suas casas invadidas, outros cinco foram detidos na rua (incluindo os anarquistas Edgard Leuenroth e Florentino de Carvalho), as sedes

¹¹⁴ *Idem*, p. 57.

¹¹⁵ DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit, 1962, p. 300-301.

¹¹⁶ FAUSTO, *op. cit.*, p. 198.

¹¹⁷ BIONDI, *op. cit.*

¹¹⁸ FAUSTO, *op. cit.*, p. 199.

¹¹⁹ Há de se pontuar que, durante todo o contexto da greve, verificava-se uma atuação policial centrada na implementação de medidas repressivas que variavam entre a intimidação, a difamação, a detenção e o enfrentamento direto (do qual resultou, por exemplo, a morte do operário José Martínez, anteriormente citada). Até mesmo a grande imprensa do período assinalava os excessos da violência repressiva, como era o caso, por exemplo, do jornal *O Estado de São Paulo*, que responsabilizava a polícia por conflitos ocorridos em 12 de julho no bairro do Brás, e que também resultara em mortes após tiroteio. Ver: *O Estado de São Paulo*, 13 de julho de 1917 apud GODOY, *op. cit.*, p. 125.

¹²⁰ LOPREATO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de doutorado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1996, p. 167.

dos jornais *A Plebe* e *Guerra Sociale* foram destruídas¹²¹, as ligas operárias do Brás e da Mooca foram fechadas, e o Salão Germinal, importante ponto de reunião dos militantes operários, foi invadido e teve arquivos e mobiliários apreendidos. A orquestração deste amplo conjunto de ações repressivas no mesmo dia foi justificada sob a pretensa descoberta de uma conspiração, legitimando-se enquanto uma ação “preventiva”. Imediatamente foram instaurados processos judiciais contra os militantes, e com base na Lei Adolpho Gordo, os estrangeiros foram deportados, embora alguns tenham conseguido escapar¹²².

Mesmo com tal intensificação do quadro de repressão, a mobilização operária manteve seu fôlego em novos ciclos de paralisações verificados com intensidade até o ano de 1920, em diversas cidades além de São Paulo. Concomitantemente, as autoridades passaram a constatar a “necessidade de projetar mecanismos mais eficazes para o controle do dissenso político”¹²³, imediatamente percebidos com inquietação pelos militantes libertários. Conforme assinalado por Cristina H. Campos,

[...] havia uma preocupação, muito grande, nesta época, com a repressão que vinha crescendo em violência e tornando-se mais efetiva e eficaz. Veja-se por exemplos, os acordos que as polícias estaduais estavam fazendo entre si, prevendo trocas de informações, auxílio nas expulsões que eram realizadas para lugares longínquos do próprio país, etc.¹²⁴

De acordo com Boris Fausto, esta intensificação da repressão política não se dedicava apenas a responder a força dos movimentos grevistas, mas também acompanhava uma ofensiva ideológica internacional contra o anarquismo, a qual assumia, em terras brasileiras, traços xenófobos que apresentavam em seu discurso “a luta de classes como um fenômeno importado, sem raízes objetivas na sociedade brasileira, produto da ação de um punhado de agitadores estrangeiros”¹²⁵. Na década de 20, visando o combate direto à militância operária desde tal combinação de impulsos, intensificaram os processos de perseguição e expulsão, ao mesmo tempo em que novos mecanismos de controle e repressão se materializaram em exemplos como

¹²¹ “A constituição republicana é uma burla: está em scena a heroica policia de S. Paulo”. *A Plebe*, suplemento, 15 set. 1917, p. 1.

¹²² GODOY, *op. cit.*, p. 132-133.

¹²³ *Idem*, p. 134.

¹²⁴ CAMPOS, *op. cit.*, p. 79.

¹²⁵ FAUSTO, *op. cit.*, p. 237.

a colônia agrícola de Clevelândia do Norte, criada em 1922, e própria criação do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), no ano de 1924¹²⁶.

No entanto, Fausto ressalta, ainda, que as modalidades de resposta das elites e autoridades políticas às greves e mobilizações operárias não se restringiam à implementação de medidas meramente repressivas, mas também intercalavam e combinavam estratégias de assimilação: ao mesmo tempo em que se intensificavam as ações de enfrentamento direto às atividades políticas, tratadas como “pura e simples subversão da ordem”¹²⁷, os trabalhadores eram integrados “até certo ponto ao sistema vigente, através da outorga de um conjunto de direitos”¹²⁸. A nível nacional, a influência das mobilizações operárias alavancou o importante debate sobre uma legislação trabalhista fixa¹²⁹, apoiada por parlamentares reformistas¹³⁰, mas cujos frutos só se consolidariam institucionalmente na década de 30 sob o regime de Getúlio Vargas. A nível local, no entanto, diversos industriais identificaram rapidamente a importância de reavaliar o arranjo das relações fabris, cedendo diante de reivindicações históricas referentes a carga horária e remuneração, e investindo em práticas voltadas ao lazer e a ocupação do tempo livre. Tais medidas eram mobilizadas pelos industriais enquanto instrumentos de persuasão, assimilação e “transformação da subjetividade do trabalhador”¹³¹, buscando afastá-lo das organizações políticas e outras atividades e espaços considerados moralmente degenerados¹³².

Sob esta ótica, as fábricas passaram a se estabelecer enquanto “campo de experimentação onde se constituíram estratégias de controle e de fixação da força de trabalho”¹³³. Seus espaços, convertidos em dispositivos voltado à fabricação de “corpos dóceis”¹³⁴, buscavam aumentar suas forças em “termos econômicos de utilidade”, e reduzi-las em “termos políticos de obediência”¹³⁵, conforme a conceituação proposta por Michel Foucault manuseada por Margareth Rago para interpretar tal rearranjo das relações fabris. A autora assinala a “introdução de novas técnicas moralizadoras, disciplinas doces e suaves”¹³⁶ a partir da década de 20 com o objetivo contínuo de despolitização da fábrica:

¹²⁶ GODOY, *op. cit.*, p. 135.

¹²⁷ FAUSTO, *op. cit.*, p. 217.

¹²⁸ *Idem.*

¹²⁹ *Idem.*, p. 223.

¹³⁰ DIAS, *op. cit.*, p. 61.

¹³¹ *Idem.*, p. 60.

¹³² DECCA, *op. cit.*, p. 91.

¹³³ RAGO, *op. cit.*, p. 35.

¹³⁴ *Idem.*

¹³⁵ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramalhete. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 165.

¹³⁶ RAGO, *op. cit.*, p. 34.

Ao propor condições atraentes e confortáveis no interior da fábrica, pretendia contrapor-se às antigas modalidades coercitivas que vigoravam na produção. A fábrica deveria ser valorizada como “a grande família”, com a qual cada trabalhador se identificaria¹³⁷.

O alcance de tal ímpeto disciplinar também buscava transcender os muros das fábricas para ramificar-se sobre outros aspectos da vida operária, desdobrando-se no planejamento e construção de vilas operárias¹³⁸ e no controle das organizações e atividades do tempo livre ocupadas pelos trabalhadores¹³⁹: entre diversos exemplos patrocinados sob tais desígnios, destacavam-se os serviços de recreação para as crianças pobres e de famílias operárias, associações femininas e o apoio financeiro ao futebol de várzea¹⁴⁰, bem como o respaldo patronal ao futebol de fábrica¹⁴¹.

Conclusivamente, é perceptível como o conjunto destas medidas, experimentadas e implementadas pelas elites sobre o operariado paulistano especialmente após os grandes ciclos grevistas, configuravam um esforço disciplinar que visava confrontar a própria cultura operária em sua construção autônoma. Tal rearranjo implementado pelos industriais pode ser compreendido como uma prática direta e efetiva de disputa pela hegemonia cultural sobre o segmento operário, no sentido gramsciano do conceito: conforme ressaltado por Ana Rodrigues C. Alves, para o pensador italiano a “hegemonia não deve ser entendida como uma questão de subordinação ao grupo hegemônico; pelo contrário, ela pressupõe que se leve em conta os interesses dos grupos sobre os quais [...] será exercida, que estabeleça uma relação de compromissos”¹⁴². Uma de suas dimensões desdobra-se, portanto, sobre a construção de um “consenso” que pressupõe certa negociação, mas que estabelece invariavelmente a hegemonia de um grupo social sobre outro. Como pudemos notar, as elites paulistanas se debruçaram nestes termos sobre as atividades que ocupavam o tempo livre dos trabalhadores: em sua disputa por uma hegemonia que incorporasse a esfera cultural, utilizaram-se de uma estratégia

¹³⁷ *Idem*, p. 62.

¹³⁸ *Idem*, p. 231.

¹³⁹ DECCA, *op. cit.*, p. 88.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 90.

¹⁴¹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992, p. 8.

¹⁴² ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, São Paulo, 2010, p. 78.

que incorporava disposições da classe subalterna, sempre na medida em que não envolvessem sacrifícios de seus interesses econômicos¹⁴³.

Há de se pontuar, em contrapartida, que os modelos e práticas de luta dos trabalhadores também se reconfiguraram significativamente ao longo da década de 20. Uma diversidade de novos elementos entrou em cena, destacando-se o notável fortalecimento dos sindicatos, a transformação das ligas de ofício em ligas de categoria, o aparecimento dos primeiros núcleos comunistas e seu enfrentamento com a militância anarquista, cuja influência sobre o operariado passou a declinar significativamente¹⁴⁴. Simultaneamente, o advento do fascismo e sua incidência na sociedade paulista, com especial ênfase na coletividade italiana, também veio a redesenhar significativamente os horizontes de luta, como veremos adiante.

1.2 A coletividade italiana

Ao apresentar as linhas gerais do associativismo em São Paulo, citamos que a coletividade formada por imigrantes italianos em São Paulo também se dedicou à criação de variadas agremiações, desde as primeiras décadas de sua instalação na cidade. No entanto, para a devida abordagem deste processo, é fundamental concebermos que a complexa variedade de condições sociais dos imigrantes, simultaneamente compondo fileiras de trabalhadores fabris e integrando as elites patronais, além de dedicarem-se a ampla diversidade de ofícios e, sobretudo, alimentarem desejos contínuos de ascensão social, tornava a “coletividade italiana” um componente absolutamente heterogêneo, continuamente atravessado pelas lutas sociais anteriormente apresentadas e implementando formas igualmente diversificadas de associação e organização.

Sobreposta a esta variedade de condições sociais, verificamos a presença de um sentimento difuso de identificação nacional – caracterizado em torno da chamada *italianidade* – que inúmeras vezes se colocava em choque direto com as identidades classistas que se forjavam no mesmo contexto. Oriundos de distintas regiões de um país recentemente unificado, portando traços culturais variados e até mesmo línguas distintas entre si¹⁴⁵, aqueles que se encontraram reunidos na cidade sob a definição de “italianos” não necessariamente se identificavam automaticamente enquanto tais. Partindo de uma concepção não essencialista das

¹⁴³ GRAMSCI, Antonio. *Notas sobre Maquiavelo, sobre la política y sobre el Estado moderno*. Trad. José Aricó. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1972, p. 41.

¹⁴⁴ BIONDI, *op. cit.*, p. 360.

¹⁴⁵ BERTONHA, *op. cit.*, p. 73.

identidades¹⁴⁶, sem concebê-las como algo inato ou imutável, mas enquanto construções, percebemos no contexto a *italianidade* enquanto uma elaboração contínua – e mesmo disputada – referenciada à nação italiana, aqui compreendida não apenas como entidade política mas como um “sistema de representação cultural” produtor de sentidos¹⁴⁷. De tal modo, nos interessa investigar neste subcapítulo os caminhos desta construção durante o processo de instalação e assentamento da coletividade imigrante italiana na cidade, nas primeiras décadas do século XX.

Um primeiro elemento notavelmente assinalado pela historiografia se refere à incidência das representações formuladas pela sociedade receptora na construção desta *italianidade*, à medida em que, mesmo não necessariamente se reconhecendo como italianos, os imigrantes eram identificados desta maneira pelas autoridades e pela sociedade brasileira. Concretamente, uma das expressões mais duras desta identificação atribuída assumia as formas da discriminação e da xenofobia, apresentadas por Maria Auxiliadora Decca como “fato consumado” nas primeiras décadas do século XX¹⁴⁸. As manifestações nativistas contra italianos, com participação de indivíduos de diversos grupos sociais, eram frequentes desde a década de 1890 e caracterizavam-se, inclusive, pelo uso da violência, conforme assinalado por Michael Hall¹⁴⁹, compondo um cenário de corrente desmonte e desmoronamento da “imagem disciplinada e laboriosa que haviam projetado sobre o imigrante europeu”¹⁵⁰, cujo deslocamento para o Brasil fora incentivado maciçamente pelas autoridades brasileiras com amplo entusiasmo das elites.

Se, por um lado, a recorrência dos discursos de memória oficial sobre a cidade insistem até hoje em identificá-la enquanto uma “cidade de imigrantes”, soterrando e apagando do imaginário a presença de coletividades negras e indígenas (conforme assinalado por pesquisadores como Márcio Sampaio de Castro¹⁵¹ e Carlos José Ferreira dos Santos¹⁵²), mesmo na referência a esta coletividade imigrante vislumbra-se uma ênfase notável no elemento

¹⁴⁶ WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 11.

¹⁴⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 30.

¹⁴⁸ DECCA, *op. cit.*, p. 17.

¹⁴⁹ HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 53-54.

¹⁵⁰ RAGO, *op. cit.*, p. 31.

¹⁵¹ CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 26.

¹⁵² SANTOS, Carlos José Ferreira, *op. cit.*, p. 15.

italiano, sobreposta a outros grupos de imigrantes europeus advindos no mesmo contexto¹⁵³. De acordo com Klaumann Cánovas e Marília Dalva, este predomínio italiano na memória oficial da cidade não se deve meramente à esmagadora primazia numérica deste grupo sobre outras coletividades imigrantes – segundo Mário Carelli, “dos 3.390.000 imigrantes que desembarcaram no Brasil entre 1871 e 1920, mais de 1.373.000 era italianos”¹⁵⁴ –, mas também à sua presença entre as classes economicamente dominantes, seja no ato de chegada (como foi o caso de alguns importantes industriais ítalo-paulistanos), seja através de um processo de ascensão social. Outros grupos de imigrantes, como os espanhóis, constituíam majoritariamente uma “massa desfavorecida economicamente, um grupo social marginalizado e oprimido”¹⁵⁵, consequentemente escamoteada da memória oficial sobre o período.

No entanto, ainda que exaltada em tais discursos posteriores como elemento chave para a constituição da população paulistana e para o crescimento econômico da cidade, a presença italiana na capital paulista não foi acolhida com grandes privilégios no contexto de sua chegada e instalação na cidade. Conforme assinalado por Rago, neste período “as expectativas burguesas projetadas sobre o imigrante recém-chegado se frustram continuamente”¹⁵⁶, passando a redefini-los rapidamente como “indolentes, preguiçosos, boêmios, grevistas ou anarquistas”¹⁵⁷ sobre os quais deveriam colocar-se em prática medidas disciplinares com urgência. Simultaneamente, um conjunto maciço de conflitos e choques envolvendo italianos e brasileiros se verificavam tanto nas fazendas de café, onde a mentalidade escravista dos proprietários dirigia-se aos colonos através da imposição de condições compulsórias de trabalho¹⁵⁸, quanto na capital paulista, onde, de acordo com Boris Fausto, o impulso de grande parte das violências e choques contra os italianos provinha das camadas médias da sociedade paulistana, temerosa da perda de suas posições, enfatizando-se a participação dos estudantes como “grupo capaz de dar expressão ideológica ao ressentimento”¹⁵⁹.

Um dos episódios mais notáveis, ocorrido em 1896, foi marcado por conflitos violentos que se estenderam entre os dias 22 e 26 de agosto nos bairros do Brás e Bom Retiro, com a invasão da sede do jornal italiano *Fanfulla*, a depredação das placas da Rua dos Italianos,

¹⁵³ CÁNOVAS, Klaumann; DALVA, Marília. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana* (1890-1922). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009., p. 30.

¹⁵⁴ CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção* (1919-1930). São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 22.

¹⁵⁵ *Idem*.

¹⁵⁶ RAGO, *op. cit.*, p. 32.

¹⁵⁷ *Idem*.

¹⁵⁸ CARELLI, *op. cit.*, p. 24.

¹⁵⁹ FAUSTO, *op. cit.*, p. 34.

conflitos diretos entre os imigrantes e a polícia, e notável saldo de mortos e feridos¹⁶⁰. Nos anos seguintes inúmeros episódios de tensão envolvendo brasileiros e italianos se reproduziram em diversos espaços da cidade, motivados pela discriminação contra os imigrantes que, de acordo com Mario Carelli, “provocam reações coletivas que os forçam a se fechar em grupo”¹⁶¹.

Assim, em meio a tal cenário de enfrentamentos, já na década de 1890 verificava-se o surgimento das primeiras associações entre os italianos de São Paulo, em resposta à xenofobia e para a promoção de ajuda mútua voltada à própria coletividade. De acordo com Luigi Biondi, até 1886 existiam apenas duas sociedades beneficentes, dedicadas a fornecer variados tipos de auxílio aos trabalhadores italianos em São Paulo (independentemente de serem filiados ou não a estas sociedades) a partir da contribuição de seus sócios, e eventualmente, outros tipos de financiamento, como doações de outras entidades e até mesmo do próprio consulado¹⁶². A partir de 1886, Biondi periodiza e divide o associativismo italiano em três diferentes fases: a primeira, até 1897, caracterizada pela diversificação e aumento das sociedades mutualistas “por tendência política, por proveniência regional, por ofício”¹⁶³; a seguir, uma verdadeira “explosão de sociedades italianas”¹⁶⁴ entre 1896 e 1899, destacando-se a marcante caracterização regional de muitas destas associações¹⁶⁵; e, por fim, uma terceira fase iniciada em 1900 e marcada pela intensificação de um mutualismo “bairrista”¹⁶⁶, enredando-se à crescente organização operária que se estruturava nos bairros populares da cidade de São Paulo.

Contextualmente, notamos que, ao mesmo tempo em que o associativismo étnico se fortalecia entre a coletividade italiana, a maciça constituição do operariado por uma base italiana impulsionava igualmente o nascimento de organizações de classe, também protagonizadas por imigrantes¹⁶⁷. A presença de exilados políticos que traziam da Itália uma ligação com o anarquismo e o socialismo¹⁶⁸ estimulava a difusão de suas doutrinas nos bairros operários, onde, de acordo com Emilio Franzina, “o movimento operário anarquista e socialista, com muitos adeptos e jornais, se impôs como formidável agente de socialização e como sujeito ativo na obra de politização, tanto dos imigrados como dos nativos”¹⁶⁹. O

¹⁶⁰ *Idem.*

¹⁶¹ CARELLI, *op. cit.*

¹⁶² BIONDI, *op. cit.*, p. 61.

¹⁶³ *Idem*, p. 69.

¹⁶⁴ *Idem*, p. 72.

¹⁶⁵ *Idem*, p. 73.

¹⁶⁶ *Idem*, p. 77.

¹⁶⁷ TRENTO, *op. cit.*, p. 234.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 235.

¹⁶⁹ FRANZINA apud BIONDI, Luigi. Imigração italiana e movimento operário em São Paulo: um balanço historiográfico. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História*

protagonismo de militantes italianos como os anarquistas Luigi “Gigi” Damiani¹⁷⁰ e Oreste Ristori¹⁷¹, entre outros, manifestava-se tanto nos sindicatos e ligas operárias quanto no estabelecimento da imprensa social que, até a década de 1920, contava com um número notável de periódicos publicados integralmente em italiano¹⁷².

A organização operária italiana em São Paulo, no entanto, via-se permanentemente atravessada pelo fator étnico, de forma que não se deve compreender a maciça adesão do operariado italiano na cidade às associações de ofício e organizações sindicais como índice imediato de convicção política alinhada ao anarquismo ou ao socialismo, principais correntes difundidas no contexto. João Fábio Bertonha, assim como Michael Hall¹⁷³, assinala que a ideia de que “todos os imigrantes italianos tivessem vindo da Itália com experiência de luta política e sindical” não passa de um mito construído em função do predomínio italiano no movimento operário, do qual deduziu-se a origem estrangeira como elemento de força para o mesmo¹⁷⁴. Conforme destacamos no subcapítulo anterior, este raciocínio se expressava na própria interpretação das elites acerca das mobilizações operárias, atribuindo sua existência à presença imigrante, que teria “importado” para o país as doutrinas políticas que agitavam os trabalhadores. Bertonha, em contrapartida, aponta que

[...] não só os imigrantes eram, em sua esmagadora maioria, camponeses sem experiência sindical anterior, como o sonho da ascensão social, uma certa indiferença por uma realidade que, a princípio, eles logo abandonariam e outros pontos fizeram com que a origem estrangeira enfraquecesse, ao invés de fortalecer, a organização da nascente classe operária paulista¹⁷⁵.

do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 29.

¹⁷⁰ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 85.

¹⁷¹ ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annabçume/Fapesp, 2002, p. 125.

¹⁷² Embora a partir da década de 1920 a maior parte dos jornais militantes tenha adotado o português como forma de expandir o alcance de suas ideias, procurando evitar divisões étnicas ou nacionais entre o proletariado, até a década de 1930 ainda verificava-se a circulação de periódicos militantes em italiano, principalmente à medida em que adotavam uma postura antifascista dirigida à própria coletividade italiana da cidade. Ver: CARELLI, *op. cit.*, p. 61.

¹⁷³ HALL, Michael. Immigration and the early São Paulo working class. *Jahrbuch für geschichte lateinamerikas - Anuario de historia de America Latina*, Vol. 12, n. 1, Hamburgo, out. 1964, p. 393.

¹⁷⁴ BERTONHA, *op. cit.*, p. 72.

¹⁷⁵ *Idem*.

As divisões étnicas entre os próprios italianos, por sua vez, constituíam outro dos problemas que enfraqueciam a organização operária: advindos de uma nação recentemente unificada, cujas diferenças regionais se expressavam com vivacidade em barreiras linguísticas e culturais, dificuldades de comunicação, e, evidentemente, inúmeros preconceitos, era comum que os imigrantes italianos se identificassem, primeiramente, como sicilianos, lombardos, calabreses, vênnetos, etc¹⁷⁶. De acordo com Michael Hall, a desconfiança e falta de cooperação entre os distintos grupos étnicos fragilizava com frequência a organização de greves¹⁷⁷, e tais divisões internas também eram manuseadas e exploradas pela classe patronal, visando reduzir o risco de paralisações, greves e sabotagens que afetassem a produtividade das fábricas¹⁷⁸.

Há de se ressaltar, em contrapartida, os relevantes momentos de triunfo da identidade de classe entre os operários italianos enquanto elemento de união. Neste sentido, a greve geral de 1917 parece ter constituído o auge de tal organização e identificação classista, ainda que ocasionalmente enredada ao referencial nacional, como expressava, por exemplo, a exigência específica dos trabalhadores das Indústrias Crespi pelo fim da contribuição compulsória em prol da Itália durante a Primeira Guerra Mundial, diretamente descontada dos salários dos operários de origem italiana sob a alcunha de colaboração “Pro Patria”¹⁷⁹.

Se por um lado os militantes de origem italiana buscavam fortalecer as organizações de classe sem se limitarem à mobilização exclusiva de seus compatriotas, simultaneamente também era notável o empenho de uma militância, sobretudo de socialistas¹⁸⁰, continuamente presente nas entidades formadas sob o aspecto étnico ou nacional: ainda que criadas sem se orientarem por recortes de classe específicos, “às vezes reunindo patrões, mestres e empregados na mesma associação”¹⁸¹, os vários tipos de sociedades italianas (benéficas, de socorro mútuo, de caráter regional, mutualismos de bairro, entre outros), eram alvo da atuação dos socialistas. Na medida em que estas se estabeleciam como representativas da *italianidade*, ao mesmo tempo em que a modelavam, o empenho socialista inscrevia-se em sua disputa, esforçando-se para conquistar a diretoria das mesmas¹⁸².

Ao mesmo tempo, além destas associações e instituições criadas por italianos tanto sob a orientação classista quanto sob o signo da *italianidade*, o afluxo de imigrantes instalados na

¹⁷⁶ *Idem*, p. 73.

¹⁷⁷ HALL, Michael, *op. cit.*, 1964, p. 397.

¹⁷⁸ BERTONHA, *op. cit.*

¹⁷⁹ CARELLI, *op. cit.*, p. 47.

¹⁸⁰ BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 164.

¹⁸¹ *Idem*, p. 59.

¹⁸² *Idem*, p. 165.

capital também deu origem a uma abundante imprensa, absolutamente relevante no processo de construção de referenciais identitários. Entre 1882 e 1914 contavam-se aproximadamente 140 periódicos publicados em língua italiana¹⁸³, destacando-se uma grande variedade de semanários e revistas, em sua maioria satíricos e humorísticos. Embora a maior parte destes periódicos mantivesse uma periodicidade irregular e, em geral, existência efêmera, diários como o *Fanfulla* e *Il Piccolo* são particularmente dignos de nota à medida em que se consolidaram uma ampla circulação, alcance e influência na vida coletiva italiana em São Paulo.

O *Fanfulla* foi criado em 1893 pelo jornalista Vitaliano Rossellini, figura prestigiosa e influente entre a coletividade que chegou a candidatar-se ao governo do estado de São Paulo em 1898. Começou a circular como semanário humorístico e, a partir de 1894, tornou-se um diário de aspecto austero e aparentemente apolítico, centrando-se em uma postura patriótica de entusiasmado apoio às iniciativas italianas no Brasil e denúncia crítica dos abusos e perseguições contra imigrantes, além de relatar acontecimentos da vida na Itália. Rapidamente se consolidou como o principal jornal da coletividade italiana instalada em São Paulo¹⁸⁴, tornando-se em 1910 o segundo diário de maior circulação na cidade, com uma tiragem de 15.000 exemplares (atrás apenas dos 20.000 de *O Estado de S. Paulo*)¹⁸⁵.

O jornal *Il Piccolo*, por sua vez, foi criado no ano de 1917 por Paolo Mazzoldi, jornalista que já participara de outras publicações em língua italiana na cidade¹⁸⁶. O jornal reunia “as melhores condições para competir com o *Fanfulla*”¹⁸⁷, mantendo entre seus editores diversos jornalistas que já haviam passado pelo referido diário, e embora apresentasse certa inclinação socialista em sua origem, durante a década de 1920, sob nova direção, se tornou defensor do regime fascista¹⁸⁸. Neste contexto, o periódico envolveu-se em acaloradas tensões políticas, incluindo a publicação em 1928 de um artigo violento do fascista Luigi Freddi (à época diretor do jornal¹⁸⁹) contra a influente anarquista Maria Lacerda de Moura, que interpretado como afrontoso à mulher brasileira, serviu de estopim para que centenas de

¹⁸³ CARELLI, *op. cit.*, p. 61.

¹⁸⁴ VEZZELLI, Eugenia. *A construção do ethos discursivo na imprensa em língua italiana em São Paulo: o caso de La Difesa*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2016, p. 40.

¹⁸⁵ CARELLI, *op. cit.*, p. 62.

¹⁸⁶ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Trad. Maria Rosária Fabris e Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 190.

¹⁸⁷ CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla: perfil de um jornal de colônia (1893-1915)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993, p. 41.

¹⁸⁸ TRENTO, *op. cit.*, 1988.

¹⁸⁹ *Idem*, p. 335.

peessoas, principalmente estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, “empastelassem”, isto é, atacassem e destruíssem a sede do jornal¹⁹⁰.

Imagem 2 – “Empastelamento” do jornal *Il Piccolo* noticiado pelo periódico *O Combate*.

Por fim, além da imprensa e do associativismo, outro referencial da atividade italiana em São Paulo demarcava-se, em alguma medida, na própria territorialidade. A coletividade italiana se concentrava em bairros populares da cidade, em sua maioria próximos aos principais pólos industriais, nos quais frequentemente chegava a se configurar uma territorialidade de especificidades regionais (os napolitanos se concentravam no Brás e na Mooca, os calabreses no Bexiga e os venezianos no Bom Retiro, por exemplo¹⁹¹). No imaginário comum sobre a cidade estas localidades assumiam a figura de “bairros italianos”¹⁹², tanto pela concentração numérica de trabalhadores de origem italiana entre seus habitantes, como pela proeminência de traços culturais desta população verificados com maior ênfase em tais localidades. No entanto, também era comum que os italianos convivessem com outros grupos nesses ambientes, e não necessariamente de forma harmoniosa: no Bom Retiro, por exemplo, imigrantes de outras nacionalidades e etnias – como sírios, libaneses, portugueses, espanhóis, turcos, russos e israelitas, entre outros – conformavam no bairro um singular ambiente multicultural¹⁹³; no

¹⁹⁰ “O empastellamento de ‘Il Piccolo’”. *O Combate*, n. 4831, 5 out. 1928, p. 1.

¹⁹¹ CARELLI, *op. cit.*, p. 34.

¹⁹² DECCA, *op. cit.*, p. 42.

¹⁹³ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências (1930-1954)*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 45.

Bexiga, por sua vez, a presença italiana (sobretudo de calabreses¹⁹⁴) compartilhava o bairro com populações negras instaladas anteriormente na mesma região¹⁹⁵.

A despeito de tais convivências, é notável a projeção de destaque assumida pelo elemento italiano no imaginário estabelecido sobre alguns destes bairros – sobretudo Brás, Bexiga, Barra Funda e Mooca –, comentada criticamente por diversos autores: Márcio Sampaio de Castro, por exemplo, examina minuciosamente a constituição de tal imaginário sobre o bairro de Bexiga, indicando a presença negra frequentemente ignorada em benefício daquilo que nomeia como “o mito do Bexiga italiano”¹⁹⁶, imaginário difuso estabelecido em torno de uma “exclusiva italianidade do local”¹⁹⁷. Luigi Biondi, por sua vez, destaca que, antes de bairros italianos, tais zonas deveriam simplesmente ser compreendidas historicamente como bairros populares e operários¹⁹⁸, salientando que jamais existiram em São Paulo zonas comparáveis às *neighbourings* étnicas norte-americanas de qualquer tipo, e muito menos *Little italies*¹⁹⁹, ainda que tal visão perdure até os dias atuais.

Socialmente, se por um lado verificava-se na cidade o amplo operariado italiano, que junto a pequenos comerciantes, artesãos e praticantes de ofícios diversos compunha parte significativa do contingente que habitava os mencionados bairros populares, há de se mencionar também a elite ítalo-paulista, ou os chamados “graúdos”, como popularmente eram conhecidos entre a própria coletividade italiana. Tal segmento se dedicava às principais atividades econômicas que movimentavam financeiramente a cidade de São Paulo, concentrando-se sobretudo em empresas de importação e exportação, cujos lucros em geral eram reinvestidos no setor industrial (casos de conhecidos empresários como Francesco Matarazzo, Rodolfo Crespi, Egídio Pinotti Gamba e dos irmãos Pugliese Carbone)²⁰⁰, e também em operações financeiras, sobretudo em bancos italianos como o Banco de Nápoles e, posteriormente, o Banco Comercial Italiano de São Paulo, fundado em 1906 por Francesco Matarazzo e Giuseppe Pugliese Carbone²⁰¹. A dedicação simultânea às três frentes econômicas mencionadas era recorrente entre os grandes empreendedores italianos, cuja diversificação

¹⁹⁴ CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 61.

¹⁹⁵ *Idem*, p. 62.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 61.

¹⁹⁷ *Idem*, p. 17.

¹⁹⁸ BIONDI, Luigi. Imigração italiana e movimento operário em São Paulo: um balanço historiográfico. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 26.

¹⁹⁹ CARELLI, *op. cit.*, p. 25.

²⁰⁰ *Idem*, p. 43.

²⁰¹ *Idem*, p. 44.

rapidamente lhes conferiu posto de destaque não apenas entre a coletividade italiana, mas entre as próprias elites paulistanas.

Na formação deste segmento, alguns casos de ascensão social podem ser assinalados, como o calabrês Alessandro Siciliano, cuja família migrara ao Brasil por dificuldades econômicas: começou a trabalhar aos 9 anos na loja de seu irmão em Piracicaba, e após casar-se com a filha de um rico fazendeiro, deslocou-se para São Paulo, onde criou um banco e uma companhia de mecânica e importação²⁰². No entanto, conforme apresentado por Warren Dean, praticamente todos os italianos que construíram fortunas em São Paulo já haviam emigrado com algum capital, além de competências técnicas e certo grau de instrução²⁰³, como era o caso de Rodolfo Crespi (um dos principais industriais da cidade), que migrara como vendedor de uma companhia milanese logo após seu irmão Giovanni, que já se fizera sócio de uma fábrica paulistana de tecidos, e progressivamente expandira seus negócios no segmento têxtil²⁰⁴.

O caso de Francesco Matarazzo, embora posteriormente revestido pelo próprio com uma aura de ascensão – procurando constituir-se como encarnação do espírito do imigrante bem sucedido ao “fazer a América” –, também dispusera de certa condição privilegiada ao deslocar-se para o Brasil: ao migrar, Matarazzo dispunha de formação, experiência comercial, e inclusive trazia consigo uma carga de mercadoria²⁰⁵. Após consolidar-se como um dos empresários de maior destaque na cidade, senão o mais importante, Matarazzo cuidadosamente dedicou-se a cultivar uma narrativa sobre sua própria biografia que investia no “ideal do sucesso através do trabalho”²⁰⁶, contraposto ao “laço entre a riqueza e as qualidades do nascimento”²⁰⁷, conforme assinalado por Mario Carelli. Diante dos trabalhadores de suas fábricas, o empresário se apresentava como “o primeiro operário de São Paulo”, ao mesmo tempo que, em outros círculos sociais, investia em uma narrativa centrada em suas raízes aristocráticas²⁰⁸.

Os membros da elite italiana em São Paulo, certamente mobilizados por seus interesses de classe (que visavam permanentemente a prosperidade de seus negócios e a construção de esferas de influência na vida coletiva ítalo-paulistana), com frequência também procuravam articular o manuseio do sentimento de *italianidade* às suas práticas e discursos. Sua presença

²⁰² *Idem*, p. 45.

²⁰³ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991, p. 59.

²⁰⁴ *Idem*, p. 68.

²⁰⁵ *Idem*, p. 69.

²⁰⁶ CARELLI, op. cit., p. 46.

²⁰⁷ *Idem*.

²⁰⁸ *Idem*.

na criação de diversas entidades representativas da coletividade italiana na cidade, com especial destaque ao Circolo Italiano – fundado em 1910 e rapidamente convertido na mais importante associação de italianos no estado de São Paulo²⁰⁹ – e ao Istituto Medio Dante Alighieri – instituição de ensino criada na Itália em 1889 com comitês espalhados pelo mundo²¹⁰, cuja sede em São Paulo foi fundada em 1911 com apoio financeiro de Rodolfo Crespi²¹¹ – lhes conferia notável influência na construção das representações sobre esta coletividade; simultaneamente, os laços mantidos com o país de origem eram administrados cuidadosamente, o que se materializava frequentemente na obtenção de títulos de nobreza outorgados pelo rei italiano.

Nas relações estabelecidas com o operariado italiano empregado em suas fábricas, a recorrência de argumentos e estratégias que manuseavam a *italianidade* para a desmobilização dos trabalhadores era notável: em 1907, por exemplo, Matarazzo procurou recorrer à solidariedade étnica para interromper a greve da fábrica Mariângela. Sua tentativa fracassou, à medida em que os níveis de exploração praticados na ocasião fortaleciam os laços de classe entre os operários, sobrepondo-se a qualquer imaginário de identidade étnica ou nacional²¹². Durante a greve de 1917, por sua vez, alguns episódios relativos ao choque de classes entre compatriotas também são dignos de nota, como o *lockout* promovido pela direção do Cotonificio Crespi com apoio da polícia contra os operários grevistas italianos²¹³, e a anteriormente citada reivindicação pela abolição da contribuição “Pro Patria”, situações em que o marco da *italianidade* atravessava as denúncias promovidas pelos trabalhadores italianos. A recorrência das tensões e opressões entre italianos de classes sociais distintas, assinalada ao longo da década de 1920 por observadores italianos que visitavam São Paulo²¹⁴, seria verificada ainda na década de 1930, quando novos instrumentos discursivos oferecidos pelo aparato fascista constituído na cidade ainda se esforçavam em dissimulá-las²¹⁵.

Com base no panorama aqui abarcado, compreendendo a instalação dos imigrantes italianos em São Paulo e o arranjo social estabelecido pelas atividades econômicas em que se envolviam, convém enfatizar o permanente trânsito dos integrantes da coletividade italiana entre as categorias étnicas e de classe, manuseando e instrumentalizando distintas identidades nos variados momentos de tensão social. Como vimos, tanto os operários quanto os grandes

²⁰⁹ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo* (Inventário Deops, módulo V – os italianos). São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001, p. 41.

²¹⁰ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 178.

²¹¹ CARELLI, *op. cit.*, p. 55-56.

²¹² *Idem*, p. 47.

²¹³ GODOY, *op. cit.*, p. 122.

²¹⁴ HALL, Michael, *op. cit.*, 2010, p. 60.

²¹⁵ BERTONHA, *op. cit.*, p. 68.

empresários italianos articulavam a *italianidade* a suas posturas e discursos, dedicando-se, inclusive, a disputá-la em torno das associações e entidades que se assumiam como representativas da identidade nacional na diáspora. Tais manuseios e disputas se inscreviam no fato de que a própria identidade italiana, como vimos, não configurava uma categoria fixa (e nem sequer previamente existente), mas uma construção em curso entre a maior parte dos italianos emigrados, no próprio ambiente da diáspora. Instalados no Brasil com uma fidelidade muito mais significativa a suas identidades regionais, e frequentemente portando um notável ressentimento com a Itália, que os teria “constrangido a emigrar”²¹⁶, estes italianos inventaram-se enquanto tal ao longo de um processo atravessado por esforços coordenados de unificação identitária.

Acerca deste processo, Bertonha destaca que, nas duas primeiras décadas do século XX, “as elites italianas locais (e, em menor escala, o governo italiano) se lançavam ao trabalho para construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia”²¹⁷. Um exemplo deste esforço verificava-se na tentativa de orquestrar a crescente formação de associações pautadas pela identificação nacional: o Primeiro Congresso de Sociedades e Institutos Italianos (realizado em 1904), por exemplo, se dedicava a criar mecanismos conjuntos para que as associações atuassem na diminuição das discórdias entre italianos motivadas pelas diferenças regionais²¹⁸ e pelos conflitos de classe²¹⁹. A demanda por coesão e solidariedade entre os italianos, objetivando a diminuição das hostilidades, configurava uma realidade concreta à qual procurava-se responder com a construção de uma unidade identitária nacional na diáspora.

A afirmação de Stuart Hall, assinalando que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”²²⁰, parece se adequar com precisão à interpretação acerca da *italianidade* aqui considerada: esta identidade coletiva, concebida enquanto um discurso²²¹, não era automaticamente inerente aos italianos instalados em São Paulo, mas edificava-se através da criação de instituições, símbolos e representações. De tal modo, o próprio ambiente da diáspora, com suas condições específicas, configurava o laboratório desta identidade.

Sobrepondo-se a divisões regionais e de classe, as agremiações nascidas neste contexto reforçavam a referência nacional enquanto elemento de coesão e agrupamento, formulando e

²¹⁶ HALL, Michael, *op. cit.*, 2010, p. 49.

²¹⁷ BERTONHA, *op. cit.*, p. 74.

²¹⁸ HALL, Michael, *op. cit.*, 2010, p. 52.

²¹⁹ *Idem*, p. 56.

²²⁰ HALL, Stuart, *op. cit.*, p. 30.

²²¹ *Idem*, p. 31.

difundindo a *comunidade imaginada* dos italianos, conforme o termo proposto por Benedict Anderson. A afirmação desta referência atuava na sustentação da comunidade, compartilhando “a imagem viva da comunhão entre eles”²²², ao mesmo tempo em que as próprias entidades se constituíam enquanto referencial concreto que balizava a comunhão em torno da *italianidade*, conferindo sentido ao agrupamento dos indivíduos, conforme assinalado por Anthony Cohen acerca das dimensões simbólicas da constituição de uma comunidade²²³. Entre as inúmeras entidades que poderíamos mencionar neste âmbito, como os já citados casos do Istituto Medio Dante Alighieri e do Circolo Italiano, a própria Società Sportiva Palestra Italia apresenta-se como exemplo preciso (a ser comentado com maior profundidade nos próximos capítulos).

Identificar a *italianidade* enquanto construção social e simbólica²²⁴ pretensamente unificadora não descarta, no entanto, a heterogeneidade de grupos e imaginários que a disputavam. Conforme assinalado por Peter Burke, toda homogeneidade cultural consiste em um discurso construído, em meio a relações de poder, que encobre as chamadas *subculturas* (ou *variações*), as quais escapam aos pressupostos de consenso ou unidade cultural projetados sobre um determinado contexto²²⁵. No caso da *italianidade* imaginada e partilhada pelos imigrantes instalados em São Paulo, esta homogeneidade projetava-se, inicialmente, no silenciamento de outras construções identitárias étnicas ou de classe, variações evidenciadas ao longo deste capítulo. Ainda assim, já se configurava como imaginário disputado por diferentes grupos, especialmente à medida em que as entidades consideradas representativas da *italianidade* se tornavam objeto de interesse dos mesmos, que buscavam conquistar certa hegemonia através da ascensão aos cargos diretivos das associações. A partir da década de 1920, como veremos a seguir, tal disputa tomava novas proporções com o advento do fascismo e suas formas particulares de manuseio do imaginário identitário italiano, em prol de seus objetivos políticos.

²²² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 32.

²²³ COHEN, Anthony. *The symbolic construction of community*. Londres: Routledge, 2001, p. 19.

²²⁴ ARAÚJO, José Renato de Campos. *Migna terra: migrantes italianos e fascismo na cidade de São Paulo (1922-1935)*. Tese de Doutorado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2003, p. 62.

²²⁵ BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. *Revista Diálogos (UEM)*, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-10, 1997, p. 4.

1.3 Fascismo, antifascismo e a disputa da *italianidade*

Em 23 de março de 1919, uma reunião realizada na sede da Aliança Industrial e Comercial de Milão (Itália) com a presença de aproximadamente 100 pessoas oficializou o lançamento do movimento Fasci di Combattimento, liderado pelo ex socialista Benito Mussolini. O programa fascista, lançado alguns meses depois, reunia diretrizes nacionalistas de viés expansionista – alimentadas pelos ressentimentos de veteranos da Guerra Mundial recentemente encerrada – combinadas a propostas sociais de teor radical, como o sufrágio feminino, a reforma do sistema político italiano através de uma assembleia constituinte, a jornada de trabalho de oito horas, a participação operária na administração das fábricas e uma reforma econômica baseada na tributação e expropriação de riquezas²²⁶.

O movimento angariou seguidores provenientes de diferentes grupos da sociedade italiana, como veteranos de guerra (especialmente entre os *arditi*, ou combatentes de elite)²²⁷, os chamados “sindicalistas nacionais” (que em oposição aos socialistas, haviam apoiado a entrada da Itália na guerra)²²⁸, jovens intelectuais antiburgueses (como os artistas e escritores futuristas)²²⁹ e nacionalistas de classe média críticos ao parlamentarismo italiano²³⁰. A interlocução entre estes distintos grupos fomentou um debate interno sobre como deveria se estruturar o governo fascista após sua ascensão ao poder, destacando-se as concepções do advogado Giuseppe Bottai, que defendia a instalação de um regime revolucionário²³¹ orientado pela ideia de Nação, “tornando-a até mais importante que outras instituições como, por exemplo, a igreja católica e a monarquia italiana”²³². Bottai, assim como o próprio Mussolini, tinha consciência do limitado alcance que o nacionalismo italiano exercia sobre a população italiana, e defendia sua difusão atrelada ao fascismo, para que este fosse sentido “como o único meio para qual deu vida a digníssima Nacionalidade e sem a qual a vida coletiva não teria peso e significado”²³³.

²²⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 16-17.

²²⁷ *Idem*, p. 17.

²²⁸ *Idem*, p. 18.

²²⁹ *Idem*.

²³⁰ *Idem*, p. 19.

²³¹ A concepção fascista de “revolução”, conforme assinalado por Michael Mann, distinguia-se por seu foco desviado do capitalismo e das classes, e centrava-se justamente na ideia de nação. Ver: MANN, Michael. A ascensão e queda do fascismo. In: PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008, p. 32.

²³² CARON, Giuseppe Rafael. Fascismo movimento e fascismo governo: um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, UFSC, 2015, p. 6.

²³³ GENTILE apud CARON, *op. cit.*

Após a ascensão do fascismo ao poder, deflagrada pela Marcha Sobre Roma e pela nomeação de Mussolini como chefe de governo pelo Rei Vittorio Emanuele em 1922, o mito da “raça italiana” exerceu força motivadora para a execução de um expansionismo externo, identificado desde o início do movimento como condição para regeneração da nação e da raça, consideradas deturpadas pela noção liberal anteriormente vigente²³⁴. As manifestações deste expansionismo ao longo das duas décadas do regime fascista, para além das formas imperialistas mais agressivas adotadas na década de 30, incluíam a mobilização das coletividades italianas emigradas, sob um discurso que as concebia como expressão da vitalidade da “raça” em expansão pelo mundo²³⁵. Tais formas de mobilização, no entanto, variavam de acordo com as condições do país em questão, bem como os interesses italianos sobre o mesmo e as relações diplomáticas estabelecidas: desta forma, se em alguns casos os emigrados chegaram a ser utilizados como força de espionagem²³⁶, em outros casos, como o próprio Brasil, os horizontes eram mais modestos e restringiam-se a ações de propaganda do regime, visando angariar a dependência e obediência da coletividade italiana em questão para com o governo fascista italiano²³⁷.

À medida em que o regime de Benito Mussolini buscava sustentação no discurso nacionalista, o surgimento de grupos fascistas no Brasil direcionou seus esforços, desde seu surgimento, à vinculação das representações do *ser italiano* à doutrina fascista. Rapidamente tornou-se visível uma disputa pela hegemonia cultural sobre a coletividade italiana e seus referenciais identitários, valendo-se especialmente de uma investida contínua às entidades e instituições representativas da *italianidade*, além da criação de órgãos próprios.

Em São Paulo, localidade que interessa ao recorte desta investigação, a instalação estruturada do fascismo italiano se iniciou em 1923, a partir da criação do Fascio di San Paolo, seção do Partito Nazionale Fascista (PNF) que se dedicava a ações de propaganda, organização de eventos, atividades culturais e assistenciais (especialmente a partir da década de 30) e, com frequência, conflitos de rua contra seus opositores²³⁸. A criação do Fascio, sob ordens de Roma, se deu por iniciativa de Emidio Rocchetti, fascista italiano responsável pelo assassinato de um secretário do Partito Comunista d'Italia em 1921²³⁹.

²³⁴ BERTONHA, João Fábio. Nacionalismos e Impérios: o caso da Itália fascista. In: ABREU, Luciano Aronne de; GONÇALVES, Leandro Pereira; PAREDES, Marçal de Menezes; SILVEIRA, Helder Gordim da (Orgs.). *Dimensões do poder: história, política e relações internacionais*. Porto Alegre: EDPU CRS, 2015., p. 106-107.

²³⁵ BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 29.

²³⁶ BERTONHA, *op. cit.*, 2015, p. 103.

²³⁷ *Idem*, p. 102.

²³⁸ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 42.

²³⁹ *Idem*, p. 91-92.

A estrutura diplomática italiana, por sua vez, também atuava como braço do Estado fascista, ainda que não se atrelasse à estrutura do PNF, o que distinguia suas ações e orientações daquelas dos *fasci* e outros órgãos do movimento. Ao longo da década de 20 sua atuação foi assumindo características progressivamente mais ideológicas, “fazendo a política externa do Estado italiano se confundir com a expansão da ideologia fascista pelo mundo”²⁴⁰. No caso de São Paulo, isto se expressou de forma mais contundente a partir de 1928 com a liderança do consulado assumida por Serafino Mazzolini (figura que será apresentada mais adiante), embora certo teor ideológico já se verificasse na atuação das estruturas diplomáticas anteriormente.

Outro importante órgão fascista introduzido na cidade de São Paulo, ainda que mais tardiamente (apenas em novembro de 1931), foi a seção da Opera Nazionale Dopolavoro (OND). Coordenada conjuntamente pelo Fascio e pelas autoridades diplomáticas, a entidade dirigia-se especialmente à classe trabalhadora, através de atividades culturais, assistenciais, recreativas e esportivas²⁴¹. Além da disposição voltada à difusão do fascismo entre os trabalhadores, o Dopolavoro mantinha uma orientação moralizadora, buscando afastá-los de ambientes considerados “nocivos a sua saúde física e moral, como tavernas, casas de jogo e prostituição, círculos socialistas”²⁴². Tratava-se de um órgão fascista especialmente dedicado ao tempo livre operário, atuando através da criação de times de futebol e outras modalidades esportivas, a manutenção de bibliotecas e salas de leitura, a organização de competições atléticas e eventos de todo tipo (bailes, festas, recitais, exibições teatrais e cinematográficas), e até mesmo de colônias de férias²⁴³, nas quais sempre abundavam as referências à Itália e ao fascismo.

Socialmente, os membros da elite italiana em São Paulo foram os primeiros componentes aos quais os órgãos fascistas e a política externa do regime de Mussolini procuraram se dirigir na cidade, obtendo uma “simpatia difusa” com “diferentes graus de intensidade” em um primeiro momento²⁴⁴, mas que rapidamente deu lugar a um alinhamento cada vez mais amplo. Os ricos industriais Francesco Matarazzo e Rodolfo Crespi, por exemplo, logo passaram a constar como importantes partidários do fascismo, mostrando-se engajados em suas declarações e colaborando com fartas contribuições ao regime. Em 1927, Matarazzo enviou um milhão de liras à Juventude Fascista italiana, recebendo em reconhecimento uma

²⁴⁰ *Idem*, p. 42.

²⁴¹ SANTOS, Viviane Teresinha, *op. cit.*, p. 32.

²⁴² BERTONHA, João Fábio. *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Tese de Doutorado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998, p. 35.

²⁴³ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 108-110.

²⁴⁴ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 322.

medalha de honra ao mérito e uma carta assinada pelo próprio Mussolini²⁴⁵, e em 1935, por sua vez, tanto Matarazzo quanto Crespi realizaram doações à Legião Tevere e à organização da Patria In Armi, legião de voluntários ítalo-brasileiros para combater na Guerra da Abissínia, conflito imperialista deflagrado pelo expansionismo da Itália fascista²⁴⁶. Crespi alinhou-se ao fascismo após reunir-se com Mussolini e receber uma condecoração em 1924²⁴⁷, e era frequentemente denunciado na imprensa antifascista ítalo-paulistana por sua atuação favorável à difusão do fascismo, tanto nas entidades italianas que integrava – como o Circolo Italiano, que chegou a presidir²⁴⁸ – quanto em suas fábricas, destacando-se o caso do Cotonificio Crespi, onde os operários realizaram manifestações contra a direção fascista no ano de 1931²⁴⁹.

Além do segmento de elite, a base social do fascismo italiano em São Paulo era formada substancialmente por integrantes das classes médias, compostas principalmente por italianos em processo de ascensão social que desejavam obter algum prestígio e reconhecimento no ambiente da coletividade²⁵⁰, e que encontravam no fascismo “uma ideologia apta a atender seus anseios e medos”²⁵¹. Entre o operariado ítalo-paulistano, por sua vez, o fascismo encontrou resistência motivada tanto pelas ações de propaganda antifascista especialmente dirigidas a esta classe quanto pela herança anarquista e socialista do movimento operário constituído nas décadas anteriores²⁵², embora houvesse um considerável esforço fascista voltado especialmente a este segmento, como demonstravam as já mencionadas atividades do Dopolavoro.

A influência da simpatia pelo fascismo difundida entre as elites ítalo-paulistanas e as classes médias se estendeu também aos órgãos da imprensa italiana em São Paulo mantidos por estes segmentos. O *Piccolo* e o *Fanfulla*, jornais de destaque, se deslocaram de uma inicial postura de desconfiança e moderação ao efetivo alinhamento às diretivas fascistas, sobretudo a partir da segunda metade da década de 20. Outros periódicos e folhetins de menor circulação, mas igualmente importantes para a coletividade, também passaram a expressar uma postura de simpatia difusa, especialmente após receberem apoio financeiro dos órgãos fascistas: eram os casos, por exemplo, do semanário *Il Moscone*, dirigido e fundado em 1925 por Vincenzo

²⁴⁵ CARELLI, *op. cit.*, p. 68.

²⁴⁶ TRENTI, *op. cit.*, 1988, p. 342.

²⁴⁷ HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula (Org.). A história de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 131.

²⁴⁸ “Il tradimento del presidente Crespi”. *Il Risorgimento*, n. 27, 10 jan. 1929, p. 1.

²⁴⁹ “Sistemi fascisti al Cotonificio Crespi”. *La Difesa*, n. 342, 15 fev. 1931.

²⁵⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 181.

²⁵¹ *Idem*, p. 183.

²⁵² *Idem*, p. 188.

Ragnognetti²⁵³, e do jornal *Il Pasquino Coloniale*²⁵⁴, fundado por Arturo Trippa em 1909 como semanário humorístico²⁵⁵, e que passou a apresentar posição favorável ao fascismo de forma mais enfática após tornar-se propriedade do *Piccolo*, na década de 20²⁵⁶. Em suas páginas, estes periódicos valiam-se de sua circulação e prestígio entre a coletividade para propagandar e difundir apoio ao regime de Mussolini na Itália, junto a jornais criados especificamente sob a orientação do Fascio, como o *Giovinezza*, a *Tribuna Italiana* e o *L'Italia in Marcia*, entre outros²⁵⁷.

De acordo com Angelo Trento, no entanto, “menos simples e, sobretudo, menos rápido foi o assalto fascista às associações”²⁵⁸. Até mesmo instituições vinculadas de forma mais arraigada às elites e classes médias ítalo-paulistas, como o Circolo Italiano e o Istituto Dante Alighieri, vivenciaram eventuais episódios de disputa durante o período em que já possuíam em seus corpos diretivos indivíduos filiados ao Fascio: no Circolo, por exemplo, uma solenidade de recepção ao embaixador Montagna realizada em 1925 terminou em confusão generalizada entre sócios fascistas e antifascistas, cujos gritos e palavras de ordem impediram a continuidade do evento²⁵⁹; ao mesmo tempo, o assédio fascista e a perseguição a professores identificados como antifascistas no Istituto Dante Alighieri eram denunciadas continuamente pelos opositores do regime de Mussolini²⁶⁰.

Neste processo, a atuação da estrutura diplomática italiana revelou-se crucial para a conquista das instituições representativas da coletividade italiana, especialmente a partir de 1928 com a chegada a São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini. Ainda que o enquadramento das entidades às orientações consulares já fosse prática corrente, o fervor da gestão de Mazzolini foi especialmente denunciado pelos antifascistas como um processo de “fascistização da colônia”²⁶¹, que buscava converter o fascismo em verdadeiro sinônimo de *italianidade*. O agravamento desta política, conforme ressaltado por Bertonha, não era exclusividade individual do novo cônsul, mas parte de uma nova estratégia mais agressiva adotada pela política externa italiana como um todo²⁶², percebida pelos próprios antifascistas

²⁵³ RORATO, Márcia. Imagens do fascismo em São Paulo nas páginas do semanário ítalo-paulista *Il Moscone*. *Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina, 12-14 mai. 2009, p. 1081.

²⁵⁴ “Nel fronte único”. *Il Risorgimento*, n. 27, 10 jan. 1929, p. 3.

²⁵⁵ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 497.

²⁵⁶ *Idem*, p. 325.

²⁵⁷ *Idem*, p. 325.

²⁵⁸ *Idem*, p. 328.

²⁵⁹ “Dolorosa costatazione”. *La Difesa*, n. 46, 15 nov. 1925, p. 2.

²⁶⁰ “La enormità del proconsole”. *Il Risorgimento*, n. 4, 16 fev. 1928, p. 55-56.

²⁶¹ “La fascistizzazione della colonia”. *La Difesa*, n. 243, 13 jan. 1929.

²⁶² BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 114.

do contexto, que denunciavam o eco entre as ações do cônsul e do embaixador italiano no Brasil, Bernardo Attolico²⁶³.

A intensificação do assédio fascista, incorporada na atuação do próprio consulado, em poucos anos obteve êxito na supressão das manifestações de oposição na maior parte das entidades italianas em São Paulo. A obediência ao consulado, ainda que não significasse diretamente a filiação ideológica das entidades em questão, propiciou a realização de diversos eventos simpáticos ao fascismo em boa parte das mesmas, estabelecendo-se um cenário de relativa hegemonia fascista sobre a coletividade italiana até meados da década de 30.

Neste contexto, o fascismo também estabeleceu laços com o Integralismo, evidenciados através do fornecimento de fundos do próprio governo italiano à Ação Integralista Brasileira²⁶⁴, na presença do próprio Plínio Salgado em inúmeras cerimônias fascistas, bem como em sua participação na edição da *Rivista Latina* junto ao fascista Ferruccio Rubbiani²⁶⁵. Simultaneamente, os fascistas também apoiavam o regime de Getúlio Vargas, simpático a Roma até a Segunda Guerra Mundial²⁶⁶, ainda que o endurecimento da legislação contra a atuação de estrangeiros no país durante o Estado Novo tenha exigido adaptações, como a renomeação da Opera Nazionale Dopolavoro para Organização Nacional Desportiva, mantendo tanto a sigla (OND) quanto a orientação ideológica fascista²⁶⁷.

A respeito da oposição ao fascismo, João Fábio Bertonha comenta sua presença entre a comunidade italiana em São Paulo pelo menos desde 1921 em iniciativas isoladas e pontuais²⁶⁸. A imprensa italo-brasileira tratava o fascismo com muita prudência, e especialmente em alguns periódicos militantes, como o jornal *Alba Rossa* (publicado desde 1919 pelos anarquistas Silvio Antonelli, Oreste Ristori e A. Bandoni²⁶⁹), verificava-se o aparecimento de posturas assumidamente antifascistas, em sintonia com o surgimento na Itália das primeiras organizações contra o crescimento do fascismo²⁷⁰. Um texto intitulado “Il fascista”, assinado por Persio Fant e publicado em 1921 no referido periódico²⁷¹, apresentava uma leitura classista do fascismo, identificando os membros do movimento como “figli di proprietari, latifondisti,

²⁶³ “Attolico-Mazzolini”. *La Difesa*, n. 249, 24 fev. 1929.

²⁶⁴ BERTONHA, *op. cit.*, 2001.

²⁶⁵ *Idem*, p. 372-373.

²⁶⁶ *Idem*, p. 369.

²⁶⁷ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 341.

²⁶⁸ BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999, p. 60.

²⁶⁹ CARNEIRO; KOSSOY *op. cit.*, p. 38.

²⁷⁰ Em julho de 1921 foi fundada na Itália a Associazione degli Arditi del Popolo, primeira organização identificada como antifascista, e formada a partir de milícias armadas de esquerda. Ver: GALASTRI, Leandro. *Il biennio nero: fascismo, antifascismo e violência política*. *Tempo Social*, v. 31, n. 2, mai-ago. 2019, p. 128.

²⁷¹ FANT, Persio. “Il fascista”. *Alba Rossa*, n.2, São Paulo, 01 mai. 1921.

agrari piscicani”²⁷², e também como traidores ex revolucionários que teriam passado a defender “la già decrepita Casa Savoia”²⁷³. Mussolini era citado com frequência como “rinegatto del socialismo”²⁷⁴, reforçando a leitura ressentida sobre os fascistas enquanto traidores²⁷⁵, e após o golpe deflagrado com a Marcha Sobre Roma, em 1922, o periódico rapidamente identificou o novo regime como uma “dittatura militare e capitalista”²⁷⁶, “un governo che sintetizza la piú completa negazione della libertà umana”²⁷⁷.

A partir de 1923, um alcance mais amplo do antifascismo italiano em São Paulo foi obtido através da criação de sua própria imprensa, esforço iniciado com a fundação do jornal *La Difesa*. Editado por Antonio Cimatti, profissional liberal socialista que mantinha boas relações com os “graúdos” da coletividade italiana²⁷⁸, o jornal foi idealizado pelo jornalista e economista Antonio Piccarolo, eminente liderança socialista italiana que migrara para o Brasil em 1904 para dirigir o jornal *Avanti!*, participando posteriormente de mobilizações e círculos políticos²⁷⁹, além de manter um notável trânsito por diferentes setores do ambiente intelectual paulistano²⁸⁰. Motivação determinante para a criação do *La Difesa* foi o alinhamento do jornal *Il Piccolo* ao fascismo, fechando suas portas à propaganda antifascista que Piccarolo mantinha em suas colunas neste periódico²⁸¹.

Imagem 3 – Cabeçalho do jornal antifascista *La Difesa* – *Organo settimanale degli uomini liberi*.

Embora *La Difesa* se apresentasse como porta-voz de diversas tendências reunidas na luta contra o fascismo, a atuação dos comunistas era vista com desconfiança por Piccarolo (cuja

²⁷² “Filhos de proprietários, latifundiários, tubarões agrários” (tradução nossa).

²⁷³ “A já decrepita Casa Savoia” (tradução nossa), referindo-se à Casa Real Italiana.

²⁷⁴ “Renegado do socialismo” (tradução nossa).

²⁷⁵ “La dittatura militare e capitalista in Italia”. *Alba Rossa*, n.3, São Paulo, 11 nov. 1922.

²⁷⁶ “Uma ditadura militar e capitalista” (tradução nossa). “La dittatura militare e capitalista in Italia”. *Alba Rossa*, n.3, São Paulo, 11 nov. 1922.

²⁷⁷ “Um governo que sintetiza a mais completa negação da liberdade humana” (tradução nossa). VIZZOTO, Angelo. “Il fascismo al governo”. *Alba Rossa*, n.3, São Paulo, 11 nov. 1922.

²⁷⁸ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 180.

²⁷⁹ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988, p. 10-11.

²⁸⁰ Ao longo de sua trajetória, Piccarolo foi professor do Instituto Dante Alighieri, participou da criação da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e na década de 30 chegou a realizar palestras na recém fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Ver: HECKER, *op. cit.*, p. 11-18.

²⁸¹ CARNEIRO; KOSSOY, *op. cit.*, p. 152.

linha era mais moderada e caracterizada como reformista²⁸²), ganhando espaço no jornal somente a partir de 1926, quando sua direção foi assumida pelo Conde Francesco Frola. Apesar de sua origem nobre e condição social privilegiada, a trajetória política de Frola era marcada pela proximidade com o socialismo italiano, e quando migrou para o Brasil especificamente para assumir a direção do jornal, já era reconhecido na Itália como antifascista de destaque²⁸³. À frente do *La Difesa*, acolheu a participação de reconhecidos militantes como Goffredo Rosini e Ertulio Esposito (comunistas), e Oreste Ristori e Alessandro Cerchiai (anarquistas). Seu objetivo era a “união total de partidos e forças contra o fascismo”²⁸⁴, diferentemente de Piccarolo, cujo anticomunismo o fez se afastar de Frola e criar, em 1928, um novo periódico intitulado *Il Risorgimento*²⁸⁵.

Para além destes dois jornais, outros periódicos antifascistas foram editados ao longo das décadas de 20 e 30 com periodicidade instável e, em geral, vida bastante curta. Entre estes, vale a menção ao periódico satírico *Lo Spaghetto*, publicado a partir de março de 1931 e dirigido pela peculiar combinação formada por Alessandro Cerchiai, experiente anarquista que se dedicava à imprensa social desde a primeira década do século e atuava próximo a militantes como Oreste Ristori e Gigi Damiani²⁸⁶, e Nino Daniele, que chegara ao Brasil em meados da década de 20, colaborara com o *Fanfulla* e o *Piccolo* já após sua fascistização, e mesmo sendo convictamente antifascista (chegando a sofrer perseguições), era amigo do cônsul Serafino Mazzolini, o que lhe rendia críticas de Piccarolo (a quem era igualmente crítico)²⁸⁷. A presença de trajetórias tão variadas e recorrentes inimizades nos revela, pois, um cenário heterogêneo do antifascismo em São Paulo, que comportava variados espectros políticos em frequente tensão.

Além de seus órgãos de imprensa próprios, o antifascismo italiano em São Paulo também procurou se estabelecer a partir da criação de entidades, surgidas especialmente após o assassinato em Roma do deputado socialista Giacomo Matteotti por um comando fascista, em junho de 1924. De acordo com Bertonha, o assassinato de Matteotti explicitou “não só a brutalidade do fascismo, como o fato de que ele não seria algo provisório, o que estimulou a criação de estruturas antifascistas mais organizadas”²⁸⁸, como a Unione Democratica, fundada pelos socialistas Antonio Cimatti e Antonio Piccarolo em 1924 (e posteriormente rebatizada

²⁸² TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 228.

²⁸³ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 70.

²⁸⁴ *Idem*, p. 75.

²⁸⁵ *Idem*, p. 80.

²⁸⁶ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 244.

²⁸⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 143-144.

²⁸⁸ *Idem*, p. 60.

de Lega Antifascista), a Associazione Giacomo Matteotti, formada em 1926, e a seção paulista da organização internacional Lega Italiana Del Diritti dell’Uomo (LIDU)²⁸⁹, também fundada em 1926 por iniciativa de Antonio Piccarolo em um esforço de conciliação das distintas correntes antifascistas italianas reunidas na cidade²⁹⁰. Apesar do empenho dos antifascistas, tais organizações não obtiveram grande sucesso, contando com baixo número de inscritos, e suas atividades mais incisivas frequentemente reduziam-se a ações de resposta aos atos fascistas, o que era percebido na própria época em exercícios de autocrítica²⁹¹.

Socialmente, o antifascismo não encontrou maior apoio entre uma classe específica: se o fascismo encontrava maior adesão entre o empresariado ítalo-paulista e apresentava baixa penetração entre os segmentos mais pobres da coletividade italiana em São Paulo, o antifascismo tampouco obteve grandes sucessos entre tais grupos. De acordo com Trento, “se pudéssemos utilizar um termo para caracterizar a coletividade italiana no Brasil até pouco antes de 1930, esse termo seria, sem dúvida, ‘afascista’”²⁹², o que indica que ao longo de toda a década a maior parte dos italianos e seus descendentes instalados em São Paulo encontravam-se no centro de uma disputa, sem necessariamente implicarem-se na defesa ou adesão a um ou outro grupo.

Especificamente em relação ao operariado, Bertonha considera o termo *afascismo* apropriado para descrever sua postura em relação à disputa, ainda que este se caracterizasse, sobretudo durante a década de 20, como “a fração da coletividade italiana mais avessa ao fascismo e mais aberta ao antifascismo”²⁹³, especialmente por conta da herança das doutrinas de esquerda em seu seio. Cientes desta abertura, os antifascistas se dedicavam com esmero a difundir seus ideais políticos entre os trabalhadores italianos no Brasil, apresentando o fascismo como movimento “fondato dai traditori della causa operaia”²⁹⁴, mas jamais concretizaram sua mobilização de acordo com as expectativas que nutriam²⁹⁵.

²⁸⁹ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 371.

²⁹⁰ HECKER, *op. cit.*, p. 17.

²⁹¹ SCALA, G. “Cronaca da Rio de Janeiro”, *La Difesa*, 15 fev. 1925, apud TRENTO, *op. cit.*, 1988.

²⁹² TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 334.

²⁹³ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 187.

²⁹⁴ “Fundado por traidores da causa operária” (tradução nossa). “Manifesto ai lavoratori italiani nel Brasile”. *La Difesa*, n. 96, 2 set. 1926.

²⁹⁵ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 192.

Imagem 4 – Manifesto antifascista dirigido aos trabalhadores italianos no Brasil, publicado no jornal *La Difesa*.

De todo modo, a penetração do antifascismo entre o operariado italiano em São Paulo pode ser verificada em alguns episódios de destaque, como a greve realizada em 1928 pelas operárias da fábrica Mariângela, de Matarazzo, dirigida especialmente contra o gerente fascista. De acordo com reportagem do jornal liberal *O Combate* transcrita em edição do *La Difesa*,

[...]o dito gerente, individuo recém-chegado da Italia, vestido de “camisa preta”, symbolo da violencia e do oleo de ricino, cabeça cheia das idéas mussolinicas, resolvera implantar ali o regimen fascista, espisinhando as leis brasileiras e os sagrados direitos do operariado desta terra infeliz [...]. E as nobres mocinhas, em sua maioria descendentes de italianos, revoltaram-se contra essas iniquidades²⁹⁶.

²⁹⁶ “Il fascismo invade le fabbriche di San Paolo”. *La Difesa*, n. 202, 29 jan. 1928.

Durante a década de 30, o manuseio do nacionalismo italiano pela retórica fascista, através de intensa propaganda voltada à coletividade, chegou até mesmo a favorecer a tímida manifestação de um fascismo difuso entre algumas fileiras do proletariado²⁹⁷, que desapareceu por completo com o início da Segunda Guerra Mundial²⁹⁸. Mesmo ao longo desta década, no entanto, verificamos algumas manifestações operárias antifascistas ocorridas nas fábricas do Conde Rodolfo Crespi, conforme relatado por nota publicada no *La Difesa* em 1931 criticando o “sistema fascista” implementado no Cotonificio Crespi²⁹⁹, e nas indústrias de Matarazzo, especialmente contra a pressão pelo alistamento dos operários na Guerra da Abissínia³⁰⁰.

Para além da leitura centrada no aspecto de classe, notamos ainda que o antifascismo italiano em São Paulo também estabeleceu relações com setores inseridos no cenário cultural e político da cidade, o que possibilitou certa difusão de suas ideias e garantiu pontos de apoio que diversificavam as vozes de combate ao fascismo na cidade. Um dos principais vínculos firmados foi com a maçonaria, cujo “apoio incondicional” era reconhecido pela própria estrutura diplomática do governo fascista italiano³⁰¹, e se estabeleceu diretamente como resposta à perseguição levada a cabo por Mussolini contra os maçons na Itália.

Caracterizada pela ampla adesão das classes mais elevadas (especialmente intelectuais), a maçonaria em São Paulo dedicou-se primeiramente a expulsar seus membros fascistas (ou suspeitos de apoiadores do regime), e a partir da metade da década de 20, passou a apoiar financeiramente grupos e jornais antifascistas³⁰², como os já citados *La Difesa*, sustentado com recursos de diversas lojas maçônicas³⁰³, e *Il Risorgimento*, financiado especialmente pela loja “Aquila Romana”³⁰⁴. Além do apoio financeiro, a maçonaria também mantinha outras formas de envolvimento com a causa, prestando assistência à realização de conferências e eventos antifascistas, muitas vezes realizados em templos maçônicos³⁰⁵. Em 1926, o desembarque do

²⁹⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 2010, p. 71.

²⁹⁸ É digno de nota o relato memorialístico do Sr. Amadeu Bovi, coletado por Ecléa Bosi, de acordo com o qual “os trabalhadores não ligavam para fascismo, essas coisas”, e mesmo a simpatia difusa pelo regime de Mussolini teria se extinguido a partir da guerra. Ver: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 143.

²⁹⁹ “Sistemi fascisti al Cotonificio Crespi”. *La Difesa*, n. 342, 15 fev 1931.

³⁰⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 190.

³⁰¹ Informe Embaixada Italiana (22/10/1927) in ACS/Min Int, DGPS, Polizia Politica, fascicolo per materia, b. 21, f. “San Paolo (Brasile) - Fuorusciti e antifascisti” apud BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 187.

³⁰² TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 365.

³⁰³ CARNEIRO; KOSSOY, *op. cit.*, p. 152.

³⁰⁴ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 366.

³⁰⁵ Vide, por exemplo, a convocatória a “tutti gli uomini liberi e le loro famiglie” (“todos os homens livres e suas famílias”, em tradução nossa) para uma conferência de Antonio Piccarolo organizada pela Concentrazione Antifascista em um templo maçônico da rua José Bonifácio. Ver: “Giuseppe Mazzini e Carlo Marx”. *Il Risorgimento*, n. 34, 28 fev. 1929.

próprio Conde Francesco Frola no Brasil, dificultado pela ação da embaixada italiana, só foi possível graças à crucial atuação da maçonaria e seus contatos³⁰⁶.

A mediação da maçonaria também foi fundamental para certas proximidades estabelecidas entre o antifascismo italiano em São Paulo e o circuito da política institucional do estado, tanto no referente à pontual simpatia de alguns integrantes do governo exercido pelo Partido Republicano Paulista³⁰⁷, quanto na contundente aproximação com seu opositor Partido Democrático (PD), que contava com importantes lideranças vinculadas à maçonaria, como José Adriano Marrey Jr³⁰⁸. Esta aproximação é digna de uma observação mais detalhada, à medida que não se devia exclusivamente à mediação da maçonaria, mas sobretudo às afinidades políticas entre o programa do PD e os ideais democráticos e reformistas que circulavam com força entre os antifascistas italianos em São Paulo, bem como às visões coincidentes dos dois grupos sobre a importância da “assimilação” dos imigrantes italianos à vida brasileira³⁰⁹. Entre os brasileiros, destacava-se a atuação de Evaristo de Moraes, socialista reformista³¹⁰ que participou da fundação do PD em 1928 e desde o início da década prestigiava eventos antifascistas³¹¹. Entre os italianos, podemos mencionar o advogado Bertho Condé, importante antifascista que integrava o partido³¹², e o próprio Antonio Piccarolo, cujo trânsito por distintos setores da sociedade paulistana (especialmente círculos intelectuais e politizados) lhe possibilitava uma ampla rede de contatos, articulada a favor da causa antifascista sempre que possível.

Ao longo da década, a imprensa liberal simpática ou associada ao PD passou a apresentar posições antifascistas cada vez mais enfáticas, especialmente à medida em que os conflitos deflagrados pela atuação fascista italiana em São Paulo se revelavam mais violentos. O *Diário Nacional*, órgão de imprensa mantido pelo próprio PD, mantinha uma linha editorial simpática ao antifascismo³¹³, e o jornal liberal *O Combate*, por sua vez, se deslocou de uma cobertura pretensamente imparcial da ascensão fascista na Itália³¹⁴ para uma postura de ferrenha oposição, especialmente após o já mencionado artigo de Luigi Freddi insultando Maria

³⁰⁶ TRENTON, *op. cit.*, 1988, p. 372.

³⁰⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 344.

³⁰⁸ BONTEMPI JR., Bruno; SILVA, Ivanilson Bezerra da. Elite maçônica e as escolas da Loja Sete de Setembro na Revista *A Maçonaria no Estado de São Paulo* (1912-1932). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 18, 2018, p. 13.

³⁰⁹ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 345.

³¹⁰ DIAS, *op. cit.*, p. 106.

³¹¹ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 218-219.

³¹² *Idem*, p. 221.

³¹³ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 176.

³¹⁴ “A crise política italiana”. *O Combate*, n. 2859, 5 jan. 1925.

Lacerda de Moura publicado no *Piccolo*, que resultou no “empastelamento” do jornal fascista³¹⁵. Inúmeras reportagens e artigos contra o fascismo italiano em São Paulo dirigiam-se tanto à atuação das organizações e da imprensa fascista³¹⁶ quanto à própria estrutura diplomática italiana³¹⁷, além de se posicionarem favoravelmente à atuação dos antifascistas italianos na cidade³¹⁸. O enredamento desta postura aos debates da política local também se explicitava em artigos que denunciavam as relações dos fascistas com o Partido Republicano Paulista (PRP)³¹⁹ e o apoio da polícia a suas ações³²⁰.

As posições destes órgãos da imprensa local eram recebidas com entusiasmo pela imprensa antifascista, que frequentemente transcrevia as matérias em seus próprios jornais³²¹ com o objetivo de ressaltar a visibilidade da causa antifascista na sociedade brasileira. O antifascismo era exposto não apenas como uma questão interna da coletividade italiana, mas como uma pauta relevante no debate político brasileiro, especialmente à medida em que a atividade fascista era denunciada como ameaçadora à soberania nacional³²².

Em relação ao conteúdo produzido diretamente pelos próprios jornais antifascistas em atividade durante o período, embora se verificasse com clareza a existência de divergências e tendências políticas variadas, mantinha-se um senso comum de propaganda inflamada contra o fascismo, buscando expor suas mazelas e contradições a todo custo. Analisando diferentes edições destes jornais, notamos a recorrência desta orientação na seleção das notícias veiculadas, podendo referir-se a acontecimentos ocorridos na Itália, no Brasil, ou em outros locais que abrigassem comunidades emigradas italianas, desde que se centrassem na atuação de antifascistas (evocadas positivamente) ou fascistas (expostas negativamente). Sobre a atuação do fascismo em São Paulo, além das denúncias à fascistização de entidades representativas³²³ como o Istituto Dante Alighieri³²⁴ e o Circolo Italiano³²⁵, o debate acalorado acerca da imprensa italiana submetida ao fascismo também era recorrente: o *Fanfulla* era criticado com frequência através de textos provocativos e recheados de sarcasmo, que identificavam o importante jornal ítalo-paulistano como “senil”, “servil” e “prostituído”³²⁶. Ao

³¹⁵ “O empastelamento de ‘Il Piccolo’”. *O Combate*, n. 4831, 5 out. 1928.

³¹⁶ “Ensinemos o patife!”. *O Combate*, n. 4833, 8 out. 1928.

³¹⁷ “A intromissão dos cônsules fascistas na vida brasileira”. *O Combate*, n. 4834, 9 out. 1928.

³¹⁸ “Parcialidade fascista!?”. *O Combate*, n. 4833, 8 out. 1928, p. 5.

³¹⁹ “A polícia a serviço do PRP”. *O Combate*, n. 4859, 8 nov. 1928.

³²⁰ “A polícia auxiliando os camisas pretas”. *O Combate*, n. 4833, 8 out. 1928.

³²¹ BERTONHA, *op. cit.*, 1999.

³²² “Brasil-Itália”. *Diário Nacional*, n. 222, 29 mar. 1928, p. 8.

³²³ “La vita delle nostre società”. *Il Risorgimento*, n. 6, 16 mar. 1928, p. 83.

³²⁴ “Le enormità del proconsole”. *Il Risorgimento*, n. 4, 16 fev. 1928, p. 55-56.

³²⁵ “Il tradimento del presidente Crespi”. *Il Risorgimento*, n. 27, 10 jan. 1929.

³²⁶ “I bastardia della pátria”. *La Difesa*, n. 229, 5 ago. 1928.

mesmo tempo, periódicos de menor circulação também eram alvo de críticas do mesmo teor, como o *Il Moscone*, cuja simpatia ao fascismo, considerada meramente interesseira, era ridicularizada³²⁷.

No conteúdo de tais jornais, acrescentava-se, ainda, um senso claro de disputa da *italianidade* presente em artigos que se esforçavam em desvincular o sentimento nacional de qualquer apoio ao regime fascista. Trento ressalta que, especialmente ao longo da década de 20, “a ação do antifascismo no Brasil concentrou-se imediatamente na negação da validade da equação antifascistas-antiitalianos, agitada por vários setores, com tons cada vez mais agressivos”³²⁸. A consciência desta disputa se fazia presente na publicação de textos que recorriam tanto à crítica inflamada (caso dos artigos assinados por lideranças antifascistas, como Francesco Frola)³²⁹ quanto ao humor satírico³³⁰. A disputa pela *italianidade* era identificada enquanto um esforço conjunto de italianos instalados em diversos países, e a importância desta luta fora da Itália era frequentemente destacada, procurando impulsionar a mobilização italiana na cidade contra o fascismo organizado³³¹. Simultaneamente, as publicações procuravam se dirigir também aos próprios brasileiros, conforme exemplificado pelo artigo “O que nós pedimos ao Brasil”, publicado em 1928 no periódico *Il Risorgimento*: “o que nós pedimos é não acreditar, como os fascistas vêm afirmando, que Italia e fascismo são a mesma coisa, e que o povo italiano tem aderido ao fascismo”³³².

Os artigos em defesa de uma *italianidade* antifascista criticavam o manuseio do sentimento nacional pelo governo fascista por considera-lo usurpador. Francesco Frola, por exemplo, sustentava em artigo no *La Difesa* que o fascismo “si sovrappone alla nostra terra colla violenza”³³³, e seria uma “turpe farsa”³³⁴, posição intercalada com palavras de ordem como “Il fascismo è la negazione dell’anima italiana”³³⁵, e “l’anima italiana, che è l’antitesi profonda irriducibile dell’anima fascista”³³⁶, máximas que, muitas vezes, careciam de uma

³²⁷ “Supremo ridicolo”. *Il Risorgimento*, n. 45, 16 mai. 1929.

³²⁸ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 355.

³²⁹ FROLA, Francesco. “I fuorusciti e l’Anti-Italia”. *La Difesa*, n. 114, 11 nov. 1926. Neste artigo, Frola se dedica a identificar o fascismo com a “violência” e a “infâmia”, características que se oporiam ao verdadeiro “espírito italiano”.

³³⁰ Ver, por exemplo: “La storiella dell’italianità”. *La Difesa*, n. 29, 29 jun. 1924. Nesta bem humorada coluna, o autor inicia seu texto apresentando-se como um dos “antiitaliani” e “antinazionali” apenas por ser “antifascisti”.

³³¹ “Quel che si deve fare all’Estero contro il fascismo”. *La Difesa*, n. 69, 25 abr. 1926.

³³² “O que nós pedimos ao Brasil”. *Il Risorgimento*, n. 3, 01 fev. 1928, p. 35.

³³³ “Se sobrepõe a nossa terra com violência” (tradução nossa).

³³⁴ “Torpe farsa” (tradução nossa).

³³⁵ “O fascismo é a negação da alma italiana” (tradução nossa).

³³⁶ “A alma italiana que é a antítese profunda e irredutível da alma fascista” (tradução nossa).

sustentação argumentativa mais desenvolvida³³⁷. Antonio Piccarolo e seu periódico *Il Risorgimento*, por sua vez, sustentavam a mesma linha crítica ao “monopólio da italianidade”³³⁸, mas apresentavam-no enquanto um “uso demagógico do nacionalismo”³³⁹ pelo regime fascista para distrair a população italiana de seus objetivos violentos, efetivados através do expansionismo:

A expansão para o fascismo é uma questão de vida ou morte. Circundado, cercado, como é, por paizes livres, regidos por constituições que reconhecem os cidadãos como sujeitos de direito, sente-se suffocar e cada dia mais convence-se da impossibilidade de viver em luta, mesmo encoberta, com todos os povos e as nacionalidades livres. Dahi a necessidade de expansão, de conquista, a necessidade de fascistizar os outros paizes³⁴⁰.

Imagem 5 – Palavras de ordem publicadas no *La Difesa* junto ao artigo “Il fascismo è l’anti-Italia”, de Francesco Frola.

É perceptível, no entanto, que o tom assumido pelo discurso antifascista, caracterizado pela imensa variedade de dissídios e discordâncias entre diferentes facções e lideranças, não se apresentava no contexto como um projeto político propositivo, mas sobretudo como um esforço dedicado a frear os avanços do fascismo. Restringidos a esta linha de atuação, os antifascistas se exasperavam com a presença de indivíduos italianos simpáticos ao fascismo espaiada pelos diversos ambientes frequentados pela coletividade, especialmente à medida em que a mesma se ordenava na forma de tentativas mais contundentes de conquista da direção das instituições.

De tal modo, mesmo com sua dedicação aguerrida, a disputa rapidamente se revelou desequilibrada, e os vínculos estabelecidos pelo consulado (especialmente após a chegada de

³³⁷ “Il fascismo è l’anti-Italia”. *La Difesa*, n. 119, 28 nov. 1926.

³³⁸ “Il monopolio dell’italianità”. *Il Risorgimento*, n. 17, 01 set. 1928, p. 256-257.

³³⁹ HECKER, *op. cit.*, p. 184.

³⁴⁰ “O que nós pedimos ao Brasil”. *Il Risorgimento*, n. 3, 01 fev. 1928, p. 34.

Mazzolini) com grande parte das entidades italianas, através de uma estrutura de patrocínios e acenos financeiros, favoreceram o avanço de posicionamentos oficialmente simpáticos ao regime fascista por parte de grande parte destas instituições, ao mesmo tempo em que também ocorria uma escalada na tomada violenta das mais resistentes³⁴¹. De acordo com Trento, em 1928 foi assinalada “a derrota definitiva do antifascismo, que [...] não conseguiu mais controlar nenhuma associação em São Paulo”³⁴², permanecendo como única exceção a Lega Lombarda, espaço que manteve suas portas abertas às atividades antifascistas até 1936, quando, através de uma manobra política para a conquista da administração da instituição, concretizou-se a vitória final do fascismo na disputa pelos foros da vida coletiva italiana em São Paulo³⁴³.

Ao longo da década de 30, mesmo nas entidades que não se declaravam alinhadas à ideologia fascista, a submissão ao consulado e suas orientações garantia o isolamento de qualquer atividade de caráter declaradamente antifascista nas mesmas. Destacavam-se, por um lado, instituições cujas diretorias eram dominadas pelos fascistas, de forma a implicar no direcionamento ideológico da própria entidade, como eram os casos do *Fanfulla*, do *Piccolo* e outros jornais ítalo-paulistas, assim como de instituições representativas como o Istituto Dante Alighieri e o Circolo Italiano, convertidas oficialmente ao fascismo. Por outro lado, também se verificavam instituições nas quais a posição oficial mantida pela entidade prezava pela manutenção de boas relações com o consulado italiano, demonstrando abertura tímida ao fascismo por interesse ou prudência, ou mesmo de expressa neutralidade ou isenção política (poderíamos chamá-las de *afascistas*). Em relação a estas, Angelo Trento destaca os casos, por exemplo, da Unione Viaggiatori di Commercio, que se declarava apolítica, mas mantinha o alinhamento ao consulado por identificar-se enquanto italiana³⁴⁴, assim como do clube Palestra Italia³⁴⁵.

Neste período, as atividades do antifascismo italiano no Brasil diminuíram drasticamente, e as poucas organizações ainda existentes redirecionaram seus esforços em uma aproximação com o antifascismo brasileiro. A articulação com setores variados da esquerda levou à criação da Frente Única Antifascista (FUA)³⁴⁶, cuja reunião de fundação foi dirigida por Francesco Frola, e o ato público de lançamento de seu manifesto, em 14 de julho de 1933,

³⁴¹ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 330.

³⁴² *Idem*, p. 331.

³⁴³ *Idem*, p. 365.

³⁴⁴ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 332.

³⁴⁵ *Idem*.

³⁴⁶ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, v.3, n.5, jul-dez. 2002, p. 354-388, p. 360.

foi realizado na sede da Lega Lombarda³⁴⁷, demonstrando o protagonismo do antifascismo italiano na construção da Frente. Um ano depois, em outubro de 1934, a FUA seria responsável pelo enfrentamento e dissolução de um comício convocado pela Ação Integralista Brasileira (AIB) na Praça da Sé, episódio que ficou conhecido na memória da esquerda brasileira como “batalha da Praça da Sé”, ou também como “a revoada dos galinhas verdes”³⁴⁸.

Imagem 6 – Capa da edição de 10 de outubro de 1934 do *Jornal do Povo* (RJ), noticiando a dissolução do comício integralista da Praça da Sé pelos militantes da Frente Única Antifascista.

Após o conflito, a proposta política da FUA foi progressivamente esvaziada em decorrência da ascensão do Aliança Nacional Libertadora (ANL), articulação de esquerda que abrangia setores ligados ao PCB³⁴⁹. Diversos antifascistas italianos se aproximaram do comunismo neste contexto, mas após o fracasso da insurreição de 1935, foram fichados e sofreram perseguições e ameaças de expulsão pelo regime de Vargas³⁵⁰, o que reduziu ainda mais as atividades do antifascismo italiano no Brasil. Em 1939, um último esforço se manifestou na tentativa de criação da organização Unione Popolare Italiana, mas logo fracassou pela falta de lideranças, a essa altura já aposentadas da atividade política³⁵¹.

Na década de 40, especialmente a partir da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (em 1942) e seu alinhamento oficial contra o Eixo, a maior parte das elites e classes médias italianas no país abandonaram qualquer fidelidade ao fascismo, e um certo

³⁴⁷ *Idem*, p. 362.

³⁴⁸ ABRAMO, Fúlvio. *A revoada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014, p. 13.

³⁴⁹ CASTRO, Ricardo Figueiredo, *op. cit.*, p. 378.

³⁵⁰ TRENTO, *op. cit.*, 1988, p. 381-382.

³⁵¹ *Idem*, p. 382.

reflorescimento do antifascismo se manifestou através do único grupo ativo no momento em todo o país, o Italia Libera, do qual vieram a se reaproximar até mesmo as lideranças “aposentadas”, como Antonio Piccarolo³⁵². Neste contexto, no entanto, a defesa da *italianidade* enquanto manifestação de um sentimento nacionalista pelos italianos instalados no Brasil foi substancialmente esvaziada pela própria repressão estatal, que antes mesmo da entrada na guerra, já desenvolvia políticas nacionalistas que restringiam a atuação estrangeira no país³⁵³.

³⁵² *Idem*, p. 400.

³⁵³ RIBEIRO, Mariana Cardoso. *Venha o decreto de expulsão: a legitimação da ordem autoritária no Governo Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2012, p. 272.

2. O futebol em São Paulo (1894-1933)

Durante o mesmo contexto histórico trabalhado no capítulo anterior – as primeiras décadas do século XX em São Paulo –, o futebol se inseriu na vida da cidade enquanto fenômeno de ordem sociocultural intrinsecamente conectado às demais transformações experimentadas por seus habitantes. Espalhando-se de forma dinâmica por diversos territórios da metrópole em expansão, a prática futebolística logo se veria apropriada por variados grupos sociais, a despeito de sua introdução na cidade se apresentar, a princípio, no seio das elites locais.

Ainda que algumas experiências do futebol remetam a períodos anteriores – como sua prática em colégios jesuítas no interior do estado desde a década de 1880³⁵⁴ –, certo consenso historiográfico identifica um marco importante na iniciativa de Charles Miller, paulistano de ascendência escocesa que, em 1894, introduziu a prática do futebol no São Paulo Athletic Club (do qual era sócio). Estimulando-a também em outros clubes frequentados pelas elites paulistanas, a iniciativa de Miller rapidamente instaurou uma disposição competitiva³⁵⁵, adensada pelo surgimento de equipes como a Associação Atlética Mackenzie College (em 1898), o Sport Club Internacional (1899), o Sport Club Germânia (1899), o Club Atlético Paulistano (1900) e a Associação Atlética das Palmeiras (1902)³⁵⁶.

Com frequência, a introdução do futebol nesses clubes é interpretada pela historiografia enquanto “mais uma das modernidades a serem incorporadas”³⁵⁷ pelo segmento de elite no contexto de metropolização. De acordo com Edivaldo Gois Júnior, “uma das manifestações da vida europeia, qual seja, o ‘ser esportivo’, invade as principais cidades brasileiras como tradução de um ‘habitus’ ligado à modernidade”³⁵⁸, instaurando-se uma febre esportiva intrinsecamente atrelada às transformações do novo modo de vida urbano, caracterizado por uma velocidade e dinamismo que conferiam papel central ao corpo³⁵⁹. Os *sports* em geral se

³⁵⁴ SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002, p. 17.

³⁵⁵ *Idem*, p. 30.

³⁵⁶ FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 63.

³⁵⁷ MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010, p. 14.

³⁵⁸ GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 04, out/dez 2013, p. 100.

³⁵⁹ FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 17.

apresentavam como signos de uma *vitalidade* moderna³⁶⁰, abrindo espaço à prática de ampla diversidade de modalidades nos clubes que proliferavam na cidade.

Ainda que figurando inicialmente como apenas uma dentre as inúmeras práticas esportivas incorporadas, a rápida difusão do futebol entre as elites levou à criação, em 1902, da Liga Paulista de Football (LPF), composta pelas agremiações acima listadas, consolidando o circuito futebolístico que viria a ser denominado *futebol oficial*, cuja prática concentrava-se em praças desportivas próprias (principalmente no Velódromo Paulista). Ao mesmo tempo, paralelamente a esta estrutura futebolística elitista, outros setores da sociedade paulistana também protagonizaram a construção de um circuito não oficial através da “formação de times improvisados [...] que passavam da curiosidade ao mimetismo”³⁶¹, reunidos primordialmente na região da Várzea do Carmo³⁶².

Na primeira parte deste capítulo, iremos discutir a circulação da prática futebolística entre estas duas esferas, à primeira vista antagônicas, porém repletas de entrecruzamentos dos quais decorreu a consolidação do futebol paulistano enquanto fenômeno sociocultural de ampla extensão. A apropriação do esporte por grupos sociais distintos inviabilizou o isolamento de sua prática nos circuitos da elite paulistana, onde se institucionalizou inicialmente, levando ao surgimento de agremiações heterogêneas e de apelo cada vez mais massivo. Como veremos, este foi o caso, entre outros clubes, da Società Sportiva Palestra Italia, objeto de estudo desta pesquisa: fundada em 1914 a partir de um manuseio da *italianidade* como referência identitária central, a agremiação se viu atravessada desde seus primeiros anos por aspectos de classe que se enredavam tanto à presença imigrante na cidade quanto à própria consolidação do ambiente futebolístico.

Na segunda parte deste capítulo, nos dedicaremos a esmiuçar a presença destes fatores classistas enquanto elementos igualmente constitutivos da agremiação palestrina e sua torcida. Ainda que jamais tenham se organizado enquanto pilares de uma narrativa contrária ao marco da etnicidade, centralmente manuseado na formação do clube, tais aspectos marcavam a experiência dos sócios e torcedores, atravessada por conflitos sociais próprios do ambiente urbano (e futebolístico) no contexto. A partir da década de 20, como veremos no terceiro capítulo, estes aspectos ainda viriam a se manifestar em disputas internas no próprio clube,

³⁶⁰ FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 51.

³⁶¹ FRANCO JR., *op. cit.*, p. 63.

³⁶² KUPPER, Agnaldo. *Nos rastros da bola: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019, p. 76.

então organizadas de forma mais contundente em torno do antagonismo entre fascistas e antifascistas italianos organizados na cidade de São Paulo.

2.1 *Futebol oficial* e outros futebois: ligas, praças desportivas e disputas pelo futebol em São Paulo

O termo *futebol oficial*, de acordo com João Paulo Streapco, foi cunhado após a fundação da LPF (em 1902) para referenciar o circuito futebolístico derivado da organização do primeiro campeonato oficial, constituindo uma linhagem que, na década de 30, originou o futebol profissional³⁶³. Arelado desde seu princípio ao futebol praticado pelas elites paulistanas, o termo “denota o poder simbólico, econômico e político que esses grupos detiveram entre os praticantes do futebol da cidade”³⁶⁴.

As primeiras partidas entre os clubes formados no seio das elites foram realizadas no final da década de 1890, na Chácara Dulley, espaço localizado na região do Bom Retiro onde os sócios do São Paulo Athletic Club e da comunidade britânica em geral praticavam *cricket*. Times de futebol recém formados como a Associação Atlética Mackenzie College, o Sport Club Internacional e o Sport Club Germânia logo passaram a frequentar a chácara, inicialmente utilizada por Charles Miller para a realização dos primeiros treinos³⁶⁵, consolidando ali um primeiro ambiente de convivência esportiva que logo se veria forçado a migrar para outro local, devido ao loteamento da chácara no processo de urbanização do bairro do Bom Retiro³⁶⁶.

À mesma época, outros espaços situados nas áreas de várzea dos rios Tietê e Tamanduateí também eram utilizados para a prática de futebol por estas primeiras agremiações de elite, em progressiva convivência com clubes compostos por outros segmentos sociais³⁶⁷. Seu deslocamento para o Velódromo Paulista, consolidado com a criação da LPF em 1902 e motivado por notável ímpeto distintivo³⁶⁸, rapidamente oficializaria tal praça desportiva como o principal território do *futebol oficial* na cidade, sendo amplamente utilizado até 1915.

Construído em um terreno doado pela influente família Prado nas adjacências da Igreja da Consolação e inaugurado em 1896, o Velódromo fora edificado originalmente para a prática

³⁶³ STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 60.

³⁶⁴ *Idem*.

³⁶⁵ *Idem*, p. 23.

³⁶⁶ MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências (1930-1954)*. São Paulo: Alameda, 2011, p. 43.

³⁶⁷ SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 49.

³⁶⁸ SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de várzea em São Paulo: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. São Paulo: Alameda, 2016, p. 46.

do ciclismo, e figurava como um dos diversos ambientes atrelados aos imaginários e hábitos *modernos* difundidos entre as elites paulistas³⁶⁹. As primeiras partidas de futebol neste espaço ocorreram em 1900, durante os intervalos das provas de ciclismo em uma festa beneficente organizada pelo Sport Club Internacional, e conforme ressaltado por Wilson Gambeta, a princípio “não provocaram nenhuma manifestação especial de apreço dos espectadores”³⁷⁰, visto que “o futebol era apenas uma entre muitas outras atividades atléticas amadoras que atraíam a participação da juventude aristocrática e burguesa”³⁷¹.

Nesse contexto, frequentar o Velódromo “era uma atividade social, na qual os jovens da burguesia se mostravam e eram vistos”³⁷², e as práticas esportivas, apresentadas em “disputas segmentadas, com ritmo veloz e curta duração”³⁷³, conformavam a cultura apreciada naquele ambiente de sociabilidade elitista, o que demandou uma adequação inicial do futebol, que frequentemente era disputado em partidas de 20 minutos de duração realizadas nos intervalos das demais atividades. Com a criação do Club Atlético Paulistano, em 1900, o Velódromo passou a comportar sua sede social³⁷⁴, e pouco a pouco o futebol se consolidou como a principal atividade esportiva do local, substituindo as competições de ciclismo à medida em que o interesse por estas também decaiu.

Imagem 7 – Velódromo Paulista sendo utilizado para a prática de futebol.

³⁶⁹ SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015, p. 20.

³⁷⁰ GAMBETA, Wilson. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013, p. 120.

³⁷¹ *Idem*, p. 118.

³⁷² STREAPCO, *op. cit.*, p. 28.

³⁷³ GAMBETA, *op. cit.*, p. 121.

³⁷⁴ SALUN, *op. cit.*, p. 37.

Além do Velódromo, os clubes de elite e a LPF utilizavam outras praças desportivas nas redondezas, como o pátio do Colégio Mackenzie e a sede do São Paulo Athletic Club na Rua da Consolação³⁷⁵. De tal modo, em um contexto de significativa expansão da malha urbana paulistana, a região frequentada pelas elites se mantinha próxima ao centro da cidade e conformava o epicentro territorial inicial da prática futebolística das mesmas.

No entanto, por força das demandas de reconfiguração urbana da região já em fins da primeira década do século XX, logo acresceram-se ao rol de territórios do *futebol oficial* praças desportivas de localização mais afastada do centro, como a Chácara da Floresta, localizada na região da Ponte Grande e construída pela Prefeitura em 1912 para concentrar práticas esportivas às margens do Rio Tietê³⁷⁶, e o Parque Antarctica. Este último, construído pela Companhia Antarctica Paulista (criada em 1888 no bairro da Água Branca), originalmente consistia em um espaço destinado aos funcionários da empresa³⁷⁷, mas rapidamente se abriu à população da cidade, tornando-se um dos principais equipamentos de lazer da cidade³⁷⁸. A localização em uma região fabril também favorecia seu uso recorrente pela classe operária – até meados da década de 30 – para atividades de lazer e reunião, como piqueniques no dia 1º de maio³⁷⁹ e festivais de propaganda e beneficência³⁸⁰.

³⁷⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 24.

³⁷⁶ *Idem*, p. 36.

³⁷⁷ SOUSA, Diógenes Rodrigues de. *Parque Antarctica: um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX*. Trabalho de conclusão de curso, São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2014, p. 19.

³⁷⁸ Vide, por exemplo, as memórias de Zélia Gattai, para quem, na infância, a ida ao Parque Antarctica era um “grande programa, o maior, o melhor de todos”. GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. 29ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 38-39.

³⁷⁹ Ver os depoimentos do Sr. Amadeu Bovi, operário de origem italiana do bairro do Brás, registrados por Ecléa Bosi. Ver: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 142.

³⁸⁰ “Grandioso festival ao ar livre no Parque Antarctica (Stadium Palestra Italia)”. *La Difesa*, n. 53, 3 jan. 1926.

Imagem 8 – Convocatória publicada no jornal *La Difesa* para festival beneficente no Parque Antarctica.

Por abrigar um dos primeiros campos de futebol da cidade, em 1902 o parque recebeu a partida inaugural do campeonato paulista da LPF, disputada entre os clubes Germânia e Mackenzie³⁸¹. Consolidando-se como referência para a prática de diversas modalidades esportivas, as dependências do parque começaram a ser alugadas pela Companhia Antarctica para diferentes clubes³⁸², sendo utilizadas regularmente pelo Sport Club Germânia³⁸³ e adotadas pela LPF a partir de 1913 como campo oficial após uma cisão entre os clubes da liga³⁸⁴. Tal ruptura decorreu do descontentamento de alguns times com os altos valores de locação do Velódromo, cobrados pelo Paulistano, ao qual acrescentavam-se as críticas às dimensões do campo (improvisado em um espaço originalmente concebido para a prática do ciclismo). Com a oferta de uma locação mais barata no Parque Antarctica, o Sport Club Germânia sugeriu o deslocamento das partidas da LPF para o campo da Água Branca, o que não foi aceito pelo Paulistano. Sem acordo, as equipes romperam e o Paulistano conduziu a formação da Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), que passou a realizar suas partidas na Chácara da Floresta e em sua nova sede construída no bairro dos Jardins após a desapropriação e demolição do Velódromo, em 1915³⁸⁵. Nos anos seguintes, a LPF seria progressivamente esvaziada, até dissolver-se definitivamente em 1916, quando as equipes que

³⁸¹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 30.

³⁸² SOUSA, *op. cit.*, p. 21.

³⁸³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 24.

³⁸⁴ *Idem*, p. 28.

³⁸⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 29.

ainda a compunham foram incorporadas à APEA, e esta se tornou a entidade representativa do *futebol oficial*³⁸⁶.

Paralelamente a todo este amplo circuito formado pelas equipes, associações, praças desportivas e territórios do *futebol oficial*, primordialmente circunscritos às elites, um outro ambiente futebolístico “não oficial” também vinha se estabelecendo desde a primeira década do século XX, protagonizado pelos demais grupos sociais da cidade. Em um processo discutido por Agnaldo Kupper nos termos de uma “apropriação”³⁸⁷, uma vez que a introdução original do esporte na cidade teria sido protagonizada pelas elites, a popularização do futebol levou ao surgimento de novas formas de vivenciar o esporte, enredando-se à esfera do *futebol oficial* através de processos de interação, negociação e disputa.

O exercício de uma genealogia do futebol “não oficial” nos revela que certos antagonismos sociais deflagrados pelas condições de exclusão, em diversas ocasiões, estabeleciam uma fronteira clara entre o futebol das elites e sua prática por outros segmentos, especialmente as camadas médias e pobres da cidade. Ainda que tal antagonismo não tenha perdurado na forma de uma segregação absoluta, tendo em vista os cruzamentos rapidamente estabelecidos entre as esferas do circuito “não oficial” e do *futebol oficial*, cada uma destas esferas se desenvolveu em territorialidades próprias e elaborou formas distintas de vivenciar o esporte.

De acordo com Kupper, embora o futebol não tenha atraído, a princípio, os setores médios e populares da cidade tanto quanto outras novidades “modernas” – como o cinema e o teatro musicado³⁸⁸ –, já durante a primeira década do século XX começou a se expandir pelos bairros da cidade “como forma de integração social e identificação local, seguindo os passos dos mais seletos paulistanos”³⁸⁹. Uma infinidade de clubes surgidos nos bairros operários da Mooca, Belém e Barra Funda entre os anos de 1900 e 1901 é indicada por José Moraes dos Santos Neto, a partir de levantamento realizado em documentação das companhias ferroviárias e matérias de jornais da época³⁹⁰, destacando-se a participação de jogadores negros – absolutamente ausentes do circuito oficial – em diversas equipes³⁹¹.

³⁸⁶ *Idem*, p. 70.

³⁸⁷ KUPPER, *op. cit.*, p. 77.

³⁸⁸ *Idem*, p. 75.

³⁸⁹ *Idem*, p. 77.

³⁹⁰ SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 49-52.

³⁹¹ Santos Neto destaca, por exemplo, o Liberdade Futebol Clube, time da Mooca que contava com dois goleadores negros, Simão e Mané; e o União Futebol Clube, fundado em 1901 na Barra Funda, onde atuava a dupla de ataque Formiga e Simão. Ver. SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 51-52.

Neste contexto, as várzeas dos rios Tamanduateí e Tietê constituíam, a princípio, o espaço compartilhado por essas equipes com os clubes formados pelas elites: Charles Miller já utilizara a Várzea do Carmo como espaço para a realização de alguns de seus primeiros treinamentos na década de 1890³⁹², e os primeiros campos utilizados pelos clubes de elite, com a Chácara Dulley e a Chácara Witte, localizavam-se também em áreas de vazão do rio Tietê³⁹³. Essa convivência, logo concebida como indesejável, foi suprimida com o deslocamento das equipes do *futebol oficial* para as praças desportivas distintivas anteriormente apresentadas, construídas com objetivos que transcendiam a mera prática esportiva ao contemplar anseios de sociabilidade burguesa³⁹⁴. Desta forma, embora a prática do futebol em São Paulo como um todo tenha se originado e expandido inicialmente nos espaços de várzea, foi somente a partir deste momento que o termo “futebol de várzea” passou a ser utilizado, designando “a prática dos times populares que continuaram a utilizar os espaços de vazão dos rios para o jogo”³⁹⁵, desenvolvendo e consolidando um circuito futebolístico paralelo ao dos clubes de elite.

De acordo com João Paulo Streapco, “onde houvesse um riacho, córrego ou rio, havia um campo de futebol”³⁹⁶. Nestes espaços, as atividades de inúmeras equipes configuravam uma existência efêmera que se circunscrevia às possibilidades de sua informalidade: conforme destacado por Diana Mendes da Silva, “sem campo de futebol próprio ou alugado, os clubes não se mantinham”³⁹⁷, tornando igualmente fugazes o surgimento e desaparecimento de equipes no circuito das várzeas e campos de bairro. Situadas às margens do *futebol oficial* da LPF, geograficamente ocupavam espaços igualmente marginais da cidade, deslocando-se à medida em que os interesses especulativos³⁹⁸ e as reformas urbanas – como a progressiva transformação de muitas dessas várzeas em grandes avenidas³⁹⁹ – se debruçavam sobre estes espaços, anteriormente escamoteados.

Desde a virada do século XIX para o século XX – com especial ênfase nas gestões dos prefeitos Antonio Prado (1899-1910) e Barão de Duprat (1911- 1914)⁴⁰⁰ – tais reformas vinham sendo discutidas e realizadas pelas elites dirigentes da cidade, orientadas por modernas referências urbanas europeias. Conforme apresentado por Hugo Segawa, a produção dos

³⁹² STREAPCO, *op. cit.*, p. 23.

³⁹³ SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 49.

³⁹⁴ STREAPCO, *op. cit.*, p. 28.

³⁹⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 46.

³⁹⁶ STREAPCO, *op. cit.*, p. 35.

³⁹⁷ SILVA, *op. cit.*, p. 75.

³⁹⁸ *Idem*, p. 63.

³⁹⁹ *Idem*, p. 35.

⁴⁰⁰ MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p. 201.

diversos projetos de remodelação da paisagem urbana no contexto se orientava por um ideal de modernidade marcado pela suntuosidade como signo, opondo-se ao “colonial arcaico e simples”⁴⁰¹. O autor recupera trechos de um discurso do engenheiro Alexandre de Albuquerque, que integrava o escritório de Ramos de Azevedo, justificando seu projeto para remodelar a cidade “[...] demolindo, e, nas ruínas, erguendo uma nova cidade digna dos progressos do século”⁴⁰². Eram projetos que apostavam, portanto, em uma ideia de “novo”, oposta ao considerado “arcaico”, aludindo a grandes reformas urbanas realizadas na Europa.

A principal referência, sem dúvida, eram as obras operadas pela administração do Barão de Haussmann (1853-1870) em Paris. Estas intervenções, de acordo com Marshall Berman, foram “altamente revolucionárias para a vida urbana do século XIX”, na medida em que implantavam “uma vasta rede de bulevares no coração da cidade medieval, [...] novas vias e artérias como um sistema circulatório urbano”⁴⁰³. David Harvey aponta que “o espaço urbano era visto e tratado como uma totalidade na qual diferentes bairros da cidade e diferentes funções eram colocados em relação para que se formasse um todo funcional”⁴⁰⁴. A Paris transfigurada de Haussmann afirmava-se como modelo de cidade moderna, reordenando seu espaço físico a partir de um projeto racional, e gerando novos comportamentos humanos e sociais.

Se tal operação transformadora se consolidara como referência de um urbanismo moderno e ecoava em São Paulo na virada do século XIX para o XX, Segawa destaca, no entanto, que na capital paulista

[...] esse encantamento reformador não acontecia apenas pelo suposto idealismo de uma vontade de equiparação em matéria urbanística às grandes capitais “civilizadas”, tampouco pelo entusiasmo por uma cultura urbanística referenciada no surgimento de um debate dessa natureza na Europa e nos Estados Unidos. O resultado mais sedutor e prático em todo o processo era a perspectiva de diversificação e aplicação de capitais num âmbito inédito⁴⁰⁵.

⁴⁰¹ SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, p. 37.

⁴⁰² ALBUQUERQUE apud SEGAWA, *op. cit.*, p. 16.

⁴⁰³ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 180.

⁴⁰⁴ HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. Trad. Magna Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 153.

⁴⁰⁵ SEGAWA, *op. cit.*, p. 17.

O processo de transfiguração da paisagem e a própria expansão urbana de São Paulo orientava-se, portanto, pela oportunidade assinalada na coordenação de investimentos públicos em obras na cidade que favorecessem atividades capitalistas e interesses privados. Neste processo de remodelação urbana, as chácaras e campos de várzea onde se inaugurou a prática futebolística na cidade foram progressivamente consumidos, forçando um permanente deslocamento das agremiações desportivas que, conforme assinalado anteriormente, não poupava sequer os territórios futebolísticos utilizados pelos clubes de elite.

Ao mesmo tempo, a especulação criava bairros e loteamentos afastados, produzindo “vazios que seriam preenchidos gradualmente, conforme a infra-estrutura implantada e as conveniências especulativas”⁴⁰⁶, e gerando um mapa urbano fragmentado e repleto de brechas entre as periferias e o centro, o que favorecia os interesses especulativos. Nestas brechas provisórias, caracterizadas por terrenos baldios onde logo se improvisaram campos de futebol, manteve-se a prática do “futebol de várzea”. O termo, por sua vez ressignificado, passava a contemplar não apenas as várzeas geográficas dos rios paulistanos, mas também os campos de bairro onde os pequenos clubes alheios ao *futebol oficial* se reuniam⁴⁰⁷.

Diante de tal proliferação de espaços futebolísticos informais, os ímpetus disciplinares projetados pelas elites dirigentes sobre o espaço urbano não pouparam esforços e medidas de controle e regulamentação: conforme apresentado por João Paulo Streapco, a primeira legislação sobre práticas esportivas na cidade foi produzida em 1904 pelo prefeito Antônio Prado, determinando dimensões e locais apropriados para a instalação de campos de futebol e prevendo multas a quem desrespeitasse tal regulação⁴⁰⁸. Em 1923, um novo artigo acrescentado à lei ainda proibiria a prática do futebol nas ruas e praças da cidade⁴⁰⁹.

Há de se pontuar também que, nesse processo de reordenação do espaço urbano, os antagonismos sociais se acentuavam, visto que a ocupação dos territórios redesenhados se dava de forma desigual e excludente. De acordo com Raquel Rolnik, os interesses econômicos de investidores e especuladores eram centralmente contemplados no processo de criação dos marcos legais, que regulavam e orientavam a transformação do espaço estabelecendo “[...] fronteiras, demarcando e dissolvendo territórios”⁴¹⁰, e efetivando “a emergência da segregação como elemento estruturador da cidade”⁴¹¹. Simultaneamente, a metáfora da higiene reforçava

⁴⁰⁶ *Idem*, p. 109.

⁴⁰⁷ STREAPCO, *op. cit.*, p. 25.

⁴⁰⁸ *Idem*, p. 26.

⁴⁰⁹ *Idem*.

⁴¹⁰ ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997, p. 101.

⁴¹¹ *Idem*, p. 28.

o discurso de legitimação da segregação: conforme demonstrado por Margareth Rago, “na ordem do discurso médico-sanitarista, a doença adquire a dimensão de problema econômico, político e moral, e a miséria se torna o novo veículo de contágio”⁴¹², instituindo arquiteturas de vigilância⁴¹³ – como as vilas operárias – que assimilavam a segregação aos ímpetus disciplinares das elites dirigentes.

João Paulo Streapco assinala, entretanto, que justamente sob as condições deste antagonismo social, o futebol passou a se apresentar como símbolo acessível às distintas classes sociais de uma modernidade, em geral, segregadora: “[...] um modo de representação da existência negada em outros campos sociais, algo como o tempo da exceção, o tempo fora do dia a dia marcado pelo trabalho e pelas relações e regras do tempo comum”⁴¹⁴. Sob tais condições, proliferou a formação de clubes de várzea, compostos e frequentados por integrantes dos segmentos médios e pobres, pelas populações negras e mestiças⁴¹⁵ e elementos do operariado paulistano⁴¹⁶, consolidando a existência de um circuito paralelo às ligas e campeonatos do *futebol oficial*, que progressivamente se caracterizaria por significativa competitividade e ampla popularidade⁴¹⁷.

No mesmo contexto, a disseminação da prática futebolística entre o operariado paulistano também originou o chamado *futebol de fábrica*, praticado por times criados pelos trabalhadores no interior das indústrias. Assim como no caso das equipes formadas pelos empregados das ferrovias, dando origem a uma ampla variedade de *clubes ferroviários*⁴¹⁸, o *futebol de fábrica* constituía uma atividade do tempo livre surgida do agrupamento associativo dos próprios trabalhadores em momentos de lazer⁴¹⁹.

Fátima Antunes destaca que a formação de tais equipes logo passou a ser incentivada pelos patrões, objetivando tanto a divulgação das empresas e seus produtos⁴²⁰ quanto novas formas de controle do lazer e divertimento dos operários⁴²¹. Se, por um lado, “os clubes

⁴¹² RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista* (Brasil, 1890-1930). 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 215.

⁴¹³ *Idem*, p. 245.

⁴¹⁴ STREAPCO, *op. cit.*, p. 53.

⁴¹⁵ ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol no início do século XX. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 26, n.1, jan-mar. 2012, p. 67.

⁴¹⁶ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 42.

⁴¹⁷ SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 66.

⁴¹⁸ BUCHMANN, Ernani. *Quando o futebol andava de trem: memória dos times ferroviários brasileiros*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 14.

⁴¹⁹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992, p. 33.

⁴²⁰ *Idem*, p. 39.

⁴²¹ *Idem*, p. 185.

operários tornavam-se [...] motivo de orgulho para as empresas, figurando até mesmo nos álbuns preparados para divulgar a imagem da indústria nacional”⁴²², conforme discutido pelo historiador Leonardo Pereira, simultaneamente também se apresentavam como possibilidade de afastamento do operariado de atividades consideradas moralmente nocivas ou politicamente subversivas⁴²³, como podemos constatar nas lembranças do empresário Nicolau Scarpa – referenciadas pela historiadora Margareth Rago – sobre o cotidiano da Vila Maria Zélia, da qual se tornara proprietário em 1926: de acordo com o industrial, a prática do futebol operário, sustentada pela empresa com a manutenção de um campo na Vila e uma equipe atuante em campeonatos, era uma das medidas que “resolve admiravelmente os complexos problemas da Questão Social, e soluciona o conflito entre o capital e o trabalho, que tanto vem preocupando a humanidade”⁴²⁴.

O entusiasmo patronal manifestava-se, portanto, como uma extensão dos ímpetus disciplinares praticados no interior do ambiente fabril, sob uma perspectiva paternalista progressivamente defendida e implementada à época por diversos industriais⁴²⁵. Entre as estratégias implementadas destacava-se, por exemplo, o favorecimento aos operários que jogassem bem:

Oferecia-se uma remuneração especial aos operários-jogadores sob a forma de pequenos presentes e serviços diversos, de gratificações e, inclusive, de um segundo salário. Muitos trabalhadores viam-se estimulados pela possibilidade de complementar os ganhos provenientes do trabalho na fábrica com os "bichos" pagos aos jogadores. Com esse propósito, engajavam-se nas acirradas disputas internas por uma posição no time, o que foi motivo de vários conflitos entre os próprios trabalhadores⁴²⁶.

O crescimento do *futebol de fábrica* levou à consolidação de um circuito próprio, no qual os times das diferentes fábricas disputavam partidas entre si, eventualmente contra equipes da várzea, e muitas vezes contavam com jogadores que atuavam também em outras

⁴²² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 264-265.

⁴²³ DECCA, *op. cit.*, p. 89.

⁴²⁴ SCARPA apud RAGO, *op. cit.*, p. 237.

⁴²⁵ RAGO, *op. cit.*, p. 52-53.

⁴²⁶ ANTUNES, *op. cit.*, p. 51.

agregiações⁴²⁷. Dentre as equipes formadas neste ambiente, um dos exemplos mais conhecidos é o C.A. Juventus, fundado em 1924 por funcionários do Cotonifício Crespi, originalmente sob a alcunha de Cotonifício Rodolfo Crespi Futebol Clube⁴²⁸. A agregiação obteve a aprovação do proprietário da indústria, Conde Rodolfo Crespi, que cedeu o terreno localizado à rua Javari para a construção do campo e futuro estádio do clube, e, de acordo com as fontes oficiais da própria agregiação, sugeriu a alteração do nome para Clube Atlético Juventus, efetivada em 1930⁴²⁹.

Entretanto, ainda que abrisse novos horizontes de controle e disciplinarização dos operários pela classe patronal, Antunes ressalta também que “o futebol de fábrica representou um espaço de mobilização e de organização dos trabalhadores”⁴³⁰, tornando-se alvo da atuação de militantes anarquistas e socialistas, a despeito de certa resistência inicial destes em relação à prática esportiva. A difusão veloz e intensa do futebol entre o operariado, rapidamente consolidando-se como uma de suas principais atividades de lazer⁴³¹, inicialmente fora rechaçada pelos militantes (especialmente anarquistas), que afirmavam que “o cansaço acumulado os faria render menos no trabalho, oferecendo ao patrão um pretexto para multá-los e até os demitir”⁴³². Em uma anedota publicada em 9 de outubro de 1906 no jornal anarquista *Terra Livre*, recuperada por Glauco José Souza, tal perspectiva se expressa com clareza:

[...] um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de football. Os patrões gostam que os operários gastem as suas energias nessas coisas e por isso o pedido foi logo satisfeito. Demais o jogo deveria ser entre o coreto e a casa do “senhor coronel” de

⁴²⁷ Vide o relato de Gustavo Pauli, atleta profissional do Palestra Italia nos anos 30 que atuou em diversos times amadores, inclusive em uma equipe da fábrica Matarazzo, mesmo sem ser funcionário da empresa. O depoimento, recolhido por Alfredo Oscar Salun, também faz menção à equipe da fábrica Melhoramentos e tece comentários sobre o circuito do *futebol de fábrica*, suas relações com os clubes de bairro e equipes oficiais. Ver: SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?* Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007, p. 160.

⁴²⁸ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 45.

⁴²⁹ JUVENTUS. “Juventus: de um time fabril a uma pujança esportiva”. Disponível em <http://www.juventus.com.br/clube/historia/1924-a-1961/> (acesso em 29 dez. 2020 às 11:30).

⁴³⁰ ANTUNES, *op. cit.*, p. 186.

⁴³¹ DECCA, *op. cit.*, p. 88.

⁴³² TRENTO, Angelo. Organização operária e organização do tempo livre entre os imigrantes italianos em São Paulo (1889-1945). In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 249.

certo para divertir os amáveis burgueses. O escravo também é palhaço⁴³³.

Nas décadas seguintes, a despeito da efetiva consolidação do futebol enquanto objeto apreciado, praticado e compartilhado em âmbito cada vez mais massivo, críticas ao esporte se mantiveram vigentes em parte significativa dos círculos de militância política de esquerda, identificando o futebol enquanto mero aspecto da sociedade burguesa capitalista⁴³⁴. Na década de 20, diversos periódicos militantes permaneciam convictos em sua oposição à prática, como o jornal anarquista *Alba Rossa*, que afirmava: “non scrivvamo per *sport*. Il nostro sporto è il lavoro quotidiano. Siamo lavoratori del braccio”⁴³⁵.

Neste contexto, tal postura se estenderia também a alguns jornais antifascistas que, a despeito da diversidade de suas orientações ideológicas, não concebiam suas páginas como espaços para o relato das atividades futebolísticas da cidade, a menos que se entrelaçassem diretamente à denúncia do fascismo e sua expansão entre os italianos em São Paulo. Em 1931, por exemplo, o importante periódico antifascista *La Difesa* se colocava explicitamente contra os esportes em geral e o que chamava de “campeonismo”, colocando-os em oposição à “educação das massas”, da qual seria partidário⁴³⁶.

Em contrapartida, desde fins da década de 1910, quando a difusão do esporte conformava um fenômeno já consolidado entre as distintas classes sociais em São Paulo, outras abordagens também passaram a se manifestar no seio do movimento operário, assumindo a necessidade de incorporar o futebol aos discursos e práticas militantes enquanto elemento que compunha a cultura operária. O destacado jornal *A Plebe*, por exemplo, incluiu partidas de futebol no programa de seus festivais operários, como a disputa da “Taça Escola Moderna” no festival realizado em setembro de 1919 no Parque da Aclimação⁴³⁷, além de saudar em suas páginas a possibilidade de agregar a prática futebolística a uma cultura operária com viés de mobilização, tornando-a um “divertimento consciente”⁴³⁸.

⁴³³ *Terra Livre*, 9 out. 1906, apud SOUZA, Glauco José, p. 10.

⁴³⁴ FRANCO JR., *op. cit.*, p. 70.

⁴³⁵ “Não escrevemos sobre esporte. O nosso esporte é o trabalho cotidiano. Somos trabalhadores braçais” (tradução nossa). “Una congiura di briganti”. *Alba Rossa*, n. 1 (nova fase, ano III), 17 mar. 1923.

⁴³⁶ “Stampa, cinema, sport”. *La Difesa*, n. 337, 1 jan. 1931.

⁴³⁷ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 40.

⁴³⁸ SOUZA, *op. cit.*, p. 15.

Nas décadas seguintes, entrelaçamentos entre esporte e militância se fizeram visíveis em atividades de agitação e propaganda dentro de diversos clubes de várzea⁴³⁹. Um exemplo interessante se deu em 1928, quando o clube União Lapa, conhecido por protagonizar em 1910 a primeira partida disputada pelo Corinthians – na qual a agremiação lapeana obteve a vitória por 1 a 0⁴⁴⁰ –, sediou uma conferência do militante Francesco Frola⁴⁴¹ organizada pela Lega Antifascista, evidenciando os cruzamentos estabelecidos entre o ambiente futebolístico e a militância política de esquerda no contexto⁴⁴². No mesmo ano, a proposta de um programa de “proletarização do esporte” divulgado no periódico *O Trabalhador Gráfico* evidenciava a preocupação de setores do movimento operário em contemplar a prática esportiva⁴⁴³, neste momento já profundamente explorada pelo segmento patronal nos clubes de fábrica e progressivamente manuseada pelo fascismo (especialmente a partir de 1931 com a criação da Opera Nazionale Dopolavoro)⁴⁴⁴. Alguns periódicos antifascistas da década de 30 como o *La Vittoria* (dirigido por Nino Daniele, Alessandro Cerchiai e Carlo Battaglia), por sua vez, chegaram até mesmo a apresentar uma tímida seção esportiva⁴⁴⁵.

Imagem 9 – Convocatória no jornal *La Difesa* para conferência do antifascista Francesco Frola na sede do União Lapa Futebol Clube.

⁴³⁹ Ver, por exemplo, os relatos de memória do militante comunista Eduardo Dias, que comenta os clubes de bairro na década de 40 afirmando que “esporte e política viviam irmãmente, um ajudando ao outro. Não havia divergências. Muitos amigos nossos não participavam de nossas ideias. No entanto, eram os mais batalhadores do clube”. Ver DIAS, Eduardo. *Um imigrante e a revolução: memórias de um militante operário (1934-1951)*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 60.

⁴⁴⁰ STREAPCO, *op. cit.*, p. 203.

⁴⁴¹ Sobre Francesco Frola, eminente militante antifascista italiano que atuou em São Paulo durante a década de 20, ver capítulo 1.3.

⁴⁴² “Lega Antifascista”. *La Difesa*, n. 222, 17 jun. 1928.

⁴⁴³ DECCA, *op. cit.*, p. 121-122.

⁴⁴⁴ Sobre o Dopolavoro e as relações entre esporte e fascismo em terras brasileiras, ver capítulo 1.3.

⁴⁴⁵ “Sport”. *La Vittoria*, n.1, 2 jul. 1930, p. 4.

A existência de tais disputas sobre a prática futebolística em suas múltiplas variações para além do *futebol oficial*, manifestando-se nas várzeas, nos clubes de bairro, fábricas e outros ambientes, sinalizam o alcance e relevância que o esporte assumia na cidade de São Paulo ao longo das primeiras décadas do século XX. A despeito dos esforços de distinção e segregação inicialmente empregados pelos clubes de elite, as interações e entrelaçamentos entre o *futebol oficial* e os outros circuitos futebolísticos tornaram-se cada vez mais constantes, alimentando-se da popularização do esporte e, simultaneamente, expandindo cada vez mais seu alcance.

Um exemplo destas interações é apontado por João Paulo Streapco na existência de um intercâmbio contínuo entre jogadores da várzea e dos clubes oficiais, através de sua inscrição em equipes e participação em jogos⁴⁴⁶. O cenário, a princípio, seria desfavorável a essa prática: os esforços de segregação mantidos pelas agremiações de elite eram visíveis nas limitações impostas (especialmente a partir da década de 1910) à introdução de jogadores oriundos de outros segmentos sociais em suas fileiras, cobrando dos atletas um “nível social” considerado imprescindível⁴⁴⁷. Conforme Fabio Franzini aponta,

[...] essa determinação subjetiva significava que eles deveriam, entre outras coisas, ter algum grau de instrução, possuir uma ocupação regular e dispor de tempo livre para treinamentos e jogos. Tudo para preservar uma “atividade amadorística pura”, como o ensaísta Anatol Rosenfeld já apontava na década de 1950⁴⁴⁸.

O Club Atlético Paulistano figurava, neste sentido, como a mais proeminente agremiação defensora do *sportmanship*, “universo de códigos e símbolos relativos à vida esportiva da elite, em que o culto à excelência, à elegância e à relação amadora com os esportes figurava de maneira central”⁴⁴⁹. Conforme destacado por Diana Mendes da Silva, no estatuto do clube assinalavam-se restrições à adesão de novos agremiados, sendo aceitos apenas indivíduos que “sendo público e notório, gozassem de boa fama na sociedade”⁴⁵⁰, e “de

⁴⁴⁶ STREAPCO, *op. cit.*, p. 207.

⁴⁴⁷ FRANZINI, *op. cit.*, 2003, p. 38.

⁴⁴⁸ *Idem*.

⁴⁴⁹ SILVA, *op. cit.*, p. 111.

⁴⁵⁰ Estatuto do Club Atlético Paulistano, apud SILVA, *op. cit.*

proeminência social e econômica na cidade”⁴⁵¹. Restrições similares figuravam nos regulamentos da LPF, incluindo a proibição de atletas profissionais⁴⁵², e eram reproduzidos por outros clubes vinculados às elites e ao circuito do *futebol oficial*, objetivando a manutenção de uma estrutura excludente, apresentada por Franzini como fator crucial na formação e crescimento dos demais circuitos paralelos ao *futebol oficial*⁴⁵³.

Ao mesmo tempo, a ascensão de um viés progressivamente competitivo na prática futebolística logo provocou flexibilizações sobre tais diretrizes e a ética amadora, com a própria atuação cúmplice de dirigentes de clubes do *futebol oficial*. Já na década de 1910, conforme apresentado por Franzini, em diversas agremiações “era comum, por exemplo, seus diretores arranjam empregos fictícios para os craques ‘desocupados’ de seus quadros, ou então professores para os analfabetos, que assim regularizavam sua situação junto às entidades organizadoras”⁴⁵⁴. Diana Mendes da Silva sinaliza uma certa ambiguidade até mesmo sobre o próprio Paulistano e a possibilidade de pagamentos ao atleta Arthur Friedenreich⁴⁵⁵, em um contexto no qual a remuneração aos jogadores, ainda que de maneira absolutamente informal, tornava-se cada vez mais regular, inclusive no circuito do futebol de várzea⁴⁵⁶.

A circulação de jogadores entre os ambientes do *futebol oficial* e não oficial, bem como a ascensão de arranjos, artimanhas e táticas para driblar as restrições da ética amadora – a partir de então denominadas de *falso amadorismo*⁴⁵⁷ ou *amadorismo marrom*⁴⁵⁸ – evidenciam que, para além dos embates e exclusões efetivamente presentes nas relações entre as diferentes esferas do futebol paulistano à época, também se expressavam uma série de práticas marcadas por “resistência, negociação e acomodamento dos interesses das diversas agremiações”⁴⁵⁹. Um outro exemplo dessas interações mais complexas é o acesso de alguns clubes às ligas oficiais durante a década de 1910, o que promoveria uma alteração definitiva nos rumos do esporte na cidade.

A primeira destas agremiações foi o Clube Atlético Ypiranga, cuja ascensão à Liga Paulista de Football em 1912 foi atravessada por tensões e dissensos entre os demais clubes da entidade a respeito de sua incorporação⁴⁶⁰. No ano seguinte, a LPF também promoveria a

⁴⁵¹ *Idem.*

⁴⁵² SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 31.

⁴⁵³ FRANZINI, *op. cit.*, 2010, p. 62.

⁴⁵⁴ FRANZINI, *op. cit.*, 2003, p. 38.

⁴⁵⁵ SILVA, *op. cit.*, p. 112.

⁴⁵⁶ STREAPCO, *op. cit.*, p. 67.

⁴⁵⁷ *Idem.*

⁴⁵⁸ FRANZINI, *op. cit.*, 2003, p. 63.

⁴⁵⁹ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 56.

⁴⁶⁰ SANTOS NETO, *op. cit.*, p. 66.

entrada do Sport Club Corinthians Paulista, fundado em 1910 no bairro do Bom Retiro⁴⁶¹ por integrantes das classes médias e operárias⁴⁶² e vinculado ao circuito do futebol varzeano. A Società Sportiva Palestra Italia⁴⁶³, agremiação originada entre os segmentos médios e populares da coletividade ítalo-paulistana, por sua vez, obteve acesso ao circuito oficial do futebol paulista em 1916, incorporando-se à APEA⁴⁶⁴.

Alfredo Oscar Salun destaca que, caracterizados por uma rápida ascensão esportiva e notável popularidade, Corinthians e Palestra Italia, ao serem incorporados às ligas oficiais, não atuaram como “representantes de um ‘bloco popular/varzeano, mas atendendo a seus próprios anseios, que muitas vezes eram conflitantes com seus pares de ‘classe’, visto que o acesso às ligas significava vencer seus rivais mais próximos”⁴⁶⁵. Além disso, em ambas agremiações se verificou uma aproximação com indivíduos e grupos pertencentes às elites políticas e econômicas da cidade, intensificada nos anos seguintes e motivada por uma complexa teia de interesses mútuos. Se por um lado estas aproximações favoreciam os clubes em seus objetivos institucionais, facilitando a integração às ligas oficiais e, na década de 20, a construção de seus estádios, simultaneamente o alcance popular das agremiações se desenhava como objeto tentador para o manuseio das elites e seus ímpetos disciplinares.

No caso do Corinthians, o historiador Marco Aurélio Lourenço destaca que, já entre 1914 e 1915, havia uma “preocupação dos dirigentes em desvincular a imagem do clube do bairro do Bom Retiro para facilitar a aceitação de seu ingresso na Liga Paulista”⁴⁶⁶. Poucos anos depois, a crucial aproximação do deputado José de Alcântara de Oliveira Machado, “jurista, professor e político renomado”⁴⁶⁷, favoreceu o arrendamento da primeira praça esportiva corintiana própria, na região da Ponte Grande⁴⁶⁸. No fim da década seguinte, a incorporação ao clube de outras figuras provenientes das elites econômicas, como os irmãos

⁴⁶¹ NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992, p. 61.

⁴⁶² Autores como Plínio Negreiros e João Paulo Streapco apresentam ressalvas ao mito de fundação corintiano, caracterizado pela idealização de uma origem humilde, ao verificar a participação ativa de profissionais liberais (como o dentista João Batista Maurício) e funcionários qualificados de empresas da cidade na fundação do clube, demonstrando a presença de uma pequena classe média no clube desde suas atividades iniciais. Ver STREAPCO, *op. cit.*, p. 207-209, e NEGREIROS, *op. cit.*, p. 66-67.

⁴⁶³ Por se tratar de objeto central desta pesquisa, seu caso será discutido de forma aprofundada na segunda parte deste capítulo.

⁴⁶⁴ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 79.

⁴⁶⁵ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 63.

⁴⁶⁶ LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 67.

⁴⁶⁷ *Idem*, p. 88.

⁴⁶⁸ *Idem*, p. 87.

Alarico e Wladimir Toledo Piza e o empresário Alfredo Schürig, que compuseram uma chapa vitoriosa na disputa pela presidência do clube em 1930, assumida pelo empresário de ascendência alemã⁴⁶⁹, foi crucial para a aquisição do terreno do Parque São Jorge, onde o estádio corintiano viria a ser construído graças ao aporte financeiro dos mesmos⁴⁷⁰. Processo similar (a ser discutido de forma aprofundada no subcapítulo seguinte) ocorreu no Palestra Italia, visto que a presença e participação na vida política do clube de importantes industriais italianos instalados em São Paulo se verificava no mesmo período, e especialmente no caso da família Matarazzo, se enredava ao processo de aquisição do terreno do Parque Antarctica em 1920 e a posterior construção do estádio da agremiação no local⁴⁷¹.

A oportunidade de conversão do futebol em espetáculo altamente rentável através da venda de ingressos, rapidamente explorada pelos gestores dos clubes⁴⁷², pode ter favorecido o interesse econômico de algumas figuras proeminentes das elites e sua eventual penetração na vida política destas agremiações, especialmente à medida em que ambas vinham se consolidando como potências esportivas. Entretanto, outro fator crucial relativo à configuração social paulistana do contexto merece igualmente nossa atenção: é notável que tal aproximação tenha se estabelecido de forma contundente na década de 20, intensificando-se logo após o ciclo de grandes mobilizações operárias na cidade, cujo ápice se deu na Greve Geral de 1917 e se manteve com frequência até 1920. Conforme discutido no capítulo anterior, este processo demandou uma reorganização dos aparatos de controle manuseado pelas elites, até então acostumadas, sobretudo, ao uso da repressão como forma de contenção da mobilização operária. As estratégias repressivas foram mantidas (evidenciadas, por exemplo, na prisão e deportação de importantes lideranças anarquistas imediatamente após a greve de 1917), mas eram complementadas por estratégias de “assimilação”⁴⁷³: práticas mais sutis de disciplinarização do proletariado que se debruçavam, por exemplo, sobre os espaços de socialização e o tempo livre desta classe, buscando exercer controle sobre estes⁴⁷⁴. De tal modo, a presença e participação de figuras proeminentes das elites na vida política destas agremiações, à época entendidas como “clubes populares”⁴⁷⁵, expressava-se como um desdobramento de seu interesse no manuseio do futebol enquanto esfera de disciplinarização das classes trabalhadoras,

⁴⁶⁹ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 107.

⁴⁷⁰ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 97.

⁴⁷¹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 173.

⁴⁷² MALAIA, João M. C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João; MELO, Victor Andrade de. TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 56.

⁴⁷³ FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977, p. 217.

⁴⁷⁴ DECCA, *op. cit.*, p. 88.

⁴⁷⁵ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 236.

vislumbrado igualmente na aproximação, anteriormente mencionada, dos setores patronais com o futebol de fábrica e clubes de várzea.

A partir da ascensão do Corinthians e do Palestra Italia às ligas oficiais, seguidos de outros na década seguinte⁴⁷⁶, os efeitos do enredamento entre o circuito oficial e os outros futebolis se fizeram perceptíveis em três esferas significativas, que gostaríamos de discutir a seguir: o protagonismo de novas formas de torcer e vivenciar as partidas de futebol; a remodelação das praças desportivas oficiais; e as disputas estabelecidas em torno da profissionalização do futebol. Em relação ao primeiro destes aspectos, é notável o impulso que a participação de clubes como o Palestra Italia e o Corinthians nos campeonatos oficiais implementou, promovendo uma transformação no rito social ao qual correspondia uma partida de futebol até então, deflagrado pelo crescimento do público presente nas partidas, convocado pelo apelo popular de ambas equipes.

O levantamento realizado por João Paulo Streapco acerca dos valores de associação cobrados por estas agremiações, em comparação aos demais clubes vinculados às elites paulistanas que compunham o circuito do *futebol oficial*, demarca a notável composição popular de seus quadros de sócios e simpatizantes: conforme demonstrado pelo autor, a mensalidade cobrada aos palestrinos era de 1\$000, ao passo que o sócio corintiano contribuía a cada mês com 3\$000, valores bem mais acessíveis que os 10\$000 cobrados mensalmente aos sócios do Paulistano⁴⁷⁷. A crescente participação dos sócios e simpatizantes destes clubes às partidas, por sua vez, para além de meramente reduzir-se à contemplação do espetáculo esportivo, se manifestava em posturas abertamente favoráveis à agremiação de preferência. Tal prática – à época inédita – ganhou um nome específico, em progressiva substituição do termo *assistência*, utilizado à época para se referir aos públicos das partidas. Conforme apresentado por João Malaia,

Aqueles que escreviam sobre o futebol para a grande imprensa passaram a adotar um termo específico para identificar esse sentimento de apoiar alguém ou alguma agremiação esportiva, em detrimento de outra. No futebol, querer a glória dos seus e a derrota dos outros era “torcer”. O espectador, ou a

⁴⁷⁶ Além do já mencionado C.A. Juventus, são exemplos a Associação Portuguesa de Desportos, agremiação fundada por portugueses que obteve o acesso à APEA após fusão com o Mackenzie em 1920, e o São Paulo Railway, equipe ferroviária que posteriormente seria rebatizada de Nacional Atlético Clube. Sobre a Portuguesa, ver MAGALHÃES, *op. cit.*, p. 44-47; sobre o São Paulo Railway, ver BUCHMANN, *op. cit.*, p. 87-90, e SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 34.

⁴⁷⁷ STREAPCO, *op. cit.*, p. 214.

espectadora, que gritava, gesticulava, apoiava seu time e ofendia os adversários era um “torcedor”, ou uma “torcedora”⁴⁷⁸.

Parte significativa da imprensa do contexto, fundamentada em uma perspectiva elitista sobre o futebol, tecia comentários profundamente críticos contra as torcidas, frequentemente identificadas como uma “turba inconveniente”⁴⁷⁹, cuja possível intervenção nos rumos de uma partida era vista como negativa⁴⁸⁰. Luiz Henrique de Toledo destaca as críticas duras tecidas por diversos cronistas da época, a nível nacional, como podemos notar no testemunho de Carlos Sussekind de Mendonça, que afirmava em 1921:

[...] dos vinte e seis milhões que somos, tirando o número talvez otimista de um milhão que não goste ou não cuide de “sports”, e de três a quatro mil rapazes que o pratiquem, vinte e quatro milhões novecentos e noventa e seis mil outros constituem, apenas, uma assistência estúpida, que se entretém inutilmente com o exercício útil dos outros [...]⁴⁸¹.

Questionando o sentido dessa forma de assistência com base em uma perspectiva específica sobre o futebol, centrada nos “supostos desígnios saudáveis das práticas e exercícios físicos”⁴⁸², Mendonça a definia de forma incisiva, como “a grande multidão dos que assistem as pelejas, [...] é a leva inutilíssima dos ‘torcedores’”⁴⁸³.

Um temor particular se expressava, ainda, nos posicionamentos dos cronistas com a “crescente participação extracampo das camadas populares, precocemente responsabilizadas pelo aumento das transgressões e violências”⁴⁸⁴, conforme apontado por Luiz Henrique de Toledo. Acerca desta vinculação, Plínio José L. C. Negreiros também destaca:

[...] para o olhar da imprensa paulistana, um jogo de futebol entre populares geralmente terminava em violência descabida.

⁴⁷⁸ MALAIA, *op. cit.*, p. 59.

⁴⁷⁹ *Idem*, p. 62.

⁴⁸⁰ *Idem*, p. 61.

⁴⁸¹ MENDONÇA apud TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002, p. 224.

⁴⁸² TOLEDO, *op. cit.*

⁴⁸³ MENDONÇA apud TOLEDO, *op. cit.*

⁴⁸⁴ *Idem*.

No fundo esta imprensa tentava provar o quanto seria perniciosa a participação popular nos esportes. Especificamente no futebol não seria saudável a introdução dessa “massa popular”, dado o seu descontrole emocional e a sua falta de “educação”⁴⁸⁵.

Tal crítica, dirigida aos clubes não-vinculados à elite paulistana e seus torcedores, compunha aquilo que Marco Aurélio Lourenço comenta como um amplo imaginário de “desvirtuação do futebol”, que estaria “atraindo brigas e a incitação de provocações e ofensas ao redor dos campos”⁴⁸⁶. O desprezo demonstrado por cronistas da época à presença de “torcedores” durante os jogos, portanto, também compunha tal imaginário, na medida em que o ato de torcer, conforme praticado pelos segmentos populares, se revelava incompatível com o imaginário sobre o esporte (e suas finalidades) que pairava sobre parcela significativa das elites paulistanas do contexto, expressando o atrito entre futebóis distintos que coexistiam e começavam a se enredar em um mesmo campo de disputa.

Ao longo da década de 20, esta tensão passou a transbordar os limites das praças desportivas para ambientar-se na cidade e seus espaços. Na percepção de memorialistas como Jorge Americano, notamos certo assombro diante dos bondes abarrotados de gente que, aos domingos, faziam a linha do Parque Antarctica levando e trazendo multidões dependuradas nos vagões:

“Lotação, 45 passageiros”. Mais 40 nos desvãos dos bancos. Mais 27 pingentes nos varais de cada lado. E cinco junto ao motorneiro, e cinco junto ao cobrador. Mais cinco pelo lado externa da plataforma traseira.

Estava lotado!

Não! Ainda vinte galgavam, não se sabe como, a cobertura do bonde, uns agarrados à alavanca ligado ao fio transmissor, outros agarrados àqueles, outros não sei como.

Total, 174 passageiros.

O cobrador começava a ginástica nos estribos. Às vezes chegava a cobrar 2/3 das passagens. Às vezes cobrava só metade. Embolsava uma diferença. Às vezes, ao passar o pé

⁴⁸⁵ NEGREIROS, *op. cit.*, p. 53.

⁴⁸⁶ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 17.

por trás de um “pingente”, agarrava-se mal à haste, caía e morria. De outras vezes, o bolo de gente forçava-o à ginástica de afastar o corpo e a cabeça, batia com a cabeça num poste e caía morto⁴⁸⁷.

Descrição de uma assombrosa novidade que explicitava, portanto, a força das multidões na cidade em processo de metropolização, e reconfigurava com velocidade a ocupação dos ambientes urbanos por estas. Mesmo nas várzeas e campos de bairro, a presença das multidões já se fazia notar, conforme relatado com entusiasmo pelo Sr. Amadeu Bovi, operário de família italiana do bairro do Brás, em depoimento recolhido por Ecléa Bosi:

Aquele tempo era uma coisa! Cada campo tinha um clube; [...] o dono é que pedia para fazerem um campo nesses terrenos baldios. Quando tinha um clube, vinha o progresso. No domingo vinham 2 mil pessoas assistir e começava o comércio, o progresso⁴⁸⁸.

No âmbito do *futebol oficial*, a presença massiva destas multidões espectadoras e suas práticas torcedoras em espaços até então utilizados exclusivamente pelo futebol elitizado – intensificada pela participação de agremiações populares às ligas e campeonatos oficiais – revelava a insuficiência de tais praças desportivas para comportar a nova dinâmica e as necessidades disputadas pelas formas de torcer que se faziam presente nas partidas. Inicialmente, instituíram-se novas disposições na cobrança de ingressos dos não sócios e a reordenação e divisão das tribunas em cadeiras numeradas, arquibancadas e gerais – rapidamente articulando a presença das massivas assistências aos interesses econômicos dos gestores dos clubes e ligas⁴⁸⁹ –, e no final da década de 20 iniciou-se a construção de novos estádios na cidade, vinculados aos clubes de origem popular em ascensão: o Stadium Palestra Italia, construído em uma parcela do terreno do Parque Antarctica durante a gestão de Luigi Eduardo Matarazzo (filho do industrial italiano Francesco Matarazzo)⁴⁹⁰, e o estádio do

⁴⁸⁷ AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. 2ª edição. São Paulo: Carrenho Editorial; Narrativa Um; Carbono 14, 2004, p. 199-200.

⁴⁸⁸ BOSI, *op. cit.*, p. 138.

⁴⁸⁹ MALAIA, *op. cit.*, p. 56.

⁴⁹⁰ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 27.

Corinthians no Parque São Jorge, cuja construção foi iniciada praticamente ao mesmo tempo, com o auxílio financeiro de Oscar Toledo Piza e do empresário Alfredo Schurig⁴⁹¹.

Os torcedores, corpos estranhos e rejeitados em sua primeira aparição, passaram a ser assimilados pelos projetos dos novos estádios, impulsionando um processo de remodelação dos ambientes desportivos da cidade, cujo ápice foi a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu em 1940⁴⁹². Neste processo, podemos compreender a construção dos estádios enquanto espaços privilegiados do rito futebolístico sob uma dinâmica disciplinar, conforme proposto por Christopher Gaffney e Gilmar Mascarenhas. De acordo com estes autores,

A ritualização do espetáculo esportivo, ingrediente da modernidade urbana, não é apenas destinado às elites. [...] A formação de grandes plateias é um dado que transcende o universo específico dos esportes. Faz parte da estratégia dominante de reprodução social, do controle sobre o tempo livre do trabalhador. A festa recriada, para o ambiente urbano-industrial⁴⁹³.

Tal abordagem nos permite identificar, no contexto da sociedade industrial que se afirmava na cidade, a incorporação do futebol pelas elites e autoridades públicas também como mecanismo de controle e disciplinarização dos corpos, em comunhão com os já mencionados esforços de controle das organizações e atividades do tempo livre operário. Ainda assim, um cotejamento atento do processo histórico encadeado nas primeiras décadas da popularização do futebol em São Paulo nos sugere uma interpretação mais ativa dos grupos torcedores: disputando o futebol e suas manifestações derivadas, orientavam um movimento dialógico que, na construção dos novos estádios, levou as autoridades responsáveis a contemplarem a manifestação cultural do ato de torcer⁴⁹⁴. A concepção espacial das novas praças desportivas, orientadas pela definição de espaços torcedores que reproduziam a separação entre classes sociais⁴⁹⁵ e assimilavam as distintas formas de torcer, pode ser compreendido, portanto, enquanto um resultado pendular entre o desígnio da disciplinarização – estratégia do poder estabelecido – e a insistência de formas particulares de assistência às partidas de futebol,

⁴⁹¹ *Idem*, p. 97.

⁴⁹² STREAPCO, *op. cit.*, p. 40.

⁴⁹³ GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault – perspectivas*. Florianópolis, UFSC, 2004, p. 6.

⁴⁹⁴ STREAPCO, *op. cit.*, p. 41.

⁴⁹⁵ *Idem*, p. 87.

anteriormente consideradas equivocadas, anormais ou problemáticas: práticas que se davam no exato sentido daqueles procedimentos que Michel de Certeau identifica como “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos”⁴⁹⁶, *táticas* populares que “escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde [esta] se exerce”⁴⁹⁷. De tal modo, estas práticas torcedoras não constituíam deserções ou existências paralelas ao circuito futebolístico oficial, mas a invenção de modos de vivenciar o futebol que deflagraram transformações no mesmo a partir do diálogo tensionado com suas arquiteturas e marcos disciplinadores.

Por fim, convém mencionar que para além da ascensão das práticas torcedoras e a reconfiguração das praças desportivas – aqui compreendidas enquanto transformações propiciadas pela popularização do futebol –, antagonismos e tensionamentos entre grupos sociais diversos, introduzidos no circuito do futebol oficial com a diversificação das agremiações participantes das ligas, também se expressaram ao longo das décadas de 20 e 30 no processo de intensa disputa em torno da profissionalização. De acordo com Fabio Franzini, a popularização massiva do interesse pelo futebol atingiu seu ápice na década de 30, quando periódicos dedicados exclusivamente ao jornalismo esportivo começaram a ser publicados com regularidade semanal (como a *Gazeta Esportiva* a partir de 1928)⁴⁹⁸, e iniciou-se a transmissão ao vivo de partidas pelo rádio para aqueles que não pudessem ou não conseguissem comparecer aos estádios⁴⁹⁹. A consolidação deste cenário de “febre futebolística”, para o autor, foi fundamental para a disseminação da prática de pagamentos pelos clubes e oferta de outras vantagens aos jogadores, diante do aumento da competitividade dos campeonatos. Ainda que uma verdadeira disputa em torno destas práticas se verificasse desde a década de 1910, sua recorrência ao longo da década de 20 aprofundou progressivamente o distanciamento técnico entre seus praticantes e os clubes que se mantinham fiéis à ética do amadorismo, até a oficialização definitiva do profissionalismo em 1933 pela APEA⁵⁰⁰.

Na historiografia brasileira sobre futebol, este marco é tradicionalmente compreendido como o fim do amadorismo enquanto ética intrinsecamente ligada ao esporte, até então sustentada por clubes de elite em distintas partes do país. Em São Paulo, o Club Atlético Paulistano decidiu à época pela extinção de seu departamento de futebol, ainda que figurasse como uma das principais forças atuantes nos campeonatos (compondo junto ao Palestra Italia

⁴⁹⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (vol. I). Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 163.

⁴⁹⁷ *Idem*.

⁴⁹⁸ FRANZINI, *op. cit.*, 2003, p. 52.

⁴⁹⁹ *Idem*, p. 56.

⁵⁰⁰ *Idem*, p. 63.

e o Corinthians o chamado “trio de ferro”⁵⁰¹). Embora a decisão se apresentasse amparada em uma crítica aos “desmandos”, à “incompetência” e às “irregularidades técnicas” que reinariam no circuito do futebol competitivo⁵⁰², também se sustentava em uma defesa da ética amadora, conforme destacado por Diana Mendes da Silva:

Em 1929, quando o Paulistano abandonou o futebol [...], sua revista mensal publicou a seguinte nota: “Considerando inteiramente perdido o organismo futebolístico paulista, em virtude do vírus da anarquia, do profissionalismo e de outras mazelas que o infeccionavam – o Paulistano extinguiu sua seção de *soccer*”. A analogia higienista permitia, a um só tempo, evocar um sistema em harmonioso funcionamento e denunciar a pureza por ele perdida na degeneração por *vírus* e *outras mazelas*⁵⁰³.

De acordo com Luiz Henrique de Toledo, a defesa do amadorismo – presente na nota analisada pela autora – se configurava enquanto uma forma de distinção que separasse a elite dos segmentos populares, “uma autodefesa de classe”⁵⁰⁴, assim como a condenação das participações extracampo dos torcedores, decorrente dos mesmos desígnios distintivos⁵⁰⁵. Curiosamente, também identificamos na documentação manuseada ao longo desta pesquisa a existência de críticas à profissionalização formuladas deste o espectro político da esquerda. No *Jornal do Povo*, periódico carioca de posições anticapitalistas que circulou no ano de 1934, um artigo intitulado “O profissionalismo e os interesses dos pequenos clubs” denunciava de forma genérica a crise do amadorismo como articulação que favorecia os interesses dos “grandes clubs”, na contramão dos usos positivos que a prática esportiva poderia oferecer à classe trabalhadora. Nas palavras do jornal,

Devemos deixar de pretensões e cuidar da educação physica do povo, das camadas pobres da população, com os modestos recursos de que dispomos, compenetrados, entretanto, de que

⁵⁰¹ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 37.

⁵⁰² SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 84.

⁵⁰³ SILVA, *op. cit.*, p. 112.

⁵⁰⁴ TOLEDO, *op. cit.*, p. 222.

⁵⁰⁵ *Idem*, p. 225.

só nós, dos clubs humildes, praticamos o sport, que os interesses do capitalismo corromperam⁵⁰⁶.

Na edição seguinte do mesmo periódico foi publicado, ainda, um chamado à organização de uma federação dos “pequenos clubs”, sustentando que “o esporte profissionalista [é] uma condição do regimen capitalista, que tudo corrompe e desvirtua”, e apresentando os grandes clubes como “empresas exploradores de jogos de futebol”⁵⁰⁷. O periódico propunha, como estratégia da classe trabalhadora na esfera futebolística, a construção de uma federação que defendesse os interesses dos “pequenos clubes”, em sintonia com o anteriormente apresentado “Programa de proletarização do esporte”, sustentado em fins da década de 20 por periódicos e organizações de esquerda.

Conclusivamente, a análise dos diferentes aspectos destacados do campo futebolístico paulistano da época – a ascensão das torcidas, a construção dos estádios e o embate entre amadorismo e profissionalismo – nos permite identificar uma tensão contínua entre as esferas do *futebol oficial*, originalmente composto por clubes da elite econômica tradicional, e os outros futebolis que se praticavam às margens das ligas oficiais e progressivamente disputavam espaços em seu interior. A tensão entre estas esferas era discutida continuamente nos diferentes veículos de imprensa que circulavam na cidade, e mesmo no interior do espectro político da esquerda, como vimos, correspondia a um debate multifacetado sem resolução estratégica definitiva. Ao mesmo tempo, o interesse de figuras e grupos da elite paulistana sobre os clubes de origem popular, buscando mobilizá-los enquanto instrumentos de disciplinarização do tempo livre operário e vinculá-los a outros interesses políticos, também se apresentava como ingrediente da reconfiguração do ambiente futebolístico a partir da década de 20. Observaremos a seguir, de forma mais detalhada, a incidência de tais disputas na Società Sportiva Palestra Italia, destacando seus cruzamentos com o aspecto étnico e os imaginários de *italianidade* na construção das identidades do clube e em sua inserção no cenário futebolístico paulistano.

⁵⁰⁶ “O profissionalismo e os interesses dos pequenos clubs”. *Jornal do Povo*, Rio de Janeiro, n. 9, 18 out. 1934, p. 6.

⁵⁰⁷ “Organizem-se em federação independente todos os pequenos clubs”. *Jornal do Povo*, Rio de Janeiro, n. 10, 19 out. 1934, p. 6.

2.2 A Società Sportiva Palestra Italia entre a etnicidade e a classe

Conforme apresentado no primeiro capítulo, desde a década de 1890 o numeroso contingente de imigrantes italianos instalados na cidade de São Paulo começou a se organizar através de diversas associações, constituídas sob a identificação étnica e/ou classista⁵⁰⁸. Especialmente após a realização, em 1904, do Primeiro Congresso de Sociedades e Institutos Italianos – no qual se sobressaiu a discussão de medidas que reduzissem os conflitos motivados por diferenças regionais e de classe⁵⁰⁹ – proliferaram sociedades especificamente reunidas em torno da chamada *italianidade*, constituindo-se como referenciais de uma identidade nacional em construção no próprio ambiente diaspórico⁵¹⁰, até então pouco relevante para numerosa parcela da coletividade emigrada cuja identificação frequentemente voltava-se à região de origem, e não à ideia una de Itália como pátria⁵¹¹.

Em 1914, um esforço associativo de integrantes dos segmentos médios e populares da coletividade italiana na cidade empreendeu a criação da Società Sportiva Palestra Italia, que almejava converter-se no “time de futebol representativo da comunidade italiana fixada na cidade”⁵¹², embora outros clubes de proposta similar já existissem à época. De acordo com João Paulo Streapco,

Até a fundação do Palestra Itália, a comunidade italiana não se organizava por meio de um clube de futebol nem se identificava com apenas uma equipe. Os italianos espalhavam-se por diversas agremiações existentes nos bairros. Mesmo depois da fundação, diversas equipes de origem italiana continuaram a existir ou surgiram, situação que desmente o

⁵⁰⁸ BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011, p. 54.

⁵⁰⁹ HALL, Michael. Entre a etnicidade e a classe em São Paulo. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 56.

⁵¹⁰ BERTONHA, João Fábio. Trabalhadores imigrantes entre fascismo, antifascismo, nacionalismo e lutas de classe: os operários italianos em São Paulo entre as duas guerras mundiais. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010, p. 74.

⁵¹¹ HALL, *op. cit.*, p. 52.

⁵¹² ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996., p. 106.

suposto caráter unificador que o Palestra Itália teria exercido entre os italianos de São Paulo⁵¹³.

O autor, assim como José Renato de Campos Araújo⁵¹⁴, identifica um fator de estímulo à criação do clube nas visitas das equipes italianas Pro Vercelli e Torino FC à cidade, ocorridas em agosto de 1914. O Pro Vercelli, convidado pela APEA, atuou inicialmente sob a alcunha de “Representação Oficial Italiana”, atraindo um grande público às partidas disputadas. A visita do Torino FC, por sua vez, embora tivesse sido anunciada anteriormente pela LPF (no começo de julho), foi significativamente esvaziada pela euforia em torno do Pro Vercelli, cuja atuação sob as alcunhas de “Squadra Italiana” ou “Representação Oficial Italiana” gerava propositalmente a confusão de que a equipe seria a própria seleção italiana atuando em terras paulistanas. A LPF conseguiu, junto à Federação Italiana de Futebol e à Federação Internacional de Futebol, a proibição do uso da alcunha “Representação Oficial Italiana”, mas teve de reorganizar a programação de amistosos do Torino FC, que terminaram por atrair públicos bem menores do que o esperado⁵¹⁵.

Analisando a seção de esportes do jornal *Fanfulla*, principal veículo da imprensa ítalo-paulistana do contexto, notamos uma diferença entre as pequenas notas habitualmente redigidas a respeito do futebol local e a cobertura da visita das equipes italianas, em artigos extensos e detalhados⁵¹⁶ publicados ao longo de várias edições. Isto se devia, certamente, ao entusiasmo mantido pelo jornal na cobertura de todo tipo de evento que se relacionasse com a vida social da coletividade italiana na cidade. Um exemplo curioso desta cobertura tão diversa se verifica na edição de 26 de julho de 1914, na qual uma fotografia do Pro Vercelli (identificada sob a alcunha de “Squadra Rappresentativa Italiana”) dividia a mesma página com um artigo sobre um comício de socialistas e anarquistas na Praça da Sé, que contava com a participação do socialista italiano Teodoro Monicelli⁵¹⁷. Na edição de 14 de agosto, por sua vez, artigos redigidos desde uma perspectiva italiana sobre os eventos da Primeira Guerra Mundial compartilhavam as páginas do jornal com a notícia de um ataque violento de alguns estudantes paulistanos ao italiano Carmine Valente, à saída de uma partida no Velódromo Paulista, evento cuja motivação foi interpretada pelo *Fanfulla* como nacionalismo⁵¹⁸.

⁵¹³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 149.

⁵¹⁴ ARAÚJO, *op. cit.*, p. 106.

⁵¹⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 150-151.

⁵¹⁶ “Il prossimo arrivo a S. Paolo di due squadre italiane di foot-ball”. *Fanfulla*, n. 7765, 20 jul. 1914.

⁵¹⁷ “Cronaca cittadina”. *Fanfulla*, n. 6882, 26 jul. 1914.

⁵¹⁸ “Il nazionalismo nel foot-ball”. *Fanfulla*, 14 ago. 1914.

Na mesma edição, o jornal divulgou a famosa nota convocatória, redigida pelo jornalista Vincenzo Ragonetti, que levaria à realização da reunião de fundação do Palestra Italia no dia 26 de agosto⁵¹⁹. A iniciativa de fundação da agremiação palestrina, acompanhada com interesse pelo *Fanfulla*, ocorreu de forma praticamente simultânea ao surgimento de diversas outras equipes orientadas pelo signo identitário da *italianidade*, igualmente impulsionadas pela visita das equipes do Pro Vercelli e Torino à cidade. Na edição de 21 de agosto de 1914 do periódico, por exemplo, constava noticiada a fundação do clube Italo F. B. C.⁵²⁰; no dia 26 de agosto, uma nota indicava a formação da equipe Itália Foot-ball Club⁵²¹; e no dia 28 de agosto, noticiava-se a fundação do Roma F. C.⁵²², além de pelo menos outras quatro novas equipes mencionadas nas páginas do jornal entre os meses de agosto e setembro⁵²³.

Imagem 10 – Convocatória publicada no jornal *Fanfulla*, redigida por Vincenzo Ragonetti, pela fundação de uma equipe italiana de futebol em São Paulo.

⁵¹⁹ RAGOGNETTI, Vincenzo. “Per la formazione di una squadra italiana di foot-ball in San Paolo”. *Fanfulla*, 14 ago. 1914.

⁵²⁰ “Gli sports”. *Fanfulla*, 21 ago. 1914.

⁵²¹ “Gli sports”. *Fanfulla*, 26 ago. 1914.

⁵²² “Gli sports”. *Fanfulla*, 28 ago. 1914.

⁵²³ Além do Italo F. B. C., do Itália F. C. e da Società Sportiva Palestra Italia, João Paulo Streapco encontrou referências no jornal às equipes Touring F. C., Smart F. C., Società Calistica Florentia Amici dello Sport, e Paraíso F. C., todas contando com indivíduos de origem italiana entre seus fundadores. Ver STREAPCO, *op. cit.*, p. 152.

A reunião de fundação da Società Sportiva Palestra Italia, realizada no dia 26 de agosto, foi noticiada no dia seguinte pelo *Fanfulla*, que apresentou em detalhes a composição da diretoria e os objetivos da agremiação⁵²⁴. Nos meses seguintes, sucessivos acontecimentos relativos à consolidação do clube seriam referenciados pelo jornal, como a realização do primeiro treino⁵²⁵, o primeiro baile da agremiação em sua sede localizada na rua Marechal Deodoro, nº 2⁵²⁶, e campeonatos internos organizados pelo clube, nos quais até o próprio Vincenzo Ragnonetti entrou em campo⁵²⁷. Ainda que o jornal mantivesse uma cobertura atenta às diversas agremiações italianas da cidade, informando suas reuniões e atividades⁵²⁸, salta aos olhos a abundante publicação de informes detalhados sobre a formação da equipe palestrina e seus treinos⁵²⁹, bem como a crescente expectativa por sua estreia em uma partida contra outra agremiação esportiva⁵³⁰, contando com descrições muito mais extensas do que a cobertura usual do jornal sobre o universo esportivo paulistano em geral.

O crescente entusiasmo da cobertura do *Fanfulla* reforça a percepção de que, apresentando uma programação incansável de atividades sociais voltadas à coletividade italiana já em seus primeiros meses, o Palestra Italia perseguia com afincado o objetivo – expresso em sua fundação – “per la formazione di una squadra italiana di foot ball”⁵³¹, que aglutinasse, em torno da experiência esportiva, a coletividade identificada com o marco da etnicidade italiana. Nos anos seguintes, a relevância de sua atuação nestes termos, analisada por José Renato de Campos Araújo, lhe conferiu protagonismo no próprio processo de elaboração da *italianidade*, consolidando-se como referencial para indivíduos provenientes de distintos grupos regionais, que embora fossem conjuntamente identificados como italianos pela sociedade paulistana receptora (geralmente sob uma representação negativa), frequentemente não se reconheciam desta maneira⁵³².

Em certa medida, a unificação identitária em torno da *italianidade* assumia uma dimensão concreta de confronto à xenofobia e às discriminações vivenciadas cotidianamente, alinhando a criação do clube à construção de uma etnicidade afirmativa: a despeito do imaginário idealizado das políticas de incentivo à imigração, que via de regra identificavam os

⁵²⁴ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 27 ago. 1914.

⁵²⁵ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 5 set. 1914.

⁵²⁶ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 7 set. 1914.

⁵²⁷ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 29 set. 1914.

⁵²⁸ “Nelle società”. *Fanfulla*, 8 dez. 1914.

⁵²⁹ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 23 nov. 1914.

⁵³⁰ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 19 dez. 1914.

⁵³¹ “Pela formação de um time italiano de futebol” (tradução nossa). “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 27 ago 1914.

⁵³² ARAÚJO, *op. cit.*, p. 162.

imigrantes europeus como “desejáveis”⁵³³, os italianos eram frequentes alvos de “discriminação social, cultural e racial”⁵³⁴, ocorrendo manifestações nativistas e conflitos desde a década de 1890⁵³⁵, conforme apresentado no capítulo anterior. De acordo com Araújo, no âmbito esportivo também havia uma “[...] discriminação contra o imigrante italiano presente nas colunas esportivas diárias e na imprensa paulistana em geral, mesmo que encoberta”⁵³⁶. Desta forma, a atuação do Palestra Italia em torno do elemento étnico procurava estabelecer contrapontos às representações pejorativas e aos discursos de desqualificação a esta coletividade imigrante.

Ao mesmo tempo, a significativa relevância numérica dos italianos e seus descendentes na composição do proletariado paulistano⁵³⁷ levaria o clube a ser reconhecido no contexto como um “clube popular”⁵³⁸, conforme assinalado por Alfredo Oscar Salun. O modesto caráter socioeconômico da agremiação em seus primeiros dias é destacado por João Paulo Streapco, ao mencionar, por exemplo, o campo palestrino inicial localizado na região da Vila Mariana, ao número 54 da rua Major Maragliano⁵³⁹. O autor recupera um depoimento de Luigi Cervo (um dos fundadores do Palestra Italia) a respeito do início das atividades futebolísticas e suas módicas condições, afirmando que “enquanto se realizavam duas reuniões dançantes semanais, formava-se o quadro de futebol, cujos treinos se efetuavam num terreno acidentado, que só a vontade dos jogadores transformou em um campo”⁵⁴⁰.

A composição da primeira diretoria (estabelecida na reunião de fundação), em si, contava com “elementos da classe média, comerciantes, operários”⁵⁴¹, o que de imediato revelava um contraponto aos clubes de elite estabelecidos na cidade. As dificuldades financeiras vivenciadas pelo clube nos primeiros anos também seriam rememoradas, anos depois, por Vincenzo Ragnonetti nas páginas de seu semanário *Il Moscone*, onde o jornalista palestrino salientaria que, entre os fundadores, “ninguém era filho de papae rico”⁵⁴².

⁵³³ LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Trad. Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015, p. 24.

⁵³⁴ *Idem*, p. 133.

⁵³⁵ HALL, *op. cit.*, p. 53.

⁵³⁶ ARAÚJO, José Renato de Campos, O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*. Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 19-50, 1997, p. 30.

⁵³⁷ MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010, p. 255.

⁵³⁸ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 256.

⁵³⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 153.

⁵⁴⁰ CERVO apud STREAPCO, *op. cit.*, p. 215.

⁵⁴¹ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 62.

⁵⁴² “Depois de 23 anos de vida brilhante, o Palestra vae banha-se na sua piscina”. *Il Moscone*, n. 479, 4 set. 1937, p. 9.

O próprio Ragnognetti, vale destacar, constituía um notável exemplar da classe média ítalo-paulistana, marcado por uma trajetória de ascensão social: filho de um casal de italianos, nascera em 1896 em um cortiço da Rua Santa Ifigênia, mas o empenho familiar em sua formação lhe permitiu realizar estudos na prestigiosa Escola Americana (atual Colégio Mackenzie)⁵⁴³. Ao concluí-los, emigrou para a Itália por conta própria, viajando clandestinamente no porão de um navio (de acordo com seu próprio relato)⁵⁴⁴. Estudou e iniciou sua trajetória de jornalista em Nápoles, e retornou a São Paulo em fins de 1913, tornando-se redator do *Fanfulla*. Neste momento, já mantinha proximidade com intelectuais como Menotti del Picchia e Guilherme de Almeida, e nos anos seguintes, ainda escreveria em outros periódicos italianos e nacionais diversos, como *Il Piccolo*, *O Combate*, *A Gazeta Esportiva* e o *Diário Popular*⁵⁴⁵. Também ampliaria progressivamente sua circulação no ambiente letrado paulista, estabelecendo amizade com o escritor Monteiro Lobato⁵⁴⁶ e participando do Movimento Modernista de 1922, com poesias publicadas na revista Klaxon⁵⁴⁷.

Além de Ragnognetti, entre as figuras de destaque na composição da diretoria inicial do clube também figurava Luigi Cervo (ocupando o cargo de secretário), apresentado na memória oficial do clube como um dos principais entusiastas e articuladores da fundação da agremiação⁵⁴⁸. Cervo jogava futebol pelo S.C. Internacional, clube que fazia parte do circuito do *futebol oficial*⁵⁴⁹, mas também circulava entre os grupos de italianos que, atuando nos campos de várzea, já vinham discutindo a criação de uma equipe de futebol que unificasse e representasse a coletividade italiana em São Paulo⁵⁵⁰. Além disso, era funcionário das Indústrias Reunidas Francesco Matarazzo, onde provavelmente angariou outros trabalhadores italianos à iniciativa de criação da agremiação: de acordo com depoimento de sua filha Etelvina Cervo, referenciado pelo historiador Marco Aurélio Lourenço, a fundação do clube estaria atrelada a uma iniciativa de parte de seus funcionários⁵⁵¹.

⁵⁴³ RORATO, Márcia. *Il Moscone (1925-1961), 36 anos “ronzando e scherzando” com a colônia italiana em São Paulo*. Tese de Doutorado, Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007, p. 111.

⁵⁴⁴ *Idem*, p. 113.

⁵⁴⁵ *Idem*, p. 117.

⁵⁴⁶ *Idem*, p. 128.

⁵⁴⁷ *Idem*, p. 134.

⁵⁴⁸ O jornalista Nelo Rodolfo, por exemplo, apresenta Cervo como “o principal mentor e fundador do Palestra”, em sua obra “Palmeiras: minha vida é você”, autorizada e divulgada pela Sociedade Esportiva Palmeiras como produto oficial do clube. Abordagem similar pode ser encontrada nos textos do site oficial da agremiação. Ver: RODOLFO, Nelo. *Palmeiras: minha vida é você*. Rio de Janeiro: Alfa Books, 2015, p. 6.

⁵⁴⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 170.

⁵⁵⁰ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 65.

⁵⁵¹ *Idem*, p. 64.

Sobre Luigi Emanuele Marzo, que ocupou inicialmente o cargo de vice presidente e também figura na memória oficial do clube como um dos quatro fundadores de destaque⁵⁵², são poucas as informações disponíveis na bibliografia e documentação consultadas. De acordo com Márcia Rorato, era um “intelectual circunspecto”, proveniente dos segmentos médios e letrados da coletividade italiana pelos quais Ragnognetti também circulava⁵⁵³. É tido como o responsável pela redação do primeiro estatuto do clube, tendo organizado suas primeiras diretrizes.

Quanto a Ezequiel Simoni, que conduziu a reunião de fundação do clube e foi o primeiro a ocupar o cargo de presidência da agremiação, consta a referência concreta de seu envolvimento em atividades culturais do operariado anarquista. De acordo com levantamento realizado por Maria Thereza Vargas, a programação do jornal anarquista *La Battaglia* (dirigido por Oreste Ristori) anunciava, em 19 de setembro de 1909, um evento teatral que contava com sua participação, declamando um monólogo em versos intitulado “Digene”⁵⁵⁴. Simoni também é citado por Edgar Rodrigues como importante organizador de atividades culturais e propagandísticas realizadas junto a organizações anarquistas do contexto, como o Grupo Libertário Germinal e a Federação Operária de Santos, onde frequentemente apresentava conferências ao lado de militantes como Eládio Cesar Antunha, Luiz Lascale, Romão Gens e outros⁵⁵⁵. Em depoimento de Vincenzo Ragnognetti recuperado pelo jornalista Nelo Rodolfo – que apresenta Simoni como anarquista e autor de obras anti monarquistas, sem indicar, no entanto, referências mais detalhadas – o primeiro presidente palestrino é mencionado como o mais velho e experiente do grupo que compôs a reunião de fundação, tendo colaborado com orientações sobre como fundar uma agremiação associativa⁵⁵⁶, embora, nas palavras de Ragnognetti, não entendesse “patavina de futebol”⁵⁵⁷.

A composição social do grupo diretivo à época da fundação se reproduziria, por sua vez, no quadro de sócios e simpatizantes da agremiação, e não apenas durante seus primeiros anos, mas ao longo das décadas seguintes. O Palestra Italia logo passou a ser entendido e designado como um “clube popular”, especialmente à medida em que, integrando os torneios oficiais da APEA (a partir de 1916) e obtendo progressivos êxitos em campo, começou a atrair

⁵⁵² SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 46.

⁵⁵³ RORATO, *op. cit.*, p. 144.

⁵⁵⁴ VARGAS, Maria Thereza (Coord.). *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Informação e Documentação Artísticas, Centro de Pesquisa de Arte Brasileira, 1980, p. 93.

⁵⁵⁵ RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969, p. 217.

⁵⁵⁶ RODOLFO, Nelo, *op. cit.*, p. 12.

⁵⁵⁷ RAGOGNETTI apud RODOLFO, *op. cit.*, p. 13.

uma massiva assistência a suas partidas⁵⁵⁸. Conforme assinalado por José Renato de Campos Araújo, a formação de uma torcida palestrina de amplas dimensões era objeto recorrente da cobertura esportiva da grande imprensa do contexto⁵⁵⁹, como percebemos, por exemplo, em uma breve nota sobre o jogo entre Palestra Italia e Mackenzie publicada no jornal *A Platéia* em 16 de outubro de 1920:

[...] cremos que o jogo a realizar-se amanhã, no campo do Parque Antarctica, decorrerá falho de interesse. Em todo caso, como se trata de um torneio de que participará a turma palestrina, é bem provável que não seja pequena a assistência que acorrerá ao estadio da sociedade italiana⁵⁶⁰.

De acordo com Alfredo Oscar Salun, esta massiva assistência que acompanhava as partidas do Palestra Italia “era composta por uma vasta gama de torcedores oriundos do operariado e dos estratos médios da sociedade, dos quais imigrantes e descendentes constituíam uma parcela expressiva”⁵⁶¹. De tal modo, a composição social da torcida e a própria dimensão massiva de sua formação – o que configurava um fenômeno relevante e inédito no cenário futebolístico paulistano (discutido no subcapítulo anterior) –, era referenciada de forma significativamente negativa pela imprensa do contexto, conforme comentado por José Renato de Campos Araújo:

A diferença de tratamento dado ao Palestra pela imprensa esportiva podemos atribuir às origens italianas da associação, que levava uma multidão de imigrantes italianos e seus descendentes aos jogos. Era uma invasão das classes menos abastadas de um local até então dominado pela “alta sociedade”, ocasionando um desconforto para as elites, que não estavam acostumadas a partilhar o mesmo espaço físico com as classes trabalhadoras⁵⁶².

⁵⁵⁸ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 257.

⁵⁵⁹ ARAÚJO, *op. cit.*, 1996, p. 136.

⁵⁶⁰ Citado por ARAÚJO, *op. cit.*, 1996, p. 136.

⁵⁶¹ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 256.

⁵⁶² ARAÚJO, *op. cit.*, 1997, p. 31.

Tal popularidade do Palestra Italia entre as classes trabalhadoras ítalo-paulistanas da época também se apresenta emblematicamente, para além da dimensão anônima de sua massividade, em relatos de memória registrados e publicados por pesquisadores. O Sr. Amadeu Bovi, operário do bairro do Brás, por exemplo, relata sua preferência pela equipe palestrina em depoimento recolhido por Ecléa Bosi⁵⁶³, assim como a escritora Zélia Gattai, filha do anarquista Ernesto Gattai, que descreve em suas memórias a popularidade da agremiação entre seus vizinhos e amigos de bairro na infância⁵⁶⁴, além de apresentar a si mesma como torcedora do clube⁵⁶⁵.

Do ponto de vista étnico, embora a *italianidade* constituísse um referencial identitário dominante em torno do clube desde sua fundação, o caráter “italiano” palestrino não necessariamente se expressava em termos excludentes. Na própria fundação do clube já constava a presença de dois brasileiros sem aparente ascendência italiana, Alfonso de Azevedo e Álvaro F. Silva, este último ocupando a função de “primeiro mestre de sala” na composição da diretoria inicial⁵⁶⁶. No estatuto redigido na mesma reunião, o artigo 5 assegurava o direito de pessoas de quaisquer nacionalidades se associarem ao clube⁵⁶⁷, e em uma lista dos primeiros sócios da agremiação, publicada pelo *Fanfulla* em 18 de setembro de 1914 (menos de um mês após a fundação), sobrenomes como Pereira Lima, Assumpção e Azevedo figuravam entre a abundância de sócios italianos⁵⁶⁸. Além disso, em notícias publicadas no jornal no mesmo ano sobre os primeiros bailes e festas sociais realizadas na sede da agremiação – nas quais diversos participantes eram nominalmente identificados –, percebemos a ampla presença de pessoas sem ascendência italiana⁵⁶⁹.

No referente às fileiras de torcedores que se expandiram nos anos seguintes à fundação, o relato de memória de Agostinho Zaccaro – chefe de torcida durante as décadas de 30 e 40 – recolhido pelo historiador Alfredo Oscar Salun afirma que até a década de 40 “a maioria dos palestrinos era de origem italiana”⁵⁷⁰. No entanto, figuras que escapavam a este padrão também se apresentavam na torcida, especialmente à medida em que o clube foi conquistando prestígio esportivo. É o caso, por exemplo, de Maria das Dores, a emblemática “Vovó do Pito”, mulher negra, ex escravizada, que se declarava “extremamente partidária” do Palestra Italia. No *Diário*

⁵⁶³ BOSI, *op. cit.*, p. 138.

⁵⁶⁴ GATTAI, *op. cit.*, p. 214.

⁵⁶⁵ GATTAI, *op. cit.*, p. 146.

⁵⁶⁶ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 49.

⁵⁶⁷ *Idem*, p. 48.

⁵⁶⁸ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 18 set. 1914.

⁵⁶⁹ “Palestra Italia”. *Fanfulla*, 13 out. 1914.

⁵⁷⁰ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 164.

do *Abax'o Piques*, jornal dirigido por Juó Bananére⁵⁷¹, a edição de 27 de julho de 1933 apresentava a “Vovó do Pito” como “a maior palestrina do paiz”, mencionando, na ocasião, sua presença na delegação palestrina em uma viagem ao Rio de Janeiro, da qual participara “na qualidade de chefe de torcida”⁵⁷². Falecida em 1934, aos 111 anos, era considerada uma “figura tradicional da Paulicéia” e uma “torcedora inflammada” da equipe palestrina, conforme publicado em matéria do *Correio Paulistano* à ocasião de sua morte⁵⁷³.

Imagem 11 – Fotografia da “Vovó do Pito”
reproduzida no *Diário do Abax'o Piques*.

Em sentido similar, a presença de atletas brasileiros sem ascendência italiana evidente foi aumentando progressivamente, especialmente à medida em que o Palestra Italia se consolidava como força significativa do futebol paulista. Em 1916, por ocasião da filiação à APEA, anúncios no jornal *Fanfulla* convocavam “os bravos jogadores italianos que se encontram subdivididos em vários outros clubes não italianos”⁵⁷⁴ para fortalecer a equipe palestrina em sua estreia pelo campeonato oficial, demonstrando o forte vínculo com a coletividade italiana que orientava a atuação do clube desde sua fundação. Entretanto, no ano

⁵⁷¹ Juó Bananére era o pseudônimo utilizado por Alexandre Marcondes Machado, escritor que explorava a sátira e a paródia através de um estilo que ficou conhecido como “macarronismo”, por mesclar elementos do português e do italiano, em uma abordagem bem humorada da linguagem popular que se falava à época nos bairros de maior população italiana. Faleceu aos 41 anos em 1933, ano em que iniciara a publicação de seu *Diário do Abax'o Piques*. Ver: FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague*. São Paulo: Editora 34, 2001.

⁵⁷² “Vovó do Pito deixô o Palestra!”. *Diário do Abax'o Piques*, n. 13, 27 jul. 1933, p. 6.

⁵⁷³ “A morte da ‘Vovó do Pito’”. *Correio Paulistano*, n. 24131, 23 nov. 1934, p. 4.

⁵⁷⁴ Citado por STREAPCO, *op. cit.*, p. 156.

seguinte, o atleta Heitor Marcelino Domingues, de ascendência espanhola, passaria a atuar pelo Palestra Italia, vindo do Sport Club Americano⁵⁷⁵, apontando para uma diversificação justificada pelas ambições desportivas da equipe palestrina, cada vez mais competitiva.

Em 1918, por sua vez, apenas três jogadores que atuavam pela equipe eram efetivamente italianos, e o restante, ainda que em sua maioria fosse de ascendência italiana, já era nascida no Brasil⁵⁷⁶. No mesmo ano, de acordo com João Paulo Streapco, “por ocasião do quarto aniversário do clube, [...] o *Fanfulla* lançou um hino palestrino em língua portuguesa”⁵⁷⁷, fato que indicava uma crescente inserção do clube na sociedade paulistana, evitando a segregação ou o isolamento. Internamente, a mesma tendência se verificava, por exemplo, na adoção definitiva do idioma português na redação das atas de reunião, por volta de 1921⁵⁷⁸. Ainda que a agremiação preservasse a centralidade do marco italiano na elaboração de sua identidade, o que evidenciava-se nas relações mantidas junto a outras entidades representativas da *italianidade* (como o próprio consulado), na adoção de elementos simbólicos (como o uso da Cruz de Savoia como escudo em 1916) e no próprio nome do clube, sua progressiva abertura à população não italiana da cidade a situava num *entrelugar*⁵⁷⁹, no qual os próprios italianos reunidos em torno do clube se reelaboravam no convívio estabelecido com os demais atores do circuito futebolístico paulistano.

Um exemplo marcante dessas interações e convivências se deu na eleição da presidência da APEA em 1919, quando a nova gestão da entidade oficial foi definida através de um concurso promovido pelo jornal *O Estado de São Paulo*, estabelecendo a composição da chapa vitoriosa a partir dos votos dos leitores⁵⁸⁰. A expressiva votação oferecida aos nomes dos dirigentes palestrinos Menotti Falchi (que ocupou a vice presidência da APEA ao obter 423 votos para o cargo) e Duilio Frugoli nos indica, no contexto, o interesse e engajamento de sócios e torcedores palestrinos no cenário político mais amplo do futebol paulistano. Ao mesmo tempo, o acontecimento também evidencia de forma reforçada a circulação dos dirigentes italianos em meio a figuras de outros grupos sociais paulistanos, e seu interesse e preocupação em participar da vida política da APEA, inclusive por interesses da própria agremiação palestrina.

⁵⁷⁵ *Idem*, p. 159.

⁵⁷⁶ *Idem*, p. 177.

⁵⁷⁷ *Idem*.

⁵⁷⁸ *Idem*.

⁵⁷⁹ BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 82.

⁵⁸⁰ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 90-91.

De tal modo, reforçamos que, ao invés de adotar uma postura de segregação ou isolamento, o clube abraçava e aprofundava sua relação com a sociedade em que se inseria: utilizando um conceito proposto por Mary Louise Pratt, atuava como uma *zona de contato*⁵⁸¹, isto é, um espaço de interações (não necessariamente harmoniosas) e negociações entre italianos que se reuniam e frequentavam o clube e outros agentes e atores presentes no circuito futebolístico. Embora carregasse a intenção de representar a coletividade ítalo-paulistana no futebol (de acordo com as palavras de Ragnognetti na convocatória para a reunião de fundação), a atuação do Palestra Italia acabava por situar a *italianidade* em um campo mais amplo de interações capazes de transformá-la e diversificá-la no contexto específico da sociedade em que se inseria.

Durante a década de 20, a progressiva introdução de atletas brasileiros na equipe palestrina de futebol também seria complementada pela presença de atletas negros em outras modalidades praticadas no interior da agremiação, como o atletismo. Em 1924, um registro fotográfico da revista carioca *O Malho* já demonstrava a presença de atletas negros na equipe palestrina⁵⁸², que seria complementada, no ano seguinte, pela chegada do chamado “Bloco Cyclone”, conformado por diversos corredores negros. De acordo com um artigo intitulado “O negro no esporte bandeirante”, redigido pelo jornalista e militante negro Salathiel Campos⁵⁸³ e publicado em 1934 no *Correio Paulistano*, a equipe palestrina de atletismo passou a ser encabeçada por Antonio Coelho Filho, que além de corredor também atuara anteriormente nos campos de futebol pela agremiação negra A. A. São Geraldo, sediada na Barra Funda. No artigo em questão, Salathiel Campos salientava que

[...] aos elementos negros, e principalmente a Coelho Filho, deve o clube do Parque Antarctica, a maioria de suas glórias no terreno athletico. Vê-se, pois, que embora o seu aspecto colonial, o Palestra não levou a serio, ou tão longe, o preconceito da côr, chamando para as suas fileiras, como atletas, elementos brasileiros e negros, o que não faziam os chamados clubes nacionaes!⁵⁸⁴

⁵⁸¹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jério Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999, p. 27.

⁵⁸² “Pelas associações”. *O Malho*, n. 1151, 4 out. 1924, p. 38.

⁵⁸³ SOUZA, Bruno Jeuken. *Salathiel Campos: esporte e política (1926-1938)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017, p. 8.

⁵⁸⁴ CAMPOS, Salathiel. “O homem negro no esporte bandeirante”. *Correio Paulistano*, n. 24105, 24 out. 1934, p. 7.

Imagem 12 – Equipe de atletismo do Palestra Italia em 1924, em fotografia reproduzida no jornal *O Malho*.

O quadro futebolístico do Palestra Italia, entretanto, tardou um pouco mais a incorporar oficialmente jogadores negros, especialmente quando comparado às demais agremiações paulistas do período. Sua presença já se verificava nos outros clubes ao longo da década de 30⁵⁸⁵, embora, conforme apontado por Streapco, “isso não significava que tivessem alguma possibilidade de ascender às estruturas administrativas [...] ou ser admitidos como associados votantes”⁵⁸⁶, limitação que, conforme apontado por Marcel Tonini, se manteve estruturalmente atrelada ao futebol brasileiro ao longo das décadas seguintes⁵⁸⁷.

A equipe do Corinthians, por exemplo, incorporou diversos jogadores negros a partir de 1931, especialmente após a profissionalização do futebol na Itália e nos países latinos, que mobilizou um êxodo notável dos atletas ítalo-paulistas que, à época, configuravam a base da equipe alvinegra⁵⁸⁸. Em 1935, a agremiação chegou a ceder alguns dos jogadores negros incorporados ao time para atuarem pelo Palestra Italia, em um amistoso contra o Boca Juniors, em Buenos Aires⁵⁸⁹. A incorporação oficial de jogadores negros à equipe palestrina, entretanto, só viria a ocorrer em 1942, com a vinda de Og Moreira do Fluminense (Rio de Janeiro)⁵⁹⁰. Conforme apontado por Marcel Tonini, neste contexto a construção da ideia de “democracia racial” e seus efeitos diretos na sociedade e no esporte brasileiros – especialmente após a

⁵⁸⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 196.

⁵⁸⁶ *Idem*, p. 193.

⁵⁸⁷ TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010, p. 390.

⁵⁸⁸ STREAPCO, *op. cit.*, p. 193-194.

⁵⁸⁹ *Idem*, p. 196.

⁵⁹⁰ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 238.

atuação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938 – já conformavam um ambiente cultural distinto, que concebia “os jogadores negros brasileiros como reinventores do esporte bretão”⁵⁹¹, portadores de um estilo próprio de jogar futebol que, nas palavras do jornalista Thomaz Mazzoni à época, poderia “fazer escola”⁵⁹².

Entre a fundação do Palestra Italia e a década de 40, o concomitante crescimento e popularização do clube – tanto no âmbito da coletividade italiana como nos cenários mais amplos do futebol paulistano – pode ser interpretada em uma relação direta com seus triunfos futebolísticos⁵⁹³. Entretanto, mais do que uma relação simples de causa e efeito, estes processos alimentavam-se mutuamente, uma vez que as vitórias em campo atraíam mais simpatizantes, e o crescimento do quadro de sócios e torcedores também favorecia as possibilidades financeiras do clube, o que poderia se expressar em um reforço significativo de sua estrutura esportiva⁵⁹⁴. Dentre as conquistas esportivas obtidas pelo Palestra Italia em seus primeiros anos, convém destacar o vice campeonato da APEA em 1917 e 1919, e a conquista do título de campeão em 1920, atingindo o objetivo definido pela agremiação de se tornar “um dos grandes do futebol paulistano”⁵⁹⁵, em um ano identificado por José Renato de Campos Araújo como “brilhante para o time, que só seria derrotado em duas oportunidades, por placares apertados e contra duas tradicionais equipes da cidade – o Corinthians e o Paulistano”⁵⁹⁶.

Neste contexto, a ascensão de rivalidades cada vez mais acirradas com algumas agremiações específicas expressaria arranjos e tensões de grande importância na constituição das identidades torcedoras palestrinas. Em seus estudos sociológicos sobre futebol, Richard Giulianotti afirma que “os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição”⁵⁹⁷, e neste sentido, gostaríamos de analisar atentamente as duas principais rivalidades estabelecidas em campo pelo Palestra Italia à época, contra o Corinthians e contra o Paulistano. Ao longo da década de 20, as três agremiações compuseram o chamado “trio de ferro” do futebol paulista, concentrando a maior parte das conquistas competitivas do período⁵⁹⁸.

⁵⁹¹ TONINI, Marcel Diego. *Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu*. Tese de doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016, p. 96.

⁵⁹² MAZZONI apud FRANZINI, *op. cit.*, 2003, p. 76.

⁵⁹³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 162.

⁵⁹⁴ ARAÚJO, *op. cit.*, 1997, p. 23.

⁵⁹⁵ *Idem.*, p. 31.

⁵⁹⁶ *Idem.*, p. 32.

⁵⁹⁷ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 26.

⁵⁹⁸ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 74.

Acerca da rivalidade contra o Corinthians, consolidada nas décadas seguintes, há indícios de seu acirramento já no ano de 1918, quando as partidas “adquiriram um grau de dramaticidade, competição e violência que não existia previamente”⁵⁹⁹. As equipes se enfrentaram pela primeira vez em 1917, com uma vitória palestrina por 3 a 0 considerada surpreendente, visto que “o Corinthians chegara ao campeonato com fama de imbatível, depois de vários meses sem perder nenhuma partida na várzea ou na Liga Paulista de Futebol”⁶⁰⁰. As partidas que se seguiram, naquele ano, resultaram também em vitórias palestrinas, e em 1918, por duas vezes as equipes empataram por 3 a 3. Neste ano, um insólito episódio demonstrativo da nascente rivalidade se deu na véspera de uma das partidas, quando, conforme descrito pelo historiador Marco Aurélio Lourenço, “durante um almoço dos atletas corintianos foi atirado um osso pela janela da pensão com a seguinte inscrição: ‘o Corinthians é canja para o Palestra’”⁶⁰¹. Em 1919, as primeiras vitórias corintianas se deram em um jogo treino preparatório para o campeonato da APEA e numa partida no segundo turno do torneio⁶⁰². A partir de então, a rivalidade em campo se aqueceu com triunfos de ambas equipes, em diferentes ocasiões ao longo da década de 20⁶⁰³.

Em certo imaginário difundido entre torcedores de ambas agremiações, há a referência de um fator fundante para esta rivalidade localizado na suposta origem dissidente do Palestra Italia, que teria sido formado por ex membros do Corinthians. Conforme discutido por Alfredo Oscar Salun,

Nas palavras humoradas de torcedores corintianos, os bons italianos ficaram no clube e os maus saíram para fundar o Palestra Itália. Fato que, se não é confirmado por dados, serviu para estimular a rivalidade entre os clubes e difundir o mito de que o Palestra nasceu de uma dissidência do seu aqui-rival, portanto uma briga em família⁶⁰⁴.

Considerando a inexistência de evidências da presença de qualquer um dos fundadores do Palestra Italia na vida social e clubística do Corinthians até 1914, o único indício que apontaria para esta suposta dissidência seria a atuação dos atletas Amílcar Balbuy, Américo

⁵⁹⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 160.

⁶⁰⁰ *Idem*, p. 158.

⁶⁰¹ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 76-77.

⁶⁰² STREAPCO, *op. cit.*, p. 161.

⁶⁰³ *Idem*, p. 162.

⁶⁰⁴ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 35.

Fiaschi, Bianco Gambini, Fulvio Benti e Francisco Police – que jogavam pelo Corinthians –, na primeira partida oficial do Palestra Italia, disputada contra o sorocabano Sport Clube Savoia em 24 de janeiro de 1915⁶⁰⁵. Tal acontecimento aparece referenciado numa publicação do jornal *O Estado de São Paulo* de 1933, reafirmando a tese da dissidência, que passaria a sustentar discursivamente a construção de um imaginário de oposição, tão importante para a consolidação de rivalidades (conforme destacado por Giulianotti). Nas palavras, do jornal,

Por que nasceu semelhante rivalidade? Porque dois ou três defensores do Corinthians, depois da entrada deste para a Associação Paulista, foram ingressar nas fileiras do Palestra Itália, sociedade que havia reunido os campeões dos arrebalde, de descendência italiana⁶⁰⁶

Historicamente, no entanto, a tese da dissidência não se sustenta. Conforme demonstrado por João Paulo Streapco, o artigo 18 do estatuto do Corinthians em 1915 permitia a atuação de seus atletas em outras agremiações caso a direção do clube consentisse, o que provavelmente ocorreu na ocasião. Amílcar Balbuy, Américo Fiaschi e Fúlvio Benti, por exemplo, jogaram pelo Palestra Italia diante do Savoia em 24 de janeiro e em uma partida contra o Santos em 3 de outubro, mas excetuando-se estas duas partidas, atuaram pela equipe corintiana no restante do ano⁶⁰⁷. Bianco Gambini, por sua vez, provavelmente “atuava pelas duas equipes, chegando a treinar pela manhã no Palestra Itália e a jogar pelo Corinthians na parte da tarde”⁶⁰⁸. Já Francisco Police, embora tenha atuado em três partidas pelo Palestra Italia em 1915, desde abril daquele ano ocupou o cargo de diretor esportivo do Corinthians, sendo reeleito em 1916⁶⁰⁹.

A reprodução da tese da dissidência no discurso de torcedores de ambas agremiações, entretanto, se manteve ao longo das décadas seguintes até a atualidade, incorporando-se ao amplo leque de repertórios mobilizados na sociabilidade cotidiana dos torcedores e figurando nos intermináveis debates protagonizados por amigos, que, rivalizando na torcida, defendem posições relativas a seus times de preferência, conforme discutido por Luiz Henrique de Toledo⁶¹⁰. A experiência desta rivalidade no cotidiano de pessoas próximas, estimulando aquilo

⁶⁰⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 153-154.

⁶⁰⁶ *O Estado de S. Paulo*, 5 nov. 1933. Citado por SALUN, 2007, *op. cit.*

⁶⁰⁷ STREAPCO, *op. cit.*, p. 154.

⁶⁰⁸ *Idem*, p. 155.

⁶⁰⁹ *Idem*.

⁶¹⁰ TOLEDO, *op. cit.*, p. 251.

que o autor definiu como “lógica das relações jocosas da esfera da afinidade”⁶¹¹, se desenhava já nos primórdios de seu surgimento, visto que, conforme assinalado por Alfredo Oscar Salun,

[...] o destino uniu os torcedores desses dois clubes, que nasceram nos bairros operários, que agrupavam grande número de imigrantes e seus descendentes, e que tiveram uma trajetória muito semelhante de crescimento do número de torcedores e do patrimônio, tornando-se, com o passar do tempo, “irmãos” inimigos⁶¹².

Tal rivalidade se promovia nos termos daquilo que Richard Giulianotti define como “jogos dérbi”⁶¹³, estabelecendo-se entre equipes que compartilham um mesmo ambiente social: “os torcedores rivais viviam, trabalhavam e se reuniam uns com os outros, discutindo, rindo e teorizando indefinidamente sobre os encontros passados e futuros”⁶¹⁴. Constituindo uma rivalidade entre semelhantes, os confrontos entre Palestra Italia e Corinthians certamente dividiam amigos próximos, vizinhos, eventualmente até famílias, uma vez que a composição de seu quadro de torcedores, sócios e simpatizantes provinha dos mesmos grupos sociais. A célebre crônica de Alcântara Machado, intitulada “Corinthians (2) vs. Palestra (1)” demonstra esse ambiente compartilhado: o texto é atravessado pela referência a ambientes de sociabilidade popular frequentados pelos torcedores de ambas agremiações, como a Sociedade Recreativa e Beneficente do Bexiga⁶¹⁵, e a torcedora Miquelina, que protagoniza a narrativa, deixa de namorar o meia direita corintiano Biagio e resolve trocar de time ao se apaixonar pelo palestrino Rocco⁶¹⁶.

Distinta era a rivalidade estabelecida pelo Palestra Italia com o C.A. Paulistano, sustentada centralmente pela competitividade esportiva, e eventualmente por certo antagonismo de classe. De acordo com José Renato de Campos Araújo, “[...] a partir do momento em que passa a contar com uma equipe de bom nível e capaz de disputar o título de campeão da cidade de São Paulo, o Palestra Italia torna-se uma ameaça à hegemonia do C. A.

⁶¹¹ *Idem*.

⁶¹² SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 35.

⁶¹³ O termo “dérbi” também foi empregado à época pelo jornalista Thomáz Mazzoni para denominar o confronto entre as duas agremiações, e até hoje é utilizado.

⁶¹⁴ GIULIANOTTI, *op. cit.*

⁶¹⁵ MACHADO, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001, p. 52.

⁶¹⁶ *Idem*, p. 51-52.

Paulistano”⁶¹⁷. Alfredo Oscar Salun assinala que isto se deu a partir de 1917, momento em que Palestra Italia e Corinthians, “suplantando agremiações tradicionais, como Mackenzie, Atlético Palmeiras, Internacional, Americano e Germânia”⁶¹⁸, consolidaram-se como forças competitivas do futebol paulista, tornando-se rivais diretos do Paulistano na disputa de títulos.

Já no primeiro turno do campeonato paulista de 1917 os palestrinos conseguiram triunfar sobre o Paulistano – que viria a ser campeão –, e terminaram o torneio na segunda colocação⁶¹⁹, mantendo a competitividade contra o clube de elite até 1920, quando conquistaram o campeonato pela primeira vez. Conforme destacado por João Paulo Streapco, Palestra Italia e Paulistano ganharam todos os campeonatos entre 1917 e 1921 (em 1922 o Corinthians conquistaria o título pela primeira vez)⁶²⁰, estabelecendo uma rivalidade de amplo interesse esportivo: em um confronto entre as duas equipes pelo campeonato de 1920, por exemplo, o Parque Antarctica chegou a receber um público de aproximadamente 80 mil pessoas, segundo estimativa da época⁶²¹.

A abordagem de tal rivalidade pela imprensa, por sua vez, era atravessada por uma notável parcialidade, especialmente presente nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo*, diário “intimamente ligado aos interesses do café”⁶²² e à elite cafeeira paulista⁶²³, conforme apontado por José Renato de Campos Araújo. Convém assinalar que um dos fundadores do C.A. Paulistano, Mário Cardim, chefiara anteriormente a seção de esportes do jornal⁶²⁴, e jornalistas do diário figuravam como sócios da agremiação⁶²⁵. De acordo com Araújo, a incidência das diferenças de classe em relação ao Palestra Italia constituía fator determinante de uma abordagem particularmente favorável ao Paulistano, especialmente nas situações em que os clubes se enfrentavam, assinalando que “em várias notícias sobre os jogos houve relatos desfavoráveis ao Palestra Italia, e a escalação de seus times não foi publicada”⁶²⁶.

Antes mesmo da ascensão da rivalidade, um posicionamento no mesmo sentido já se esboçava quando, em 1916, *O Estado de São Paulo* expressou um conjunto de críticas à inclusão do Palestra Italia na liga da APEA. De acordo com a hipótese de Araújo sobre este acontecimento, “[...] o Palestra Italia não seria um participante natural de uma associação que

⁶¹⁷ ARAÚJO, *op. cit.*, 1996, p. 109.

⁶¹⁸ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 72.

⁶¹⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 159.

⁶²⁰ *Idem*, p. 212.

⁶²¹ *Idem*, p. 173.

⁶²² ARAÚJO, *op. cit.*, 1996, p. 50.

⁶²³ *Idem*, p. 110.

⁶²⁴ SILVA, *op. cit.*, p. 111.

⁶²⁵ *Idem*, p. 113.

⁶²⁶ ARAÚJO, *op. cit.*, 1996, p. 50.

organizava um esporte praticado pelos filhos da elite paulistana; por ser formado por imigrantes e seus descendentes, era encarado com ressalvas por dirigentes e clubes filiados”⁶²⁷. O autor concebe, portanto, a existência de uma discriminação de classe – enredada a certa xenofobia – que sustentava as ressalvas sobre o Palestra Italia por parte dos representantes das elites, tanto nos campos como nas páginas da imprensa.

Além disso, alguns episódios atravessados pelas relações de poder no circuito do *futebol oficial* demonstram a existência de tensões e estranhamentos entre as duas agremiações, como em 1918, quando o Palestra Italia abandonou a APEA (retornando no ano seguinte) após uma derrota para o Paulistano, e acusou a agremiação de elite de “não respeitar o regimento da entidade [...] sem ser questionado por tais atos”⁶²⁸. Entre 1924 e 1925, por sua vez, conflitos de ordem política no esporte paulista colocaram as duas agremiações novamente em posições antagônicas, quando o Paulistano “se insurgiu contra os ‘desmandos’ da liga [...], se sentiu prejudicado e se indispôs com a direção da APEA”⁶²⁹, liderando a criação da Liga dos Amadores do Futebol (LAF)⁶³⁰, ocasião que deflagraria uma série de críticas e ataques da diretoria palestrina a Antônio Prado Júnior, então presidente do Paulistano, acusando-o de autoritarismo⁶³¹.

O atravessamento da rivalidade por antagonismos de classe, identificado por Araújo na abordagem dos confrontos entre Palestra Italia e Paulistano, é corroborado por Alfredo Oscar Salun, com a ressalva de que embora o protagonismo do Palestra Italia detivesse – junto ao Corinthians – a representatividade de grupos sociais tradicionalmente excluídos do circuito do *futebol oficial*, isto não significava que a agremiação atuasse institucionalmente como uma entidade representativa de classe, assim como o rival alvinegro⁶³². Ainda que reconhecido no circuito do *futebol oficial* como um “clube popular”, fundado por integrantes dos segmentos médios e populares da coletividade italiana com o intuito de representá-la nos campos de futebol, e abrigando elementos da classe trabalhadora entre suas fileiras de sócios e torcedores, o ascendente Palestra Italia configurava um “espaço de mediação cultural entre os múltiplos atores sociais da comunidade ítalo-paulista, [...] em que o discurso de *italianidade* ofuscava

⁶²⁷ *Idem*, p. 108-109.

⁶²⁸ STREAPCO, p. 161.

⁶²⁹ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 79-80.

⁶³⁰ A LAF se tornaria a entidade rival da APEA pela direção política do esporte no estado, até 1929 (ocasião em que foi dissolvida).

⁶³¹ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 81.

⁶³² *Idem*, p. 236.

qualquer discurso classista, mas que não impedia a existência de conflitos internos”⁶³³, conforme proposto por João Paulo Streapco.

Neste sentido, a trajetória do Palestra Italia durante suas primeiras décadas de existência pode ser percebida em um movimento “entre a etnicidade e a classe”⁶³⁴, utilizando os termos propostos por Michael Hall para assinalar as disputas e atravessamentos que se verificavam em inúmeras entidades associativas de italianos em São Paulo no período. Ainda que o marco identitário fundante e oficial do clube se estabelecesse sob o aspecto étnico-nacional italiano, as lutas de classe que efervesciam na cidade durante este período atravessavam e também se expressavam no cotidiano palestrino.

Por um lado, a maciça composição proletária da coletividade italiana direcionava os esforços da agremiação em manter-se acessível a esta classe, diferentemente de outras associações futebolísticas do contexto, mais vinculadas às elites: conforme mencionado no subcapítulo anterior, a taxa mensal cobrada aos associados, de acordo com o primeiro estatuto palestrino, era de 1\$000, e sua comparação às mensalidades de outras agremiações do contexto (como os 10\$000 cobrados mensalmente aos sócios do Paulistano) explicita como o clube se dirigia fundamentalmente aos segmentos populares⁶³⁵. Neste contexto, parte significativa da classe trabalhadora ítalo-paulistana desenvolveu uma identificação com o clube, constituindo uma comunidade torcedora significativamente massiva, especialmente em comparação com os clubes da elite paulistana. Conforme comentado por Araújo,

[...] o Palestra Itália não representava apenas uma invasão no campo de jogo de imigrantes italianos, em sua maioria originários das classes menos abastadas, mas também uma invasão nas arquibancadas de “torcedores italianos”, aficionados que se deslocavam de bairros periféricos e operários como a Moóca, o Brás, a Barra Funda e o Bexiga para acompanhar os feitos de “italianos” como eles contra a elite local. Com ele abriu-se a possibilidade de imigrantes deixarem suas origens e sentimentos étnicos transparecerem perante a sociedade receptora que, no caso da paulistana, sempre os menosprezou⁶³⁶.

⁶³³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 168.

⁶³⁴ HALL, *op. cit.*, p. 52.

⁶³⁵ STREAPCO, *op. cit.*, p. 214.

⁶³⁶ ARAÚJO, *op. cit.*, 1997, p. 24.

Ao mesmo tempo, identificamos a sintonia de interesses entre uma parte mais conservadora desta classe trabalhadora, que de acordo com José de Souza Martins era mobilizada por ímpetos de ascensão social⁶³⁷, e o esforço do Palestra Italia em integrar o campeonato da APEA e ser reconhecido, de forma similar, entre os clubes da elite⁶³⁸. No caso palestrino, este processo de ascensão foi acompanhado diretamente por uma aproximação e investimento das elites italianas de São Paulo em relação ao clube, que possivelmente teria se esboçado inicialmente com a sua entrada na liga da APEA, no início de 1916.

Sobre este episódio, Streapco assinala que, um ano antes, Luigi Cervo intermediara a cessão de equipamentos, transporte e mão de obra das Indústrias Matarazzo à APEA, para a transferência das arquibancadas do então demolido Velódromo Paulista à Chácara da Floresta. O palestrino, mero funcionário das Indústrias Matarazzo, certamente não dispunha de poder para autorizar tais medidas, o que indica uma provável mediação junto a seus patrões. Streapco interpreta que, no processo, Cervo teria angariado a simpatia dos mesmos pela agremiação palestrina, bem como da própria APEA, favorecendo a incorporação do clube à liga oficial, ainda que uma série de aspectos técnicos pudessem justificar, à época, o veto ao acesso⁶³⁹. Salun ainda ressalta que, logo em seguida, Francesco Matarazzo recebeu título de “sócio benemérito”⁶⁴⁰ do clube, o que parece reforçar seu envolvimento no processo.

Após esta primeira aproximação das elites ítalo-paulistanas junto ao Palestra Italia, em 1919 o conselho deliberativo da agremiação iniciou negociações para a compra do campo de futebol do Parque Antarctica⁶⁴¹, durante a gestão de Duilio Frugoli. Diante de tão custosa empreitada, a imprensa da época referenciava a necessidade que o clube teria de aumentar seu quadro associativo, e eventualmente as próprias taxas de adesão e mensalidades⁶⁴². Entretanto, ainda que nos anos seguintes o Palestra Italia tenha efetivamente expandido seu número de associados, a entrada e participação das elites ítalo-paulistanas na vida política do clube neste momento preciso parece ter incidido de forma muito mais decisiva para a consolidação da aquisição da praça desportiva própria: em fevereiro de 1920, a composição do novo conselho administrativo do clube, definida em assembleia, incluía os nomes dos principais industriais italianos da cidade, como Rodolfo Crespi, Alessandro Siciliano, Nicola Puglisi e Egídio Pinotti

⁶³⁷ MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010, p. 263.

⁶³⁸ ARAÚJO, *op. cit.*, 1997, p. 23.

⁶³⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 169.

⁶⁴⁰ SALUN, *op. cit.*, 2015, p. 80.

⁶⁴¹ STREAPCO, *op.cit.*, p. 171.

⁶⁴² *Idem*.

Gamba, além da ascensão do empresário Menotti Falchi à presidência do clube⁶⁴³ e a nomeação de Francesco Matarazzo como “presidente honorário” (cargo simbólico)⁶⁴⁴. Poucos meses depois, em abril, a aquisição da praça desportiva foi consolidada com aportes financeiros diretos da família Matarazzo⁶⁴⁵ – que também adquiriu uma parcela do terreno para empreendimentos próprios⁶⁴⁶ – junto a outros beneméritos provenientes das elites italianas⁶⁴⁷.

Se, por um lado, a aproximação de tais figuras proeminentes das elites certamente favoreceu o clube em seu reconhecimento nas instâncias oficiais do futebol paulista (tanto pela participação na APEA quanto pela aquisição de uma praça desportiva própria), os industriais italianos, por sua vez, também tinham interesses próprios em participar de forma protagonista da vida política do Palestra Italia, entidade cada vez mais representativa da coletividade italiana no âmbito futebolístico. Conforme demonstrado por Mario Carelli, tanto Rodolfo Crespi quanto Matarazzo frequentemente mobilizavam o sentimento de *italianidade* na direção de seus negócios, sobretudo em tentativas de apaziguar conflitos de classe e movimentos grevistas dentro de suas empresas⁶⁴⁸. Especialmente após a Greve Geral de 1917, conforme já mencionado anteriormente, o segmento patronal como um todo na cidade de São Paulo se esforçava em obter controle sobre as organizações e atividades do tempo livre ocupadas pelos trabalhadores⁶⁴⁹, e a penetração de membros das elites na vida social e política do Palestra Italia – agremiação amplamente popular entre o operariado italiano – visivelmente coincidia com este reordenamento das estratégias de disciplinarização implementadas.

Sem dúvida, a aproximação dos industriais pode ser abordada no âmbito de seu envolvimento com a *italianidade*, visto que, conforme assinalado por João Fábio Bertonha, as elites ítalo-paulistas neste período “se lançavam ao trabalho para construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia”⁶⁵⁰. Por um lado, parte desse esforço se expressava na criação de novas entidades, como o Circolo Italiano, identificado por Luigi Biondi como “expressão da burguesia e da classe média imigrada”⁶⁵¹, e cuja diretoria era composta por “empresários como Rodolfo Crespi, Francesco Matarazzo, Egídio Pinotti

⁶⁴³ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 92.

⁶⁴⁴ STREAPCO, *op. cit.*, p. 172.

⁶⁴⁵ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 92.

⁶⁴⁶ SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 75.

⁶⁴⁷ STREAPCO, *op. cit.*, p. 173.

⁶⁴⁸ CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930)*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 47.

⁶⁴⁹ DECCA, *op. cit.*, p. 88.

⁶⁵⁰ BERTONHA, *op. cit.*

⁶⁵¹ BIONDI, 2011, *op. cit.*, p. 56.

Gamba, os irmãos Puglisi, Alessandro Siciliano”⁶⁵² (nomes que também identificamos na composição do conselho e diretoria do Palestra Italia a partir de 1920⁶⁵³). Ao mesmo tempo, verificava-se igualmente o investimento destes segmentos na apropriação diretiva de associações, entidades e outras formas de organização da coletividade italiana já existentes, sob a justificativa de uma dedicação ao “amor pátrio”⁶⁵⁴. Estes processos de apropriação não foram desprovidos de tensões e disputas, conforme demonstrado por José de Souza Martins, que cita como exemplo a Festa de São Vito, no bairro do Brás, e os conflitos entre trabalhadores e setores patronais, à época, pela organização do evento⁶⁵⁵.

Para Angelo Trento, tais iniciativas da elite ítalo-paulistana constituíam uma estratégia para acobertar a “exploração de base étnica”⁶⁵⁶, apoiando-se em uma suposta “comunhão de interesses que [...] patrões e proletários teriam compartilhado como italianos”⁶⁵⁷, diagnóstico compartilhado por observadores que visitavam São Paulo na época, como o jornalista italiano Luciano Magrini, que teceu duras críticas à elite ítalo-paulistana por “sua indiferença ao destino de seus compatriotas pobres”⁶⁵⁸. Neste sentido, podemos compreender as instituições e entidades representativas da coletividade italiana no contexto também como instrumentos de *hegemonia*, nos termos propostos por Gramsci: se apresentavam para os segmentos de elite como ambientes cruciais para o exercício de uma influência de classe sobre outros grupos sociais que compunham a coletividade italiana – especialmente seu amplo segmento operário – sem a necessidade de recorrer a formas de coerção violenta⁶⁵⁹.

De tal modo, tendo em vista a relevância do futebol enquanto atividade do tempo livre dos trabalhadores na cidade, bem como a ampla adesão dos segmentos médios e populares da coletividade italiana à torcida do Palestra Italia, podemos compreender a aproximação do segmento de elite junto ao clube no sentido de seus próprios interesses de classe, entrelaçados ao apreço pela *italianidade* que se verificava com particular empenho entre suas fileiras⁶⁶⁰. Há de se pontuar, entretanto, que seu empoderamento na entidade não se deu imune a denúncias e resistências, o que será demonstrado pela ocorrência de episódios de conflito nas dependências

⁶⁵² *Idem.*

⁶⁵³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 172.

⁶⁵⁴ TRENTO, *op. cit.*, p. 252.

⁶⁵⁵ MARTINS, *op. cit.*, p. 257.

⁶⁵⁶ TRENTO, *op. cit.*

⁶⁵⁷ *Idem.*

⁶⁵⁸ HALL, *op. cit.*, p. 60.

⁶⁵⁹ LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquela (Orgs.). *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. Trad. Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia De Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 367.

⁶⁶⁰ BERTONHA, *op. cit.*, p. 75.

do clube a partir da década de 20, discutidos no capítulo seguinte. Tais eventos, como veremos, desdobravam-se especialmente em torno da reconfiguração das disputas no seio da coletividade, então protagonizadas por fascistas e antifascistas que buscavam atrelar a *italianidade* a suas convicções políticas. Consequentemente, instaurou-se uma disputa política entre estes segmentos dentro do clube, visando a conformação de uma hegemonia sobre a *italianidade* também através do futebol.

3. Fascismo, antifascismo e o clube Palestra Italia (1923-1945)

Durante a década de 20, conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação, as instituições associadas à comunidade italiana constituíam um dos principais polos da disputa entre fascistas e antifascistas na cidade de São Paulo. A propaganda do regime fascista, voltada aos italianos da cidade e capitaneada pelos veículos oficiais do governo italiano após a ascensão de Mussolini ao poder, incentivava a vinculação formal dos indivíduos e entidades ao Fascio de San Paolo (fundado em 1923), e difundia-se com significativo sucesso entre os membros da elites ítalo-paulistanas⁶⁶¹. Parte das filiações neste contexto se dava por razões concretamente ideológicas, mas também em função da correlação entre *italianidade* e fascismo que a propaganda do regime procurava estabelecer, de forma que muitos indivíduos – bem como agremiações italianas na cidade – comumente mantinham vínculos com o Fascio e com o consulado italiano, sem se aplicarem a uma efetiva e convicta militância fascista.

No caso das instituições, tornaram-se frequentes as disputas internas entre seus membros fascistas e antifascistas⁶⁶², as quais se davam no sentido de estipular a aproximação – ou mesmo vinculação direta – da agremiação em questão ao ideal fascista e suas entidades representantes na cidade. Grande parte destas instituições sob disputa abrigava uma significativa pluralidade de orientações políticas e condições socioeconômicas entre seus membros, estabelecendo-se enquanto espaços de mediação cultural em torno de uma identidade étnica italiana comum (o caso do Palestra Italia, como vimos anteriormente, não era distinto)⁶⁶³. As discordâncias afloravam com força, portanto, em torno da vinculação da *italianidade* à fidelidade ao regime fascista, uma vez que tais entidades se configuravam originalmente a partir do caráter étnico.

Amparando-nos na contribuição teórica de Antonio Gramsci, entendemos estas disputas em torno de uma *hegemonia* sobre o imaginário de *italianidade* e seu consequente espraio em relação à coletividade italiana instalada em São Paulo como um todo. As leituras do pensador italiano por seus comentadores destacam que, em sua abordagem, as instituições são indicadas como relevantes agentes de influência hegemônica, concebendo que

⁶⁶¹ BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 168.

⁶⁶² TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Trad. Maria Rosária Fabris e Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 328.

⁶⁶³ STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016, p. 168.

“toda relação de ‘hegemonia’ é necessariamente uma relação pedagógica”⁶⁶⁴ traçada a partir de formas mais sutis de exercício do poder, que não recorrem necessariamente à ameaça ou emprego da força (coerção)⁶⁶⁵. As pretensões que as movem, por sua vez, não se localizam exclusivamente na esfera do Estado e/ou das chamadas “classes dominantes”, mas no campo da sociedade civil, entendida como “um âmbito de múltiplas relações de poder e de contradições, lugar de disputas de sentidos”⁶⁶⁶. De tal modo, a noção de hegemonia nos resulta útil para pensar os diferentes antagonismos que atravessaram a coletividade italiana no contexto estudado⁶⁶⁷, e sua articulação enquanto disputas em torno de objetos institucionalizados, como associações e agremiações consideradas representativas da *italianidade* (entre as quais o próprio Palestra Italia).

Os elementos de uma disputa entre fascistas e antifascistas dentro do clube, especificamente, se vislumbraram desde o aparecimento do discurso e imaginário fascista entre a coletividade ítalo-paulistana, no começo da década de 20. Neste primeiro cenário, os termos de tal disputa se davam enfaticamente em torno da possível vinculação do clube ao fascismo: os segmentos simpáticos ao fascismo procuravam estabelecê-la, ao passo que os antifascistas se esforçavam unicamente em denunciá-la e contê-la, sem apresentar qualquer ímpeto decisivo na transformação do clube em uma entidade antifascista em si (como acontecia em outros casos): o esforço parecia orbitar em torno da manutenção, portanto, do Palestra Italia enquanto uma entidade *afascista*, conforme termo proposto por Angelo Trento⁶⁶⁸. A disputa se fazia presente em episódios pontuais, que comentaremos a seguir, e na produção e difusão dos periódicos publicados pelos diferentes segmentos, demonstrando uma disputa de imaginários sobre o clube e suas possíveis vinculações com o fascismo.

A partir da década de 30, a documentação histórica examinada indica uma redução dos esforços de propaganda e denúncia antifascista em torno do clube, em sintonia com as

⁶⁶⁴ LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquela (Orgs.). *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. Trad. Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastrí e Silvia De Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 367.

⁶⁶⁵ ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, São Paulo, 2010, p.73.

⁶⁶⁶ MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*. Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010, p. 58.

⁶⁶⁷ Há de se mencionar, ainda, que a pertinência teórica das contribuições de Gramsci para com a análise de nosso objeto de pesquisa coincide, quase que de forma enredada, com a dimensão histórica do próprio autor e seu pensamento, cujas formulações aqui referenciadas foram produzidas justamente sob o cárcere do regime fascista de Mussolini, ao qual Gramsci foi submetido por sua vigorosa oposição enquanto dirigente do Partido Comunista Italiano e militante antifascista (ver ALVES, *op. cit.*, p. 72). Desta forma, a referência ao pensamento gramsciano nesta pesquisa é também uma escolha ancorada na relação intrínseca entre pensamento e ação política.

⁶⁶⁸ TRENTO, *op. cit.*, p. 334.

orientações de Mario Mariani publicadas no jornal *La Difesa*⁶⁶⁹ acerca da militância antifascista como um todo, que comentaremos mais adiante. O Palestra Italia, assim como a coletividade italiana em São Paulo em geral, entrava em uma fase marcada pela maior hegemonia das vozes fascistas, ainda que não se vinculasse ou se declarasse fascista em âmbito formal e oficial. Ao longo da década, a existência de vozes dissonantes a esta hegemonia se expunha em alguns conflitos mapeados nesta pesquisa, como a troca de acusações protagonizada pelo jornal fascista *Il Pasquino Coloniale*, dirigido por Gaetano Cristaldi, e o presidente do Palestra Italia, Dante Delmanto. O poder de influência do segmento fascista dentro do clube, por sua vez, se explicitava em episódios pontuais, nos quais as dependências do clube – especialmente o estádio – foram cedidas à realização de eventos fascistas. Há de se destacar, no entanto, que o envolvimento oficial do clube nestes eventos era extremamente contido, isentando-se de um posicionamento político formalmente declarado.

Na década de 40, com as transformações provocadas pelos eventos da Segunda Guerra Mundial na opinião pública e nos posicionamentos do governo brasileiro em relação ao fascismo, é notável uma significativa alteração nas práticas e orientações das instituições ítalo-brasileiras, forçadas a reelaborar suas identidades oficiais perante as determinações do Estado Novo. A atuação do segmento simpático ao fascismo dentro do Palestra Italia, neste contexto, se viu diretamente afetada, e a política interna do clube operou formalmente uma série de ações e posturas dedicadas à afirmação do clube em sua lealdade ao Brasil e sua distância em relação ao governo italiano. A mudança de nome do clube – de Società Sportiva Palestra Italia para Sociedade Esportiva Palmeiras – é sem dúvidas a mais notável destas ações, inseridas num cenário marcado por novos significados do antifascismo, que se realocava na coletividade ítalo-brasileira sob novas condições.

Ao longo deste capítulo, trataremos cada um destes contextos de forma atenta e aprofundada, apresentando a documentação primária examinada sobre os períodos e estabelecendo interpretações sobre seu significado político na construção da disputa do clube por fascistas e antifascistas

3.1 O clube em disputa (1923-1931)

Em março de 1923, menos de seis meses após a Marcha Sobre Roma e a ascensão de Mussolini ao poder, o fascismo italiano já estabelecia as bases para sua atuação no Brasil a

⁶⁶⁹ MARIANI, apud TRENTO, *op. cit.*, p. 360.

partir da fundação do Fascio di San Paolo “Filippo Corridoni”, seção do Partido Nacional Fascista instalada na capital paulista⁶⁷⁰. Seu objetivo primordial era a difusão de uma intensa propaganda entre a coletividade italiana na cidade (buscando convertê-la ao fascismo), rapidamente iniciada. No mesmo ano, de acordo com João Fábio Bertonha, também já se colocava em prática uma ampla estratégia de “assalto fascista às associações italianas (culturais, beneficentes, de lazer, etc.)”⁶⁷¹ que se estenderia e aprofundaria ao longo de toda a década.

A disputa pelas associações de diversos tipos, organizadas por e para italianos sob o signo da etnicidade, compunha um objetivo mais amplo, rapidamente delineado pelas diversas ações do fascismo italiano em São Paulo: o que estava em jogo era a disputa pela *italianidade*, propagandeada pelos fascistas como o sentimento nacional que o regime de Mussolini defenderia e exaltaria, convertendo-se em seu legítimo portador. A estratégia explorada consistia, portanto, na correlação direta entre fascismo e *italianidade* como sinônimos, consequentemente identificando a oposição ao fascismo como oposição à própria Itália. O surgimento de distintas vozes antifascistas entre a coletividade italiana, conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação, procurou se contrapor diretamente a esta correlação estabelecida pela propaganda fascista: rapidamente buscaram se organizar para disputar as associações e difundir suas próprias ideias, afirmando uma *italianidade* antifascista, que mantinha a defesa da etnicidade desvinculada da ideologia fascista e da fidelidade ao regime de Mussolini.

Neste cenário, o clube Palestra Italia não tardou a se tornar objeto de uma disputa, iniciada justamente a partir do interesse fascista em apoderar-se da entidade associando sua identidade étnica (estabelecida de forma afirmativa desde a fundação) com as diretrizes do fascismo. Na década de 20, o clube já se configurava como importante força do futebol paulista, e ostentava uma importante representatividade da coletividade italiana no âmbito futebolístico. Estas condições, certamente, aguçavam o interesse fascista sobre a agremiação, assim como outras instituições de relevância intensamente assediadas – e frequentemente disputadas – no mesmo contexto. Embora as características, objetivos e práticas destas diferentes associações variassem, sua relação com a coletividade italiana – tanto na conformação de seus discursos identitários como na composição de seus quadros de associados – configurava o interesse fascista. Neste sentido, os exemplos variavam, abrangendo entidades de reunião como o

⁶⁷⁰ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Inventário Deops*: módulo V – os italianos. Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001, p. 25.

⁶⁷¹ BERTONHA, *op. cit.*, p. 148.

Circolo Italiano, entidades educacionais como o Istituto Medio Dante Alighieri, além de inúmeras entidades laborais de classe ou ofício.

No âmbito futebolístico, além do Palestra Italia pudemos verificar presenças fascistas até mesmo no Sport Club Corinthians Paulista, agremiação que, embora contasse com amplo plantel de jogadores de origem italiana e inúmeros torcedores na coletividade, não apresentava oficialmente o marco da *italianidade* como referencial de sua identidade clubística. A partir do manuseio de documentação primária, identificamos na vida política alvinegra a atuação de figuras como Raphael Perrone, fundador da agremiação que posteriormente seria identificado pelo Deops-SP como fascista⁶⁷², e Giuseppe Tipaldi, identificado em uma carta publicada em 1925 no jornal *Il Moscone* como presidente honorário do Corinthians e vice presidente do Fascio di San Paolo⁶⁷³, e posteriormente fichado no Deops/SP como fascista e membro do Dopolavoro⁶⁷⁴. Ernesto Cassano, que ocupou a presidência do clube em dois mandatos (entre 1926-1927 e 1928-1929), também constava inscrito no Dopolavoro⁶⁷⁵, embora provavelmente tenha se desfilado à época da Segunda Guerra Mundial, visto que sua ficha no Deops/SP foi revista à época, e a referência ao fascismo subtraída⁶⁷⁶. Apesar de tais presenças e o mapeamento de suas articulações políticas – durante os mandatos de Cassano, por exemplo, a construção do estádio do Parque São Jorge foi viabilizada através de uma aproximação do clube com a família Toledo Piza e o empresário Alfredo Schürig⁶⁷⁷ –, não identificamos, no entanto, nenhuma evidência de uma disputa mais direta pela fascistização da agremiação alvinegra⁶⁷⁸.

⁶⁷² “Rafael Perrone”. Ficha Deops n. SPR000304, 6 set. 1945.

⁶⁷³ “Palestrino”. *Il Moscone*, n. 94, 1927, p. 15.

⁶⁷⁴ “Giuseppe Tipaldi”. Ficha Deops n. PJ022877, 25 out. 1945.

⁶⁷⁵ “Ernesto Cassano”. Ficha Deops n. C003956, 27 abr. 1945.

⁶⁷⁶ “Ernesto Cassano”. Ficha Deops n. E005894, 23 jun. 1945.

⁶⁷⁷ LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 97.

⁶⁷⁸ A penetração fascista no Sport Club Corinthians Paulista, entretanto, precisaria ser melhor investigada, visto que, embora Perrone e Cassano sejam figuras habitualmente citadas na memória oficial do clube, seus vínculos com o fascismo – ao que nos consta – ainda não foram abordados pela historiografia.

ficha anterior datava de 9/2

Cutis fama-revizão

Cabelos

Bigodes

Olhos

Estatutura

Marcas

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Ficha n.º Nome: RAFAEL PERRONE

Data: 6-9-1945 Vulgo: V/ PERRONE RAFFAELE e RAFFAELE PERRONE.

Prontuário Delegacia n.º

Prontuário geral n.º

Atividade fascista.

Filiação: — Pai: Mãe:

Idade: anos. Nascido em de de 1 Sexo:

Nacionalidade: Natural de:

Estado civil: Profissão:

Ordenado: Cr.\$ Local de trabalho:

Residências:

É sindicalizado? Sindicato e locais que costuma frequentar:

T. G. L. - Mod. 67

Imagem 13 – Ficha de Raphael Perrone, fundador do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista”.

ficha anterior datava de 9/2

Cutis fama - revizão

Cabelos

Bigodes

Olhos

Estatutura

Marcas

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL

Ficha n.º Nome: JOSE TIPALDI

Data: 25-10-945 Vulgo: V/ TIPALDI GIUSEPPE e GIUSEPPE TIPALDI.

Prontuário Delegacia n.º

Prontuário geral n.º

Atividade fascista.

Filiação: — Pai: Mãe:

Idade: anos. Nascido em de de 1 Sexo:

Nacionalidade: Natural de:

Estado civil: Profissão:

Ordenado: Cr.\$ Local de trabalho:

Residências:

É sindicalizado? Sindicato e locais que costuma frequentar:

T. G. L. - Mod. 67

Imagem 14 – Ficha de Giuseppe Tipaldi, presidente honorário do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista”.

ficha anterior datava de 9/42		SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA	
Cutis fama-revisão		DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL	
Cabelos		Ficha n.º	Nome: CASSANO ERNESTO
Bigodes		Data 27-4-1945	Vulgo: V/ ERNESTO CASSANO.
Olhos			Prontuário Delegacia n.º
Estatura			Prontuário geral n.º
Marcas			Atividade fascista.

Filiação: — Pai:	Mãe:
Idade: anos. Nascido em de de 1	Sexo:
Nacionalidade:	Natural de:
Estado civil:	Profissão:
Ordenado: Cr.\$	Local de trabalho:
Residências:	
É sindicalizado? Sindicato e locais que costuma frequentar:	

T. G. I. - Mod. 57

Imagem 14 – Ficha de Ernesto Cassano, ex presidente do Corinthians, identificado pelo Deops/SP como “fascista”.

No referente ao Palestra Italia, objeto central de nossa investigação, para identificar os atores centralmente envolvidos na disputa do clube, neste contexto, é fundamental analisarmos os indivíduos e grupos já inseridos na vida clubística que protagonizavam posicionamentos favoráveis e contrários ao fascismo. Convém ressaltar que o Palestra Italia, conforme apresentado no capítulo anterior, contava à época com ampla heterogeneidade social entre seus sócios: fundada em 1914 a partir de uma combinação diversificada de segmentos médios e populares da coletividade italiana em São Paulo, o clube passara a agregar progressivamente, nos anos seguintes, indivíduos da elite ítalo-paulistana. Durante a década de 20, estes novos integrantes ocuparam postos de destaque no cenário geral da vida clubística do Palestra Italia, na medida em que cresciam numericamente enquanto sócios do clube, exerciam influência por conta de seu poder econômico, e progressivamente assumiam cargos de direção⁶⁷⁹.

Anteriormente, discutimos como a aproximação deste segmento com o clube se articulou, inicialmente, em torno da *italianidade* ostentada pela identidade oficial do clube, sentimento étnico interclassista que interessava ao segmento patronal: o domínio sobre agremiações populares de caráter étnico permitiria o exercício de uma influência e dominação sobre as mesmas, com vistas ao maior controle do tempo livre dos trabalhadores italianos⁶⁸⁰. Como vimos, tal estratégia amparada nos interesses classistas dos industriais foi amplamente

⁶⁷⁹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 172.

⁶⁸⁰ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 88.

utilizada após as mobilizações operárias de 1917 e 1918, tendo como alvo as mais variadas entidades, e utilizando-se amplamente do futebol como instrumento⁶⁸¹.

A partir da década de 20, as elites industriais ítalo-paulistas rapidamente se converteram no primeiro grupo de apoio ao fascismo italiano e sua expansão em São Paulo⁶⁸². Embora tal conversão não tenha sido imediata, nem absoluta, a maior parte dos industriais italianos na cidade rapidamente declarou simpatia pelo regime de Mussolini, ainda que por razões e motivações variadas que nem sempre correspondiam a uma estrita obediência às diretrizes das entidades oficiais do fascismo italiano. Entre o grupo de integrantes destas elites filiados ao Palestra Italia, identificamos com facilidade algumas figuras de destaque que haviam declarado fidelidade ao fascismo logo no princípio de sua difusão: são os casos de Francesco Matarazzo e Rodolfo Crespi, os principais industriais italianos estabelecidos na cidade, que desde o início da década de 1920 expandiam sua influência política na vida clubística, chegando a ocupar cargos no conselho da agremiação⁶⁸³. Industriais de menor porte, igualmente simpáticos ao fascismo, também se faziam presentes na direção palestrina, como era o caso de Duilio Frugoli, que dirigira o clube em mandatos curtos nos anos de 1918 e 1919, e que participou de diversas gestões ao longo da década de 20, quando então já declarava-se formalmente fascista⁶⁸⁴.

⁶⁸¹ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992, p. 185.

⁶⁸² BERTONHA, *op. cit.*, p. 175.

⁶⁸³ STREAPCO, *op. cit.*, p. 172.

⁶⁸⁴ “A Duilio Frugoli”. *Il Moscone*, n. 82, 1926, p. 1.

Imagem 16 – Capa do semanário *Il Moscone* homenageando Duilio Frugoli e identificando-o como adepto do fascismo.

Guido Sarti, outro industrial que presidira o clube no ano de 1917, posteriormente também viria a se converter ao fascismo, constando fichado no Deops-SP como inscrito no “Elenco Iscritti che hanno Ritirato Tessera”⁶⁸⁵, documento que listava os membros do Dopolavoro em São Paulo⁶⁸⁶. Embora as gestões de Sarti e Frugoli tenham se dado anteriormente à consolidação do fascismo como regime político na própria Itália, ressaltando-se a conversão de ambos em período posterior, é digno de nota que estes foram os dois únicos presidentes do clube, até a gestão de Luigi Eduardo Matarazzo em 1928, que em algum momento constaram declaradamente inscritos em instituições fascistas. Evidencia-se, por um lado, a aproximação da elite industrial italiana na cidade com o fascismo; mas ao mesmo tempo, é notável que, politicamente, a parcela da coletividade italiana que se reunia no Palestra Italia

⁶⁸⁵ “Guido Sarti”. Ficha Deops n. PG006174, 25 out. 1945.

⁶⁸⁶ SILVA, Luciana Vieira da. *A missão italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)*. Dissertação de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015, p. 112.

permanecia heterogênea, mesmo com a ascensão destas elites dentro do clube e a expansão do fascismo entre a coletividade ítalo-paulistana.

O fascismo, vale destacar, também encontrou eco entre as classes médias italianas, que compunham parte significativa de sua base na cidade de São Paulo⁶⁸⁷. Neste sentido, figuras relevantes deste setor que transitavam dentro do clube são dignas de destaque: Luigi Cervo, funcionário das Indústrias Reunidas Matarazzo e um dos fundadores do Palestra Italia, posteriormente também viria a filiar-se ao Fascio di San Paolo⁶⁸⁸, embora as condições de tal filiação sejam obscuras. Notavelmente, Cervo não desenvolveu uma militância fascista de destaque, não figurando em nenhuma outra documentação examinada nesta pesquisa como participante ativo dos eventos e realizações fascistas na cidade. Nos parece provável que sua inscrição no Fascio tenha se dado em condições específicas, bastante recorrentes entre as classes médias italianas na cidade: de acordo com Bertonha, para estes grupos “aderir ao fascismo era algo necessário para a obtenção de um reconhecimento social”⁶⁸⁹. Era comum, portanto, uma filiação seguida de atuação discreta, o que viria a frustrar profundamente as lideranças fascistas, especialmente na década de 30⁶⁹⁰.

Outra notável figura das classes médias italianas que exercia grande influência nos bastidores do Palestra Italia era o jornalista Vincenzo Ragnetti. Autor da nota convocatória que culminaria na realização da reunião de fundação do Palestra Italia⁶⁹¹, publicada em 13 de agosto de 1914 no jornal *Fanfulla*, Ragnetti iniciou em 1925 a edição do semanário *Il Moscone*, afirmando tratar-se do único jornal verdadeiramente fascista da cidade⁶⁹². Filiado ao Fascio di San Paolo⁶⁹³, Ragnetti dedicava as páginas de seu semanário à defesa do regime fascista e da atuação de seus representantes na cidade de São Paulo, publicando colunas e artigos opinativos, cartas de outros membros da coletividade italiana na cidade simpáticos ao fascismo, e, especialmente, utilizando-se uma linguagem satírica e irônica para ridicularizar os antifascistas italianos que atuavam em São Paulo. Ainda que formalmente identificado com todas as instituições e círculos próprios do fascismo na cidade, a análise integral do jornal nos revela algumas contradições e contextuais alterações na postura de Ragnetti, que serão discutidas adiante em sua relação com episódios específicos que iremos comentar.

⁶⁸⁷ BERTONHA, *op. cit.*, p. 180

⁶⁸⁸ “Luigi Cervo”. Ficha Deops n. SPL005551, 6 nov. 1945.

⁶⁸⁹ BERTONHA, *op. cit.*, p. 181.

⁶⁹⁰ *Idem*, p. 126.

⁶⁹¹ “Per la formazione de una squadra italiana di foot-ball in São Paulo”. *Fanfulla*, 14 ago. 1914, p. 4.

⁶⁹² “Il primo ronzo”. *Il Moscone*, n. 1, 1925, p. 3.

⁶⁹³ “Vincenzo Ragnetti”. Ficha Deops n. SPV001694, prontuário n. 31194, 13 out. 1944.

Para além dos nomes de maior destaque supracitados, cuja relação com o fascismo pôde ser investigada através da documentação consultada, também convém pontuar que a progressiva expansão da propaganda fascista entre a coletividade italiana em São Paulo certamente angariou a simpatia de outros sócios e torcedores do clube desconhecidos. Isto se faz visível, por exemplo, em uma carta anônima publicada em 1926 no *Moscone*, na qual o autor, após identificar-se simplesmente como “Palestrino”, defendia que se pendurasse um quadro de Mussolini no salão de honra da sede social do clube, afirmando portar um abaixo assinado com 300 assinaturas para pressionar o conselho da agremiação⁶⁹⁴. Não encontramos nenhuma evidência de que isto tenha acontecido, diferentemente da exposição de outros quadros de honra noticiados pelo *Moscone*, como o retrato de Luigi Cervo como fundador honorário do clube⁶⁹⁵. A pressão exercida pelo sócio em questão, no entanto, nos revela uma dimensão importante da disputa realizada pelo segmento fascista, que objetivava um alinhamento concreto e oficializado do clube ao regime de Mussolini.

PALESTRINO — Non ci mancava che questo! La politica nella Palestra! Non basta il caso della Lega Lombarda! Ma facciano il favore, i signori direttori palestrini! Si vuole collocare nel salone di onore, il ritratto di Benito Mussolini? E lasciatelo collocare! E' questa la volontà della maggioranza dei soci e, se non sbagliamo, chi comanda una società, sono precisamente i soci.

Imagem 17 – Trecho de carta anônima publicada no *Moscone* em 1926, exigindo que se pendurasse um retrato de Mussolini na sede do Palestra Italia.

A atuação deste segmento fascista no Palestra Italia, que procuramos mapear sem a pretensão de reduzi-lo aos nomes supracitados, se fez visível pela primeira vez no ano de 1925, com a tentativa da realização de uma comemoração do aniversário da Marcha Sobre Roma nas dependências do clube. De acordo com a documentação examinada, tratava-se, inclusive, da primeira vez em que o fascismo italiano em São Paulo havia se articulado suficientemente para comemorar tal data na cidade, apenas noticiada nos anos anteriores por veículos da imprensa

⁶⁹⁴ “Palestrino”. *Il Moscone*, n. 78, 1926, p. 14.

⁶⁹⁵ “Duas grandes vitórias do ‘Moscone’”. *Il Moscone*, n. 564, 1939, p. 9.

italo-paulistana. O *Fanfulla*, por exemplo, publicara uma série de matérias referenciando o evento de forma celebratória: em 28 de outubro de 1923, aniversário de um ano do golpe de estado fascista na Itália, a primeira página inteira do jornal havia sido ocupada por um amplo editorial comemorando a data⁶⁹⁶. Dias depois, em 30 de outubro, uma nova matéria de capa cobria extensamente os diversos eventos oficiais de celebração realizados na Itália, explicitando o posicionamento favorável do jornal ao novo regime. Nos anos seguintes, a cobertura das celebrações fascistas realizadas na Itália continuaria a ser pauta central do *Fanfulla*, que na década de 30 se tornou um periódico oficialmente regido pelo regime fascista e suas diretrizes⁶⁹⁷.

Em 1925, as dependências do Palestra Italia foram escolhidas pelo Consulado Italiano e pelo Fascio di San Paolo para receber a festa, certamente através de uma articulação de elementos simpáticos ao fascismo dentro do clube. O evento contaria com a presença de figuras oficiais importantes, como o embaixador Montagna, e sua realização foi noticiada por jornais de grande circulação, como o *Fanfulla*⁶⁹⁸, o *Correio Paulistano*⁶⁹⁹ e a *Folha da Noite*⁷⁰⁰. A existência de vozes antagônicas profundamente incomodadas com tal comemoração, no entanto, culminou em um conflito, recuperado por Angelo Trento, no qual facções opostas “chegaram às vias de fato”⁷⁰¹. Este episódio explicitava a existência de um campo de disputa dentro do clube, com a presença sólida dos dois segmentos – fascistas e antifascistas – que no seio da vida clubística reproduziam as tensões e enfrentamentos que já se faziam presentes em outros espaços da coletividade italiana em São Paulo.

O conflito interno no clube foi noticiado pelo jornal *Il Pasquino Coloniale*, periódico que, naquele momento, eximia-se de um posicionamento político contundente nas disputas entre fascistas e antifascistas (embora alguns anos depois viria a se converter oficialmente ao fascismo⁷⁰²). Em uma análise bastante clara do conflito, o jornal definia a existência de grupos politicamente antagônicos dentro do clube⁷⁰³, e vinculava a crise deflagrada por sua disputa a ocorrências similares que aconteciam, também em 1925, no Circolo Italiano e no Istituto Medio Dante Alighieri⁷⁰⁴. A interpretação do jornal era de que uma crise conjunta se abatia sobre as variadas entidades italianas da cidade, motivada pelo embate entre grupos politicamente

⁶⁹⁶ “Giornata di festa”. *Fanfulla*, 28 out. 1923, p. 1.

⁶⁹⁷ TRENTO, *op. cit.*, p. 329.

⁶⁹⁸ “Il fascio di San Paolo comemora la Marcha su Roma”. *Fanfulla*, 31 out. 1925.

⁶⁹⁹ “Embaixador Montagna”. *Correio Paulistano*, n. 22370, 4 nov. 1925, p. 3.

⁷⁰⁰ “O embaixador italiano em S. Paulo”. *Folha da Noite*, n. 31572, 4 nov. 1925.

⁷⁰¹ TRENTO, *op. cit.*, p. 328.

⁷⁰² TRENTO, *op. cit.*, p. 325.

⁷⁰³ “Cose aleggere”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 941, 14 nov. 1925, p. 6.

⁷⁰⁴ “La ‘Dante’ in crisi”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 942, 21 nov. 1925, p. 7.

opostos (fascistas e antifascistas), expressada nos distintos conflitos que explodiam simultaneamente, e acentuada no ano de 1925. No entanto, a percepção desta crise não era acompanhada de um posicionamento contundente por parte do jornal, ainda que as violências fascistas fossem vistas como excessos.

O semanário antifascista *La Difesa* também noticiou o episódio, relatando que foi uma noite de “pugni, cazzotti”⁷⁰⁵, isto é, troca de socos entre as facções opostas, que se deram na presença do embaixador Montagna. O jornal destacava, ainda, que a noite desastrosa se somava à destituição da diretoria do clube, ocorrida no dia seguinte, lançando o clube em uma crise preocupante. Para o jornal, a responsabilidade de tal crise se atribuía completamente aos fascistas e à agressividade de suas tentativas de se apropriar das instituições italianas na cidade.

Imagem 18 – Nota publicada no *La Difesa* relatando o confronto entre fascistas e antifascistas no Palestra Italia e a renúncia da diretoria, ocorrida no dia seguinte.

Esta visão era reforçada pelas notícias dos episódios similares ocorridos no mesmo contexto em outras associações e entidades: no Circolo Italiano, uma recepção ao embaixador Montagna fora atravessada pelas interferências de fascistas e antifascistas, que gritavam, respectivamente, “Viva Mussolini” e “Viva l’Italia libera, [...] Viva Matteotti”⁷⁰⁶, levando o

⁷⁰⁵ “Stelloncini settimanali”. *La Difesa*, n. 47, 22 nov. 1925, p. 3.

⁷⁰⁶ “Dolorosa costatazione”. *La Difesa*, n. 46, 15 nov. 1925, p. 2.

embaixador a alterar-se violentamente; na mesma ocasião, um inválido de guerra que se manifestara contra o fascismo fora expulso do evento, e o cônsul Dolfini afirmara que não voltaria a pisar na entidade caso a mesma continuasse a abrigar manifestações antifascistas. Na mesma semana, uma comemoração de aniversário da Marcha Sobre Roma no Club Esperia fora interrompida por conflitos físicos entre grupos fascistas distintos⁷⁰⁷.

A interpretação estabelecida pelo jornal *La Difesa* sobre o conjunto destes acontecimentos propunha que, naquele momento, os italianos no Brasil teriam ficado definitivamente desprovidos de representação nacional, uma vez que as estruturas diplomáticas italianas no país teriam passado a agir politicamente, tornando a embaixada e os consulados entidades também fascistizadas. Ao mesmo tempo, o crescente assédio do fascismo às associações que se reuniam em torno da *italianidade* era visto como preocupante, dado que as estruturas diplomáticas italianas no Brasil passavam a colaborar ativamente com o Fascio neste processo.

Para além da cobertura do conflito ocorrido no Palestra Italia pela imprensa antifascista, procuramos mapear os antifascistas presentes na agremiação que teriam liderado a resistência à realização do evento fascista. Tal mapeamento, no entanto, se revelou menos simples que a identificação de indivíduos simpáticos ao fascismo presentes na vida clubística, anteriormente apresentada. É provável que, em sua maioria, se tratassem de sócios não envolvidos com a política institucional do clube, exercendo seu desagrado com a atuação dos conselheiros e diretores que teriam articulado a realização do evento por simpatia ao fascismo e/ou proximidade com o consulado italiano. A atuação da imprensa antifascista, desinteressada de qualquer tipo de cobertura esportiva, mas profundamente atenta a tudo aquilo que ocorria na política palestrina, nos sugere este tipo de relação e presença na vida social do clube.

De toda forma, mesmo nos círculos diretivos do clube, pudemos localizar alguns indivíduos que merecem nossa atenção em meio ao cenário de disputa que se estabelecia no clube. A primeira destas figuras dignas de nota era o empresário Egídio Pinotti Gamba, integrante importante das elites ítalo-paulistas que, de acordo com o historiador João Fábio Bertonha, se opunha ao regime de Mussolini e abrigava antifascistas em suas empresas⁷⁰⁸.

Gamba era proprietário da Sociedade Anônima Grandes Moinhos Gamba, complexo industrial no bairro da Mooca cujas atividades produtivas haviam sido iniciadas em 1909⁷⁰⁹.

⁷⁰⁷ *Idem.*

⁷⁰⁸ BERTONHA, *op. cit.*, p. 171.

⁷⁰⁹ SIQUEIRA, Julia Caio. Grandes Moinhos Gamba: projeto de conservação e intervenção. *Anais do VI Colóquio Latinoamericano Sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes, 2012, s.p.

Vivia em um suntuoso casarão na Avenida Paulista, e assim como outros importantes industriais italianos em São Paulo, passou a participar da vida política do Palestra Italia a partir de 1920. Foi membro do conselho administrativo do clube durante a gestão de Alberto Sironi⁷¹⁰, exercendo o cargo junto a outros conselheiros oriundos das elites industriais ítalo-paulistas, como o Conde Rodolfo Crespi.

Nos anos posteriores a este período não encontramos referências à participação direta de Gamba no clube, seja como conselheiro, seja como integrante das direções. Isto não anula a possibilidade de sua participação na vida social do clube, em período concomitante com a ascensão das disputas entre fascismo e antifascismo na coletividade italiana em São Paulo e sua implicação neste novo cenário. Há de se pontuar que a postura adotada por Gamba frente à ascensão do fascismo consistia em uma das raras discordâncias estabelecidas entre o empresariado italiano na cidade, na medida em que o industrial “desaprovava o regime”⁷¹¹ e apoiava a luta antifascista.

Entre os círculos de convivência da coletividade italiana em São Paulo, no entanto, Gamba afirmava-se *afascista*. Em 1926, por exemplo, ao ser questionado pelo periódico *Il Moscone* a respeito de suas práticas favoráveis ao antifascismo, Gamba retrucou: “ma che antifascista e fascista! Io non sono stato mai né l’uno né l’altro. Sono stato sempre ed unicamente italiano”⁷¹². Em 1928, após uma série de atos violentos praticados por fascistas na cidade e a proibição de circulação do jornal antifascista *La Difesa* pelas autoridades paulistas, Gamba pronunciou abertamente sua desaprovação a respeito das atividades políticas dos fascistas italianos em São Paulo, ainda que evitasse criticar o regime de Mussolini na Itália⁷¹³. Posteriormente, no entanto, a pressão sofrida em diferentes ambientes da convivência elitizada italiana em São Paulo levou Gamba a filiar-se formalmente ao Fascio⁷¹⁴, a despeito de suas atividades e posicionamentos anteriormente favoráveis ao antifascismo italiano em São Paulo. Pressão que já se verificava, por exemplo, no mesmo ano de 1928, quando o jornal *Il Piccolo* chegou a convocar, sob orientação do Fascio, um boicote contra os industriais e comerciantes ítalo-paulistas que apresentassem algum tipo de simpatia pelo antifascismo⁷¹⁵.

⁷¹⁰ “L’assemblea del Palestra Italia”. *Fanfulla*, 12 fev. 1920, p.6.

⁷¹¹ BERTONHA, *op. cit.*

⁷¹² “Mas que fascista ou antifascista! Nunca fui um ou o outro. Sempre fui apenas italiano” (tradução nossa). “Il Grande Uff. E. P. Gamba si apre al ‘Moscone’”. *Il Moscone*, n. 41, 1926, p. 10.

⁷¹³ “O sr. Pinotti Gamba reafirma as suas declarações”. *Diário Nacional*, n. 381, 30 set. 1928, p. 1.

⁷¹⁴ BERTONHA, *op. cit.*

⁷¹⁵ “L’azione provocatrice del fascismo coloniale a San Paolo”. *La Difesa*, n. 217, 13 mai. 1928, p. 1.

Imagem 19 – Matéria de capa no *Diário Nacional* (30 set. 1928) noticiando as posições de Egidio Pinotti Gamba contra as ações fascistas em solo brasileiro.

A principal figura participante da política palestrina que apresentava uma postura efetivamente antifascista, por sua vez, era Dante Isoldi. Bastante conhecido entre a coletividade italiana em São Paulo, Isoldi era professor do Istituto Medio Dante Alighieri e circulava por distintos ambientes da elite italiana e paulistana, integrando, por exemplo, a Sociedade de Philosophia e Letras⁷¹⁶, entidade formada por intelectuais que incluía também o socialista italiano Antonio Piccarolo, liderança indiscutível do antifascismo em São Paulo⁷¹⁷. Isoldi participou ativamente da política palestrina ao longo da década de 20 como conselheiro⁷¹⁸, foi secretário durante a gestão de Giuseppe Perrone⁷¹⁹, e integrou a diretoria de Francesco de Vivo⁷²⁰. Nas décadas de 30 e 40, Isoldi permaneceu ativo no clube⁷²¹, mesmo com o cenário altamente desfavorável a seu antifascismo que se estendeu até o início da Segunda Guerra Mundial⁷²².

Em nossa investigação sobre a participação de Isoldi no antifascismo italiano organizado em São Paulo, identificamos sua oposição ao regime de Mussolini derivada, sobretudo, de sua condição de maçom: conforme apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, a perseguição iniciada pelo fascismo italiano contra a maçonaria ecoou diretamente nas disputas estabelecidas entre a coletividade italiana em São Paulo, onde tal

⁷¹⁶ “Reuniu-se a Sociedade de Philosophia e Letras”. *Diário Nacional*, n. 1052, 13 dez. 1930, p. 6.

⁷¹⁷ BERTONHA, João Fábio. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999, p. 57.

⁷¹⁸ “Palestra Itália: novos conselheiros eleitos”. *Diário Nacional*, n. 48, 7 set. 1927, p. 6.

⁷¹⁹ “La squadra dei ‘manda-chuvas’ palestrini”. *Il Moscone*, n. 18, 1925, p. 17.

⁷²⁰ “A nova diretoria do Palestra Itália”. *Diário Nacional*, n. 62, 23 set. 1927, p. 6.

⁷²¹ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 631, 1941, p. 9.

⁷²² De acordo com Angelo Trento, em fins da década de 30 Isoldi participaria de algumas manifestações patrióticas do regime, mas unicamente porque estava ficando isolado entre a coletividade italiana. O autor ressalta que neste contexto já praticamente inexistia atividade antifascista italiana em São Paulo: alguns poucos militantes vinculados à maçonaria ainda se limitavam a “se reunir vez por outra na loja de Felice Orlandi”. Um último esforço de criação de uma nova entidade antifascista se deu em 1939, fracassando pela falta de um líder, uma vez que os antifascistas experientes já haviam se exilado, ou era vigiados pela polícia e não queriam se arriscar, ou simplesmente sentiam-se “velhos demais”, como era o caso de Antonio Piccarolo. Ver TRENTO, *op. cit.*, p. 382.

perseguição era reproduzida⁷²³. Em 1927, conforme demonstrado por João Fábio Bertonha, representantes do fascismo investiram contra a atuação docente de Isoldi no Istituto Medio Dante Alighieri, exigindo sua expulsão⁷²⁴, e o próprio cônsul Serafino Mazzolini reportou à sede central do Instituto, na Itália, que o professor Isoldi figurava “entre os mais determinados adversários do regime”⁷²⁵.

Esta notável oposição pode ser verificada no teor de algumas cartas enviadas por Isoldi à direção do semanário fascista *Il Moscone*, e reproduzidas em suas páginas. Em 1936, por exemplo, Isoldi reivindicava sua *italianidade* antifascista, afirmando que “non é mica derto che uno perché é antifascista non deve essere italiano. Mettiamo ‘e cose a posto e non facciamo stupide confusioni”⁷²⁶. O teor de sua crítica, como vemos, se aproximava do discurso defendido por variados antifascistas italianos estabelecidos em São Paulo – de Antonio Piccarolo ao Conde Francesco Frola –, apresentado detalhadamente no primeiro capítulo.

Imagem 20 – Carta de Dante Isoldi, publicada no *Moscone* em 1936, criticando a equação “antifascista-antiitaliano”.

Nas páginas de *Il Moscone*, não faltavam referências à posição política de Isoldi, apresentado como um “arrabbiato antifascista”⁷²⁷. Até mesmo em 1941 o jornal ainda alfinetaria Isoldi com seu tradicional tom satírico, em uma piada afirmando que o mesmo teria cantado o hino da Internacional Comunista em uma reunião do conselho do clube⁷²⁸. No

⁷²³ A maçonaria, por sua vez, respondia expulsando seus membros fascistas e apoiando financeiramente grupos e jornais antifascistas e prestando assistência à realização de eventos e à vinda ao Brasil de antifascistas perseguidos na Itália pelo regime de Mussolini. Ver capítulo 1.3.

⁷²⁴ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 153.

⁷²⁵ Citado em BERTONHA, *op. cit.*, 1999.

⁷²⁶ “Não é verdade que alguém, por ser antifascista, não seja italiano. Cada coisa no seu lugar, não façamos estúpidas confusões” (tradução nossa). “Lettere esprime”. *Il Moscone*, n. 420, 1936, p. 15.

⁷²⁷ “Antifascista nervoso” (tradução nossa). “I sette padri coscritti palestrini”. *Il Moscone*, n. 46, 1926, p. 18.

⁷²⁸ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 631, 1941, p. 9.

entanto, curiosamente o semanário também elogiava sua participação na direção do *Palestra Italia*, afirmando que seu trabalho deveria ser reconhecido a despeito de divergências políticas. Diferentemente de antifascistas recém chegados da Itália (como Francesco Frola), aos quais a imprensa fascista em São Paulo não poupava críticas⁷²⁹, Isoldi já participava de eventos importantes da colônia italiana na cidade há tempos⁷³⁰, incluindo recepções no consulado⁷³¹ e festas do jornal *Fanfulla*⁷³². Isto lhe garantia certo prestígio entre a coletividade, e algum respeito de figuras que posteriormente se converteriam ao fascismo. Mesmo após a ascensão de Mussolini ao poder na Itália, Isoldi compareceu a um evento na mansão do Conde Francesco Matarazzo⁷³³, fascista convicto, o que demonstrava sua possibilidade de trânsito entre espaços diversos, independentemente de sua convicção política.

Isoldi também mantinha importantes vínculos fora dos espaços dominados pelo fascismo que não devem ser ignorados: além da já mencionada participação na Sociedade de *Philosophia e Letras*, havia um circuito de convivência e proximidade com outras figuras antifascistas, ou ao menos *afascistas*, da elite ítalo-paulistana. Era o caso do próprio Egídio Gamba, que recebeu Isoldi no funeral de seu pai⁷³⁴, e de outros professores do Instituto Medio Dante Alighieri, como o advogado Tripoli⁷³⁵, perseguido por suas convicções antifascistas.

Dentro do *Palestra Italia*, Isoldi integrou a direção do clube nas gestões de Francesco de Vivo e Giuseppe Perrone, presidentes que, de acordo com nossa investigação em fichas e prontuários do Deops-SP, não constavam inscritos no *Fascio di San Paolo*. De Vivo relacionava a atuação do clube à defesa de um nacionalismo italiano⁷³⁶, razão pela qual, provavelmente, mantinha a proximidade com o consulado que culminou no evento de 1925, mesmo sem figurar como fascista inscrito. Perrone tampouco era filiado ao *Fascio*, e nem viria a se filiar posteriormente, diferentemente de seu irmão Raphaele Perrone, anteriormente mencionado, que participara da fundação do *Corinthians* em 1910 e na década de 30 figurava inscrito no *Dopolavoro*⁷³⁷.

A despeito de toda a pressão sofrida pelo assédio fascista que se lançava sobre as agremiações italianas em São Paulo no contexto, ambas gestões eram compostas majoritariamente por um amplo setor *afascista*, no qual a disputa do clube também se mantinha

⁷²⁹ Ver, por exemplo, “Le disavventure del conte Pasta Frola”. *Il Moscone*, n. 77, p. 5.

⁷³⁰ “La Dante al Braz”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 665, 17 jul. 1920, p. 21.

⁷³¹ “A recepção no consulado da Itália”. *Correio Paulistano*, n. 20448, 7 jun. 1920, p. 6.

⁷³² “Angelo Poci”. *Correio Paulistano*, n. 20465, 24 jun. 1920, p. 3.

⁷³³ “Na ‘Villa’ Matarazzo”. *Correio Paulistano*, n. 21780, 23 fev. 1924, p. 4.

⁷³⁴ “Conde João Pinotti Gamba”. *Correio Paulistano*, n. 23311, 4 ago. 1928, p. 6.

⁷³⁵ BERTONHA, 1999, *op cit.*, p. 153.

⁷³⁶ “Lettere esprime”. *Il Moscone*, n. 482, 1937, p. 13.

⁷³⁷ “Rafael Perrone”. Ficha Deops n. SPR000304, 6 set. 1945.

viva. Neste sentido, uma figura digna de destaque, intensamente envolvida na política do clube, era Angelo Cristofaro. Diferentemente de Isoldi, não possuía convicções antifascistas verificáveis, mas sua tardia filiação ao Fascio só se deu após notável pressão⁷³⁸. De acordo com João Fábio Bertonha, este tipo de pressão era frequente especialmente entre os círculos de elite⁷³⁹ e as classes médias italianas instaladas na cidade, e muitas filiações ao Fascio se davam sem efetiva conversão à sua doutrina política, como vimos no próprio caso de Egídio Gamba. Forçado pelas condições de seu contexto a inscrever-se no Fascio, Cristofaro manteve uma atuação no clube distanciada dos setores abertamente fascistas, estabelecendo oposição aos Matarazzo⁷⁴⁰ e à possibilidade de fascistização oficial do clube através de uma possível fusão com o Dopolavoro⁷⁴¹, discutida na década de 30⁷⁴².

ANGELO CRISTOFARO — Se é vero quello che ci dicono “era una vez o Palestra”... Pare che l’attuale presidente sia fautore di quella politica in virtù del’a quale la bianco verde passerebbe armi e bagagli al Dopolavoro. E’ il caso di congratularsi o di farsi l’auto-condoglianze?

Imagem 21 – Carta de Angelo Cristóforo, publicada no *Moscone* em 1935, criticando e ironizando uma possível fusão do Palestra Italia com o Dopolavoro.

O cenário apresentado, marcado pelo relativo equilíbrio de uma neutralidade *afascista* pelas diretorias em coexistência com a crescente disputa do Palestra Italia por fascistas e antifascistas, se transformou, definitivamente, a partir de 1928, quando Luigi Eduardo Matarazzo, filho do conde Francesco Matarazzo, assumiu a presidência do clube. Seu mandato iniciava-se em um período de significativo rearranjo da disputa entre fascistas e antifascistas pela coletividade italiana em São Paulo, especialmente potencializada pela presença do novo cônsul italiano na cidade, Serafino Mazzolini.

De acordo com João Fábio Bertonha, a presença de Mazzolini em São Paulo compunha a consolidação definitiva de um corpo diplomático italiano fascista no Brasil, ocorrida a partir

⁷³⁸ “Até que enfim”. *Il Moscone*, n. 131, 1927, p. 19.

⁷³⁹ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 171.

⁷⁴⁰ “O presidente facadista” *Il Moscone*, n. 386, 1935, p. 10.

⁷⁴¹ “Lettere expresse”. *Il Moscone*, n. 413, 1935, p. 16.

⁷⁴² Tal possibilidade de fusão circulava na forma de boatos, que serão discutidos adiante.

de 1928 em diferentes cidades do país⁷⁴³. Mazzolini era “veterano da I Guerra Mundial e da Marcha Sobre Roma”⁷⁴⁴, e também portava no currículo suas atuações como secretário do Partido Nacional Fascista e deputado no Parlamento Italiano durante a década de 20. Além de fortalecer as entidades fascistas em São Paulo, Mazzolini estabeleceu uma ampla rede de propaganda do fascismo entre a coletividade italiana e realizou significativos aportes à conquista das entidades que se reuniam em torno da *italianidade*, buscando sua fascistização.

Este reforço à fascistização rapidamente se estabeleceu sob uma estratégia de maior agressividade, manifestada tanto em conflitos físicos quanto numa discursividade ofensiva contra os próprios brasileiros, e visivelmente desejosa de expansão italiana⁷⁴⁵. Tal agressividade, conforme discutido no primeiro capítulo desta dissertação, produziu reações na sociedade brasileira que se expressavam na imprensa⁷⁴⁶ e nas ruas, atingindo seu auge na ocasião de “empastelamento” do jornal *Il Piccolo*.

A participação do próprio Mazzolini na condução destas novas estratégias de avanço fascista em São Paulo se fazia notável em sua aproximação com as entidades. Desde sua chegada em São Paulo, o cônsul expressou o desejo de visitar todas as instituições italianas da cidade⁷⁴⁷, e no caso do Palestra Italia, assistiu a uma partida da equipe buscando iniciar sua aproximação, que o setor fascista do clube rapidamente procurou intensificar: na ocasião de sua visita, o palestrino Paschoal Cozzi realizou gritos e saudações fascistas⁷⁴⁸. Oficialmente, a diretoria do clube repreendeu Cozzi pela atitude, e a própria APEA saiu, posteriormente, em defesa da neutralidade política palestrina⁷⁴⁹.

Imagem 22 – Manchete publicada no jornal *O Combate* relatando a saudação fascista realizada por Paschoal Cozzi a Serafino Mazzolini, por ocasião de sua presença em uma partida do Palestra Italia.

⁷⁴³ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 114.

⁷⁴⁴ *Idem.*

⁷⁴⁵ TRENTO, *op. cit.*, p. 330.

⁷⁴⁶ Vide exemplos dos jornais *O Combate* e *Diário Nacional*, comentados no subcapítulo 1.3 desta dissertação.

⁷⁴⁷ “Senza francobollo”. *Il Moscone*, n. 149, 1928, p. 15.

⁷⁴⁸ “Eia! Eia! Alalá”. *O Combate*, n. 4821, 24 set. 1928, p. 1.

⁷⁴⁹ “Fingida brasilidade”. *O Combate*, n. 4840, 16 out. 1928, p. 4.

A aproximação, no entanto, começou a se articular com maior clareza quando Mazzolini acenou a possibilidade de apoiar financeiramente o clube⁷⁵⁰, que neste contexto buscava formas de viabilizar a construção de seu estádio, discutida há anos. Entre os sócios, conselheiros e torcedores do clube também corria o desejo de que a equipe realizasse uma turnê pela Europa para adquirir maior experiência, seguindo os passos do Club Atlético Paulistano, que em 1925 fora a primeira agremiação brasileira a organizar uma viagem deste tipo⁷⁵¹. Assim como no caso do estádio, Mazzolini também acenava com fundos para possibilitar a realização desta turnê⁷⁵².

Imagem 23 – Comentário empolgado do *Moscone* relatando a possibilidade de Mazzolini auxiliar na organização da turnê palestrina pela Europa.

Conforme discutido por Bertonha, a tentativa de fascistização das entidades por meio de aporte financeiro era prática frequentemente explorada pelo cônsul, acompanhada por articulações e “conchavos” com simpatizantes do regime dentro das associações, procurando alçá-los aos cargos mandatários⁷⁵³. No caso do Palestra Italia, a convergência dos interesses clubísticos com esta estratégia do cônsul viabilizou a articulação da candidatura de Luigi Eduardo Matarazzo à presidência do clube, reaproximando a família de industriais italianos à política palestrina⁷⁵⁴ e mobilizando com intensidade sua fidelidade ao fascismo⁷⁵⁵.

⁷⁵⁰ “Nuovi intingoli in un vecchio brodo palestrino”. *Il Moscone*, n. 156, 1928, p. 57.

⁷⁵¹ Os eventos da excursão do Paulistano pela Europa foram narrados pelo ex jogador Araken Patusca, em obra intitulada “Os reis do futebol”, publicada em 1945. Ver: HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A sagração dos “reis do futebol”. *Ludopédio*, 8 mai. 2013. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-sagracao-dos-reis-do-futebol/> (acesso em 23 fev. 2021 às 09:10).

⁷⁵² “Un viaggio in Europa”. *Il Moscone*, n. 164, 1928, p. 19.

⁷⁵³ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 150.

⁷⁵⁴ “Calci elettorali alla Palestra”. *Il Moscone*, n. 176, 1928, p. 19.

⁷⁵⁵ Em uma coluna publicada em 1925, por exemplo, o jornal *Il Moscone* afirmava que a vinda de Luigi Eduardo Matarazzo da Itália para São Paulo, naquele ano, fora motivada pela introdução, no Palestra Italia, de métodos e disciplina próprios dos melhores clubes da Itália fascista. Ver: “Ronzi palestrini”. *Il Moscone*, n. 1, 1925, p. 15.

A ascensão de Eduardo Matarazzo ao comando do clube Palestra Italia, portanto, consolidava uma aproximação íntima com o consulado. Iniciada pelo evidente interesse financeiro do clube, esta relação rapidamente se viu enredada a dimensões políticas mais contundentes, uma vez que o consulado definitivamente passara a se constituir como uma instituição fascista. Em janeiro de 1929, a gestão do novo mandatário realizou uma homenagem a Mazzolini, noticiada pelo *Fanfulla*⁷⁵⁶, estreitando ainda mais as relações institucionais do clube com o cônsul. Esta aproximação, evidentemente, interessava ao segmento fascista presente no clube por razões ideológicas, para além do aporte financeiro que favoreceria a construção do estádio e a eventual excursão da equipe pela Europa. O resultado foi a consolidação da mais intensa aproximação com estruturas oficiais do governo italiano vivida pelo Palestra Italia até então.

Durante a gestão Matarazzo, embora o clube não tenha estabelecido nenhuma referência explícita ao fascismo e seus símbolos em seus espaços comuns ou em sua identidade clubística, a ligação íntima estabelecida com o consulado foi objeto de debate entre os setores contrários ao fascismo, tornando-se tema recorrente em variados periódicos. O jornal liberal *O Combate*, por exemplo, exercia uma inflamada oposição à atuação dos fascistas italianos em São Paulo, considerando-os uma autêntica ameaça à soberania nacional⁷⁵⁷, e criticava com frequência o cônsul Serafino Mazzolini e suas ações⁷⁵⁸. A aproximação do Palestra Italia com o consulado era vista pelo jornal, à época, como uma sujeição direta do clube ao fascismo, que chega a ser referenciado pelo periódico como “grêmio fascista”⁷⁵⁹. Simultaneamente, isto não impedia o jornal de realizar a cobertura dos jogos da equipe palestrina em outro tom, centrado exclusivamente na dimensão institucional e esportiva do clube.

Ao mesmo tempo, nos jornais antifascistas a aproximação de Mazzolini com o Palestra Italia também era assunto recorrente, abordado sempre de forma crítica. Em julho de 1929, por exemplo, o jornal *Il Risorgimento*, editado pelo socialista Antonio Piccarolo, noticiava uma vitória do time e atribuía o bom resultado à ausência de Mazzolini no estádio naquela ocasião, o que teria, finalmente, dado sorte à equipe palestrina. Em tom cômico, a bem humorada nota comentava que estaria circulando no clube a ideia de impedir a presença do cônsul nas partidas da equipe, como forma de garantir um bom desempenho⁷⁶⁰. Neste caso, vemos o uso de um

⁷⁵⁶ “Omaggio di palestrini all’on Mazzolini”. *Fanfulla*, 08 jan. 1929, p. 10.

⁷⁵⁷ “A intromissão dos cônsules fascistas na vida brasileira”. *O Combate*, n. 4834, 9 out. 1928, p. 1.

⁷⁵⁸ “O consul Mazzolini é um inimigo e não um soldado da cordialidade ítalo-brasileira”. *O Combate*, n. 4838, 13 out. 1928, p. 1.

⁷⁵⁹ “Futebol derrocado”. *O Combate*, n. 5034, 7 mai. 1929, p. 3.

⁷⁶⁰ “Fronte unico”. *Il Risorgimento*, n. 54, 18 jul. 1929, p. 3.

recurso cômico para, evidentemente, satirizar a questão central que interessava ao jornal, isto é, criticar Mazzolini.

O uso da sátira e da ironia eram recursos frequentes, empregados de forma simultânea com artigos inflamados e profundamente críticos que compunham as páginas dos periódicos antifascistas. A exploração destas distintas linguagens, lado a lado no mesmo jornal, não era exclusividade do antifascismo, verificando-se também em jornais alinhados ao fascismo (como o já citado *Il Moscone* e o periódico *Il Pasquino Coloniale*) e configurando, de forma mais ampla, uma marca própria da imprensa em língua italiana no Brasil há algumas décadas⁷⁶¹, antes mesmo da emergência do antagonismo entre fascistas e antifascistas.

No mesmo ano de 1929, o jornal *La Difesa* – já então dirigido por Francesco Frola e consolidado como o mais influente periódico antifascista da cidade – publicou uma breve nota criticando o projeto de construção do Stadium Palestra Italia, principal plataforma política do mandato de Luigi Eduardo Matarazzo na presidência do clube: de forma breve e irônica, dedicava-se a satirizar a construção do estádio enquanto grandiosa realização do fascismo ítalo-brasileiro. No corpo da nota, não há evidências de que tal crítica se formulasse fundamentada em uma participação na vida clubística do Palestra Italia, ou na disputa de projetos sobre a construção do estádio. Para o jornal, o projeto de construção de uma praça desportiva monumental para o clube da colônia italiana, dirigido por um importante industrial simpático ao fascismo e apoiado pelo consulado, deveria ser atacado enquanto realização do fascismo. A nota ironicamente apontava que “molti dubitano del successo dell’impresa”⁷⁶², colocando a favor do projeto apenas o entusiasmo do cônsul Serafino Mazzolini.

Em contrapartida, é notável a cobertura realizada pelo *Fanfulla* ao longo de todo o ano de 1929, marcada por uma campanha fervorosa a favor do projeto e de seu plano de construção, nunca detalhado: noticiava-se exaustivamente, de forma praticamente diária, e por vezes sem novas informações, até mesmo repetindo manchetes. Desde o mês de janeiro de 1929 o jornal dedicava-se a anunciar com expectativa a solenidade de lançamento da pedra fundamental⁷⁶³, prevista para ocorrer em março. Ao longo do mês de fevereiro a expectativa era reforçada com a redefinição da data do evento⁷⁶⁴ e com as notícias do referendo interno realizado no clube, consultando simbolicamente a adesão dos sócios à realização da construção do estádio e as

⁷⁶¹ CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930)*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 61.

⁷⁶² “Muitos duvidavam do sucesso de tal empreendimento” (tradução nossa). “Palestra Italia”. *La Difesa*, n. 249, 24 fev. 1929.

⁷⁶³ “La posa della prima pietra dello Stadio palestrino al 3 marzo”. *Fanfulla*, 20 jan. 1929.

⁷⁶⁴ “La festa palestrina al 10 marzo”. *Fanfulla*, 9 fev. 1929, p. 9.

estratégias para a sua viabilização⁷⁶⁵. As edições do jornal nos dias que antecederam a efetiva realização da solenidade, ocorrida no dia 8 de março com ampla cobertura dos demais órgãos de imprensa paulistanos⁷⁶⁶, vinham recheadas de repetitivas notas convocando a coletividade ítalo-paulistana ao evento, e a efetiva realização da solenidade em si, ocorrida em uma partida entre a equipe palestrina e o Botafogo (do Rio de Janeiro), foi objeto de uma ampla matéria de tom celebratório publicada no dia seguinte à sua realização⁷⁶⁷.

Convém lembrar que o *Fanfulla* era o mais importante jornal da coletividade italiana em São Paulo, com ampla tiragem, e que ao longo da década de 20 consolidara progressivamente uma posição alinhada ao fascismo e ao consulado italiano na cidade. As publicações acerca do Palestra Italia, entusiasmadas desde a época de fundação do clube, ganhavam tintas especiais ao girarem em torno da construção do estádio e tratarem do envolvimento de figuras oficiais do fascismo no processo, ressaltando os vínculos íntimos estabelecidos no contexto entre a diretoria do clube e o cônsul Mazzolini.

Ao mesmo tempo em que celebravam os planos de construção do estádio, as notícias do *Fanfulla* também compartilhavam as preocupações da diretoria palestrina com a admissão de novos sócios no clube, estratégia adotada para viabilizar a construção do estádio sustentada pelas próprias finanças palestrinas. Alterações estatutárias em torno desta estratégia financeira vinham sendo debatidas e realizadas desde 1926⁷⁶⁸, e também haviam sido votadas no referendo realizado em 1929, conforme noticiado (de forma profundamente celebratória) pelo *Fanfulla*⁷⁶⁹. Com a efetivação desta estratégia de ampliação do quadro social, o *Fanfulla* chegou até mesmo a publicar notas de convocação aos italianos em São Paulo para que se fizessem sócios do clube⁷⁷⁰.

As obras de construção do estádio tardaram a se iniciar, mesmo com o razoável sucesso do fundo de obras levantado pela inscrição de novos sócios. O primeiro projeto, apresentado em setembro de 1920⁷⁷¹, fora substituído em 1923 por outro, assinado pelo engenheiro Ettore Battisti, escolhido através de um concurso que contou por notáveis arquitetos da cidade, como

⁷⁶⁵ “Il ‘referendum’ e lo Stadio Palestrino”. *Fanfulla*, 7 fev. 1929, p. 10.

⁷⁶⁶ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 94.

⁷⁶⁷ “Palestra-Botafogo”. *Fanfulla*, 9 mar. 1929, p. 8.

⁷⁶⁸ “Francobollo”. *Il Moscone*, n. 38, 1926, p. 18.

⁷⁶⁹ “Il referendum della Palestra del 2 marzo sagra la prima lappa di una èra gloriosa”. *Fanfulla*, 24 fev. 1929, p. 10.

⁷⁷⁰ “Fatevi soci della Palestra Italia”. *Fanfulla*, 5 fev. 1929, p. 8.

⁷⁷¹ STREAPCO, *op. cit.*, p. 31.

Ramos de Azevedo⁷⁷². De acordo com os historiadores Fernando Atique, Hennan Gessi e Diógenes Sousa, o projeto apresentado por Battisti apresentava referências em estilo mourisco e ornamentações que remetiam ao universo cultural espanhol, mantendo pouca ou nenhuma relação com referenciais arquitetônicos italianos, para além do título do projeto (“Spartacus”). O historiador Marco Aurélio Lourenço afirma que o projeto contava com alguma inspiração fascista em sua arquitetura monumental⁷⁷³, embora não apresente fontes para corroborar a afirmação. As imagens da proposta apresentada por Battisti ao concurso, de fato, não apresentam referências claras que remetam às construções arquitetônicas próprias do regime fascista, realizadas na Itália à mesma época.

Imagem 24 – Projeto apresentado por Ettore Battisti para o estádio do Palestra Italia.

Uma reelaboração do projeto, forçada por questões orçamentárias e administrativas, foi apresentada em 1929 no jornal *Gazeta Esportiva*⁷⁷⁴, contando com a inovadora aplicação de concreto armado, especialmente na substituição das antigas arquibancadas de madeira⁷⁷⁵. Sua execução, entretanto, se deu de forma bastante improvisada e vagarosa, sendo interrompida diversas vezes pela recorrente falta de recursos⁷⁷⁶ entre o lançamento da pedra fundamental em 1929 e a inauguração oficial em 1933, formalizada após a construção de tribunas adaptadas pelo arquiteto Amleto Nipote em relação ao projeto original⁷⁷⁷. A capacidade de público,

⁷⁷² ATIQUE, Fernando; GESSI, Hennan; SOUSA, Diógenes. Uma relação concreta: a prática do futebol em São Paulo e os estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. In: *Anais do Museu Paulista*, v. 23, n.1, jan.-jun. 2015, p. 97.

⁷⁷³ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 103.

⁷⁷⁴ STREAPCO, *op. cit.*

⁷⁷⁵ ATIQUE; GESSI; SOUSA, *op. cit.*, p. 98.

⁷⁷⁶ STREAPCO, *op. cit.*

⁷⁷⁷ LOURENÇO, *op. cit.*, p. 94.

originalmente prevista para 45 000 pessoas, foi significativamente reduzida para 32 000, além da alteração do próprio formato das arquibancadas, aspectos que não impediram que o Parque Antarctica fosse “considerado a melhor praça de esportes particular da cidade”⁷⁷⁸ até a década de 1950 e a construção do estádio do São Paulo Futebol Clube. Durante o processo de construção do estádio palestrino, no entanto, a execução irregular do projeto se tornou objeto de diversas críticas, mobilizadas inclusive pelo setor antifascista da coletividade italiana em São Paulo.

Em 1931, por exemplo, uma coluna no jornal *Lo Spaghetto* estabelecia uma crítica contundente em torno do tema, desde uma perspectiva antifascista implicada no clube. O periódico dirigido por Alessandro Cerchiai e Nino Daniele, de forte inclinação anarquista, trazia em sua segunda edição uma matéria de capa questionando a demora da construção do estádio, a despeito da ampla arrecadação constituída pelo clube com a ampliação do quadro social. Exaltava a iniciativa original de compra do Parque Antártica, efetivada pelo presidente Menotti Falchi (citado no jornal como “benemerito della Colonia”⁷⁷⁹) em 1920, retomando tal processo em detalhes e apresentando-o como “periodo splendido”, em oposição à gestão de Eduardo Matarazzo, dirigente que, nas palavras do jornal, além de irresponsável financeiramente estaria conduzindo o clube como “un suo feudo”⁷⁸⁰.

Sem qualquer tom satírico, mas explorando uma ampla riqueza de dados sobre o processo de construção do estádio e fazendo contas sobre o orçamento do clube, a matéria de *Lo Spaghetto* criticava as alterações estatutárias progressivamente realizadas no clube, comparando-as com alterações simultaneamente ocorridas em outras agremiações italianas da cidade, e interpretando-as num quadro geral de avanço do controle exercido pelo cônsul Mazzolini sobre tais entidades. De acordo com o jornal, o resultado no Palestra Italia teria sido uma ascensão definitiva dos “graúdos” à direção da agremiação, onde “tutto fu fatto e disfatto come [ilegível] casa propria dal Console”⁷⁸¹, afastando o clube de sua vocação original de “essere che al servizio del popolo”⁷⁸².

⁷⁷⁸ STREAPCO, *op. cit.*

⁷⁷⁹ “500 contos distrutti per uno Stadio non costruito”. *Lo Spaghetto*, n. 2, 19 abr. 1931, p. 1.

⁷⁸⁰ “Um feudo seu” (tradução nossa). *Idem*, p. 2.

⁷⁸¹ “Tudo foi feito e desfeito como se fosse a casa própria do cônsul” (tradução nossa).

⁷⁸² “Estar ao serviço do povo” (tradução nossa).

Imagem 25 – Capa da edição de 19 de abril de 1931 do jornal antifascista *Lo Spaghetto*, em que se criticava o processo de construção do estádio e a atuação de Luigi Eduardo Matarazzo na presidência do Palestra Italia.

Esta interpretação, implicada na política do clube e claramente orientada por uma perspectiva classista, aparecia visivelmente articulada a objetivos de agitação da coletividade italiana em São Paulo, procurando estimulá-la a reivindicar uma alteração urgente na condução do clube. No próprio subtítulo da matéria, o jornal se perguntava: “Quando la Colonia si sveglierà?”⁷⁸³. O uso do caso do Palestra Italia como exemplo emblemático dos excessos simultaneamente identificados pelo jornal na elite industrial, no fascismo e no consulado italiano em São Paulo, certamente se colocava em sintonia às novas relações que as militâncias anarquistas e comunistas do país tardiamente estabeleciam com o futebol, que passava a ser

⁷⁸³ “Quando a colônia irá acordar?” (tradução nossa).

compreendido como importante elemento no diálogo com as massas a ser reivindicado e ocupado em suas lutas.

De forma conclusiva, notamos que a disputa entre fascistas e antifascistas em torno do Palestra Italia, ao longo da década de 20, se desenhou de forma tão desigual quanto em outros espaços da coletividade italiana em São Paulo. É notável que, enquanto o fascismo obtinha uma progressiva hegemonia, apoiada, financiada e propagandeada pela estrutura consular e oficial do governo italiano na cidade, especialmente após a chegada de Mazzolini à cidade de São Paulo, a atuação antifascista esforçava-se quase que unicamente na contenção dos avanços desta estrutura, estabelecendo-se como voz dissonante na disputa simbólica do próprio sentido de *italianidade*.

Tanto no conflito de 1925 quanto na aproximação com o cônsul Mazzolini, notamos que as iniciativas partiam do segmento fascista, restando aos antifascistas uma atitude reativa, esforçando-se em contê-las através de críticas inflamadas publicadas em seus jornais: não encontramos evidências de um segmento antifascista procurando antecipar seu posicionamento ou construindo a ocupação dos espaços da vida clubística nos termos do próprio antifascismo. Mesmo a presença de figuras como Dante Isoldi – que permaneceu envolvido na política institucional do clube durante todo o período contemplado por esta pesquisa – manifestava-se contida e isolada. Não se tratava de uma atuação, portanto, dedicada à transformação do Palestra Italia em uma entidade antifascista, mas, no máximo, à manutenção de sua neutralidade enquanto *afascista*.

A crítica do jornal *Lo Spaghetto* ao processo de construção do estádio, enredada a uma vigorosa interpretação da história do clube e motivada por seus objetivos de agitação dos italianos em São Paulo, nos parece o único esforço, ainda que visivelmente limitado, de propor mobilizações e transformações a partir do avanço fascista sobre o clube e a coletividade italiana. A influência anarquista mobilizada pelos editores do jornal certamente constituía um motor relevante para esta postura, ainda que as condições de seu contexto não possibilitassem nada além de isoladas manifestações na imprensa com expectativas de agitação.

De todo modo, é fundamental que, na interpretação sobre o amplo panorama de tal atuação antifascista, tenha-se clareza sobre a força material da estrutura de expansão do fascismo a nível oficial entre a coletividade italiana em São Paulo: o antifascismo, desde o princípio, se estabeleceu como uma resistência contra hegemônica, que disputava em profunda desigualdade a ideia de *italianidade* com órgãos oficiais do próprio governo italiano. Esta desigualdade de condições gerou resultados que, na década seguinte, consolidaram maior

hegemonia do fascismo sobre a coletividade italiana em São Paulo⁷⁸⁴, e levaram o segmento antifascista italiano em São Paulo a um rearranjo de suas estratégias de atuação, como veremos a seguir.

3.2 O afastamento antifascista (1931-1937)

Após a coluna publicada em 1931 no jornal *Lo Spaghetti* e suas críticas ao processo de construção do Stadium Palestra Italia, denunciando a aproximação estabelecida entre a gestão de Luigi Eduardo Matarazzo e o cônsul italiano Serafino Mazzolini, observamos um significativo silenciamento das publicações antifascistas a respeito do clube. Episódios envolvendo grupos antagônicos dentro do clube – no âmbito da disputa entre grupos fascistas e antifascistas organizados, como em 1925 – tampouco voltaram a ocorrer, dando início a um período marcado por significativa predominância de eventos protagonizados pelo segmento fascista, sem evidências de uma forte oposição antifascista a sua realização.

Este afastamento pode ser compreendido, numa escala mais ampla, sob o rearranjo estratégico ocorrido no antifascismo italiano em São Paulo naquele contexto. Após uma série de derrotas na disputa da vasta maioria das associações e instituições representativas da coletividade italiana em São Paulo⁷⁸⁵, um artigo de Mario Mariani (importante liderança antifascista) publicado em 1930 no jornal *La Difesa* orientava os antifascistas a desvincularem-se de quaisquer associações ítalo-brasileiras ideologicamente heterogêneas, indicando um reconhecimento estratégico da derrota antifascista na disputa destes espaços.

A palavra de ordem para todos os antifascistas do Brasil é uma: sair das sociedades ditas apolíticas em que são minoria; não contribuir mais, com as nossas mensalidades, para as comemorações realistas e fascistas; não dar mais nosso dinheiro para os consulados. Reunir-se em sociedades homogêneas, mesmo que sejam clubes de bocha, mas em sociedades em que nenhum fascista possa entrar, a não ser como espião que se disponha a mentir. Desta maneira, não haverá mais dissensões nem litígios nem intervenções. E

⁷⁸⁴ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 116.

⁷⁸⁵ TRENTO, *op. cit.*, p. 363.

poderemos viver em paz nelas. Palavra de ordem: pela ordem, separemo-nos!⁷⁸⁶

Em virtude das recorrentes situações de ameaça e assédio (por vezes violento), intensificadas com a presença de Mazzolini na cidade⁷⁸⁷, a nova orientação propunha a concentração dos antifascistas em espaços exclusivamente alinhados a sua plataforma, retrocedendo em relação à disputa que vinha sendo operada ao longo da década anterior nos variados espaços da vida coletiva italiana em São Paulo. Além disso, conforme apresentado no capítulo 1, ao longo da década de 30 o antifascismo italiano em São Paulo se aproximou e fundiu ao movimento antifascista brasileiro, organizado sobretudo em oposição ao Integralismo e ao autoritarismo do regime de Getúlio Vargas, com frentes de ação que abandonavam a disputa de agremiações étnicas⁷⁸⁸. Lideranças antifascistas italianas como Antonio Piccarolo propunham, neste contexto, uma atuação voltada à assimilação dos italianos à sociedade brasileira, visto que aqueles que mantinham fidelidade nacionalista com a Itália acabavam por ser atraídos pelo fascismo, e a disputa pela *italianidade* revelara-se uma causa perdida⁷⁸⁹.

Enquanto o antifascismo afastava-se de tais arenas de disputa, entre a coletividade italiana em São Paulo ampliava-se o alcance do fascismo organizado a partir de sua predominância sobre a maioria das instituições e associações. Aquelas que não se encontravam alinhadas oficialmente ao fascismo organizado, encontravam-se, ao menos, submetidas ao consulado e suas orientações, o que resultava no isolamento de qualquer atividade de caráter declaradamente antifascista. Simultaneamente, tornavam-se frequentes os casos de indivíduos ítalo-paulistanos que se filiavam a entidades fascistas para evitar problemas com o consulado⁷⁹⁰, protegendo-se assim de possíveis arbitrariedades e perseguições⁷⁹¹. Neste cenário, os significados do sentimento de *italianidade* e a simpatia ao regime fascista se atrelaram com maior intensidade. O antifascismo, em seu afastamento da disputa das instituições, reconhecia uma derrota na disputa simbólica da própria *italianidade*, propagandeada pelos fascistas como sinônimo obrigatório (e automático) de apoio ao regime.

⁷⁸⁶ MARIANI, M. “Per l’ordine, separiamoci!”. *La Difesa*, 2 fev. 1930, apud TRENTO, *op. cit.*, p. 363. Tradução de Eduardo Brandão.

⁷⁸⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 150.

⁷⁸⁸ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 225.

⁷⁸⁹ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988, p. 197.

⁷⁹⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 109.

⁷⁹¹ HECKER, *op. cit.*, p. 196.

Ao longo da década, o Palestra Italia vivenciou este novo cenário instaurado entre a coletividade italiana de formas diversas e complexas: não passou imune à forte presença do fascismo e seu assédio constante a esta coletividade, destacando-se, neste sentido, a realização de eventos simpáticos ao fascismo em suas dependências; mas, ao mesmo tempo, o clube não declarou-se oficialmente fascista em nenhum momento, e viu a atuação dos segmentos fascistas sendo contraposta e balanceada por condições específicas do cenário político da época, o que influenciava uma expressão deste segmento em temperaturas variadas, ora mais eloquentes, ora mais contidas.

Em 1932, com o fim do mandato de Luigi Eduardo Matarazzo, a presidência palestrina foi assumida pelo advogado Dante Delmanto, operando-se uma transformação significativa na gestão do clube. Figura recente e pouco conhecida na agremiação, Delmanto tornara-se sócio poucos anos antes, no contexto de ampliação do quadro social palestrino promovido como estratégia para viabilizar financeiramente a construção do estádio. De acordo com *Il Moscone*, sua candidatura à presidência do clube fora articulada por Angelo Cristóforo⁷⁹², que liderava a chapa de oposição à gestão Matarazzo⁷⁹³.

Instalado em São Paulo desde 1924, Dante Delmanto nascera em Botucatu, filho do sapateiro e comerciante Pietro Delmanto, e viera à capital para estudar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco⁷⁹⁴. Sua família mantinha íntimo vínculo com a maçonaria, participando da Loja Silvano Lemmi, onde o pai Pietro Delmanto chegou a ser Venerável Mestre⁷⁹⁵. Posteriormente fundida com a Loja Guia Regeneradora, caracterizava-se como local de reunião de maçons de ascendência italiana⁷⁹⁶. Embora não conste nenhuma referência direta na documentação a respeito de vínculos da família com o antifascismo italiano organizado, convém ressaltar a já mencionada proximidade deste com a maçonaria durante a década de 20, especialmente após a perseguição implementada por Mussolini contra os maçons italianos⁷⁹⁷. Como veremos, a circulação em um ambiente caracterizado por esta proximidade pode ter influenciado a consolidação de algumas posturas adotadas por Dante Delmanto ao longo de sua vida.

⁷⁹² “Dignidade mercadejada”. *Il Moscone*, n. 383, 1935, p. 10.

⁷⁹³ “O presidente facadista”. *Il Moscone*, n. 386, 1935, p. 10.

⁷⁹⁴ Ver relato de seu filho Armando Moraes Delmanto, disponível em DELMANTO, Armando Moraes. Dante Delmanto: uma caminhada vitoriosa! *Blog do Delmanto*, 11 abr. 2018. Disponível em: <https://blogdodelmanto.blogspot.com/2018/04/dante-delmanto-uma-caminhada-vitoriosa.html> (acesso em 27 fev. 2021 às 11:30).

⁷⁹⁵ *Idem*.

⁷⁹⁶ “O centenário da maçonaria em Botucatu. *Peabiru*: Revista botucatuense de cultura, set/out 1998, ano II, n. 11.

⁷⁹⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 187.

Em 1932, ao candidatar-se à presidência do Palestra Italia, além de sócio recente Delmanto caracterizava-se por uma trajetória política significativamente antagônica à do industrial fascista que anteriormente ocupara a presidência do clube: desde a década de 20, Delmanto se consolidara como quadro importante do Partido Democrático, configurando-se como destacado orador em comícios e manifestações⁷⁹⁸ e autor de diversos artigos no *Diário Nacional*, jornal mantido pelo partido entre os anos de 1927 e 1932. Há de se destacar que o Partido Democrático, formado por membros das elites paulistas que se opunham ao também oligárquico Partido Republicano Paulista, estabelecera em fins da década de 20 um crescente antifascismo motivado pela indignação com atos de violência promovidos por fascistas em terras brasileiras⁷⁹⁹.

Oficialmente, o partido se declarava isento em relação ao antagonismo entre fascistas e antifascistas⁸⁰⁰, afirmando em publicações do *Diário Nacional*, por exemplo, que “objectivadas como doutrinas político-sociaes, quer o fascismo, quer o anti-fascismo, não nos interessam absolutamente [...]. Não somos por uns, como não somos por outros [...]. Suas lutas políticas [...] transplantadas para o território nacional não as devemos tolerar”⁸⁰¹. No entanto, desde o início da publicação do jornal identificamos ocasiões nas quais o termo “fascismo” se utilizava como sinônimo de “autoritarismo”. Em julho de 1927, por exemplo, um artigo discutindo certo projeto de lei governamental que limitaria a atuação da imprensa apresentava-se sob o título de “Progressos do fascismo indígena”⁸⁰². Algumas edições depois, uma nota crítica ao governo, assinada por Manuel da Rua, questionava se apresentar-se-ia algum projeto de lei “para a repressão do fascismo e de outras theorias semelhantes, que ameaçam, muito mais seriamente do que o bolchevismo, a integridade das nossas instituições democráticas”⁸⁰³.

A oposição do partido ao fascismo e sua difusão entre a coletividade italiana no Brasil intensificou-se em 1928, ano marcado por episódios violentos envolvendo a atuação de fascistas italianos em São Paulo⁸⁰⁴. Assim como o jornal liberal *O Combate*, anteriormente citado, o *Diário Nacional* tecia inflamadas críticas contra a diplomacia italiana no Brasil, considerada “imperialista”⁸⁰⁵. Demandava uma resposta do governo brasileiro e expressava

⁷⁹⁸ Ver, por exemplo, “Fala o Sr. Dante Delmanto”. *Diário Nacional*, n. 155, 10 jan. 1928, p. 8.

⁷⁹⁹ Ver, por exemplo, “Fascistas e anti-fascistas”. *Diário Nacional*, n. 102, 9 nov. 1927, p. 1.

⁸⁰⁰ “Impressões de São Paulo”. *Diário Nacional*, n. 26, 12 ago. 1927, p. 3.

⁸⁰¹ “Fascistas e anti-fascistas”. *Diário Nacional*, n. 227, 4 abr. 1928, p. 1.

⁸⁰² O uso do termo “indígena” aqui compreende-se como sinônimo de “nacional” ou “brasileiro”. Ver “Progressos do fascismo indígena: nova lei contra a imprensa – ou o sítio perpétuo”. *Diário Nacional*, n.4, 17 jul. 1927, p. 4.

⁸⁰³ RUA, Manuel da. “Apartes”. *Diário Nacional*, n.9, 23 jul. 1927, p. 3.

⁸⁰⁴ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 150.

⁸⁰⁵ “Brasil-Itália”. *Diário Nacional*, n. 222, 29 mar. 1928, p. 8.

progressiva simpatia pelo antifascismo, como podemos notar no artigo “A infiltração fascista no Brasil”, assinado por J. B. de Souza Amaral e publicado no *Diário Nacional*:

Cabe aos governos brasileiros tomar, desde já, medidas coibitorias desse desfecho da propaganda fascista, e uma dellas é a permissão a que os adversários do fascismo o combatam, no território nacional com o mesmo ardor com que os seus adeptos o desejam impor aos seus patrícios⁸⁰⁶.

Em diversas edições do jornal também era notável a recorrente divulgação de conferências do antifascista italiano Francesco Frola⁸⁰⁷, bem como entrevistas⁸⁰⁸ e editoriais em sua defesa⁸⁰⁹. Esta recorrência nos indica uma interação entre Frola, aristocrata italiano antifascista⁸¹⁰ que possuía algum trânsito com setores das elites em São Paulo, e membros do Partido Democrático, que além de manifestar solidariedade por sua pessoa nos contextos de tensão entre fascistas e antifascistas na cidade⁸¹¹, também assumiam uma perspectiva progressivamente amplificada de oposição ao fascismo italiano organizado que atuava no Brasil.

Imagem 26 – Editorial publicado em 9 de novembro de 1927 no *Diário Nacional* criticando a atuação fascista no Brasil e defendendo Francesco Frola.

⁸⁰⁶ AMARAL, J. B. de Souza. “A infiltração fascista no Brasil”. *Diário Nacional*, n. 227, 4 abr. 1928, p. 8.

⁸⁰⁷ “Na Liga Antifascista de S. Paulo conferência do Dr. Francisco Frola”. *Diário Nacional*, n. 244, 25 abr. 1928, p. 5.

⁸⁰⁸ “Fascistas [sic] e anti-fascistas”. *Diário Nacional*, n. 104, 11 nov. 1927, p. 1.

⁸⁰⁹ “Fascistas e anti-fascistas”. *Diário Nacional*, n. 102, 9 nov. 1927, p. 1.

⁸¹⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 1999, p. 70.

⁸¹¹ “O sr. Pinotti Gamba reafirma as suas declarações”. *Diário Nacional*, n. 381, 30 set. 1928, p. 1.

Em sua militância política, Delmanto participara, entre 1927 e 1929, de comícios e manifestações organizadas pelo Partido Democrático na capital paulista e cidades próximas, além das “caravanas democráticas” realizadas no interior do estado de São Paulo em 1927 e em estados do norte do país em 1928. Chegou a editar seu próprio periódico na cidade de Botucatu, intitulado *O Democrático*⁸¹², e seus discursos em comícios e manifestações, comentados em diversas edições do *Diário Nacional*, traziam críticas ao governo oligárquico do país – chegando a nomeá-lo “absolutista”⁸¹³ –, ao imperialismo norte-americano na América Latina⁸¹⁴, e clamavam por maior atenção à “questão social”⁸¹⁵. De acordo com o jornal, Delmanto era um dos principais oradores nos eventos do partido, e seus discursos eram dos mais ovacionados⁸¹⁶. Em 1928, publicou uma série de artigos inspirados pela experiência da caravana pelo norte do país, exaltando aquilo que chamava de “brasilidade”⁸¹⁷, as possibilidades de progresso do país mediante a superação de governos oligárquicos e autoritários⁸¹⁸, e o “valor das raças mestiças”, afirmando-se contra as concepções racialistas de Arthur de Gobineau⁸¹⁹.

⁸¹² “A nova fase do ‘O Democrático’”. *Diário Nacional*, n. 117, 26 nov. 1927, p. 2.

⁸¹³ “Ecos da caravana do 5.o districto”. *Diário Nacional*, n. 194, 25 fev. 1928, p. 4.

⁸¹⁴ DELMANTO, Dante. “O imperialismo norte-americano”. *Diário Nacional*, n. 166, 22 jan. 1928, p. 6.

⁸¹⁵ “Como se commemorou o dia do trabalho”. *Diário Nacional*, n. 561, 2 mai. 1928, p. 1.

⁸¹⁶ Tal afirmação era recorrente na descrição de variados comícios e eventos políticos, como podemos verificar, por exemplo, em “Fala o Sr. Dante Delmanto”. *Diário Nacional*, n. 155, 10 jan. 1928, p. 8.

⁸¹⁷ DELMANTO, Dante. “Brasilidade”. *Diário Nacional*, n. 370, 18 set. 1928, p. 5.

⁸¹⁸ DELMANTO, Dante. “A terra”. *Diário Nacional*, n. 373, 21 set. 1928, p. 4.

⁸¹⁹ DELMANTO, Dante. “A gente”. *Diário Nacional*, n. A00404, 16 out. 1928, p. 4.

Imagem 27 – Artigo de Dante Delmanto exaltando a “brasilidade”.

No clube, a direção formada por Delmanto durante sua gestão (de 1932 a 1935) era formada por Francesco Pettinati, Oddone Fioravanti, Pasquale Sparapani, Pedro Baldassari, Francesco Patti e Angelo Mastandrea⁸²⁰. Nenhum destes, incluindo o próprio Delmanto, era inscrito no Fascio di San Paolo ou qualquer outra entidade fascista, e de acordo com nosso levantamento em prontuários e fichas do Deops-SP, não mantinham atividades políticas, com exceção às já mencionadas do próprio Dante Delmanto.

A gestão foi marcada pela realização de festas diversas nas dependências do clube, como quermesses⁸²¹ e bailes de carnaval populares⁸²², com o objetivo de arrecadar fundos para a conclusão da construção do estádio. Também foi o período em que a equipe de futebol se profissionalizou, em sintonia com a reconfiguração ocorrida no futebol a nível nacional⁸²³, e oficializou, internamente, o uso permanente do português para a redação das atas de reunião

⁸²⁰ “Ancora il tentato ricatto contro la Palestra Italia”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1235, 9 dez. 1933, p. 2.

⁸²¹ “Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 394, 1935, p. 11.

⁸²² “Uma explicação necessária”. *Il Moscone*, n. 390, 1935, p. 16.

⁸²³ SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015, p. 105.

do conselho⁸²⁴. O clube obteve triunfos esportivos de grande relevância, como a conquista do campeonato paulista nos anos de 1932, 1933 e 1934 e a marcante vitória por 8 a 0 sobre o rival Corinthians (em 1933), ao mesmo tempo em que sua política econômica era considerada desastrosa por seus opositores⁸²⁵.

Ao longo de todo o período de sua gestão, Delmanto foi alvo de duras críticas por parte de jornais identificados com o fascismo na cidade de São Paulo. As posições exercidas pelo Partido Democrático em oposição ao fascismo não passavam despercebidas aos embates internos da coletividade italiana, e no jornal *Il Moscone*, por exemplo, Vincenzo Ragnonetti afirmava que o Partido Democrático abrigava “políticos antifascistas”, sem nomeá-los diretamente. É possível que tal referência se direcionasse tanto ao partido como um todo quanto a membros específicos mais visados no debate, como o próprio Delmanto, frequentemente criticado por Ragnonetti durante toda sua gestão à frente do Palestra Italia, e referenciado mais de uma vez como portador de “bandeira vermelha”⁸²⁶.

Nas páginas de *Il Moscone*, também encontramos críticas ao conselho do clube neste período, considerado demasiado “eterogeneo [sic], mestiço”⁸²⁷, e à possibilidade de jogadores negros serem incorporados à equipe de futebol do Palestra Italia⁸²⁸. O jornal também atacava duramente a figura individual de Delmanto, acusando-o de levar o clube à “anarchia” [sic]⁸²⁹, e de envolvê-lo com política, afirmando que os sócios que o haviam elegido eram “cabos políticos do interior”⁸³⁰ filiados ao Partido Democrático. Posteriormente, o semanário viria a alterar seu juízo sobre o dirigente, reconhecendo os importantes triunfos esportivos obtidos pela equipe durante sua gestão⁸³¹; no entanto, é certo que a discordância política com Delmanto favorecera a visão duramente crítica sustentada pelo *Moscone* ao longo do mandato.

O caso mais significativo de atrito envolvendo Dante Delmanto enquanto presidente do Palestra Italia e a imprensa italiana fascista em São Paulo, no entanto, se deu em 1933, em uma inflamada troca de acusações com o semanário *Il Pasquino Coloniale*, então dirigido por Gaetano Cristaldi e completamente convertido ao fascismo. O marco inicial desta tensão se deu no dia 2 de dezembro de 1933, com a publicação da edição de número 1234 do *Pasquino*

⁸²⁴ SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?* Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007, p. 103.

⁸²⁵ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 429, 1936, p. 12.

⁸²⁶ Ver “Dignidade mercadejada”. *Il Moscone*, n. 384, 1935, p. 10; continuação no n. 385, 1935, p. 10.

⁸²⁷ “Cousas da directoria palestrina”. *Il Moscone*, n. 388, 1935, p. 5.

⁸²⁸ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 400, 1935, p. 6.

⁸²⁹ “Uma explicação necessária”. *Il Moscone*, n. 390, 1935, p. 16.

⁸³⁰ “A nossa atitude”. *Il Moscone*, n. 387, 1935, p. 8.

⁸³¹ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 429, 1936, p. 12.

Coloniale. Nesta edição, uma nota dirigida a Dante Delmanto criticava supostas declarações proferidas pelo secretário do clube, Francesco Pettinati, contra o jornal⁸³². Não se apresenta com clareza o teor de tais declarações, nem a ocasião em que teriam sido realizadas. É notável, no entanto, que nas edições anteriores do semanário não se verificou nenhuma referência a semelhante tensão: as citações ao Palestra Italia e seus dirigentes, pelo contrário, eram sempre respeitadas e repletas de cortesia, especialmente por conta das conquistas esportivas do clube⁸³³.

No dia 5 de dezembro, uma nota assinada por Dante Delmanto e Francesco Pettinati (reproduzida a seguir) foi publicada na seção paga do *Fanfulla*, respondendo às críticas tecidas pelo *Pasquino Coloniale*:

Un tentativo di recato contro la Palestra Italia

Il “Pasquino Coloniale”, diretto dal semi-analfabeta e notissimo antifascista, Gaetano Cristaldi, nel suo numero di sabato u. s., ha iniziato una bassa campagna di diffamazione contro i membri della Direzione della Palestra Italia.

Comprendiamo perfettamente che il turpiloquio dell’organetto di scandalli non può meritare l’onore di un rilievo. Abbiamo il dovere, tuttavia, d’informare i nostri associati e il pubblico da ditte, istituzioni e personalità colonial di cui, se sarà del caso, faremo i nomi, ha tentato contro la Palestra Italia uno dei suoi tanti ricatti a... prezzo d’occasione: “un conto di reis”. Messo immediatamente alla porta ha cercato di sporcarci con la sua bava.

Riteniamo doveroso richiamare l’attenzione dei settore responsabili della colônia, sull’attività ricattatoria svolta in questi ultimi tempo dal “Pasquino Coloniale”, fetida plaga della mostra collettività, ma tuttavia incoraggiato e sorretto da numerosi “italianissimi” sodalizi, ditte e personalità. Quale spettacolo, penoso e avvilente spettacolo, di miseria morale!

San Paolo, 4 Dicembre 1933.

⁸³² “Informatore palestrino”. Il *Pasquino Coloniale*, n. 1234, 2 dez. 1933, p. 13.

⁸³³ Ver, por exemplo, “Il banchetto degli Scarafoni”. Il *Pasquino Coloniale*, n. 1232, 18 nov. 1933, p. 9; e “Um omaggio al dott. Delmanto”. Il *Pasquino Coloniale*, n. 1233, 25 nov. 1933, p. 9.

Dante Delmanto, presidente

Francesco Pettinati, Segretario⁸³⁴

Imagem 28 – Nota de repúdio aos ataques do *Pasquino Coloniale* contra a diretoria do Palestra Italia, assinada por Dante Delmanto e Francesco Pettinati.

Salta aos olhos, logo no início da nota, a denominação de “semi-analfabeta e notissimo antifascista” atribuída a Gaetano Cristaldi, editor do *Pasquino*. Como vimos anteriormente, o esforço em afirmar-se genuinamente fascista era recorrente na busca por prestígio exercida variadas figuras, instituições, e mesmo órgãos de imprensa entre a coletividade italiana. Tal esforço frequentemente era acompanhado da acusação sobre outras figuras, instituições ou jornais, como menos fascistas⁸³⁵. A delicada acusação proferida pelos dirigentes do Palestra

⁸³⁴ “Uma tentativa de ataque ao Palestra Italia. O ‘Pasquino Coloniale’, dirigido pelo semianalfabeto e notável antifascista, Gaetano Cristaldi, em sua edição do sábado passado iniciou uma baixa campanha de difamação contra os membros da direção do Palestra Italia. Sabemos perfeitamente que a linguagem obscena de tal órgão sensacionalista não merecia a honra de muita atenção. Temos o dever, no entanto, de informar os nossos associados e o público das empresas e instituições da colônia, bem como suas personalidades – as quais, se necessário, citaremos nominalmente – de que o mesmo dirigiu ao Palestra Italia uma de suas tantas chantagens, a preço de ocasião: ‘um conto de réis’. Colocado imediatamente porta afora, ele tentou nos sujar com sua calúnia. Consideramos justo convocar a atenção dos setores dirigentes de nossa colônia para a chantagem realizada nos últimos tempos pelo ‘Pasquino Coloniale’, praga fétida de nossa coletividade que, ainda assim, é encorajada e apoiada por numerosas associações, empresas e personalidades ‘italianíssimas’. Que espetáculo pavoroso e degradante de miséria moral! São Paulo, 4 de dezembro de 1933” (tradução nossa). DELMANTO, Dante; PETTINATI, Francesco. “Un tentativo di ricatto contro la Palestra Italia”. *Fanfulla*, 5 dez. 1933.

⁸³⁵ RORATO, Márcia. Imagens do fascismo em São Paulo nas páginas do semanário ítalo-paulista *Il Moscone*. *Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina, 12-14 mai. 2009, p. 1077.

Italia não era inédita, portanto, consistindo em recurso explorado com alguma recorrência nas disputas internas da coletividade italiana em São Paulo. No entanto, não deixa de ser profundamente emblemática de como a correlação entre *italianidade* e fascismo já se estabelecia correntemente no discurso oficial de italianos neste contexto. Uma vez que as instituições ítalo-paulistas objetivavam com frequência a obtenção e manutenção da amizade e apoio (sobretudo financeiro) do consulado italiano⁸³⁶, seu discurso acabava por ser incorporado em situações como estas.

Neste cenário, Gaetano Cristaldi e seu *Pasquino Coloniale* obviamente ficaram profundamente ofendidos, dedicando-se a publicar, nas edições seguintes do jornal, amplos dossiês de resposta que ocupavam os exemplares praticamente por completo: na edição de 9 de dezembro de 1933, Cristaldi devolveu a acusação de “antifascista” a Delmanto e Pettinati, procurando fundamentá-la amplamente, com a citação de episódios específicos como a recepção do embaixador italiano Roberto Cantalupo em São Paulo, na qual Dante Delmanto não estivera presente⁸³⁷, e uma ocasião na qual Francesco Pettinati fora expulso da sede do Fascio di San Paolo ao visitá-la, não sendo bem vindo no local desde então⁸³⁸. Além disso, em um “recado aos palestrinos”⁸³⁹ publicado na edição seguinte, Cristaldi se colocava a favor do clube e contra os “dois insignificantes indivíduos” que teriam tomado sua direção, realizando desta forma sua própria disputa do clube.

⁸³⁶ *Idem.*

⁸³⁷ “Dell’antifascismo”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1235, 9 dez. 1933, p. 4.

⁸³⁸ *Idem*, p. 3.

⁸³⁹ “Palestrini!”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1236, 16 dez. 1933, p. 12.

DELL'ANTIFASCISMO

In seconda qualifica, da Dante Protesto e Ciccia Invernizio, io sono denunciato come un "NOTISSIMO ANTIFASCISTA".

Nientemeno!

Troppo zelo politico, da parte di chi nessuno rappresenta, questo di anteporsi a chi il legittimo diritto potrebbe avanzare, in materia di sindacanza politica. Però tutti capiscono la finalità bassamente delatoria di questa seconda aggettivazione al mio nome.

Ma poiché a me piace giocare con le carte in tavola, soprattutto con i bari, chiariamo anche questo punto.

Questa seconda qualifica, fatta a scopo vigliaccamente ricattatorio ed intimidatorio, mette sul tappeto due questioni: quella politica e quella patriottica.

Politica:

Politicamente, è davvero "notissimo" ch'io abbia una rigidità di carattere assolutamente incomprensibile per i duttili accattoni, i lacrimosi supplicanti, i scrivi sciocchi: per Francesco Pettinati e Dante Delmanto, insomma.

Invitato però a fare delle precisazioni di carattere politico, non sfuggo: ma ho il diritto di sapere con chi sto parlando al telefono.

Mi si dà, in senso dispregiativo, dell'antifascista. Come accusa. C'è da pretendere almeno che questi due accusatori abbiano una precisa posizione politica e siano, perlomeno, dei fascisti. Fascisti iscritti, non importa se dentro o fuori orario.

Ebbene: io non chiederò a Francesco Pettinati e a Dante Delmanto le loro tessere, perché so che non possono esibirle.

Tessere?

Francesco Pettinati ha bussato invano, reiteratamente, al Fascio di San Paolo, e non gli hanno aperto. E quando il frastuono incominciò ad infastidire, gli gridarono dalla finestra ch'era indegno di entrare. E quando Ciccia ne ha chiesta la ragione, gliela dissero. E la ripeterò anch'io, oggi, qui.

Imagem 29 – Nota publicada por Gaetano Cristaldi acusando Dante Delmanto e Francesco Pettinati de antifascistas.

Ao dirigir-se especificamente a Delmanto, as críticas de Cristaldi assumiam um tom duro ao afirmar que o dirigente palestrino seria não apenas “un antifascista ‘notissimo’ piú di quanti mai antifascisti abbia avuto S. Paolo”⁸⁴⁰, mas um verdadeiro “antiitaliano”. Justificava-se citando de forma genérica as entrevistas e artigos de Delmanto no *Diário Nacional*, sem esmiuçar seu conteúdo de forma aprofundada. As acusações do *Pasquino Coloniale* também contaram, por sua vez, com notas de resposta redigidas pela direção palestrina, que manteve certo tom institucional e chegou a levar o caso à polícia⁸⁴¹, o que provavelmente fez a tensão se esvaír, não sendo retomada nas edições seguintes do *Pasquino Coloniale*, nem referenciada por nenhum dos demais jornais examinados.

Ainda que pontual e rapidamente esvaziado, o conflito ambientado nesta troca de acusações configurava-se como episódio emblemático de uma tensão interna na coletividade italiana a respeito dos significados do fascismo e do antifascismo e de sua correlação com a

⁸⁴⁰ “Um notável antifascista, mais do que qualquer outro que São Paulo já teve” (tradução nossa). “Dell’antifascismo”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1235, 9 dez. 1933, p. 4.

⁸⁴¹ “Ancora il tentato ricatto contro la Palestra Italia”. *Il Pasquino Coloniale*, n. 1236, 16 dez. 1933, p. 3.

italianidade. Neste cenário, Dante Delmanto parecia adotar uma postura essencialmente neutra, *afascista*: sua gestão manteve o Palestra Italia distante dos órgãos fascistas e oficiais do governo italiano, sem tampouco afirmar-se antifascista. Estabelecia relações cordiais e formais com o consulado italiano, sem rompimento nem deliberada aproximação. Transitava nos espaços da coletividade italiana em São Paulo enquanto exercia, ao mesmo tempo, sua carreira de advogado criminal⁸⁴² e suas atividades políticas junto ao Partido Democrático; sua neutralidade era alinhada, inclusive, com o posicionamento oficial de seu partido a respeito do tema.

No final de 1935, o mandato de Delmanto se encerrou com a eleição de Raphaele Parisi, cuja candidatura se construíra em oposição à gestão em curso⁸⁴³ e era apoiada pelo *Moscone*⁸⁴⁴ e por outros membros do segmento simpático ao fascismo dentro do clube. A transição entre as duas gestões foi marcada pela circulação de boatos entre a coletividade italiana de que, por conta dos problemas financeiros causados pelo investimento na construção do estádio e a política econômica da gestão Delmanto, o Palestra Italia precisaria de, ao menos, dez mil novos sócios, o que só poderia ser conseguido mediante a fusão com outra instituição esportiva da cidade⁸⁴⁵. Entre os boatos surgia a possibilidade de fusão com a seção paulistana da entidade fascista Dopolavoro⁸⁴⁶, o que era alvo de intensas discussões.

A despeito destes boatos, identificados como pauta de debates nos jornais ítalo-paulistanos do período, o clube (já sob gestão de Raphaele Parisi) jamais se manifestou sobre tal possibilidade. Outras manifestações marcantes de uma aproximação desta gestão com o fascismo italiano na cidade, entretanto, são dignas de nota. Ao contrário da diretoria montada por Delmanto durante seu mandato, a gestão de Parisi era recheada de indivíduos declaradamente fascistas, a começar pelo próprio presidente, filiado ao Fascio di San Paolo⁸⁴⁷. O diretor esportivo, Ítalo Adami, era um industrial também filiado ao Fascio⁸⁴⁸, que posteriormente viria a suceder Parisi na direção do clube, como veremos adiante. A gestão mantinha proximidade com variados representantes da elite industrial ítalo-paulistana do contexto, e concentrou, entre os anos de 1936 e 1937, as realizações mais significativas do segmento fascista dentro do clube Palestra Italia.

⁸⁴² Ver DELMANTO, Dante. *Defesas que fiz no júri*. 7ª edição. São Paulo: Renovar, 2007.

⁸⁴³ “Cousas da directoria palestrina”. *Il Moscone*, n. 389, 1935, p. 12.

⁸⁴⁴ “Dr. Raphaele Parisi”. *Il Moscone*, n. 400, 1935, p. 1.

⁸⁴⁵ “Lettere expresse”. *Il Moscone*, n. 416, 1935, p. 15.

⁸⁴⁶ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 414, 1935, p. 6.

⁸⁴⁷ “Raffaele Parisi”. Ficha Deops n. SPR000414, 7 ago. 1944.

⁸⁴⁸ “Ítalo Adami”. Ficha Deops n. SPI003113, prontuário n. 51768, 6 out. 1947.

Cúpis Cabelos Bigode Olhos Estatura Marcas Revisão - 28.11.80 -OJG	SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL	Ficha n.º Nome: <u>RAFFAELE PARISI</u> vide Data: <u>7.8.44</u> Vulgo: <u>PARISI RAFFAELE e RAFAEL PARISI</u> Prontuário Delegacia n.º Prontuário Geral n.º Atividade : <u>Fascista</u>
--	--	---

Filiação { Pai : Mãe :	Idade: anos. Nascido em de de 1 Sexo Nacionalidade : Natural de Estado civil : Profissão : <u>Presidente do Palestra Italia</u> Ordenado: Cr\$. Local de trabalho: Residência : É Sindicalizado? Sindicato e locais que costuma frequentar :
--	--

S.G. - S.S.P. - Mod. 67

Imagem 30 – Ficha de Raphaele Parisi, identificado pelo Deops/SP como “fascista”.

Estas realizações faziam parte, sem dúvidas, de um contexto crucial para o fascismo italiano em São Paulo marcado pelo auge de sua capacidade de mobilização, ao mesmo tempo em que as disputas com grupos antifascistas pelas associações e entidades já era praticamente inexistente⁸⁴⁹. A realização de eventos mobilizados pelo Fascio, pelo consulado italiano e por outras entidades fascistas da cidade reunia verdadeiras multidões⁸⁵⁰, utilizando-se de variados espaços onde a concentração destas massas se fizesse possível. São exemplos as celebrações do aniversário da Marcha Sobre Roma realizadas em importantes teatros da cidade, como o Theatro Municipal⁸⁵¹ e o Theatro Sant’Anna⁸⁵², e atividades realizadas no estádio do Palestra Italia.

Mais de dez anos passados desde o conflito violento entre fascistas e antifascistas nas dependências do Palestra Italia, ocorrido em 1925, o consulado italiano e o Fascio di San Paolo decidiram organizar o evento de comemoração do aniversário da Marcha Sobre Roma novamente nas dependências do clube. Nesta ocasião, no ano de 1936, não há qualquer evidência de que tenham ocorrido conflitos: o evento realizado no Stadium Palestra Italia foi noticiado pelo *Fanfulla* como “vibrante”, em uma ampla matéria que destacava o discurso do

⁸⁴⁹ Exceção à *Lega Lombarda*, que permaneceu sob ataque fascista até 1936, quando uma manobra política interna retirou os antifascistas da diretoria da entidade. Estes, por sua vez, recorreram a uma disputa judicial pela instituição que se estendeu até o fim da Segunda Guerra. Sobre este processo, ver: TRENTI, *op. cit.*, p. 365.

⁸⁵⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 118.

⁸⁵¹ Ver “L’adunata di ieri será al Teatro Municipale”. *Fanfulla*, 29 out. 1931; e “Fasci italiani all’estero”. *Fanfulla*, 29 out. 1933, p. 3.

⁸⁵² “La commemorazione del Decennale Fascista al Teatro Sant’Anna”. *Fanfulla*, 29 out. 1932, p. 3.

cônsul Castruccio, a “magnifica dimostrazione ginnico sportiva”⁸⁵³ das entidades fascistas juvenis e até mesmo a atuação italiana na Guerra da Abissínia⁸⁵⁴.

De todo modo, embora já não existisse qualquer espaço de disputa entre setores fascistas e antifascistas dentro do clube, percebemos que a participação oficial do Palestra Italia no evento – de acordo com a cobertura do jornal – parece ter sido discreta. No detalhamento chamamento para o evento, publicada em 1º de novembro de 1936, eram nomeadas as organizações participantes, convocando-se a presença de seus sócios e integrantes: entidades fascistas como o Fascio Femminile, o Dopolavoro, mas também instituições como o Circolo Italiano e a Reduci di Guerra constavam como entusiasmadas adesões, ao passo que o próprio Palestra Italia, entidade que cedia sua praça desportiva para a realização do evento, não aparecia referenciado⁸⁵⁵. A cobertura completa do evento, publicada em 3 de novembro de 1936, afirmava que o estádio foi “gentilmente messo a disposizione”⁸⁵⁶ pela diretoria do clube, e mencionava rapidamente que, no desfile realizado pelas associações presentes, havia um bloco de membros do Palestra Italia. No comentário sobre as demonstrações esportivas realizadas, no entanto, a equipe da agremiação novamente se mostrava ausente.

⁸⁵³ “Magnífica demonstração ginástico-esportiva” (tradução nossa).

⁸⁵⁴ “La vibrante adunata di domenica allo Stadio Palestra Italia”. *Fanfulla*, 3 nov. 1936, p. 4.

⁸⁵⁵ “La imponente manifestazione di oggi allo Palestra Italia per la celebrazione della Vittoria e del XV Anuale della Marcia su Roma”. *Fanfulla*, 27 out. 1936, p. 4.

⁸⁵⁶ “Gentilmente disponibilizado” (tradução nossa). “La vibrante adunata di domenica allo Stadio Palestra Italia”. *Fanfulla*, 3 nov. 1936, p. 4.

Imagem 31 – Cobertura da *Fanfulla* sobre o evento de comemoração do 15º aniversário da Marcha Sobre Roma, realizado no Stadium Palestra Italia em 1936.

A impressão que tal documentação nos transmite é de que, a despeito da cessão do estádio, a participação da entidade foi, de fato, discreta. É provável que a decisão de realizar o evento na praça desportiva do Palestra Italia tenha partido do consulado italiano, que anualmente vinha realizando a comemoração do aniversário da Marcha Sobre Roma nas dependências do Circolo Italiano, com exceção dos anos de 1931, 1932 e 1933, quando foram realizadas, respectivamente, no Theatro Municipal, no Theatro Sant’Anna, e novamente no Municipal. A relação formal com o consulado pode ter levado o clube a ceder seu estádio para a realização do evento, mantendo sua postura oficialmente neutra em relação ao fascismo e a temas políticos em geral. Neste sentido, conforme discutido por Angelo Trento, a ocorrência

de tais eventos não deve ser interpretada como uma adesão do clube ao fascismo “ditada por razões ideológicas”⁸⁵⁷, mas como um alinhamento ao consulado, “cuja inimizade era extremamente perigosa para a sua própria sobrevivência”⁸⁵⁸. Isto não impediria, obviamente, que membros e grupos simpáticos ao fascismo dentro do clube, como o próprio presidente Parisi, se implicassem na articulação destas realizações.

Algo similar ocorreu em 1937, quando o estádio foi novamente utilizado para um comício do ministro italiano Luigi Federzoni, em visita pelo Brasil. O público presente, de acordo com o cálculo dos fascistas, teria sido de aproximadamente 50 mil pessoas, em uma manifestação com estandartes, legiões, retratos do Duce e marcantes demonstrações esportivas de ginastas e atletas do Dopolavoro⁸⁵⁹. Nesta ocasião, no entanto, a equipe palestrina também esteve ausente, conforme noticiado pelo *Il Moscone*⁸⁶⁰. Vale pontuar que, a despeito de seu alinhamento com o fascismo, o jornal lamentava com irritação o adiamento de um clássico entre Palestra Italia e Corinthians por conta do empréstimo do estádio para a realização do que chamava uma “‘adunada’ fascista em homenagem a um grosso que veio da Itália”⁸⁶¹.

Imagem 32 – Nota do *Moscone* sobre o adiamento da partida entre Palestra e Corinthians por conta do empréstimo do estádio para o comício de Luigi Federzoni.

Conforme noticiado pelo *Moscone*, a delegação de ministros fascistas que acompanhava Federzoni em sua visita a São Paulo também compareceu a um amistoso entre o Palestra Italia de São Paulo e o clube de mesmo nome sediado em Belo Horizonte⁸⁶². A

⁸⁵⁷ TRENTO, *op. cit.*, p. 333.

⁸⁵⁸ *Idem*, p. 332.

⁸⁵⁹ BERTONHA, *op. cit.*, 2001.

⁸⁶⁰ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 467, 1937, p. 6.

⁸⁶¹ “‘Torcidas’ e torcicolli”. *Il Moscone*, n. 474, 1937, p. 11.

⁸⁶² Este clube, fundado em 1921, foi rebatizado em 1942 como *Cruzeiro Esporte Clube*. Sobre sua trajetória e entrelaçamentos com o Palestra Itália de São Paulo, ver: MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *Se vencer o*

presença da delegação fascista no encontro dos dois Palestras, de acordo com o jornal, teria sido mediada pelo empresário Alberto Bonfiglioli, industrial e banqueiro que circulava entre a diretoria do clube no contexto, era filiado ao Fascio di San Paolo⁸⁶³ e diretor do Dopolavoro⁸⁶⁴.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL	
Cutis	Ficha n.º _____ Nome <u>ALBERTO BONFIGLIOLI</u> vide _____
Cabelos	Data <u>Mai 44</u> Vulgo <u>BONFIGLIOLI ALBERTO</u>
Bigodes	Prontuário Delegacia n.º <u>-10.053-</u>
Olhos	Prontuário geral n.º = <u>106.132</u> = _____
Estatuta	Atividade <u>"FACISTA"-Dirigente da O.N.D.-</u>
Marcas	
Filiação: -- Pai <u>Vitório Bonfiglioli</u> Mãe <u>Rosa Galletti</u>	
Idade <u>57 anos</u> Nascido em <u>5 de Dezembro</u> de <u>1 897</u> Sexo <u>Masculino</u>	
Nacionalidade <u>Bras. por tit. declarat.</u> Natural de <u>Bolonha-Itália-</u>	
Estado civil <u>Casado</u> Profissão <u>Banqueiro e Industrial-</u>	
Ordenado	Local de trabalho
Residências <u>Alameda Franca, 114-Jardim Paulista-Capital-Estado de São Paulo-</u>	
É sindicalizado?	Sindicato e locais que costuma frequentar

T. G. I. - Mod. 67

Imagem 33 – Prontuário de Alberto Bonfiglioli, identificado pelo Deops/SP como “fascista” e dirigente do Dopolavoro.

Além destes dois eventos envolvendo o clube, a delegação fascista liderada por Federzoni também compareceu a outras instituições italianas na cidade⁸⁶⁵, e foi recebida no Rio de Janeiro pelo Senado Nacional⁸⁶⁶, entre outros compromissos. A mobilização do governo brasileiro em torno da visita da delegação seria reproduzida uma vez mais no ano seguinte, com a recepção de Bruno Mussolini (filho do ditador fascista italiano) pelo presidente Getúlio Vargas em pessoa⁸⁶⁷. Tais eventos nos permitem situar com clareza a ambientação favorável que o fascismo italiano vivenciava no Brasil naquele contexto.

De toda forma, embora tal cenário tenha favorecido a realização de eventos fascistas nas dependências do clube, contando com o entusiasmo e articulação dos segmentos

Palestra, vence a “bela e “legendária” pátria italiana: uma história comparada dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933). Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, UFRJ, 2016.

⁸⁶³ “Alberto Bonfiglioli”. Prontuário Deops n. 10.053, mai. 1944).

⁸⁶⁴ Ver Relação nominal dos diretores e orientadores da Organização Nacional Desportiva. São Paulo, s/d. Prontuário n. 27804 – Fascio de São Paulo, vol. 2. DEOPS/SP, DAESP. Citado por SANTOS, *op. cit.*, p. 39.

⁸⁶⁵ BERTONHA, *op. cit.*, 2001.

⁸⁶⁶ “Visitou hontem o Senado o sr. Luigi Federzoni”. *Folha da Noite*, n. 28982, 5 ago. 1937, p. 2.

⁸⁶⁷ “Moscatelli desceu hontem no Campo dos Affonsos”. *Folha da Manhã*, n. 4258, 29 jan. 1938, p. 1.

simpáticos ao regime e valendo-se do alinhamento exercido pelos próprios indivíduos que ocupavam a direção do Palestra Italia no contexto, é notável a manutenção de uma neutralidade oficial, com a ausência da equipe em ocasiões de demonstrações esportivas, nenhuma referência à participação institucional do clube nos eventos, e a utilização do estádio sempre indicada como empréstimo ou cessão, e jamais como convênio ou parceria.

3.3 A Segunda Guerra Mundial e os novos significados do antifascismo (1938-1945)

Em 1938 o clube passou a ser dirigido por Ítalo Adami, que ocupara o cargo de diretor esportivo durante a gestão de Raphaele Parisi. O novo presidente era um pequeno industrial fascista, fichado no Deops/SP⁸⁶⁸ referenciado com frequência nas páginas do *Moscone*, na tradicional linguagem satírica do semanário, como o “Mussolini do Palestra”⁸⁶⁹ ou o “Mussolini do Bráz”⁸⁷⁰. Durante sua gestão, no entanto, o único evento envolvendo o clube e o regime fascista que se realizou foi a recepção de integrantes da Força Aérea Italiana em 1938 nas dependências da agremiação⁸⁷¹, após a realização do *raid* direto entre Dacar e Rio de Janeiro.

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA	
DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL	
Cutis	Ficha n.º _____ Nome: <u>ITALO ADAMI</u>
Cabelos <u>= Revisão =</u>	Data: <u>6-10-947</u> Vulgo: _____
Bigodes	Prontuário Delegacia n.º <u>= 51.768 =</u>
Olhos <u>= Djanira =</u>	Prontuário geral n.º _____
Estatura	Atividade <u>= FASCISTA =</u>
Marcas	
Filiação: — Pai: <u>Leoneto Adami</u> Mãe: <u>Leoneta Broschi Adami.</u>	
Idade: _____ anos. Nascido em <u>23</u> de <u>julho</u> de <u>1894</u> Sexo: <u>Masculino.</u>	
Nacionalidade: <u>Brasileira</u> Natural de: <u>Sorocaba = Estado de S. Paulo.</u>	
Estado civil: <u>Casado</u> Profissão: <u>Industrial.</u>	
Ordenado: Cr.\$ _____ Local de trabalho: _____	
Residências: <u>Avenida Rangel Pestana, nº 206 = São Paulo.</u>	
É sindicalizado? _____ Sindicato e locais que costuma freqüentar: _____	

T. B. I. - Mod. 67

Imagem 34 – Prontuário de Italo Adami, identificado pelo Deops/SP como “fascista”.

⁸⁶⁸ “Italo Adami”. Prontuário Deops n. 51.768, 6 out. 1947.

⁸⁶⁹ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 526, 1938, p. 8.

⁸⁷⁰ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 529, 1938, p. 13.

⁸⁷¹ CAMPOS JR., Celso de. 1942 – *o Palestra vai à guerra*. Santos: Realejo Edições, 2012, p. 172.

Embora a orientação política pessoal de Adami e sua fidelidade ao Fascio fossem inquestionáveis, tal atitude contida à frente do Palestra Italia pode ser compreendida dentro do complexo cenário político que ambientava o contexto de seu mandato: de acordo com Mariana Cardoso Ribeiro, “a partir de 1937, o controle e repressão aos estrangeiros foi se acentuando”⁸⁷², manifestando-se através de uma série de decretos que restringiam a entrada de estrangeiros no Brasil⁸⁷³ e progressivamente estabeleciam limites e condições aos imigrantes instalados no país, bem como à atuação de associações e instituições consideradas “estrangeiras”. Neste contexto, a nacionalidade do Palestra Italia foi colocada sob suspeita, uma vez que, ainda que o clube integrasse ligas esportivas brasileiras, excursionasse com alguma frequência por outras regiões do país⁸⁷⁴, colaborasse com causas específicas do contexto brasileiro⁸⁷⁵ e contasse com diversos atletas brasileiros sem ascendência italiana na equipe, era notável sua proximidade institucional com o consulado italiano, bem como o fato de seus principais diretores serem italianos (caso do próprio Ítalo Adami, por exemplo), além da óbvia referência ao país europeu no nome da agremiação.

Rapidamente, a gestão de Adami assumiu um discurso de que a atuação do Palestra Italia era, e sempre fora, exclusivamente esportiva e jamais política. Este posicionamento oficial foi, obviamente, acompanhado de uma atuação da diretoria vigente extremamente restrita à esfera esportiva, reduzindo até mesmo a realização de eventos que envolvessem o consulado italiano⁸⁷⁶. Tal postura foi acatada pelo Ministério da Justiça, que passou a demandar, no entanto, a nacionalização dos membros da diretoria⁸⁷⁷. Esta exigência fez com que, no ano de 1939, o exercício da presidência do clube fosse assumido por João Minervino⁸⁷⁸, em decorrência da nacionalidade italiana de Adami.

Entre os sócios do clube, as exigências do governo geraram posicionamentos variados: na seção de cartas do *Moscone*, vemos críticas conservadoras à nacionalização do clube⁸⁷⁹,

⁸⁷² RIBEIRO, Mariana Cardoso. *Venha o decreto de expulsão: a legitimação da ordem autoritária no Governo Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2012, p. 57.

⁸⁷³ *Idem*, p. 58.

⁸⁷⁴ Ver “Com o Palestra, no norte”. *Il Moscone*, n. 535, 1938, p. 9.

⁸⁷⁵ Podemos destacar, por exemplo, a realização de amistosos beneficentes para a construção de sanatórios, conforme noticiado em “Serena tarde palestrina no sereníssimo Porto Feliz”. *Il Moscone*, n. 514, 1938, p. 9; e as contribuições financeiras do clube ao Movimento Constitucionalista de 1932, conforme noticiado em “Ouro para a vitória”. *Diário Nacional*, n. 1556, 1 set. 1932, p. 1.

⁸⁷⁶ As notícias no *Moscone* sobre a comemoração do aniversário do clube, por exemplo, não apresentam nenhuma referência à presença de representantes do consulado ou das entidades fascistas. Ver: “Um acontecimento ítalo-brasileiro: o anniversario do Palestra Italia”. *Il Moscone*, n. 522, 1938, p. 9.

⁸⁷⁷ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 528, 1938, p. 15.

⁸⁷⁸ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 565, 1939, p. 9.

⁸⁷⁹ “Lettere esprese”. *Il Moscone*, n. 531, 1938, p. 13.

demandas por mudanças estatutárias que garantissem a manutenção de seu funcionamento⁸⁸⁰, e até mesmo suspiros de alívio lembrando os boatos de possível fusão do Palestra Italia com o Dopolavoro e celebrando o fracasso de tal ideia⁸⁸¹. Enquanto o acalorado debate se estendia, acompanhado pelas novas posturas que a direção do clube assumia para se enquadrar nas demandas do Ministério da Justiça, o semanário de Ragnognetti deslocava-se de sua antiga fidelidade ao fascismo a uma nova postura, notavelmente expressa em sua cobertura das questões do clube no contexto.

No ano de 1939, as páginas do *Moscone* passaram a apresentar intenso descontentamento com a suposta perseguição que o Palestra Italia estaria sofrendo da parte de “xenophobos de meia tijela”⁸⁸². Reivindicando sua autoridade enquanto membro fundador do clube, Ragnognetti afirmava que “é necessário [...] tratar de futebol, somente de futebol [...], porque o Palestra nasceu e tem que morrer com o futebol”⁸⁸³, e buscando desvincular o clube por completo dos corpos diplomáticos italianos, chegou a dedicar uma ampla matéria a criticá-los em sua relação com o clube, afirmando que “o Palestra, mercê de Deus, nunca pediu, nunca precisou dos bafejos consulares oficiais”⁸⁸⁴. Os boatos de uma eventual mudança de nome do clube, por conta da referência à Itália, também eram discutidos pelo jornal, que defendia que a mesma era mantida unicamente pela “tradição”⁸⁸⁵. Ao mesmo tempo, naturalmente, eram frequentes as piadas sobre o tema produzidas pelo jornal em sua tradicional linguagem humorística⁸⁸⁶.

⁸⁸⁰ “Lettere esprese”. *Il Moscone*, n. 538, 1939, p. 15.

⁸⁸¹ “Lettere esprese”. *Il Moscone*, n. 509, 1938, p. 14.

⁸⁸² “Bodas de prata ao molho palestrino”. *Il Moscone*, n. 568, 1939, p. 19.

⁸⁸³ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 570, 1939, p. 13.

⁸⁸⁴ “O conto da embaixada e o Palestra”. *Il Moscone*, n. 573, 1939, p. 13.

⁸⁸⁵ “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 607, 1940, p. 10.

⁸⁸⁶ Ver “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 569, 1939, p. 14; “Torcidas”. *Il Moscone*, n. 601, 1940, p. 10; e “Monologo col console”. *Il Moscone*, n. 637, 1941, p. 4.

MOSCONE

O CONTO DA EMBAIXADA E O PALESTRA

O Palestra, mercê de Deus, nunca pediu, nunca precisou aos telefones consulares, oficiais e "finaes".

Sempre preferiu andar só do que com essa má companhia. E tem se dado bem. Mas, de vez em quando, por ocasião de viagem de um "pauz grosso" para impressionar a multidão, no vasto e laborioso programa elaborado, lá vem, entre as instituições de letras abreviadas a serem visitadas, o nome glorioso do Palestra Italia com o seu nome por extenso.

Acontece sempre que o Palestra não é consultado. Sabemos pela leitura dos jornais e não faz questão de mostrar a seu grande stadium, em dez milhas da América do Sul, fructo exclusivo do seu trabalho e da sua tenacidade.

Os que vieram até agora, os que oficialmente não exploram o club, só o visitaram ao acaso, na passagem entre um O. N. D. e outro.

A'onde não vão não lhe fez todo esse prazer. Vão ver a faculdade. Daem que tem a melhor das impressões, dos chãos dos coqueiros à beira do lago, dos barcos, comprados a prestações e dos castelos-vans transformados em edífios.

Vem agora a vez do embaixador. Como o homem é macaco velho, não lhe foi possível ocultar a visita ao Palestra. Uma vez que não é possível ocultar, a visita, pelo menos, é facultada. Então o fadado de Mussolingo, (desobediência de S. R.) se acionou facimamente, diabolicamente, foi executado.

A visita estava marcada para a festa passada, da noite de ontem, logo depois do jantar. O Palestra encolheu-se todo e o stadium iluminado... Atletas, foot-balleiros, lanceiros, em número superior a 300, estavam a postos com as suas uniformes novas. A vida cheia de flores. Mais de cinco mil acções a postos, para homenagearem a vinda do perito sem fimem sympathico do embaixador.

O embaixador, com deslumbramento, de directores do Palestra estavam certos de que a impressão que o velho de longe seria a melhor possível. Como, com se o esperar. Alguem não desfrutou, começou a resolver o "Pumando amarelo".

Nesse interim, que foi que fizeram as milles fadadas do programa?

Precisaram a visita pela sã das "finaes" das fadadas. Bem, Madal, Pictaba, Oporto, Yelbano, Yathemo, etc. etc. neste ultimo. Uma; no primeiro arco da estrada de Santos. Uma sala modesta em casa de um modesto trabalhador. Na parede duas retratadas, retratos de jorruas. Uma bandeira escondida a porta de um quarto em cujo interior viam-se diversos móveis em desordem, com roupas de brancas. Tudo muito pobre, muito miseravel. Na sala, que deveria ser a sala, só uma cadeira. Arriva o embaixador. Quatro gatos batem palmas. A comitiva do embaixador é maior do que a assistência.

Alguem começa a falar, numa voz farrucha, em patua, nãã, em libéria... com la patua que não é si pô stã...

São 11 a meia da noite. Do Palestra telephonam que aquela enorme multidão começava a dispersar-se. Como, de facto, quando o embaixador, com toda aquela grande comitiva, appareceu, daquela grande multidão só restavam os alojados de retores, vizinhos de casa, entre outros de vizinhos.

O embaixador, posto ao corrente do que se passava, prometteu voltar, mas, dessa vez...

25. — Veggio respirare con voi quest'aria sola — foi o que elle disse, num unico momento em que se viu livre.

O Palestra comprehendeu esse desabafo do embaixador e ao modo abarco que trocaram as bocas da desconfiança, uma coisa ficou patente e bem clara: o embaixador começava a conhecer os seus homens...

L'avevano fatto fesso!

Imagem 35 – Coluna publicada no *Moscone* buscando desvincular o Palestra Italia dos corpos diplomáticos italianos.

Em contrapartida, vale pontuar ainda que, em tal contexto de pressões do governo Vargas e mudanças de postura entre a coletividade italiana no Brasil, a propaganda fascista dirigida à mesma procurou disputá-la esforçando-se em não perder o aparente apoio que havia conquistado entre parcelas desta coletividade. Em 1938, por exemplo, o *Fanfulla* publicou uma convocação proclamada pelo embaixador Castruccio, incitando os italianos no Brasil a participarem dos eventos fascistas com forte apelo ao patriotismo italiano em seu discurso⁸⁸⁷. O jornal, em si, também mantinha uma campanha fervorosa voltada à manutenção do apoio ítalo-brasileiro ao regime de Mussolini, destacando-se a capa da edição de 28 de outubro de

⁸⁸⁷ “La commemorazione delle due date fatidiche”. *Fanfulla*, 28 out. 1938, p. 7.

1938, completamente dedicada ao 16º aniversário da Marcha Sobre Roma e referindo-se ao governo fascista de Mussolini como “o regime salvador da Itália”⁸⁸⁸.

O *Fanfulla*, que havia se convertido em órgão oficial de comunicação do fascismo italiano em São Paulo⁸⁸⁹, sustentou sua defesa do regime até a suspensão definitiva de sua circulação pelo governo Vargas. Em 1941, já em português, o jornal seguia relatando eventos fascistas na Itália e no Brasil – como celebrações realizadas pelo Fascio no Circolo Italiano⁸⁹⁰ – e publicava artigos em defesa das organizações estrangeiras no país⁸⁹¹. Em 29 de janeiro de 1942, sua última edição antes de ser definitivamente suspenso, noticiava na primeira página o rompimento diplomático do Brasil com os países do Eixo⁸⁹² e trazia uma nota sobre os procedimentos para a naturalização de estrangeiros⁸⁹³.

Diferentemente do *Fanfulla*, a postura assumida pelo *Moscone* de Vincenzo Ragnognetti diante do progressivo endurecimento das exigências do Ministério da Justiça foi de aceitação das exigências, o que levou à alteração do nome do próprio semanário, que em 1941 rebatizou-se *Moscardo* e passou a ser redigido integralmente em português. Ao comunicar as alterações, Ragnognetti afirmava que “‘Moscone’, que foi sempre um jornal brasileiro [...], foi um dos primeiros a acatar as novas leis”⁸⁹⁴. No tocante ao *Palestra Italia*, por sua vez, no mesmo ano o jornal passaria a defender atitudes “para integralizar de uma vez o *Palestra* nos clubes genuinamente brasileiros”, com a retirada definitiva da referência à Itália em seu nome⁸⁹⁵.

Esta transformação tão rápida e radical de Ragnognetti e seu semanário coincidia com as alterações que o próprio clube se empenhava em realizar, com o intuito de demonstrar ao governo seu profundo vínculo e completo compromisso com a sociedade brasileira. No manuseio da documentação examinada nesta pesquisa, salta aos olhos a rapidez com que figuras fervorosamente defensoras do fascismo até então, como Ragnognetti e Adami, neste novo contexto rapidamente adaptaram seu discurso negando tais vínculos anteriores. De acordo com Marcia Rorato, Ragnognetti se desiludiu ao longo da década de 30 com o fascismo e suas promessas grandiosas⁸⁹⁶, assim como muitos outros italianos instalados no Brasil. Fato é que,

⁸⁸⁸ “Il Regime salvatore d’Italia e creatore dell’Impero compie oggi il sedicesimo anno”. *Fanfulla*, 28 out. 1938, p. 1.

⁸⁸⁹ TRENTO, *op. cit.*, p. 149.

⁸⁹⁰ “Solene celebração da ‘Marcha sobre Roma’, da Vitória e do aniversário de S. M. Vittorio Emanuele III”. *Fanfulla*, 29 out. 1941, p. 4.

⁸⁹¹ “Atitudes mal compreendidas”. *Fanfulla*, 29 out. 1941, p. 3.

⁸⁹² *Fanfulla*, 29 jan. 1942, p. 1.

⁸⁹³ “Estrangeiros”. *Fanfulla*, 29 jan. 1942, p. 4.

⁸⁹⁴ “De ‘Moscone’ a ‘Moscardo’”. *Il Moscone*, n. 648, 1941, p. 4.

⁸⁹⁵ “Torcidas”. *Moscardo*, n. 672, 1941, p. 12.

⁸⁹⁶ RORATO, Márcia. *Il Moscone (1925-1961), 36 anos “ronzando e scherzando” com a colônia italiana em São Paulo*. Tese de Doutorado, Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007, p. 120.

de uma forma ou de outra, tratava-se de uma mudança de postura sintonizada com seu contexto, no qual, segundo João Fábio Bertonha, a anterior “situação de apoio difuso ao fascismo” foi contrabalanceada por uma “firme defesa da identidade brasileira”⁸⁹⁷.

No caso de Ragognetti, tal operação ganhava conotações ainda mais impressionantes após a declaração de guerra do governo brasileiro à Itália fascista: em 1943, uma coluna publicada no *Moscardo* criticava abertamente antigos industriais fascistas, como Luigi Eduardo Matarazzo (nominalmente citado), que, segundo o semanário, teriam se envolvido na vida clubística do Palestra Italia apenas para “se exhibir nos postos de comando”⁸⁹⁸. Numa edição posterior, um artigo assinado pelo próprio Ragognetti saudava o político italiano Carlos Sforza, um dos principais opositores do fascismo na Itália, e clamava pela “libertação” do país⁸⁹⁹.

Tais mudanças de postura eram acompanhadas de perto pelos antifascistas italianos no Brasil, que ressurgiam após suas derrotas na década de 30 e buscavam se reforçar diante da nova situação política. De acordo com Bertonha, “o início da guerra levou os antifascistas a acreditar [...] que a situação começava a mudar e que [...] deveriam estar prontos para receber de braços abertos esses ‘fascistas de boa-fé’ que nunca haviam sido verdadeiramente fascistas”⁹⁰⁰. Era o que afirmava, por exemplo, o “Boletim dos Italianos Livres”:

Mas os que foram fascistas de boa-fé, os que foram levados ao fascismo por um exaltado, por um errado patriotismo, os que foram enganados por uma propaganda de mentiras, nada têm a temer da próxima queda de Mussolini⁹⁰¹.

Em relação ao clube, sucessivas transformações foram realizadas em sintonia com as exigências do governo brasileiro. É notável, no entanto, o fato de que foram operadas com a participação ativa de antigos dirigentes palestrinos comprovadamente inscritos no Fascio. Em 1942, por exemplo, a mudança de nome do clube para Palestra de São Paulo foi realizada com Raphaele Parisi presidindo o Conselho Consultivo⁹⁰², e Ítalo Adami ocupando a presidência do Conselho Executivo⁹⁰³. Meses depois, a alteração definitiva do nome para Sociedade Esportiva

⁸⁹⁷ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 201.

⁸⁹⁸ “O fim de um otimista: Enrico de Martino”. *Moscardo*, n. 743, 1943, p. 8.

⁸⁹⁹ RAGOGNETTI, Vincenzo. “O perigo da multidão”. *Moscardo*, n. 754, 1943, p. 3.

⁹⁰⁰ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 265.

⁹⁰¹ “Boletim dos Italianos Livres”, citado por BERTONHA, *op. cit.*, 2001.

⁹⁰² SALUN, *op. cit.*, 2007, p. 253.

⁹⁰³ “Torcidas”. *Moscardo*, n. 683, 1942, p. 9.

Palmeiras, aprovada por unanimidade pelo Conselho Deliberativo⁹⁰⁴ se daria com Ítalo Adami ocupando a presidência do clube⁹⁰⁵.

Em âmbito institucional, a despeito das conhecidas orientações políticas individuais dos dirigentes citados, o redirecionamento tão rápido e simples do clube em relação às exigências impostas pelo contexto adequava-se com facilidade à sua suposta neutralidade política, oficialmente ostentada ao longo de todo o processo histórico discutido nesta pesquisa. Ainda que profundamente questionável nos momentos de maior aproximação com o consulado italiano, como os mandatos de Luigi Eduardo Matarazzo (na década de 20) e Raphaele Parisi (na década de 30), bem como nas ocasiões em que eventos fascistas foram realizados nas dependências do clube, a continuidade desta neutralidade oficial foi reivindicada como argumento chave nos momentos de pressão pela nacionalização do clube, como vimos anteriormente.

Isto nos sugere que, apesar dos esforços constantes dos segmentos simpáticos ao fascismo e das disputas irregulares que percebemos ao longo de duas décadas, o clube se configurou continuamente como um ambiente de negociação entre interesses e demandas de distintos segmentos da coletividade italiana, mas também da sociedade brasileira em que se encontrava inserido, caracterizando-se pela manutenção de uma isenção formal a nível institucional. Salta-nos a percepção, sobretudo, de um *fascismo difuso*, conceito proposto por Bertonha para identificar uma “filiação mais emocional que ideológica e menos definida”⁹⁰⁶, sugerindo uma simpatia genérica pelo fascismo e pelas glórias do regime que atuava como “instrumento para a recuperação da auto-estima dos ítalo-americanos e para facilitar a própria integração na sua nova sociedade”⁹⁰⁷. Esse *nacionalismo defensivo*, como também é nomeado por Bertonha, se combinava à abertura e progressiva afirmação de uma identidade brasileira⁹⁰⁸, e mesmo após o fim da Segunda Guerra Mundial, o autor destaca que a coletividade italiana no Brasil manteve laços e interesses por seu país de origem, em combinação à “fidelidade pela nova terra”⁹⁰⁹.

No caso do clube, algo similar parece ter acontecido, dentro das condições específicas de sua trajetória: a despeito da manifestação de um *fascismo difuso* com gradações diversas em diferentes momentos e episódios (identificados e relatados ao longo deste capítulo), a

⁹⁰⁴ STREAPCO, *op. cit.*, p. 184.

⁹⁰⁵ “O Palestra desapareceu invicto e o Palmeiras surgiu campeão!”. *Moscardo*, n. 702, 1942, p. 8.

⁹⁰⁶ BERTONHA, *op. cit.*, 2001, p. 233.

⁹⁰⁷ *Idem*, p. 238.

⁹⁰⁸ *Idem*, p. 242.

⁹⁰⁹ *Idem*, p. 266.

existência de disputas internas e pressões exercidas pelos contextos em que o clube se inseria o levaram à manutenção de uma neutralidade formal e oficial até a opção definitiva pela identidade brasileira no contexto da Segunda Guerra Mundial, sem deixar de negociar aspectos de sua identidade italiana fundacional, também retomada em momentos posteriores da história da então Sociedade Esportiva Palmeiras⁹¹⁰.

⁹¹⁰ O manuseio simbólico desta *italianidade* em contextos posteriores, marcados por uma ampla diversificação da torcida do clube, pela projeção alcançada esportivamente e por episódios pontuais que viriam a adicionar aspectos à complexificação de sua identidade – como a ocasião, em 1966, em que a equipe palmeirense representou a Seleção Brasileira –, são objetos relevantes ainda à espera de pesquisas aprofundadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas anteriores, procuramos apresentar as relações estabelecidas entre o clube Palestra Italia e os embates entre fascistas e antifascistas ocorridos entre as décadas de 20 e 40. O mapeamento de eventos, grupos e indivíduos ativamente presentes na vida política da agremiação nos indicou, para além da coincidente presença destes militantes políticos em diversos ambientes da coletividade italiana instalada em São Paulo, a existência de um cenário de disputa em seu seio, que adquiriu caracteres próprios na forma em que se estabeleceu no clube. Tal disputa se dava em torno de uma *hegemonia* sobre as construções discursivas da identidade italiana e palestrina (e seus visíveis enredamentos): conforme Michel Foucault nos lembra, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”⁹¹¹. Disputando a Società Sportiva Palestra Italia, fascistas e antifascistas pleiteavam-na enquanto instrumento deste poder, objetivando a conformação de um consenso discursivo⁹¹² que, compartilhado amplamente no interior da coletividade italiana, estabelecesse relações de coincidência entre a *italianidade* e a fidelidade ao fascismo, ou, no caso das proposições antifascistas, uma *italianidade* crítica e contrária ao regime fascista de Mussolini.

O exame da rica bibliografia produzida sobre essa disputa no âmbito da coletividade italiana, como um todo, nos indicou que a desejada hegemonia jamais foi efetivamente consolidada por nenhum dos grupos⁹¹³ enquanto produto de um consenso transversal, caracterizando-se por variações de classe, geracionais e regionais, entre outros fatores internos à coletividade⁹¹⁴, que ofereceram maior ou menor abertura à penetração fascista. Angelo Trento ressalta que, especialmente até o final da década de 20, percebia-se a existência de um *afascismo* amplamente estabelecido entre parte considerável da coletividade ítalo-paulistana⁹¹⁵. Esta postura caracterizava-se pelo notado desinteresse de muitos italianos e seus descendentes para com a disputa entre fascistas e antifascistas, do qual decorria uma ausência de engajamento ou vínculo com as atividades de ambos grupos políticos. Durante a década de

⁹¹¹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 10.

⁹¹² ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, São Paulo, 2010, p. 78.

⁹¹³ BERTONHA, João Fábio. *O fascismo e os imigrantes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 233.

⁹¹⁴ *Idem*, p. 391.

⁹¹⁵ TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil. Trad. Maria Rosária Fabris e Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 334.

30, por sua vez, João Fábio Bertonha nos apresenta lampejos de um *fascismo difuso* entre diversos setores da coletividade italiana, incidindo na presença de membros simpáticos ou filiados ao fascismo (por convicção ou interesse) em diversas instituições⁹¹⁶: neste sentido, observamos os exemplos de agremiações esportivas, como o Palestra Italia e o próprio rival Corinthians, bem como outras instituições de caráter variado (como o Circolo Italiano, o Istituto Medio Dante Alighieri, os periódicos publicados em língua italiana), nas quais vislumbravam-se gradações distintas de presença fascista, assédio, filiação e direcionamento ideológico.

No caso palestrino, objeto central de nosso interesse, a correlação entre a imaginação de uma identidade clubística e a *italianidade* impulsionou a ocorrência de episódios diretos de disputa entre fascistas e antifascistas, apresentados e discutidos no terceiro capítulo. Neste contexto, além do conflito deflagrado nas dependências do clube em 1925 (à ocasião da celebração do aniversário da Marcha Sobre Roma) e a atuação da imprensa antifascista denunciando e criticando as aproximações de figuras do fascismo (como o cônsul Serafino Mazzolini) junto ao clube, destacamos a insistência de antifascistas palestrinos como Dante Isoldi em proclamar a desvinculação entre *italianidade* e fascismo, repercutindo a mesma disputa de imaginários verificada nos discursos de lideranças antifascistas como Francesco Frola, Antonio Piccarolo, e os jornais antifascistas de maior circulação, como *La Difesa* e *Il Risorgimento*.

Na década de 30, por sua vez, o conflito entre Dante Delmanto (à época em que presidiu o Palestra Italia) e o periódico de orientação fascista *Il Pasquino Coloniale* nos demonstrou a particularidade de certos usos das palavras “fascista” e “antifascista”, compreendidas enquanto sinônimos de *italianidade* e *anti italianidade* naquele contexto. Observamos que, em suas discordâncias, o termo “antifascista” era utilizado como uma espécie de ofensa, trocada entre as duas partes envolvidas e com maior fundamentação pelo declaradamente fascista *Pasquino Coloniale* de Gaetano Cristaldi. Ao mesmo tempo, a despeito do uso instrumental de tais termos em um contexto cognitivo particular, a proximidade de Delmanto em relação a um circuito de ideias antifascistas verificava-se especialmente através de sua atuação política junto ao Partido Democrático e seus escritos publicados no *Diário Nacional*. No âmbito de sua gestão do clube Palestra Italia, práticas de abertura da agremiação para além dos limites da coletividade italiana também nos saltaram aos olhos, já sendo apontadas (e criticadas) à época por opositores simpáticos ao fascismo, como o semanário *Il Moscone*, dirigido pelo palestrino Vincenzo

⁹¹⁶ BERTONHA, *op. cit.*, p. 233.

Ragognetti. A adesão ao profissionalismo, a realização de festivais, bailes de carnaval e quermesses populares, bem como a diversificação do quadro associativo e dirigente, são exemplos destas práticas. Conjuntamente, nos apontam nuances possíveis na política interna palestrina, em um contexto no qual o antifascismo formalmente afastara-se da disputa de entidades e agremiações: sem assumir a defesa de uma identidade política antagônica ao fascismo, outras práticas e rumos eram propostos e possibilitados ao clube em sua interação com a sociedade brasileira.

A manutenção de uma imparcialidade formal da Società Sportiva Palestra Italia, por sua vez, verificou-se ao longo de todo o período investigado (das décadas de 20 a 40), ainda que atravessada por episódios e situações de disputa em diferentes gradações: conforme verificado na bibliografia e documentação primária manuseada, institucionalmente a entidade não se declarou fascista em nenhum momento, nem se filiou ou submeteu às orientações dos órgãos fascistas oficiais, embora tenha cedido suas dependências para a realização de festividades fascistas (em mais de uma ocasião), através de articulações realizadas por indivíduos e grupos simpáticos ao regime de Mussolini presentes na vida clubística (especialmente ao longo do mandato de Raphaele Parisi na década de 30). Tais episódios, entretanto, orquestravam-se sobretudo em função de uma proximidade institucional ao Consulado Italiano, conforme apontado por Angelo Trento⁹¹⁷. Em certo sentido, a postura oficial mantida pela agremiação se estabelecia enquanto um *afascismo* institucional, estabelecido enquanto tênue balanço de uma disputa contínua, que ora pendeu mais para a proximidade com o fascismo (durante a década de 30), ora para certo antifascismo, conjurado na década de 40 como esforço para desfazer-se da correlação construída na década anterior (assumindo-se a mudança de nome da entidade para Sociedade Esportiva Palmeiras). Neste momento, o caráter *difuso* dos enredamentos com o fascismo, pontualmente verificados na atuação do Palestra Italia na década anterior, se dissipou com rapidez no realinhamento discursivo da entidade, buscando afirmar sua fidelidade ao Brasil e às diretrizes governamentais.

Ao mesmo tempo, pudemos constatar que o antifascismo – inicialmente estabelecido entre a coletividade enquanto componente de uma disputa em torno da *italianidade* – abriu linhas de fuga para a atuação institucional do Palestra Italia, estabelecendo-se como princípio de rompimento com o próprio marco identitário italiano. A bandeira da “assimilação”

⁹¹⁷ TRENTO, *op. cit.*, p. 331-332.

sustentada pelo antifascismo italiano no Brasil⁹¹⁸ certamente antecipava os episódios decisivos ocorridos no clube na década de 40, e a defesa de uma *brasilidade*, também intensificada neste mesmo momento, já era realizada desde fins da década de 20 por Dante Delmanto em sua atuação política junto ao Partido Democrático, conforme apresentado no terceiro capítulo. O atravessamento da trajetória palestrina por tais componentes deve ser levado em conta ao se observar a sua interlocução com os termos de uma *brasilidade*, afirmada com ênfase na década de 40 e articulada a componentes históricos de possível referência, como a presença e participação ativa, em diferentes gradações, de não italianos na vida clubística desde a reunião de fundação. Atuou como ingrediente de um exercício tensionado em que o discurso oficial, a relação com os atores que compunham sua comunidade imaginada (sócios, torcedores, atletas) e as possibilidades do que o clube poderia vir a ser, se redesenhavam. Constituiu, neste sentido, um *dever* na reelaboração da imaginação identitária palmeirense, que incorporava termos de uma afirmada *brasilidade* ao elemento italiano.

Neste âmbito, há de se reforçar nossa interpretação sobre o Palestra Italia como uma *zona de contato*⁹¹⁹ no jogo das identidades ítalo-paulistanas: no segundo capítulo, destacamos as contínuas interações palestrinas com os contextos em que se inseria, frequentemente atravessadas por tensões, mas também marcadas por aspectos desviantes de qualquer “pureza” identitária italiana, incorporando atletas brasileiros, interagindo com outros grupos sociais da cidade, e negociando aspectos de sua *italianidade* ao longo de seu processo de ascensão futebolística. Enquanto agremiação estabelecida neste *entrelugar*⁹²⁰ de cruzamentos da coletividade italiana com o campo futebolístico brasileiro, o Palestra Italia não se estabeleceu como uma fronteira entrincheirada em práticas de separação (diferentemente de outras agremiações organizadas sob o signo da *italianidade*), mas como um espaço híbrido de negociações e trânsitos.

Por fim, ainda que tais deslocamentos identitários da agremiação sejam referenciados na composição posterior de uma memória oficial do clube, frequentemente descrevendo sua progressiva abertura a outros grupos componentes da sociedade brasileira (para além dos imigrantes italianos e seus descendentes), nos chama a atenção, nos diversos exemplares de

⁹¹⁸ BERTONHA, *op. cit.*, p. 345.

⁹¹⁹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jério Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: Edusc, 1999, p. 27.

⁹²⁰ BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 82.

difusão deste discurso de memória⁹²¹, o notável silenciamento acerca dos episódios de disputa e dissenso, escamoteados na construção de uma narrativa oficial clubística que procura desprover-se de conflitos. Conforme já assinalado por Alfredo Oscar Salun, é notável como a evocação de determinados eventos que extrapolam o domínio especificamente esportivo, na história oficial do clube, se estabelece pontualmente a partir de interesses articulados na elaboração de tais discursos⁹²², como se nota no caso da abordagem heroica e celebratória do processo histórico de mudança de nome do clube no ano de 1942. Procurando excluir quaisquer indícios de tensões e dissídios internos e realçando diferenças de oposição em relação a agentes externos ao Palestra Italia (como o rival São Paulo Futebol Clube no caso de 1942⁹²³), o manuseio e referência a estes eventos pela memória oficial do Palmeiras e pelos discursos de memória elaborados posteriormente entre distintos grupos de torcedores palmeirenses constituem, em si, exercícios de novas disputas em torno da identidade do clube, atravessadas pelo esforço de *inventar tradições*⁹²⁴ que corroborem um imaginário linear e estável sobre a trajetória palestrina-palmeirense ao longo de sua história.

Se em tais disputas – muitas das quais aquecidas no período de redação desta dissertação (conforme apresentado na introdução) – permanecem esforços de conformar um consenso hegemônico sobre a imaginação identitária palmeirense, os significados da atuação antifascista no interior do Palestra Italia aqui apresentada podem, sem dúvidas, incorporar-se a um repertório de referências favoráveis aos grupos próximos do campo da esquerda. Elaboraões de uma imaginação política palmeirense neste sentido já vêm sendo amparadas por pesquisas que corroboram a presença do componente operário em sua formação⁹²⁵, bem como a ocorrência de eventos de profundo significado político nas dependências do clube: o caso da partida amistosa disputada entre Palmeiras e Corinthians, em 1945, com o objetivo de

⁹²¹ Ver, por exemplo, os textos disponíveis na página dedicada à história do clube, em seu site oficial. Ver: SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS. História. *Site oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras*. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/pt-br/historia/> (acesso em 16 abr. 2021 às 16:40).

⁹²² SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians*: Quinta coluna ou tudo Buona Gente? Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007, p. 252.

⁹²³ Ver, por exemplo, a obra do jornalista Celso de Campos Jr., “1942: o Palestra vai à guerra”, cujo manuseio de uma rica documentação da época é mobilizado por um objetivo fundamentalmente voltado à celebração heroica da atuação palmeirense ao longo de todo o processo. A despeito de suas importantes contribuições para o estudo do período, verifica-se a construção de uma narrativa sobre a agremiação desprovida de tensões internas, em que os conflitos sempre se dirigem à atuação de agentes externos (outros clubes, entidades e interesses políticos). A obra conta com um selo de licenciamento do clube, constando como “produto oficial”. Ver: CAMPOS JR., Celso de. *1942 - o Palestra vai à guerra*. Santos: Realejo Edições, 2012.

⁹²⁴ HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁹²⁵ SALUN, Alfredo Oscar. *Corinthians e Palestra Itália*: futebol em terras bandeirantes. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015, p. 62.

arrecadar fundos para o Movimento Unificado dos Trabalhadores – associado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) –, por exemplo, é uma referência emblemática neste sentido. O evento, incorporado às discussões sobre a história política do Palmeiras após a publicação da pesquisa realizada por Aldo Rebelo⁹²⁶, é capaz de constituir um contraponto cronologicamente próximo aos eventos fascistas realizados nas dependências do clube. Ao mesmo tempo em que a leitura comparada e conjunta destes eventos nos possibilita suspeitar de narrativas excessivamente esterilizadas de tensão política, também favorece a complexificação das interpretações sobre o fazer-se contínuo do clube Palestra Italia/Palmeiras, bem como seus enredamentos com as lutas políticas e a imaginação de suas identidades torcedoras e clubísticas.

De tal modo, atentos à convocação que o presente realiza continuamente sobre os eventos do passado histórico, nosso objetivo também foi realizar uma “história à contrapelo”⁹²⁷ que nos indicasse variações sobre contínuos esforços de unificação: além de seu atravessamento pelas negociações com outros grupos, o time que nasceu para ser “representante” dos italianos em São Paulo – nas palavras de seus fundadores – defrontou-se continuamente com descrições e imaginários distintos do que seria a própria *italianidade*. O imaginário étnico nacional se entrelaçou (frequentemente em tensão) a outros aspectos que atravessavam a vida dos italianos instalados em São Paulo, como os conflitos de classe, e a partir da década de 20, as disputas entre fascistas e antifascistas, que penetraram e se expressaram com intensidade em diversos episódios do cotidiano clubístico, conforme apresentamos ao longo da dissertação. Neste processo, grupos organizados em torno de orientações políticas antagônicas fizeram do Palestra Italia permanente objeto de seus desejos de hegemonia, jamais concretizados em sua plenitude, e constituíram, assim, ingredientes de um exercício tensionado de formulação de uma identidade palestrina-palmeirense em devir.

Suas conjurações e ressonâncias no presente – configurando-se em uma recontextualização do problema do “fascismo” – nos permitem, por sua vez, a superação de esquemas monolíticos orientados pelas noções de “origem”, “unidade”, “tradição” e “identidade”, para pensarmos a atuação contemporânea do Palmeiras e seus diferentes componentes. Ao mesmo tempo, mantendo-nos próximos dos contextos torcedores que invariavelmente comportaram as inquietações e formulações próprias desta pesquisa, também nos possibilitam – com o empréstimo dos termos de Michel Foucault – ensaiar formas de vida torcedora *não fascista*, liberadas de “toda forma de paranoia unitária e totalizante” e que façam

⁹²⁶ REBELO, Aldo. *Palmeiras X Corinthians 1945: o jogo vermelho*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

⁹²⁷ BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 245.

crescer “a ação, o pensamento e os desejos por proliferação”⁹²⁸: arejadas possibilidades daquilo que, conforme apresentado na introdução deste trabalho, os coletivos políticos de torcedores palmeirenses chamam de “um Palmeiras de todas e todos”, não concentradas no regime de uma falta, mas da afirmação de uma potência que ressoa o acúmulo de suas distintas experiências históricas.

⁹²⁸ FOUCAULT, Michel. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v. 1., n. 1, 1999, p. 199.

FONTES DOCUMENTAIS

Nesta seção, apresentamos o *corpus* documental manuseado e analisado ao longo da pesquisa, referenciando os acervos e arquivos onde foi realizada a consulta de cada material.

Arquivos consultados:

Acervo Digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo

Acervo da Folha de S. Paulo

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp)

Biblioteca Digital da Unesp

Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH-USP)

Centro de Memória e Documentação da Unesp (CEDEM-Unesp)

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

Periódicos:

A Plebe (ano de 1917) – Acervo virtual da Biblioteca Digital da Unesp;

Alba Rossa (anos de 1920 a 1923 e 1934) – Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp);

Correio Paulistano (anos de 1920, 1923 a 1929, 1934 e 1937) – Acervo virtual da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;

Diário do Abax’o Piques (ano de 1933) – Acervo virtual da Biblioteca Digital da Unesp;

Diário Nacional (anos de 1927, 1928, 1930, 1932) – Acervo virtual da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;

Fanfulla (anos de 1914, 1915 e 1923 a 1942) – Acervo do Centro de Memória e Documentação (CEDEM) da Unesp; Arquivo do Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH-USP);

Folha da Manhã (anos de 1925 e 1938) – Acervo da Folha de S. Paulo;

Folha da Noite (ano de 1937) – Acervo da Folha de S. Paulo;

Il Moscone (1925 a 1928 e 1935 a 1946) – Acervo virtual da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;

Il Pasquino Coloniale (anos de 1920, 1925, 1927, 1929, 1933 e 1937) – Acervo virtual da Biblioteca Digital da Unesp;

Il Risorgimento (anos de 1928 e 1929) – Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp);

Jornal do Povo (ano de 1934) – Acervo virtual da Biblioteca Digital da Unesp;

La Difesa (anos de 1924 a 1931) - Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp; Acervo Digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo);

La Vittoria (ano de 1930) – Acervo Digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo;

Lo Spaghetto (ano de 1931) – Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp);

O Bráz (ano de 1926) – Acervo virtual do Arquivo Público do Estado de São Paulo;

O Combate (anos de 1925, 1928 e 1929) – Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp);

O Homem Livre (anos de 1933 e 1934) – Biblioteca Digital da Unesp

O Malho (ano de 1924) – Acervo virtual da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional;

Rivista Il Risorgimento – Rivista Italo-brasiliana di Sociologia, Política, Scienze ed Art (ano de 1928) – Acervo do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL-Unicamp).

Fichas e prontuários do DEOPS/SP (consultados no Arquivo Público do Estado de São Paulo):

Alberto Bonfiglioli – prontuário n. 10.053 (prontuário geral n. 106.182);

Duilio Frugoli – fichas n. D004935 e F009148;

Enrico Di Martino – ficha n. E004908 e prontuário n. 16.558;

Ernesto Cassano – ficha n. E005895 e prontuário n. 51.660 (prontuário geral n. 56.749);

Estevam Margutti – prontuário n. 53.559 (prontuário geral n. 206.571);

Francesco De Vivo – prontuário n. 46.835;

Francesco Frola – prontuário n. 152;

Francesco Matarazzo Nipote – ficha n. N003243;

Francesco Pettinati – prontuário n. 35.333;

Giuseppe Pachi Perrone – prontuário n. 37.318;

Giuseppe Tipaldi – fichas n. PJ022877 e T002604;

Guido Sarti – ficha n. G006174 e prontuário n. 32.830 (prontuário geral n. 14.225);

Italo Adami – fichas n. A001239 e I003114; prontuário n. 51.768;

Ludovico Bacchiani – prontuários n. 28.788 (prontuário geral n. 15.536) e 37.443;

Luigi Cervo – fichas n. C005068, L004423 e L005551;

Luiz Eduardo Matarazzo – prontuário n. 20.153;

Palestra Italia Sociedade Esportiva – prontuário n. 12.682;
Pascoal Byron Giuliano – prontuário n. 44.377 (prontuário geral n. 181.951);
Rafael Parisi – fichas n. R000298 e R000414;
Rafael Perrone – fichas n. P005206, R000304 e R000416;
Serafino Mazzolini – fichas n. M011819 e S004313;
Vincenzo Ragognetti – fichas n. R000458 e V002496; prontuário n. 31.194.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol no início do século XX. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 26, n. 1, jan-mar. 2012, p. 63-76.
- ABRAMO, Fúlvio. *A revogada dos galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil*. São Paulo: Veneta, 2014.
- ABREU, Luciano Aronne de; GONÇALVES, Leandro Pereira; PAREDES, Marçal de Menezes; SILVEIRA, Helder Gordim da (Orgs.). *Dimensões do poder: história, política e relações internacionais*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2015.
- ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. *Lua Nova*, n. 80, São Paulo, 2010, p. 71-96.
- ALVES, Eliane Bisan. *Etnicidade, nacionalismo e autoritarismo: a comunidade alemã sob vigilância do Deops*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2006.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios, 2019.
- AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. 2ª edição. São Paulo: Carrenho Editorial; Narrativa Um; Carbono 14, 2004.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1992.
- _____. O futebol nas fábricas. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- _____. O Palestra Itália e sua trajetória: associativismo e etnicidade. *Revista Brasileira de Estudos da População*. Brasília, v. 14, n. 1/2, p. 19-50, 1997.
- _____. *Migna terra: migrantes italianos e fascismo na cidade de São Paulo (1922-1935)*. Tese de Doutorado, Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2003.

- ATIQUE, Fernando; GESSI, Hennan; SOUSA, Diógenes. Uma relação concreta: a prática do futebol em São Paulo e os estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. In: *Anais do Museu Paulista*, v. 23, n. 1, jan.-jun. 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BERTONHA, João Fábio. “Burgueses e operários: a representatividade social do antifascismo socialista italiano (São Paulo, 1923-1934). *Revista de História Social*, Campinas, n. 1, p. 117-144, 1994.
- _____. *Sob o signo do Fascio: o fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- _____. *Sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 1999.
- _____. *O fascismo e os imigrantes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BHABHA, Homi. *O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses: textos seletos*. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BIONDI, Luigi. *Classe e nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo (1890-1920)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- _____. “Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo ‘Lega Lombarda’”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH*, São Paulo, jul. 2011.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou O ofício do historiador*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BONTEMPI JR., Bruno; SILVA, Ivanilson Bezerra da. Elite maçônica e as escolas da Loja Sete de Setembro na Revista *A Maçonaria no Estado de São Paulo* (1912-1932). *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 18, 2018.
- BORBA, Felipe; BORGES, Nathalia. As torcidas antifascistas no Brasil: um estudo sobre o ativismo online nas eleições de 2018. *Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS*. São Paulo, 01-11 dez. 2020.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- BRAY, Mark. *Antifa: o manual antifascista*. Trad. Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BUCHMANN, Ernani. *Quando o futebol andava de trem: memória dos times ferroviários brasileiros*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. *Revista Diálogos (UEM)*, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-10, 1997.
- _____. *O que é história cultural?* Trad. Sérgio Goes de Paula. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAMPOS, Cristina Hiebling. *O sonhar libertário: movimento operário nos anos de 1917 a 1921*. Campinas: Editora Pontes, 1988.
- CAMPOS JR., Celso de. *1942 - o Palestra vai à guerra*. Santos: Realejo Edições, 2012.
- CÁNOVAS, Klaumann; DALVA, Marília. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CARELLI, Mario. *Carcamano e comendadores: os italianos de São Paulo da realidade à ficção (1919-1930)*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris (Orgs.). *A imprensa confiscada pelo Deops (1924-1954)*. São Paulo: Ateliê Editorial/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado, 2003.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio (Orgs.). *História do trabalho e histórias da imigração: trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2010.
- CARON, Giuseppe Rafael. Fascismo movimento e fascismo governo: um debate sobre os estudos de Renzo de Felice e Emilio Gentile. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, UFSC, 2015.
- CARONE, Edgar. *A evolução industrial de São Paulo*. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.
- CASTRO, Márcio Sampaio de. *Bexiga: um bairro afro-italiano*. São Paulo: Annablume, 2008.
- CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, jul-dez. 2002, p. 354-388.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer (vol. I)*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 22ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2020.

- CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.
- COHEN, Anthony. *The symbolic construction of community*. Londres: Routhledge, 2001.
- CONSOLMAGNO, Marina. *Fanfulla*: perfil de um jornal de colônia (1893-1915). Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 1993.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra*: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial/Edusp, 2000.
- DA MATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol*: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Fiction in the archives*: pardon tales and their tellers in sixteenth-century France. Stanford University Press: Stanford, 1987.
- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Trad. Octavio Mendes Cajado. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DELMANTO, Dante. *Defesas que fiz no júri*. São Paulo: Saraiva, 1978.
- DIAS, Eduardo. *Um imigrante e a revolução*: memórias de um militante operário (1934-1951). São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DIAS, Everardo. *História das lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Edaglit, 1962.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Trad. Eliana Aguiar. 5ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Difel, 1977.
- FERREIRA, João Fernando. *A construção do Pacaembu*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FONSECA, Cristina. *Juó Bananére*: o abuso em blague. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 20ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- _____. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de subjetividade*, São Paulo, v. 1., n. 1, 1999, p. 197-200.
- _____. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- _____. *Microfísica do poder*. Org. e Trad. Roberto Machado. 2 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

- FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GAFFNEY, Cristopher; MASCARENHAS, Gilmar. O estádio de futebol como espaço disciplinar. *Anais do Seminário Internacional Michel Foucault – perspectivas*. Florianópolis, UFSC, 2004.
- GALASTRI, Leandro. *Il biennio nero: fascismo, antifascismo e violência política*. *Tempo Social*, v. 31, n. 2, mai-ago. 2019, p. 123-148.
- GAMBETA, Wilson. *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2013.
- GAMBETA, Wilson (Org.). *Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo*. São Paulo: Biblioteca Mário de Andrade/Ludens-USP, 2014.
- GATTAI, Zelia. *Anarquistas, graças a Deus*. 29ª edição. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- GIGLIO, Sergio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre o futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). *Revista de História*. São Paulo, n. 163, jul/dez 2010, p. 293-350.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GODOY, Clayton Peron Franco de; MARCHEZIN, Lucas T.; SILVA, Rodrigo Rosa da (Orgs.). *A greve geral de 1917: perspectivas anarquistas*. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017.
- GOIS JÚNIOR, Edivaldo. O esporte e a modernidade em São Paulo: práticas corporais no fim do século XIX e início do XX. *Revista Movimento*. Porto Alegre, v. 19, n. 04, out/dez 2013, p. 95-117.
- GOMES, Vitor. *A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- GRAMSCI, Antonio. *Notas sobre Maquiavelo, sobre la política y sobre el Estado moderno*. Trad. José Aricó. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1972.
- HALL, Michael. Immigration and the early São Paulo working class. *Jahrbuch für geschichte lateinamerikas / Anuario de historia de America Latina*, Hamburgo, vol. 12, n. 1, out. 1964.

- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende [et. al.]. 2ª edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- _____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. Trad. Magna Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.
- HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.
- HOBBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MALAIA, João; MELO, Victor Andrade de. TOLEDO, Luiz Henrique de. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- INSTITUTO CULTURAL ITAÚ (Org.). *Estádios*. Cadernos Cidade de São Paulo. São Paulo: ICI, 1994.
- KUPPER, Agnaldo. *Nos rastros da bola: o futebol brasileiro entre apropriações e desapropriações*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2019.
- LESSER, Jeffrey. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. Trad. Patrícia de Queiroz de Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). *Dicionário gramsciano (1926-1937)*. Trad. Ana Maria Chiarini, Diego Silveira Coelho Ferreira, Leandro de Oliveira Galastri e Silvia De Bernardinis. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LOPREATO, Christina. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1996.
- _____. O espírito das leis: anarquismo e repressão política no Brasil. *Verve*, n. 3, São Paulo, 2003, p. 75-91.
- LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-*

- 1933). Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- LUCA, Tânia Regina de. *O sonho do futuro assegurado: o mutualismo em São Paulo*. São Paulo: Editora Contexto, 1990.
- MACHADO, António de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda: notícias de São Paulo*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2001.
- MACHADO, Liliane Maria Macedo; STRONGREN, Fernando Figueiredo. O agendamento da greve nas páginas de A Plebe (1917). *Revista Comunicação Midiática*, Bauru, v. 11, n. 1, jan-abr. 2016, p. 77-92.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.
- MALATIAN, Teresa. Imprensa italiana em São Paulo e o fascismo: o *Fanfulla* (1921-1942). *Revista História*, São Paulo, v. 34, n. 1, jan.-jun. 2015, p. 195-215.
- MANGILI, Liziane Peres. *Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências (1930-1954)*. São Paulo: Alameda, 2011.
- MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Trad. José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MARINGONI, Gilberto; MEDEIROS, Juliano (Orgs.). *Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*. São Paulo: Boitempo Editorial; Fundação Lauro Campos, 2017.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. 9ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.
- MELO, Victor Andrade de (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MENEZES, Ulpiano Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 34, 1992, p. 9-23.
- MONTEIRO, Fabrício Pinto. A genealogia de uma historiografia genealógica: a escrita da história anarquista pós-estruturalista. *Faces da História*. Assis, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2014, p. 6-31.
- MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*. Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan.-jun. 2010, p. 54-77.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Metrópole em sinfonia: história, cultura e música popular na São Paulo dos anos 30*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

- MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *Se vencer o Palestra, vence a “bela e “legendária” pátria italiana: uma história comparada dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- PAOLI, Maria Célia. São Paulo operária e suas imagens (1900-1940). *Revista Espaço & Debates*. São Paulo, n. 33, 1991.
- PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- PARRA, Lucia. *Combates pela liberdade: o movimento anarquista sob a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003.
- PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PAYNE, Stanley G. *El fascismo*. Trad. Fernando Santos Fontenla. Madrid: Alianza Editorial, 2014.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. *Prisioneiros de guerra: os “súditos do Eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945)*. São Paulo: Humanitas/Imprensa Oficial, 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PORTA, Paula (Org.). *A história de São Paulo: a cidade na primeira metade do século XX*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jério Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: Edusc, 1999.
- _____. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. *Travessia*, n. 38, jan.-jun. 1999, p.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista (Brasil, 1890-1930)*. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- REBELO, Aldo. *Palmeiras X Corinthians 1945: o jogo vermelho*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- RIBEIRO, Mariana Cardoso. *Venha o decreto de expulsão: a legitimação da ordem autoritária no Governo Vargas (1930-1945)*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2012.
- RODOLFO, Nelo. *Palmeiras: minha vida é você*. Rio de Janeiro: Alfa Books, 2015.
- RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

- _____. *Pequena história da imprensa social no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997.
- ROMANI, Carlo. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.
- RORATO, Márcia. *Il Moscone (1925-1961), 36 anos “ronzando e scherzando” com a colônia italiana em São Paulo*. Tese de Doutorado, Assis, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.
- _____. *Imagens do fascismo em São Paulo nas páginas do semanário ítalo-paulista Il Moscone. Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem*. Londrina, 12-14 mai. 2009, p. 1071-1082.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. Trad. Christian Edward Cyrill Lynch. São Paulo: Alameda, 2010.
- SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou tudo Buona Gente?* Tese de Doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.
- _____. *Corinthians e Palestra Itália: futebol em terras bandeirantes*. São Paulo: Editora Todas as Musas, 2015.
- SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- SANTOS, Carlos José Ferreira. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza (1890-1915)*. 4ª edição. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo (Inventário Deops, módulo V – os italianos)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.
- _____. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no estado de São Paulo (1924-1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

- SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX*. 2ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 30-37, 1994.
- SILVA, Alberto Costa e (Org.). *Fascismo: textos fundamentais e históricos do século XX*. Trad. Regina Lyra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- SILVA, Diana Mendes Machado da. *Futebol de várzea em São Paulo: a Associação Atlética Anhanguera (1928-1940)*. São Paulo: Alameda, 2016.
- SILVA, Luciana Vieira da. *A missão italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo: ciência, educação e fascismo (1934-1942)*. Dissertação de mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2015.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SIMMEL, Georg. “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903). *Maná*, Rio de Janeiro, n. 11, v. 2, p. 577-591, 2005.
- SIQUEIRA, Julia Caio. Grandes Moinhos Gamba: projeto de conservação e intervenção. *Anais do VI Colóquio Latinoamericano Sobre Recuperação e Preservação do Patrimônio Industrial*. São Paulo: Centro Universitário Belas Artes, 2012, s.p.
- SOUSA, Diógenes Rodrigues de. *Parque Antarctica: um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX*. Trabalho de conclusão de curso, São Paulo, Universidade Federal de São Paulo, 2014.
- SOUZA, Bruno Jeuken. *Salathiel Campos: esporte e política (1926-1938)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2017.
- SOUZA, Glauco José. Anarquismos e futebol: as diferentes concepções do esporte bretão na imprensa libertária. *Anais do III Colóquio Território Autônomo*. Rio de Janeiro: NUPED/UFRJ, 2016.

- STREAPCO, João Paulo França. *Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- TEIXEIRA, Rosane Siqueira. *Associações italianas no interior paulista num espaço partilhado: nacionalismo e italianidade sob a perspectiva da história local*. Tese de Doutorado, São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2011.
- THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século*. 3ª edição. São Paulo: Cosac & Naify, Duas Cidades, 2004.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.
- TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.
- _____. *Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu*. Tese de doutorado, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2016.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil*. Trad. Maria Rosária Fabris e Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.
- VARGAS, Maria Thereza. *Teatro operário na cidade de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura/IDART, 1978.
- VEZZELLI, Eugenia. *A construção do ethos discursivo na imprensa em língua italiana em São Paulo: o caso de La Difesa*. Tese de doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2016.
- VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. Experiências da prática associativa no Brasil (1860-1880). *Topoi*, v. 9, n. 16, jan-jun. 2008, p. 117-136.

Referências em suporte eletrônico:

- CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO. Velódromo Paulista. *Museu do Futebol*. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/662365/>
- CLUBE ATLÉTICO JUVENTUS. Juventus: de um time fabril a pujança esportiva. *Clube Atlético Juventus*. Disponível em: <http://www.juventus.com.br/clube/historia/1924-a-1961/>
- DELMANTO, Armando Moraes. Centenário da maçonaria em Botucatu: registro histórico. *Blog do Delmanto*, 18 jan. 2018. Disponível em: <http://blogdodelmanto.blogspot.com/2018/01/centenario-da-maconaria-em-botucatu.html>
- DELMANTO, Armando Moraes. Dante Delmanto: uma caminhada vitoriosa! *Blog do Delmanto*, 11 abr. 2018. Disponível em: <https://blogdodelmanto.blogspot.com/2018/04/dante-delmanto-uma-caminhada-vitoriosa.html>
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A sagração dos “reis do futebol”. *Ludopédio*, 8 mai. 2013. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-sagracao-dos-reis-do-futebol/>
- MANDELLI, Mariana. Palestra Sinistro: palmeirenses progressistas contra a despolitização. *Ludopédio*, São Paulo, v. 138, n. 18, 2020. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/palestra-sinistro-palmeirenses-progressistas-contra-a-despolitizacao/>
- RODRIGUES, Ivan. O Palmeiras não foi criado pelo racismo! *Medium*, 09 abr. 2019. Disponível em: <https://ivanrodrigves.medium.com/o-palmeiras-n%C3%A3o-foi-criado-pelo-racismo-c3ece203a1c5>
- OCUPA PALESTRA. Ocupa Palestra. *Facebook*. Disponível em: https://www.facebook.com/ocupapalestra/about/?ref=page_internal
- SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS. História. *Site oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras*. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/pt-br/historia/>

Notícias em suporte eletrônico:

- “Chamado de ‘fascista’, Bolsonaro ataca orientação sexual de jornalista”. *O Globo*, 4 set. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/chamado-de-fascista-bolsonaro-ataca-orientacao-sexual-de-jornalista-21783351>

- “Grupo de torcedores repudia homenagem de Felipe Melo a Bolsonaro e cobra atitude do Palmeiras”. *Torcedores*, 16 set. 2018. Disponível em:
<https://www.torcedores.com/noticias/2018/09/torcedores-repudia-homenagem-felipe-melo-bolsonaro-palmeiras>
- “La disputa política llega al fútbol: la hinchada del “Palmeiras” se declara bolsonarista”. *Clarín*, 5 out. 2018. Disponível em:
https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html
- ““Palmeiras de todos’: clube abre 2020 com discurso a favor da diversidade. *Lance!*, 01 jan. 2020. Disponível em:
<https://www.lance.com.br/palmeiras/todos-clube-abre-2020-com-discurso-favor-diversidade.html>
- “Palmeiras tem direito de resposta no Clarín após texto que relacionava o clube com o fascismo na 2ª Guerra”. *Lance!*, 9 out. 2018. Disponível em:
<https://www.lance.com.br/palmeiras/tem-direito-resposta-clarin-apos-texto-que-relacionava-clube-com-fascismo-guerra.html>
- “Palmeirenses assinam manifesto contra o fascismo”. *Rede Brasil Atual*, 21 set. 2018. Disponível em:
<https://www.redebrasilatual.com.br/esportes/2018/09/palmeirenses-assinam-manifesto-contra-o-fascismo/>
- “Palmeirenses ilustres enviam carta de repúdio por presença de Bolsonaro”. *UOL Esporte*, 05 dez. 2018. Disponível em:
<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2018/12/05/palmeirenses-ilustres-enviam-carta-de-repudio-por-presenca-de-bolsonaro.htm>
- “Torcedores do Corinthians aplaudem palmeirenses em manifestação pela democracia e contra Bolsonaro”. *Portal Torcedores* 14 jun. 2020. Disponível em:
<https://www.torcedores.com/noticias/2020/06/torcedores-se-unem-protesto-contra-bolsonaro>